VANGA – UM OUTRO OLHAR

ORLOVA N.

Translation: Amadeu António

Grok

VANGA - UM NOVO OLHAR

ORLOVA N.

Protegido pela lei de direitos de autor. É proibida a reprodução total ou parcial do livro sem autorização escrita da editora. Quaisquer tentativas de violação da lei serão objeto de ação judicial.

© Vanga. Um Novo Olhar / Liubov Orlova. — Minsk: Harvest, 2007.

O livro é dedicado ao estudo aprofundado do fenómeno Vanga e contém uma breve biografia da grande vidente e curandeira búlgara Vangelia Dimitrova (1911–1996), a exposição das suas profecias e previsões, a análise de alguns aspetos da força inexplicável de Vanga, uma vasta compilação de receitas medicinais originais, conselhos e recomendações, bem como memórias de contemporâneos sobre esta mulher extraordinária.

ÍNDICE

Prefácio
Capítulo 1. O «outro» lado do mundo
Capítulo 2. Quem era ela – Vanga?
Horóscopo de Vanga
A sua infância
O drama da juventude de Vanga
O início do serviço
Guerra e ocupação
Novas provas
A partida de Vanga
Capítulo 3. A força inexplicável de Vanga
Como Vanga o conseguia
Os primeiros «milagres» de Vanga
Viajando pelo passado
Orfeu e Vanga
O mistério do passado
Os «cristais mágicos» de Vanga
Vanga sobre o futuro da humanidade
Vanga sobre o futuro dos grandes e dos pequenos

Vanga e o mundo à sua volta
Com amor pelas pessoas
Contactos de Vanga com os mortos
Capítulo 4. Vanga nas recordações dos contemporâneos
Capítulo 5. A cura de Vanga
A arte curadora de Vanga
Vanga e o tratamento com argila
O herbário de Vanga
Receitas originais de Vanga
Práticas espirituais de Vanga
Capítulo 6. Investigações do «fenómeno Vanga»
Capítulo 7. Conversas com Vanga
O discípulo de Vanga
«Agente dos serviços secretos»?
A previsão sobre o «Kursk»
A última entrevista de Vanga
«Não vás atrás do marido alheio»
História de uma sogra ambiciosa
Vanga previu-lhes um fim dramático
A filha espiritual de Vanga
Capítulo 8. Como usar a imagem curadora de Vanga
Epílogo

PREFÁCIO

A clarividência é o mais misterioso de todos os fenómenos da psique humana; a sua essência é pouco conhecida, mas cientistas de todas as épocas e povos tentaram e continuam a tentar penetrar neste mistério.

Literalmente, o termo «clarividência» significa «visão clara». A clarividência parece ser o tipo mais comum de capacidades do chamado perceção extrassensorial (PES).

Perceção extrassensorial (PES) — é a capacidade de ver fenómenos que se encontram além do alcance da visão física normal do ser humano.

A Enciclopédia Brockhaus e Efron dá ao fenómeno da clarividência a seguinte definição:

«Clarividência — abrange uma vasta gama de fenómenos baseados na capacidade de perceção extrassensorial, ou seja, de receber impressões do mundo exterior sem o auxílio dos órgãos dos sentidos, coincidindo neste aspeto com a chamada telepatia.

Desde os tempos mais remotos existiu a crença de que pessoas particularmente dotadas conseguiam, graças a capacidades sobrenaturais ou com a ajuda de forças divinas ou demoníacas, adivinhar o futuro ou saber o que estava a acontecer naquele momento a grande distância delas; por outras palavras — conhecer, fora das condições de tempo e espaço, aquilo que é inacessível aos simples mortais, para quem o futuro está oculto e a perceção do mundo circundante está limitada à esfera de ação dos órgãos dos sentidos externos, principalmente a visão e a audição, e depois o olfato, o tato e o paladar.

A clarividência tornou-se objeto de investigação por parte de cientistas e médicos em conexão com os fenómenos do hipnotismo, que no final do século XVIII, sob o nome de magnetismo animal, também estava rodeado de uma aura mística. Nomeadamente, os sujeitos mergulhados em sono hipnótico caíam por vezes num estado peculiar, chamado sonambulismo, durante o qual respondiam a perguntas e realizavam ações complexas diversas, obedecendo às ordens do hipnotizador e revelando uma sugestionabilidade extremamente elevada.

Quando, no final do século XVIII e início do XIX, as sessões hipnóticas (ou magnéticas) eram realizadas por pessoas não preparadas

para a análise científica das mesmas e que muitas vezes se aproximavam do assunto com a ideia pré-concebida de manifestação de forças misteriosas no hipnose, o estado peculiar do período sonambúlico levou muitos a admitir nos sujeitos hipnotizados, sobretudo do sexo feminino (sonâmbulas), a capacidade de clarividência. As sessões de magnetismo eram então particularmente populares em França, e as declarações sobre clarividência das sonâmbulas, os relatos das suas diversas capacidades milagrosas surgiam de todos os lados com grande insistência, causando grande agitação na sociedade e na imprensa.

A Academia de Medicina de Paris instituiu em 1837 um prémio de 3 000 francos pela prova factual da clarividência. O prémio foi prometido a quem conseguisse ler um texto encerrado num envelope opaco, sendo a verificação feita por uma comissão de sete membros da academia. Durante três anos várias sonâmbulas participaram na prova, mas nenhuma a superou, e em 1840 a questão foi encerrada. Depois, nos anos 80 do século passado, a clarividência, juntamente com outros fenómenos ocultistas (adivinhação de pensamentos, sugestão à distância, pressentimentos proféticos, aparições, etc.), foi submetida a investigação experimental pela Sociedade Inglesa de Pesquisas Psíquicas.

No final do século XIX, pessoas apaixonadas pelas ideias de perfeição espiritual lançaram as bases da ciência da teosofia (do grego theos — Deus, sophia — sabedoria), que sintetiza ciência, religião e filosofia, incluindo também diversos aspetos do estudo do fenómeno da clarividência.

Mais tarde surgiu a ciência da parapsicologia, que também estuda o conjunto de fenómenos relacionados com formas especiais de perceção (sem participação dos órgãos dos sentidos habituais), mas de forma mais aprofundada do ponto de vista científico.

Além disso, a parapsicologia investiga formas de influência de seres vivos sobre fenómenos físicos sem esforço muscular. Esta ciência, ainda não totalmente reconhecida, tenta encontrar abordagens para o estudo e explicação de vários fenómenos misteriosos da psique humana. Tenta registar os tipos de energia aqui envolvidos, rastrear o mecanismo da perceção, revelar as capacidades de reserva da psique humana e do organismo em geral. A parapsicologia interessa-se por uma vasta gama de questões — desde a gravitação e o vácuo até ao diagnóstico extrassensorial do Universo.

Afinal, profetas e profecias impressionaram a imaginação de povos inteiros ao longo dos séculos, mas nós, por várias razões, sabíamos muito pouco sobre isso.

Nos últimos séculos acumulou-se uma informação vasta e bem documentada sobre este tipo de capacidades humanas. Talvez só agora estejamos a começar realmente a compreender o que é a parapsicologia. Na opinião de muitos cientistas, ela inclui os seguintes tipos principais seguintes: CLARIVIDÊNCIA, CLARISSENSIBILIDADE, PSICOMETRIA, etc.

O conhecido investigador que esteve na origem da teosofia, Charles Leadbeater, no seu livro «Clarividência», agrupa o fenómeno da CLARIVIDÊNCIA da seguinte forma:

«...1. Clarividência simples, ou seja, a simples abertura da visão; o possuidor de tal visão aberta tem a possibilidade de ver entidades astrais e etéricas que por acaso se encontrem à sua volta, mas não pode observar lugares distantes nem cenas pertencentes a qualquer outro tempo além do presente.

2. Clarividência no espaço — capacidade de ver cenas ou acontecimentos distantes no espaço do vidente e demasiado longe para observação normal ou ocultos por objetos que os bloqueiam.

3. Clarividência no tempo, ou seja, capacidade de ver objetos ou acontecimentos distantes no tempo do vidente, ou, por outras palavras, capacidade de olhar para o passado e para o futuro...».

Paixões incríveis fervilharam outrora em torno da personalidade e das previsões da vidente búlgara Vanga. Não é de admirar, pois a atividade de Vanga ocorreu numa época profundamente ateia. Por seu lado, a Igreja Ortodoxa Búlgara sempre olhou com desconfiança, e inicialmente com hostilidade, para o dom de Vanga, considerando-o, há algumas décadas, demoníaco e perigoso.

Contudo, os milhares que procuraram ajuda junto de Vanga e a receberam não se atormentavam com a questão de saber se haveria realmente algo de mau na sua atividade; acreditavam sincera e

fervorosamente que tinham recebido ajuda das mãos do Senhor, que escolhera esta mulher como instrumento da Sua misericórdia.

Sobre a vidente e curandeira cega búlgara muito se disse e escreveu na época. Já passaram quase dez anos desde a sua morte. E agora, separando o que era controverso e superficial, oferecemos aos leitores um novo livro sobre Vanga, no qual reunimos materiais que resistiram ao teste do tempo; além disso, nestes anos em que as pessoas começaram a falar mais calma e livremente sobre o seu contacto com o milagre, tornaram-se conhecidos — e foi possível reuni-los — os testemunhos de russos que ainda apanharam Vanga viva, que conseguiram recorrer a ela em busca de ajuda e obter respostas para as questões que os atormentavam. Passaram anos e essas pessoas, tendo vivido o cumprimento das profecias de Vanga sobre as suas vidas, contam com gratidão e reverência os seus encontros com a grande curandeira e clarividente.

Neste livro reunimos testemunhos de testemunhas oculares, resultados de investigações do seu dom por cientistas e médicos, memórias e relatos sobre Vanga das pessoas mais próximas que a ajudaram — a irmã Liubka e a sobrinha Krassimira Stoyanova.

Pela primeira vez, ou quase, este livro reúne e sistematiza a experiência curativa de Vanga, que possuía métodos próprios de tratamento de várias doenças, tanto do corpo como da alma.

Fenómenos como o «fenómeno Vanga», por mais que se tente, é impossível explicá-los de posições estritamente materialistas, tentando tudo reduzir à bioenergia ou usando a expressão já banal «campo informacional que nos rodeia» para nos escondermos atrás dela, embora ninguém saiba como esse campo funciona. E é ainda mais difícil aproximarmo-nos minimamente da compreensão do que é realmente o tempo, de como se relacionam o homem e o espaço que o rodeia.

Nos anos 60 do século XX, o astrofísico de Leninegrado N. Kozyrev, o único dos astrónomos de Pulkovo reprimidos que sobreviveu aos campos estalinistas e que mais tarde foi premiado com a medalha de ouro da Academia Internacional de Astronáutica pela teoria do vulcanismo lunar, propôs uma nova teoria do tempo. Segundo Kozyrev, o tempo é a realidade mais importante e indestrutível do Universo, que gera a luz e a matéria. Em resumo, o objetivo e a essência da experiência por ele realizada consistiam

no seguinte: criar um sistema de «espelhos» que captassem explosões energéticas de fontes cósmicas.

O método da experiência de Kozyrev era o seguinte: apontava-se um telescópio para uma estrela — quase sempre o brilhante Sírio, situado a 8 anos-luz da Terra —, no foco do qual se colocavam detetores de radiação. Como resultado da experiência, os sensores registaram radiação que chegou simultaneamente de três pontos:

1. de onde vemos a estrela agora e onde ela estava há 8 anos;
2. de onde ela realmente se encontra agora;
3. e do ponto onde ela estará daqui a 8 anos!

Este resultado impressionante só pode ser explicado admitindo que a última radiação veio de um sistema estelar situado no futuro! Por conseguinte, o tempo (na nossa compreensão de passado-presente-futuro) existe simultaneamente, porque o último sinal surgiu… contra o curso normal do tempo, se o considerarmos num movimento linear. E então, na suposição mais primitiva, poderíamos imaginar-nos como uma agulha que se desloca num disco de longa duração onde estão gravados e existem simultaneamente todos os tempos e destinos — deslocando-se da borda para o centro; num disco onde estão gravadas os destinos e a informação, num disco que soa como uma gigantesca e resplandecente orquestra polifónica.

E talvez o cérebro de uma pessoa como Vanga, tal como uma vara de condutor ótica e mágica, seja capaz de destacar a nossa luz de alfinete e ouvir qualquer voz do coro, encontrando-se em qualquer ponto deste disco laser sem fim.

E embora tal conclusão lembre conversas noturnas com amigos sobre o sentido da vida e do tempo à volta de uma chávena de chá, só aqueles que, erguendo o rosto para o céu, se atormentam e fazem perguntas aparentemente loucas podem esperar ouvir e compreender a resposta, mais cedo ou mais tarde.

CAPÍTULO 1

A «OUTRA» FACE DO MUNDO

Certamente já reparou, pela sua própria experiência, que muitas pessoas ao longo da vida têm lampejos de visão superior ou impressões clarividentes, como se sobre elas descesse um «iluminamento» que por instantes amplia as possibilidades da visão física normal. Em algumas personalidades sensitivas estas capacidades manifestam-se constantemente, durante diferentes períodos da vida.

Isso acontece segundo uma lei ainda desconhecida da ciência, quando o organismo se sintoniza na frequência de uma série de vibrações físicas que chegam trazendo informação. A pessoa adquire visão etérica e torna-se «vidente» onde a maioria das pessoas é completamente «cega». Para quem possui visão etérica, muitos objetos tornam-se quase transparentes graças à diferença no comprimento de onda de certas vibrações.

A visão etérica permite, por exemplo, olhar para o interior da terra até certa profundidade, penetrar com o olhar através de uma parede de tijolo. Para tal sensitivo, nem mesmo um organismo vivo constitui obstáculo; ele pode descrever o estado dos órgãos internos do corpo humano. Por vezes encontram-se clarividentes que conseguem até ampliar automaticamente aquilo que veem. Quando necessário, examinam em pormenor qualquer órgão humano ampliado 10 ou 20 vezes. Os limites da visão etérica do sensitivo em corpos sólidos são comparáveis aos limites da visão física normal de uma pessoa que olha através da névoa ou de uma cortina de água.

Além disso, a pessoa capaz de clarividência simples vê a aura de vários objetos, mas normalmente apenas de um grupo que lhe é acessível, por exemplo, conjuntos de ímanes ou cristais.

Novas possibilidades até então inéditas oferece a visão astral na observação de organismos vivos. Vivências, pensamentos, desejos revelam-se aos olhos do sensitivo ao observar a aura de plantas, animais e do homem.

Ver a aura humana é, pode dizer-se, observar o seu aspeto astral ou duplo etérico, o que dá boa possibilidade de determinar a natureza de uma

doença ou defeito, formar uma ideia do seu estado de espírito, inclinações e, em certa medida, dos seus pensamentos.

Os sensitivos que participaram em investigações descrevem com cores aproximadamente iguais a nuvem luminosa da aura astral da pessoa observada. Azul suave — fidelidade, cinzento sombrio — medo, vermelho vivo intenso — cólera… Pensamentos e sentimentos que mudam geram novas vibrações, colorindo a nuvem com novos tons. E já ninguém poderá esconder a verdade dos seus sentimentos. Afinal, a possibilidade de que se escreveram tantos volumes de ficção científica existe realmente!

Por vezes acontece que as pessoas demoram muito tempo a tomar consciência do potencial das suas capacidades, e o estudo da clarividência dá-lhes o impulso para o desenvolverem em si mesmas.

Surge a pergunta: poderá um número muito maior de pessoas, em condições favoráveis ou com treino, desenvolver esta capacidade para a forma mais simples de clarividência?

Sem dúvida existe um grande grupo de clarividentes que possuem a capacidade de clarividência apenas de tempos a tempos. Podem ser divididos condicionalmente em três grupos:

1. Clarividentes que ultrapassam os limites dos cinco sentidos uma ou várias vezes ao longo da vida.

2. Clarividentes em quem a capacidade de clarividência se manifesta de repente, por motivo inexplicável.

3. Clarividentes capazes de ligar e desligar à vontade os seus dons, reproduzindo sempre as mesmas condições.

As pessoas que se encontram no degrau mais elevado da clarividência simples são capazes de controlar estas suas faculdades e podem ligá-las e desligá-las à sua própria vontade. Muitas vezes, as pessoas dotadas de clarividência não desejam publicitar as suas capacidades e preferem utilizá-las apenas quando são mais necessárias.

Outro tipo de clarividência é a clarividência no espaço. Permite à pessoa ver acontecimentos ou cenas que, pela sua distância, não podem ser observados de forma normal.

Esta possibilidade é proporcionada ao clarividente pela visão astral (já mencionada acima), que lhe permite penetrar nos recantos mais escondidos do mundo. Para estas pessoas não existem obstáculos, pois a sua perspetiva inicial muda e elas podem, sem dificuldade, deslocar-se para onde quiserem e ver tudo o que desejarem dentro dos limites do planeta.

A clarividência no espaço é um fenómeno extremamente complexo do ponto de vista científico, que opera com muitos termos e conceitos científicos; a sua explicação detalhada poderia quase constituir um tratado de parapsicologia, o que não cabe nos limites deste livro. Por isso, limitar-nos-emos a alguns conceitos gerais sobre este fenómeno.

Os cientistas consideram que a clarividência no espaço é a capacidade de ver raios semelhantes aos luminosos, mas muito mais subtis, emitidos por cada objeto em todas as direções. A distância, neste caso, não constitui obstáculo para a visão. Todos os objetos que se encontram no caminho tornam-se permeáveis a estes raios, que se cruzam infinitamente em todas as direções, exatamente como as vibrações da luz comum.

Poucos sensitivos altamente desenvolvidos utilizam a clarividência no espaço sem especiais dificuldades. A maioria dos sensitivos, desde tempos imemoriais, alcança o sucesso recorrendo a dispositivos simples — cristais, espelhos e outros objetos geralmente chamados «espelhos mágicos» —, que captam os raios emitidos por objetos inanimados e por seres vivos. A fixação prolongada do olhar do clarividente nesses objetos provoca visões imagéticas de lugares e acontecimentos distantes muitos quilómetros.

Alguns clarividentes conseguem ver acontecimentos do passado. A parapsicologia designa esta capacidade por retrocognição. Trata-se da visão de eventos históricos, episódios do passado da vida de várias pessoas, etc.

Quando o clarividente é capaz de olhar para o futuro, a clarividência funde-se com a previsão e pode ser chamado vidente. A própria capacidade recebe o nome de precognição.

Mergulhar o olhar no passado é especialmente interessante para a arqueologia, que estuda e reconstrói aquilo que o tempo há muito escondeu aos nossos olhos. Afinal, para reconstituir a imagem de uma civilização desaparecida tendo apenas alguns fragmentos de cerâmica, um punhado de

pontas de lança partidas ou um pedaço de pintura, é necessário um imaginário criativo que beira a clarividência.

Milhares de pessoas possuem o dom da clarissensibilidade. Muitas delas nem sequer sabem quais as emoções que são realmente suas e quais as que «apanharam» do estado emocional das pessoas que as rodeiam.

Muitas pessoas «contagiam-se» com a depressão, a ansiedade, o medo ou a irritação dos outros. A clarissensibilidade pode ser tão subtil e tão variada que é difícil identificá-la. Existe ainda outro tipo de fenómenos que pode ser incluído na clarissensibilidade: a capacidade que algumas pessoas têm de se «descarregar» mutuamente. Por exemplo, quando dois indivíduos desse tipo passam muito tempo juntos, ambos se sentem esgotados.

A descarga de campos energéticos observa-se por vezes também em casais. Podem ser muito dedicados um ao outro, mas sentem inquietação e cansaço quando ficam muito tempo sozinhos. Vão com grande vontade a concertos, palestras, jantares, enfim, a sítios onde haja muita gente. Nessas situações, aparentemente recarregam-se ou reforçam o isolamento interpessoal. É um tipo de fenómeno que ainda falta investigar pelos cientistas.

Outro tipo de clarividência é a psicometria. «…Existem graus e estágios desta capacidade. Alguns sensitivos são mais dotados nesse aspeto, outros menos. Tendo uma joia, o sensitivo pode ver a pessoa ou as pessoas que a possuíram e descrever episódios das suas vidas. Não recebe necessariamente toda a informação ligada ao objeto. Quase sempre acontece que vê como que flashes, fragmentos de histórias relacionadas com o objeto. Alguns sensitivos relatam o que veem como se estivessem a ver um filme ligado ao objeto, mas apenas alguns fragmentos dele. Veem a sequência de acontecimentos, mas não o filme inteiro.»

É interessante notar que, quando o mesmo objeto é dado ao sensitivo em momentos diferentes, ele vê essencialmente as mesmas coisas, mas pode acrescentar pormenores adicionais. Alguns sensitivos veem imagens e vivem os estados emocionais ligados ao objeto; outros psicometristas ouvem as conversas das pessoas que observam. Por vezes o sensitivo participa ele próprio nos acontecimentos da cena.

Os psicometristas têm sido utilizados para localizar pessoas desaparecidas, determinar o paradeiro de criminosos ou descrever o que aconteceu durante a prática de um crime. Neste caso, dá-se ao psicometrista um objeto pertencente à pessoa em questão. O contacto com o objeto ajuda o psicometrista a sintonizar-se com a pessoa e com os acontecimentos a ela ligados.

Por vezes o psicometrista mergulha de tal forma nas emoções das pessoas ligadas ao objeto que as sente como experiências reais e quase insuportáveis. Sente um calor ou frio intensos quase fisicamente. Sente o calor saturado de vapores da selva ou o arrepio de um vento gelado. Muitas vezes parece que o psicometrista se encontra, por instantes, no ambiente físico, mental e emocional associado ao objeto.

Nas experiências com psicometristas verificam-se alguns factos comuns. Objetos com fortes associações emocionais são avaliados mais facilmente do que aqueles que não possuem fundo emocional. Objetos utilizados em rituais ou cerimónias religiosas parecem ao psicometrista ter um esquema energético muito mais forte do que objetos semelhantes pertencentes a um indivíduo comum. Por exemplo, uma cruz que esteve muitos anos numa igreja provoca mais imagens e impressões do que uma cruz pertencente a uma pessoa qualquer.

A psicometria inclui também a clariaudiência e a telepatia.

O psicometrista ouve dentro de si o ruído da água, o uivo do vento, o grito de animais selvagens ou a voz humana.

Quanto à telepatia, o sensitivo sente frequentemente o que as pessoas pensam e o que pretendem fazer quando observa acontecimentos ligados a determinado objeto. Literalmente, a palavra «telepatia» significa «sentir à distância». O seu significado indica que se trata de sentir aquilo que outra pessoa está a experimentar.

Um lugar especial na parapsicologia ocupam os sonhos. Afinal, os sonhos são como que a nossa segunda vida.

Na Antiguidade, as visões que surgiam durante o sono eram consideradas sagradas ou divinas. Hoje classificam-se como sonhos lúcidos

(claros). Alguns cientistas consideram que a «estrada» para o reino da clarividência talvez se abra pela porta dos sonhos criativos.

Há pessoas que, por exemplo, frequentam aulas durante o sono. A pessoa recebe informação exata e muito útil para o seu trabalho. As aulas no sonho são tão precisas e claras como nas salas de aula de uma instituição de ensino. O facto de na sala aparecerem conhecidos ou amigos que se lembram das mesmas aulas e dos mesmos temas é mais um aspeto deste fenómeno surpreendente.

Um dos cientistas do século XX avançou a hipótese de que algures no espaço existe um sistema sonoro que regista tudo o que alguma vez aconteceu no nosso planeta. Talvez os psicometristas sejam como que instrumentos humanos sensíveis a esse meio e capazes de encontrar as chaves para fragmentos de acontecimentos passados.

CAPÍTULO 2

QUEM ERA ELA – VANGA?

O fenómeno da perceção extrassensorial da vidente e clarividente cega Vanga não tem paralelo. Até aparecer ela, o mundo não conheceu personalidades que dominassem em tal grau o DOM DA CLARIVIDÊNCIA.

Vanga encontrava-se no degrau mais elevado do desenvolvimento da perceção extrassensorial; todas as suas variedades lhe eram acessíveis. Dezenas de milhares das suas previsões, diagnósticos e receitas foram verificados por cientistas e, na esmagadora maioria (mais de 70 %), revelaram-se verdadeiras.

O HORÓSCOPO DE VANGA

À meia-noite de 31 de janeiro de 1911, na localidade de Strumica, nasceu uma menina.

O próprio nascimento foi único. Segundo as conceções astrológicas, o momento do aparecimento da criança deve coincidir com quatro sinais:

extração do feto do útero materno, corte do cordão umbilical, primeira respiração profunda e choro forte do recém-nascido. No caso de Vanga, estes sinais dividiram-se em duas partes com uma diferença de dois meses. Qual dos dias — 31 de janeiro ou 26 de março — deve o astrólogo considerar o dia do seu nascimento? A análise das verdadeiras características de carácter de Vangelia, apontadas por quem a conheceu bem, permite concluir que o dia do seu nascimento «físico» foi 31 de janeiro e que Vanga pertence ao tipo de pessoas-Aquário.

Com efeito, os Aquarianos vivem sob o lema: «Eu sei!», ao contrário dos Carneiros, cujo lema de vida é «Eu sou!». Além disso, o Aquário nascido no final de janeiro sofre a influência de Vénus, que dá à pessoa bondade, simpatia, sentido do dever, submissão, esperança no melhor.

O momento do nascimento de Vangelia encontra-se em Balança, o que pressupõe nela o desejo de relações equilibradas com os que a rodeiam, a busca de uma parceria e amizade honesta e igualitária, bom gosto, amor por coisas belas, aspiração à beleza no dia a dia.

A posição do Sol no horóscopo de Vanga pressupõe a influência de Mercúrio no seu carácter, que lhe concede inspiração, dramatismo, artisticidade, imaginação e convicção.

O posicionamento da maioria dos planetas nos elementos ar e água informa sobre traços de carácter claramente expressos do tipo sanguíneo e melancólico. Tentemos traçar o seu retrato psicológico. É uma pessoa talentosa, refinada, pensadora, idealista e, ao mesmo tempo prática, trabalhadora, poupada, atenta e paciente.

Os planetas mais fortes do seu horóscopo são Urano e Neptuno (note-se: planetas de estatuto cósmico superior). A posição de Urano significa que com a sua atividade ela contribui às mudanças mais importantes na sociedade, desejando mudar o presente para um futuro melhor. A sua casa era local de encontro para assuntos futuros e aspirações ocultas. É por isso que dedicava tanto tempo e energia à casa! A posição de Neptuno informa que Vanga tinha fortes sentimentos religiosos, intuição raríssima, inclinação para a clarividência, parapsicologia e mediunidade, honrarias por méritos especiais ou… a possibilidade de se tornar vítima.

A oposição Marte-Plutão pressupõe a possibilidade de acesso a fontes cósmicas de energia, o que é completamente evidente, pois donde tiraria Vanga o colossal dispêndio de energia física e psíquica?

Interessante também a posição de Júpiter em Escorpião. Disso resulta que Vanga tinha provável interesse pelo ocultismo, pelo lado místico da religião, pelos campos invisíveis, pela vida após a morte e… e que lhe estava garantida a reputação de autoridade em matéria de religião e filosofia.

E vemos que Vanga conseguia comunicar com os mortos, deslocar livremente a sua consciência no espaço e no tempo. Não é por acaso que escolheu como local de descanso e realização de sessões a zona de Rupite, junto à montanha que se ergue sobre o leito seco do rio Struma. Provavelmente era esse o acumulador donde Vanga retirava as reservas de energia.

E, provavelmente, o segredo do local de residência de Vanga poderia ser desvendado pelo horóscopo traçado para o tempo em que, segundo as suas palavras, «aqui ardia um fogo terrível». Não é de excluir que então se tornasse também compreensível o efeito da «rota das aves», ou seja, a passagem sobre esse lugar de enormes bandos de aves que repõem as reservas de energia antes de longas migrações.

Sim, ainda hoje demasiado permanece selado por sete selos na personalidade desta mulher.

E, no entanto, já hoje conseguimos explicar algumas coisas! Uma coisa é indiscutível: Vanga foi uma pessoa perfeitamente terrena, com as suas qualidades e defeitos, como qualquer um de nós, mas uma pessoa a quem a Inteligência Superior dotou de capacidades e possibilidades únicas. Não era dela que a vidente falava: «Sobre nós vela um enorme olho que vigia todos os nossos atos. Ninguém e nada pode esconder-se!»? Ela considerava-se representante dessa Inteligência Superior, considerava que era «a porta — para eles».

Como mostra o horóscopo de Vanga, as estrelas predeterminaram o CAMINHO TERRENO desta mulher verdadeiramente Celestial…

A SUA INFÂNCIA

O jovem búlgaro Pande Surchev era membro de um destacamento armado revolucionário que lutava contra o jugo turco. Os turcos capturaram-no e condenaram-no a prisão perpétua.

Encarcerado na prisão «E di Kule», foi submetido a atrozes torturas e quase perdeu a esperança de salvação.

Mas em 1908 os Jovens Turcos proclamaram a Turquia monarquia constitucional e o novo governo libertou os prisioneiros.

Pande regressou à sua aldeia natal, Novo Selo, mas lá não encontrou nenhum familiar. Os pais tinham morrido sem esperar pelo filho, e o irmão desaparecera algures. Pouco depois, Pande soube que na cidade de Strumica a comunidade distribuía casas abandonadas pelos turcos aos novos colonos. Partiu para lá em busca de melhor sorte.

Deram-lhe uma casa velha na periferia da cidade.

O bairro chamava-se «Svetiko», porque ficava junto à igreja dos Quinze Santos Grandes Mártires. Todo o bairro era constituído por casas de taipa iguais, que já muito tinham visto na vida. Pelo seu aspeto parecia mais uma aldeia do que uma cidade. As ruelas eram estreitas, escorregadias e sujas, e, à noite, escuras como breu. Os quintais eram pequenos, cercados por silvas ou sebes vivas. Nelas passeava o gado, que à noite era fechado no rés-do-chão das casas ou até levado para dentro dos quartos. Todos os novos moradores tinham vindo do campo à procura de trabalho. Eram na maioria camponeses, pequenos artesãos ou comerciantes.

Destacavam-se algumas famílias ciganas barulhentas e também a família de um turco, Gül-baba, que não quis emigrar para a Turquia. Brincavam dizendo que não partiu porque as rosas não o deixaram. Com efeito, no seu jardim as rosas floriam da primavera ao outono tardio, espalhando um perfume maravilhoso por toda a vizinhança.

Pande começou a instalar-se no novo lugar. O organismo jovem rapidamente se recompôs após a prisão e as agruras.

Comprou um pouco de terra e começou a trabalhar nela com afinco. Pande era um rapaz bom e trabalhador, mantinha relações cordiais com os vizinhos, também eles novos colonos como ele.

Durante algum tempo viveu sozinho. Mas depressa se apaixonou por uma rapariga viva e alegre chamada Paraskeva. Era franzina e bonita. Pande pediu-a em casamento e ela aceitou. Casaram-se e começaram a sua vida de casados. Juntos estavam bem. A jovem esposa sabia manter a casa e o quintal limpos e aconchegantes, ajudava o marido a trabalhar a terra e apoiava-o em tudo.

A 31 de janeiro de 1911 nasceu na família o primeiro filho — uma menina. Nasceu de sete meses e era muito fraquinha, com os dedos das mãos e dos pés colados e não deu um som. Nem as velhas experientes podiam garantir se a criança sobreviveria.

Embrulharam a bebé num estômago de boi e lã não lavada e colocaram-na junto ao forno. Só uma noite, já em março, a criança chorou alto de repente. As sábias «avós» explicaram à mãe preocupada que a menina nascera verdadeiramente agora.

Na região de Strumica era costume não dar nome à criança enquanto não houvesse certeza de que sobreviveria.

Também não eram os pais ou parentes que escolhiam o nome do recém-nascido, segundo a antiga tradição.

Alguém da família tinha de sair à rua e pedir ao primeiro transeunte que sugerisse um nome para a criança.

No dia seguinte ao choro da bebé, a avó saiu à rua e pediu à primeira mulher que encontrou que desse um nome à recém-nascida. A mulher sugeriu Andromacha.

A avó não gostou do nome e pediu a outra mulher, que sugeriu Vangelia. Este nome grego significava «portadora da boa nova». Embora também não fosse «um nome nosso», era muito popular na região de Strumica e a avó aceitou chamar assim à menina.

Na família, a menina era chamada Vanga. A criança foi-se fortalecendo aos poucos e pouco se distinguia das outras da sua idade.

Vangelia tinha apenas três anos quando, durante o segundo parto, a mãe morreu. As desgraças não acabaram aí. Começou a Primeira Guerra Mundial e, em 1915, o pai foi mobilizado para o exército.

Uma turca muito bondosa e compassiva chamada Asanitsa, que morava ao lado, acolheu a menina em sua casa. Os dias arrastavam-se, a vida não era fácil. Esperavam o regresso do pai de Vanga, mas já ia no terceiro ano e não chegavam notícias dele. Começaram a surgir dúvidas: estaria ele ainda vivo? Não seria a menina já órfã de ambos os pais?

Mas as dúvidas revelaram-se infundadas. Três anos depois, o pai regressou vivo e de boa saúde. Não só a filha, mas também os vizinhos mal o reconheceram, de tão magro e abatido que estava. Voltaram a viver juntos na velha casa. Mas a Pande era difícil sozinho. Vanga já tinha sete anos. Era uma menina magra, de cabelos loiro-acinzentados e olhos azuis.

Viva e teimosa, precisava do calor e da firmeza de uma mãe. O pai preocupava-se muito com o futuro de Vanga.

Embora a guerra tivesse terminado, os habitantes continuavam a sentir medo e inquietação. Em Strumica instalou-se um novo poder: a cidade passou para um governador sérvio. Agora os cidadãos eram obrigados a falar e a escrever em sérvio. As novas autoridades locais impuseram regras rígidas e várias restrições. Muitos habitantes, que mal percebiam as ordens complicadas, não sabiam o que lhes traria o dia de amanhã. Alguns abandonavam a terra natal. Também Pande achava que seria melhor partir, mas por causa da filha não se decidiu a dar esse passo.

As crianças tinham a sua própria vida. No quintal de Pande quase sempre se ouviam vozes infantis durante os jogos e brincadeiras que Vanga inventava, graças ao seu temperamento vivo e alegre. O seu passatempo favorito era brincar aos médicos. Tratava os «doentes» com grande vontade. Os «pacientes» eram deitados directamente no quintal e os remédios eram ervas variadas que cresciam em abundância e ajudavam a curar os diferentes «males».

Tal como a mãe, a menina adorava limpeza e ordem. Exigia que os amigos também varressem o quintal. Quando terminavam as tarefas, Vanga

sentava toda a gente à sua volta num pedaço de esteira. As crianças esperavam ansiosamente esse momento. E Vanga começava a contar-lhes histórias intermináveis inventadas por ela mesma. Todos a ouviam de boca aberta. A Pande era difícil gerir sozinho a casa e educar a filha. Pensava cada vez mais em voltar a casar. Não se podia dizer que fosse um bom partido: pobre viúvo com uma filha.

Mas teve sorte. Pouco depois, casou-se com uma das raparigas mais bonitas da cidade — Tanka Georgieva. A isso contribuíram acontecimentos desagradáveis para Tanka e a sua família. Já estava marcada a boda dela com um oficial búlgaro, mas foi cancelada por uma ordem absurda das autoridades sérvias. Segundo essa ordem, todas as mulheres que de alguma forma estivessem ligadas a oficiais ou soldados búlgaros deviam, juntamente com as suas famílias, abandonar imediatamente Strumica. Para evitar mexericos e a expulsão da cidade, Tanka aceitou a proposta de Pande e tornou-se sua mulher.

A jovem esposa revelou-se uma boa dona de casa e uma mãe carinhosa; o marido não a desiludiu — era bom, atencioso e trabalhador. Tudo corria da melhor maneira. Na família reinavam o bem-estar e a harmonia. Graças ao trabalho árduo e à persistência, os negócios da família de Pande prosperaram; o terreno foi-se ampliando e já chegava aos dez hectares. Na época da ceifa, quando não dava para fazer tudo sozinhos, Pande contratava trabalhadores sazonais. As pessoas respeitavam-no e estimavam-no.

Mas a vida calma e feliz não durou muito. Sobre Strumica voltavam a juntar-se nuvens negras. A nova direcção esforçava-se por transformar em sérvios o maior número possível de habitantes locais. Um dos mais zelosos desta campanha era Popchevski. Recebeu o direito de decidir o destino das pessoas ao seu bel-prazer. E logo começou a «tratar» de quem era búlgaro de nacionalidade ou simpatizava com os búlgaros. Popchevski não perdoou a Pande o seu passado. Um dia, durante a ceifa, prenderam-no e levaram-no para a esquadra. Espancado e exausto, foi libertado para casa, mas pouco depois tiraram-lhe a terra.

O golpe foi tão forte que a família de Pande demorou longos anos a recuperar e caiu na miséria. Não havia outra saída senão o próprio Pande ir trabalhar como jornaleiro para alguém. O que parecia um acontecimento alegre — o nascimento de uma criança — tornava-se, na situação atual, um

fardo adicional. Em 1922, Tanka deu à luz um menino, a quem chamaram Vasil. O pai passou a trabalhar como pastor e assim viveu na pobreza até à morte.

Vanga já tinha 11 anos. Ajudava com afinco nas tarefas domésticas. Enquanto tomava conta do irmão, inventava jogos em que também ela própria podia participar. Mas um dos jogos «esquisitos» começou a preocupar os pais. A sua estranheza consistia em a menina brincar a ser «cega». Por exemplo, escondia um objeto num qualquer sítio na rua ou perto de casa, depois voltava para dentro e começava a procurá-lo, apalpando tudo à volta, como se fosse cega. Os pais tentavam proibir-lhe essa brincadeira, mas ela teimosamente continuava a fazer o mesmo.

O irmão de Pande, Kostadin, soube da situação difícil em que a família se encontrava. A sua vida correra melhor: enriquecera, casara-se, mas não tinha filhos. Ao saber da miséria do irmão, Kostadin propôs que Pande se mudasse para casa dele. Contava que a família do irmão o ajudasse a tratar do gado e deixasse de passar fome. O convite foi aceite e, em 1923, a família mudou-se para Novo Selo.

Aos doze anos, Vanga também tinha as suas obrigações domésticas. Ia com o burrico às ovilharias fora da aldeia e trazia leite em dois odres.

Um dia de verão regressava à aldeia com duas primas. As meninas quiseram ir à fonte Khanski, que ficava no campo, não longe da estrada. O que aconteceu depois, ninguém sabe ao certo…

A sobrinha Krasimira Stoyanova descreve assim o sucedido:

«…De repente, desencadeou-se uma tempestade terrível. O céu escureceu, soprou um vento horrível que arrancava ramos das árvores, arrancava árvores novas pela raiz e atirava-as, juntamente com torrões de terra, para longe no campo. Do chão para o céu ergueu-se uma enorme coluna de pó. Pó, torrões de terra, ramos e folhas misturaram-se num vórtice inimaginável que atirou ao chão, perto da fonte, as duas irmãs petrificadas de terror, e arrastou Vanga dois quilómetros para dentro do campo.

Quanto tempo durou a tempestade, já ninguém se lembra. Mal conseguiram encontrar Vanga no campo, coberta de terra, pedras e ramos.

Estava como que enlouquecida de medo, mas muito pior era a dor cortante nos olhos cheios de pó — não conseguia abri-los de maneira nenhuma.

Quando a trouxeram para casa, todos tentaram aliviar-lhe o sofrimento, lavando-lhe os olhos com infusões de ervas, mas nada ajudava. Recorreram a curandeiros e médicos, deram-lhe água benta e encantada, fizeram compressas, passaram-lhe bálsamo, mas nada trouxe alívio. Ao cair da noite, os olhos ficaram injectados de sangue e depois a íris embranqueceu.» (Daqui em diante citam-se excertos do livro de Krasimira Stoyanova «Vanga, a Clarividente e Curandeira». Moscovo: Sovetsky Sport, 1996).

O pai estava desesperado. Reprovava-se por ter mudado a família para Novo Selo. Achava que no lugar antigo a desgraça não teria acontecido. A vida em casa do irmão não só não trouxera alívio como trouxera novas provações para a filha e para toda a família. Pande decidiu regressar a Strumica e procurar lá ajuda médica…

A notícia do sucedido espalhou-se rapidamente pela região. Conhecidos e desconhecidos tentavam ajudar como podiam: sugeriam ervas medicinais e pomadas, recordando casos da própria vida. Mas nem na memória dos mais velhos havia nada parecido, e ninguém sabia como ajudar Vanga.

O médico a quem recorreram disse que a inflamação estava a piorar e a situação era muito grave; para salvar a visão, era urgente uma operação. O pai fez tudo para juntar a avultada quantia necessária ao tratamento. Em Skopje operaram Vanga, mas não houve melhoria. Tendo em conta a situação difícil da menina e as condições materiais muito precárias da família, fizeram-lhe nova operação, já gratuita. Mas a recuperação não chegou. Formaram-se cataratas nos olhos.

Os médicos recomendaram uma terceira operação — em Belgrado. Voltou a surgir esperança e o pai aceitou. Foi marcada a data da operação. O custo era elevado — 5 000 dinares (cerca de 500 leva).

O pai estava desesperado porque não sabia onde nem como arranjar o dinheiro. Ele próprio era quase mendigo. Os vizinhos também não tinham essa quantia para lhe emprestar.

A situação parecia sem saída. Mas então Pande lembrou-se de que, ainda antes, a avó de Vanga, mãe da primeira mulher, prometera deixar em herança à neta uma parte da sua terra. E, embora após a morte da mãe de Vanga as relações entre a sogra e o genro se tivessem tornado tensas, ele pediu-lhe ajuda. Pande pediu-lhe que vendesse agora o terreno e desse o dinheiro à neta para a operação. Mas nem mesmo a desgraça conseguiu derrubar o muro de afastamento que crescera entre eles; a sogra recusou categoricamente ajudar.

O dia da operação aproximava-se. Pande vendeu o pouco que tinha: a máquina de costura, que era recordação da primeira mulher, e a única ovelha que restava. Não sobrou mais nada na casa. Conseguiu ainda pedir emprestado algum dinheiro. Mas tudo o que juntou com tanto esforço mal chegava a metade da quantia necessária.

Pande soube que um dos vizinhos, homem abastado, ia a Belgrado visitar o filho. Decidiu aproveitar a oportunidade para mandar Vanga com ele para a operação, pois não tinha dinheiro para a acompanhar pessoalmente. O vizinho aceitou ajudar o desolado Pande. No dia anterior à operação, chegou com Vanga ao hospital.

Encontrou-se com o médico e entregou-lhe a quantia que Pande conseguira reunir. O médico ficou visivelmente irritado por um senhor tão distinto e bem vestido lhe oferecer um honorário tão irrisório pelo seu trabalho. Pensou que o parente rico queria livrar-se da menina pobre. Sem dizer nada ao acompanhante, à noite chamou Vanga à sala de médicos e disse-lhe: «Menina, amanhã faço-te a operação, mas o dinheiro que o teu pai mandou só chega para metade, por isso vou fazer-te «metade» da operação. Quando trouxerem a quantia necessária, opero-te como deve ser!» Provavelmente disse-o num acesso de raiva.

Após esta operação, Vanga passou a conseguir ver um pouco. O médico disse que, para melhorar mais a saúde da menina, eram agora necessários alimentação reforçada, tranquilidade e limpeza. Mas na família continuava a reinar uma miséria terrível. As condições necessárias para Vanga recuperar as forças não existiam, claro.

Em 1924 a família aumentou e já eram cinco pessoas. Nasceu um menino, a quem chamaram Tome. O pai esforçava-se ao limite para alimentar a família. Teve de voltar a ir de aldeia em aldeia trabalhar como

jornaleiro. A mulher trabalhava no campo conforme podia, e Vanga ficava como a mais velha em casa: tratava da casa e tomava conta dos irmãos.

As condições de vida eram duras mesmo para uma pessoa saudável; para uma menina franzina meio cega, foram simplesmente fatais. Pouco depois sobreveio o agravamento — a névoa voltou a cobrir os olhos e a menina ficou completamente cega. E para sempre.

Para todos foi uma verdadeira tragédia. Vanga, que suportara estoicamente tanto sofrimento com esperança de cura, caiu literalmente em desespero. Chorava noites inteiras e rezava na esperança de um milagre que lhe devolvesse a visão. Mas tudo continuava na mesma. Arrastavam-se longos e insuportáveis dias e meses. Vanga sentia-se completamente desamparada e sofria ainda mais por não poder ajudar o pai e a madrasta e por ser um fardo para eles, que já mal conseguiam sobreviver.

Parecia não haver saída para a situação. Mas um dia os vizinhos sugeriram que na cidade de Zemun existia uma Casa para Cegos onde tratavam muito bem os alunos. Seria bom colocar lá Vanga. Pande começou a tratar do assunto.

Em 1925 chegou da Casa para Cegos a notícia de que aceitavam Vanga. Começava um novo período na vida dela. Vanga já tinha quinze anos.

A Casa para Cegos recebeu Vanga de forma bastante acolhedora. Ela estava mais habituada a cuidar dos outros e a ajudar nas tarefas domésticas. Além disso, a existência miserável da família e as desgraças que sobre eles caíram não tinham permitido que o seu temperamento alegre se manifestasse.

Aqui tudo era diferente. Vestiram Vanga, como lhe pareceu, com um uniforme escolar lindíssimo: saia castanha plissada e blusa com gola de marinheiro. Deram-lhe uns sapatos bege maravilhosos. Também lhe cortaram e arranjaram lindamente os cabelos loiros. Embora não pudesse ver-se na sua beleza toda, apalpou e acariciou longamente o seu novo traje. Orgulho e felicidade enchiam todo o seu ser tão sofrido.

A vida no novo lugar era apaixonadamente interessante, embora fosse necessário obedecer a uma rigorosa ordem do dia.

As meninas aprendiam culinária, a arrumar a casa e a tricotar. A princípio tudo parecia muito difícil a Vanga: até saber quanto de cada coisa pôr para simplesmente cozinhar uma sopa ou um papa. Mas aos poucos foi ganhando jeito. Aprendia como que a «ver» com as mãos. Os dedos tornavam-se flexíveis e sensíveis e até com as malhas e as agulhas se desenrascavam com sucesso. Vanga aprendia muito rapidamente as aulas práticas e todos os professores estavam satisfeitos com os seus progressos.

O DRAMA DA JUVENTUDE DE VANGA

A nova vida cativou Vanga. Três anos passaram despercebidos e ela já tinha dezoito. Era uma aluna muito aplicada e alcançara progressos notáveis. Esta casa ajudara-a a encontrar tranquilidade e a sentir novamente a alegria de viver. Tinha um aspeto agradável e o seu rosto magro parecia iluminado por uma luz interior.

Vanga relacionava-se de forma equilibrada com todos os colegas. Mas ultimamente dava por si a pensar que gostaria de ouvir mais vezes a voz agradável de Dimitar e de estar com ele.

Dimitar confessou que a amava e pediu-lhe que fosse sua mulher. Ele era da aldeia de Gyavoto, região de Gevgelija. Os pais eram pessoas abastadas e aceitaram que Vanga vivesse com eles. Viram a sinceridade dos sentimentos dos jovens e estavam dispostos a assumir todas as preocupações com o futuro deles. Vanga transformou-se completamente. Voava de felicidade, sem sentir o chão debaixo dos pés. Já planeava como seria maravilhoso o seu casamento, como apareceria diante dos convidados num vestido branco magnífico e véu longo e leve. E como o pai e todos os familiares se alegrariam. Comunicou a decisão ao pai e esperava a sua bênção.

Mas a vida decidiu de outra forma. Do pai, em Strumica, chegou uma notícia que deixou Vanga literalmente atordoada. Durante o quarto parto, Tanka morreu. O pai ficou com as crianças sem qualquer ajuda ou apoio. Ela tinha de regressar a casa para tomar conta das crianças e gerir a casa.

Vanga não podia desobedecer ao pai nem abandonar os seus à própria sorte. Não tinha escolha e, com angústia, deixou aquela casa, o seu primeiro amor e as esperanças numa vida melhor. Vanga sabia que os anos vividos na Casa para Cegos em Zemun tinham sido os melhores da sua vida e nunca mais se repetiriam.

Em casa, Vanga encontrou uma miséria aterradora. As crianças estavam esgotadas e fracas de subnutrição e doenças. O coração de Vanga apertava-se ao pensar que estas criaturinhas eram órfãs. Vasil tinha seis anos, Tome quatro e a mais nova, Lyubka, dois.

Agora tinha de ser para eles tudo — mãe, dona de casa e protectora. E isso deu-lhe forças para enfrentar quaisquer dificuldades.

Após o regresso de Vanga, o pai foi ganhar a vida pelas aldeias. Mas as desgraças continuaram. O terramoto de Chirpan de 1929 também atingiu a região de Strumica. O abalo foi bastante forte, mas, felizmente, ninguém se magoou; apenas a velha casa de taipa ruiu e as crianças ficaram sem tecto.

Pande teve de construir urgentemente uma nova habitação. Em poucos dias conseguiu erguer algo que lembrava uma casa, mas que mais parecia uma choupana. O material de construção eram caules de caniço, que depois eram rebocados com barro por cima.

Quase não havia bens, e a mudança foi rápida. A casita era composta por um alpendre e uma pequena divisão. Mais tarde ampliaram-na, acrescentando uma cozinha e um lar onde cozinhavam o pão.

Vanga esforçou-se por criar aconchego também na nova morada. A mobília da divisão resumia-se a um baú pintado, que fora o enxoval de Tanka; num canto estava a cama, para a qual Vanga tricotara uma colcha com fios velhos; o chão de terra foi coberto com esteiras. No quintal em frente à casa plantaram flores bonitas.

Nesta choupana, que resistiu quase até aos nossos dias, Vanga e Lyubka viveram muitos anos sozinhas as duas. Pande não conseguia maneira de alimentar os filhos e, para ajudar o pai, Vasil e Tome viram-se obrigados a partir pelas aldeias em busca de trabalho. Às vezes contratavam-nos como pastores ou para algum trabalho temporário.

Vanga procurava aproveitar todas as habilidades que adquirira na Casa para Cegos. Tricotava de forma bonita e rápida e, pouco depois, as pessoas começaram a trazer-lhe encomendas. Em vez de dinheiro pelo trabalho, davam-lhe pequenas coisas ou roupa tricotada velha. Com ela Vanga fazia roupinhas para as crianças, porque não havia dinheiro para comprar peças novas e muitas vezes andavam esfarrapadas.

Os vizinhos viam como Vanga se esforçava até ao limite para alimentar e vestir os irmãos mais novos. Para si não tricotava nada. E as vizinhas, de bom coração, traziam-lhe roupa de mulheres falecidas para que Vanga a aproveitasse.

Vanga aprendeu também a tecer. Lyubka juntava-lhe os fios partidos e, no resto, ela desenrascava-se sozinha.

Lyubka ainda era muito pequena, mas não havia mais ninguém em quem contar. Vanga ensinava a irmã a tratar da casa e era muito exigente com ela. A costura ficava a cargo de Lyubka. Vanga apalpava o sítio cosido e, se o ponto não era perfeito, desfazia-o e obrigava Lyubka a coser de novo.

Muitas vezes Lyubka chorava, porque havia muita roupa para remendar e não podia ir brincar para a rua com as outras crianças. Mas Vanga, embora tivesse pena da irmã, não cedia. Achava que tudo tinha de ser bem feito.

Depois do almoço, as vizinhas juntavam-se no quintal para conversar e descansar; também vinham mulheres das aldeias próximas buscar as peças tricotadas por Vanga. Vanga era uma conversadora interessante e espirituosa; todos gostavam de falar com ela.

A questão que constantemente se punha a Vanga era: «Como alimentar a família?». A pobreza perseguia-os sem descanso. Travava-se uma luta feroz pela sobrevivência. Alimentavam-se sobretudo de pão de milho, couve brava ou leite azedo aguado; muitas vezes passavam mesmo fome.

A família tentou cultivar tabaco. Cuidaram das plantações da manhã à noite, mas com o dinheiro da venda o pai só conseguiu comprar um jarro de boza. Em 1934, quando Lyubka fez oito anos, entrou para a escola. Apesar das condições de vida muito difíceis, era a melhor aluna da turma. Vanga alegrava-se muito e orgulhava-se dos sucessos da irmã. Sabia por experiência própria quanto a escola na Casa para Cegos lhe dera. Com os irmãos as coisas eram diferentes. Frequentavam trabalhos sazonais noutras aldeias e não podiam estudar com regularidade. Mas acontecia estarem livres e recusarem-se a ir à escola. E, embora em tudo obedecessem Vanga, nisso ela não conseguia impor-se.

Ano após ano continuava a luta exaustiva pela existência. Apesar do extremo esgotamento e cansaço, Vanga continuava a ser a mais forte e a mais resistente da família. Nunca se permitia queixar-se das desgraças diante das crianças. Era o pilar não só delas, mas também do pai, que estava completamente destroçado pela miséria, humilhações e sofrimentos e por vezes caía em total desespero. Vanga consolava-o, dizendo que viriam tempos melhores.

…Ainda mais difícil era no tempo frio. Aqueciam a casa sobretudo com pinhas que as irmãs iam apanhar à saída da cidade. Mas as pinhas acabavam depressa e nem sempre era possível ir buscá-las. Além disso, a casa era muito ventilada, pois fora construída à pressa pelo pai com caniços.

Apesar da saúde forte, em 1939 Vanga adoeceu com pleurisia. A vida dela esteve por um fio durante quase oito meses. Lyubka tratou da irmã como pôde. Mas não havia melhoras. Vanga ficou completamente sem forças e, quando havia sol, Lyubka levava-a para a um alguidar para a rua, como se fosse uma criança.

É assim que K. Stoyanova descreve a recuperação milagrosa de Vanga:

«… Quando o estado de Vanga se tornou crítico, Lyubka chamou a médica. Ao entrar em casa, esta olhou com repugnância e ordenou a Lyubka que tirasse o cobertor de cima da doente. De tanto estar deitada, todo o corpo de Vanga estava em feridas; a pele, em alguns sítios, tinha apodrecido. A médica mandou o auxiliar trazer pó cicatrizante e solução desinfectante, saiu para o quintal e disse a Lyubka que a irmã estava muito grave e ia morrer em breve.

A notícia espalhou-se depressa pelo bairro e os vizinhos chamaram o padre para dar a comunhão à moribunda. No dia seguinte, quando os trabalhadores da companhia de tabaco receberam o seu salário de miséria, um deles pôs-se à entrada com o boné na mão e disse que estava a juntar dinheiro para o funeral de uma rapariga pobre.

Dois dias depois, Lyubka foi buscar água à fonte e, ao regressar a casa e abrir o portão, deixou cair o cântaro de espanto. Vanga, de quem pensavam que podia morrer a qualquer momento, varria energicamente o quintal. Nada indicava que estivera às portas da morte. Só o rosto um

pouco mais pálido que o costume, mas os movimentos das mãos firmes, como os de uma pessoa saudável e forte. Ao ouvir a voz de Lyubka, disse-lhe: «Vamos, despacha-te! É preciso varrer tudo, deixar tudo limpo, porque em breve virá cá muita gente.»

Corria o ano de 1939. Durante a campanha eleitoral começou a manifestar-se em massa o descontentamento com a política do governo jugoslavo, que tomara o rumo da aproximação à Alemanha. A forma de protesto foram manifestações e greves em massa. Seguiu-se uma vaga de prisões. Entre os presos encontrava-se também Pande Surchev: alguém denunciara que ele declarara publicamente o caráter fatal dessa política.

Voltaram os interrogatórios com tortura. Obrigavam-no a dar nomes de «cúmplices na luta antigovernamental». Como não encontraram provas da culpa de Pande, puseram-no em liberdade.

Quando Pande regressou a casa, o corpo estava coberto de feridas e hematomas, e na alma também ficaram cicatrizes profundas das sevícias físicas e morais. Aos 53 anos parecia um velho. As filhas trataram das feridas do pai com remédios populares ao seu alcance. Ainda não totalmente recuperado, Pande voltou a procurar trabalho pelas aldeias.

No início do ano seguinte, Lyubka adoeceu com meningite. Levaram-na para o hospital da cidade de Shtip. Não havia camas livres nas enfermarias e só quando o médico percebeu que em casa ela morreria certamente sem os cuidados adequados é que aceitou interná-la no corredor do hospital. Duas semanas em estado gravíssimo, mas, pelo visto, estava escrito que sobrevivesse, e levantou-se. Ao regressar a casa, Lyubka encontrou Vanga completamente esgotada, enfraquecida e desamparada. Enquanto Lyubka estivera fora, ninguém aparecera lá em casa. Vanga passara muitos dias sem comida nem água. Alegrou-se imenso por Lyubka ter voltado viva.

Mas a saúde de outrora regressava lentamente. Para recuperar da doença, os médicos prescreveram a Lyubka bons cuidados, alimentação saudável e meio litro de leite de ovelha fresco por dia. O pai decidiu, custasse o que custasse, arranjar leite para a filha e contratou-se como pastor numa quinta da aldeia de Hamzali, onde o havia em abundância. E Lyubka começou realmente a recuperar depressa…

…No fim da primavera o pai regressou a Strumica. Um dia caiu e magoou o braço. A ferida infeccionou. A infecção espalhou-se também pelas inúmeras feridas antigas das pancadas. Começou a gangrena. Todo o verão Vanga e Lyubka cuidaram dele. Durante algum tempo Pande melhorou e todos começaram a esperar que sobrevivesse. Só Lyubka ouvia, de noite, Vanga chorar amargamente. Percebeu que a irmã sabia que o pai ia morrer em breve. Em setembro a saúde do pai piorou bruscamente. Os irmãos regressaram a casa para se revezarem nos cuidados. A desgraça voltou a reuni-los. Mas a miséria terrível continuava a bater à porta daquela casa. Ainda de manhã os irmãos iam para a praça comercial na esperança de arranjar algum trabalho.

No início de novembro Pande sentiu que ia morrer em breve. Chamou os filhos e disse-lhes: «Filhos, eu morro. Vocês vão continuar a viver e chegarão ao dia em que esta terra voltará a ser terra búlgara. Pena não viver até esse dia luminoso. Tenho um grande pedido a fazer-vos: quando vierem os búlgaros, chamem um soldado búlgaro qualquer, que ele crave a baioneta na terra por cima da minha sepultura, e eu saberei que a Bulgária chegou! Sejam honestos e trabalhadores e obedeçam à Vanga. Agora ela será o vosso apoio!» A 8 de novembro de 1940, com cinquenta e cinco anos de idade, o pai morreu.

Durante um dia inteiro as crianças estiveram junto do defunto preparado para o enterro, mas o padre nunca apareceu. Não sabiam como sepultar o pai, pois não havia dinheiro em casa. Socorreu-os um vizinho que servia de acólito na igreja católica. Contou ao padre a desgraça dos órfãos e, graças à sua intervenção e proteção, Pande foi sepultado gratuitamente no cemitério católico.

Pouco depois do funeral do pai, os irmãos voltaram a partir em busca de trabalho — como jornaleiros pelas aldeias. Vanga e Lyubka ficaram sós por muito tempo. Passado algum tempo, as tropas búlgaras entraram em Strumica. Como o pai ordenara, os filhos chamaram o soldado Boris Yanev à sepultura do pai. Este cravou a baioneta no monte da sepultura e disse: «Dorme em paz, búlgaro honesto.»

O INÍCIO DO SERVIÇO

Em Strumica começaram a ouvir-se cada vez mais conversas sobre a possibilidade de guerra. Os vizinhos preocupados apareciam frequentemente em casa de Vanga. As suas vozes ouviam-se até tarde na quietude noturna da rua.

Entre elas ouvia-se também a voz de Vanga, que contava o sonho em que vira os acontecimentos que se aproximavam. Falava com convicção que dali a um ano haveria guerra e que, para salvar a cidade da destruição, era preciso fazer um sacrifício aos deuses.

Os vizinhos achavam que o clima geral de ansiedade era a causa dos seus avisos. Talvez alguém acreditasse nela, mas de que servia, se nada podiam mudar nos acontecimentos fatais que se avizinhavam? Assim passou o ano de 1940 em ansiedade e incerteza…

…A 6 de abril de 1941, tal como Vanga previra um ano antes, as tropas alemãs atravessaram a fronteira jugoslava. Esta notícia fez com que os habitantes de Strumica abandonassem as suas casas. Ninguém sabia como seria sequer o dia seguinte e, não querendo arriscar a vida, as pessoas escondiam-se nos bosques ou em caves e celeiros. Só Vanga e Lyubka ficaram em casa.

Logo de manhã a quietude foi rompida pelo estrondo e rugido dos motores de pesadas máquinas. Até os vidros trepidavam com a vibração da terra. E depois do almoço as irmãs ouviram uma língua estrangeira e o pisar de botas. Eram os hóspedes indesejados que andavam pelos quintais à procura de comida. Nos quintais abandonados pelos moradores levavam o gado, as aves, os ovos…

…Embora as irmãs esperassem a «visita», assustaram-se muito quando a porta se abriu de repente e apareceu um soldado no limiar. Olhou com repugnância para a pobre habitação e, percebendo que ali não havia nada a fazer, deu meia-volta e foi-se embora. Um ou dois dias depois os vizinhos começaram a regressar. Tranquilizaram-se um pouco ao ver que as casas estavam intactas e que, tirando o gado e os ovos, tudo o resto ficara no lugar. Muitos dirigiram-se a casa de Vanga para saber o que acontecera às irmãs.

A fama do seu dom maravilhoso espalhou-se rapidamente por toda a cidade e multidões começaram a confluir para o quintal dela.

Outra previsão de Vanga fez com que as pessoas acreditassem que as suas palavras se cumpriam. A vizinha Hristo Pyrchanova estava muito preocupada com o filho; a noiva dele, Pavlina, estava ansiosa pelo noivo. Logo no início da guerra, Vanga dissera à vizinha que o filho estava vivo, mas que o regresso seria demorado. Pavlina não acreditou em previsões tão vagas e casou com outro.

Cerca de um ano depois, Hristo, vivo e de boa saúde, atravessava a praça do mercado ao regressar a casa quando foi encontrado em primeiro lugar pela ex-noiva. Atónita, desmaiou. Uma miúda que por ali andava correu a contar à mãe que Hristo regressara. A notícia espalhou-se rapidamente pela cidade e aldeias vizinhas e foi não só objeto de conversa geral, mas também motivo de peregrinação à casa de Vanga. Cada um queria saber dos seus entes queridos, e Vanga a ninguém recusava. E pouco tempo depois as previsões cumpriam-se.

Durante a guerra, Vanga tornou-se famosa também como boa curandeira de várias doenças, tratando sobretudo com ervas medicinais. Interessante era que os seus conhecimentos deixavam maravilhados até médicos experientes, pois recomendava os meios mais simples ou ervas aparentemente sem propriedades curativas. E, no entanto, os seus remédios ajudavam os doentes de forma rápida e eficaz. Com o tempo, o dom de Vanga desenvolveu-se cada vez mais, tornou-se multifacetado e versátil. Previa o futuro às pessoas, incluindo aos seus familiares, mas sem entrar em pormenores excessivos; ajudava os doentes, dava conselhos dos mais variados. Acompanhando o destino dos outros, claro que também pensava em si própria.

Algumas pessoas temiam as suas profecias, atribuíam-lhe propriedades místicas incríveis, acusavam-na de bruxaria. Outras, encantadas com as suas visões dela, acreditavam incondicionalmente e chamavam a tudo o que ela dizia «milagres bíblicos».

Em pouco tempo conquistou um respeito indiscutível em toda a região. Foi assim que nasceu a lenda de Vanga.

Em 1942 a fronteira jugoslavo-búlgara abriu-se e começaram a chegar a Vanga pessoas de Petrich, das aldeias vizinhas e de lugares mais

distantes. Cada um queria saber o que lhe aconteceria a ele e à sua família. Vinham muitos doentes, na esperança de obter precisamente de Vanga a cura.

Um dia apareceram vários soldados do regimento de intendência do Exército Búlgaro. Um deles estava muito preocupado e queria falar a sós com Vanga. Era Dimitar Gushterov, da aldeia de Krandzhilitsa. Bandidos tinham roubado e assassinado o irmão dele, comerciante. Após a morte deixara três órfãos e a mulher doente de tuberculose. Dimitar andava inquieto pelo quintal, sem se decidir a entrar. De repente a porta abriu-se e no limiar apareceu Vanga, que se dirigiu a ele pelo nome: «Eu sei porque vieste. Queres que te diga quem matou o teu irmão. Talvez dentro de algum tempo te diga, mas tens de me prometer que não te vais vingar, porque não deves fazê-lo. Vais viver até ao dia em que serás testemunha do fim deles.»

O que Vanga disse impressionou tanto Dimitar Gushterov que ele nem se lembra como saiu de casa dela. Não conseguia perceber como ela sabia o nome dele e como adivinhara o que lhe atormentava a alma. Depois voltou a sentir vontade de falar com aquela rapariga extraordinária que tão bem conhecia e partilhava tudo o que acontecera à sua família. Dimitar voltou várias vezes para desabafar e receber o apoio de Vanga. Conversavam longamente a sós na pequena divisão dela.

A 20 de abril Vanga disse à irmã que Dimitar a ia pedir em casamento e que em breve as duas iriam viver para Petrich. Os irmãos não estavam em casa nessa altura. Vasil servia como soldado em Dupnitsa e Tome fora levado para trabalhar na Alemanha.

A 22 de abril uma carroça pintada parou em frente à casa de Vanga. Dimitar, elegante e ansioso, saltou para o chão. A carroça estava cheia de ervas aromáticas e flores, e em cima havia um tapete colorido para as irmãs viajarem mais confortavelmente. A notícia espalhou-se rapidamente por toda a vizinhança; de todos os lados vinham vizinhos e conhecidos despedir-se de Vanga. Alguns até a repreendiam por abandonar a terra natal. Vanga não lhes ligava, porque não se despedia da pátria, mas das recordações pesadas, da miséria e da vida órfã sem alegria.

As irmãs esperavam que com a mudança de lugar começasse também uma vida melhor. O enxoval da noiva era simbólico. Vanga pôs aos ombros o xaile vermelho de lã que tricotara, pegou num tacho de cobre e num

pequeno bidão — e foi toda a bagagem. Penduraram na porta um cadeado enferrujado e partiram pela estrada irregular rumo a Petrich. Pelo caminho todos se mantiveram calados, a viver o adeus a Strumica e a pensar no futuro.

Chegaram a Petrich ao fim da tarde desse mesmo dia. A carroça parou em frente a uma casa térrea com o número dez na rua Opulchenska. Dimitar estendeu a mão à noiva para a ajudar a descer da carroça. Os curiosos observavam, sem disfarçar o interesse, a futura nora dos vizinhos, espreitando das janelas das suas casas. Era cega. O rosto magro e pálido, emoldurado por cabelos loiros, irradiava calma e determinação. Magra, frágil, com um vestidinho velho mas limpo, pisava a terra com firmeza, sem dar atenção aos comentários em voz alta dos que ali estavam sobre o facto de uma jovem assim em casa ser apenas um peso para a família.

O interesse da multidão era alimentado também por outro fator muito importante. A futura nora era a vidente cega Vanga, cujo dom incrível — prever o futuro e ajudar as pessoas a resolver os problemas mais complicados da vida, curar várias doenças — já se conhecia e era famoso naquela cidade fronteiriça.

A 10 de maio de 1942 Vanga casou-se com o vinte e três anos Dimitar Gushterov e passou a ser dona da sua nova casa.

Não foi fácil para a jovem dona de casa. A sogra nem tentava esconder o descontentamento com a escolha do filho. Logo no primeiro encontro com a nora disse: «Eh, filho, então era este o teu destino?» Provavelmente esperava que o filho trouxesse para casa uma rapariga camponesa saudável.

Vanga engoliu a ofensa em silêncio e muito depressa mostrou do que era capaz. Nem os mexericos nem a pobreza a assustavam, porque tinha não só um carácter forte, mas também uma grande experiência de luta pela vida, adquirida quase desde o nascimento. Sem descanso, da manhã à noite, ela e Lyubka lavavam, limpavam, arrumavam, reparavam, pintavam, e em breve a casa brilhava de limpeza. Vanga, que adorava que tudo à sua volta fosse «bonito e agradável à vista», mostrou muita inventividade para tornar a casa acolhedora.

A GUERRA E A OCUPAÇÃO

A vida entrou nos eixos e pouco se distinguia da vida das outras famílias em tempo de guerra.

Mas não durou muito. Em breve as pessoas souberam que em Petrich aparecera uma vidente; a notícia espalhava-se como círculos na água quando se atira uma pedra. De novo um rio de gente começou a confluir para a casa dos Gushterov na rua Opulchenska.

Isso causou descontentamento ao marido. Dimitar achava que uma mulher casada devia ocupar-se apenas da casa e da família. Tratava Vanga com grande respeito e admirava o seu talento, mas de certa forma isso magoava-lhe o amor-próprio, pois considerava que ele próprio era capaz de sustentar a família.

Vanga amava-o e estimava-o muito, tanto como pessoa como como marido, mas considerava que a sua vocação era servir as pessoas. Além disso, as suas capacidades não lhe davam descanso, exigindo constante expressão. E voltou a tornar-se um raio de esperança no mundo humano de problemas e doenças.

Naqueles anos de guerra, muitos da região foram para partisans e escondiam-se nos bosques para lutar contra o fascismo. Os seus familiares e amigos visitavam frequentemente Vanga na esperança de saber algo deles. E Asen Shapkarov, ao partir para o destacamento de partisans, disse à mãe: «Não tenhas medo! Vai muitas vezes ter com a Vanga, que ela te dirá se estou vivo, se estou bem e o que se passa comigo!» Visitas deste tipo não passaram despercebidas à polícia. Os representantes da «nova ordem», Dimitar Sugurov e Boris Lazarov, apareciam quase todos os dias em casa de Vanga, ameaçavam-na, exigiam que revelasse o que falava com os familiares dos partisans. Mas Vanga calava-se.

As autoridades enfureciam-se com a desobediência de Vanga e inventaram um castigo: obrigavam-na a cumprir a «prestação de trabalho» de que as mulheres cegas estavam isentas. Em troca da isenção exigiam que ela denunciasse alguém ou lhes desse muito dinheiro. Os polícias não a deixavam em paz um único dia. Entretanto foi anunciada a mobilização dos reservistas. Dimitar encontrava-se entre os mobilizados; foi destacado para o corpo de ocupação na Grécia. Ao despedir-se, prometeu a Vanga que, se

voltasse vivo e de boa saúde, lhe construiria uma casa nova maravilhosa onde ela esqueceria todas as desgraças.

Vanga, ao despedir-se do seu Dimitar, avisou-o: «Tem cuidado com a água.»

Começou a visitar frequentemente Vanga a professora Maria Gaygurova, da cidade de Sveti Vrach, região de Sandanski, e as irmãs depressa se tornaram amigas dela. O marido de Maria, Boris Gaygurov, também era professor do ensino secundário. Falava oito línguas, tocava violino, dedicava-se à pintura e à matemática, lia os clássicos franceses no original.

E embora respeitasse Vanga, criado num espírito materialista, Boris Gaygurov não acreditava absolutamente em previsões. De tempos a tempos Vanga visitava a família Gaygurov. Um dia ele decidiu testar o dom dela e perguntou:

«Sabes o que aconteceu aos ossos do meu pai, morto pelos turcos em 1922 perto de Melnik? Nunca mais foram encontrados.»

Vanga respondeu que a testemunha daqueles trágicos acontecimentos era um homem chamado Petar, que vivia atualmente em Melnik. Para saber todos os pormenores sobre o pai, aconselhava-o a ir a Melnik. Vanga deu com tanta segurança o apelido da pessoa e o sítio exato onde morava que, algum tempo depois, o professor partiu para a cidade indicada. Conseguiu encontrar a família de Petar, mas este já tinha morrido. Contudo, Petar contara muitas vezes ao filho os acontecimentos daquela época. Foi dele que Boris soube os pormenores que procurava sobre o pai.

O pai de Boris Gaygurov fora padre, um dos mais destacados defensores da língua búlgara, da educação e da Igreja búlgara. Dedicara toda a vida a essa grande causa. Em outubro de 1912 fora preso pelos turcos por ser correligionário de Yane Sandanski e barbaramente assassinado. Mas nem assim o deixaram em paz. Os turcos profanaram os restos mortais: desenterraram os ossos, espalharam-nos por um barranco e, no lugar deles, puseram ossos de cavalo.

Ao saber a verdade sobre o pai, Boris Gaygurov passou a confiar plenamente e a respeitar imenso o talento de Vanga. Um dia perguntou-lhe

pela sorte dos dois irmãos que emigraram da Bulgária em 1921 e de quem nunca mais tivera notícias. Vanga respondeu:

«Shteryu está na sepultura, mas Nikola está vivo. Vejo-o. Está numa grande cidade na Rússia. Entrou na universidade. Tornou-se cientista… Agora não está lá. Está prisioneiro, num campo. Não te preocupes com ele. Virá na próxima primavera. Virá vestido de cinzento e trará duas malas.»

Parecia impossível. Boris Gaygurov voltou a não acreditar na previsão de Vanga e pensou que nunca saberia a verdade. Mas numa manhã de primavera de 1943 um homem com duas malas, vestido de cinzento, parou em frente à casa de Boris Gaygurov. Ninguém o reconheceu. Era, porém, o irmão de Boris — Nikola.

Não admira que ninguém o reconhecesse: não se viam há vinte e dois anos. Quando contou a sua vida, tudo o que Vanga dissera confirmou-se.

Na primavera de 1944 regressou da Grécia o marido de Vanga. Restavam-lhe apenas pele e ossos. Da água má dos pântanos, que tinha de beber e com que cozinhava, e dos ataques de malária, o fígado aumentara-lhe muito. Também o atormentava um frio constante. Estava tão fraco que não conseguia fazer nada. Só no ano seguinte Dimitar recuperou um pouco e pôde começar a construir a casa nova, como prometera a Vanga. Tinha mãos de ouro e jeito para a construção, embora nunca tivesse aprendido o ofício. Fazia tudo sozinho, exceto os trabalhos mais pesados.

Entretanto, a fama de Vanga crescia cada vez mais. No quintal juntava-se um número crescente de pessoas que esperavam pela sua ajuda. Ela levantava-se antes do amanhecer, preparava a comida para os trabalhadores, amassava o pão e depois recebia os que sofriam, ajudando-os a encontrar esperança e fé.

NOVAS PROVAÇÕES

A guerra acabou, trazendo consigo muitas desgraças. A vida foi-se recompondo pouco a pouco. Durante dois anos Dimitar dedicou-se à construção da casa, que acabou por ficar sólida e bonita. O esforço foi grande e a saúde, já fraca, piorava; atormentavam-no dores intensas no estômago. Um amigo aconselhou-o a beber diariamente um copo de rakia para aliviar a dor. Em breve tornou-se alcoólico e mudou completamente: ficou sombrio e irritável, fechava-se sozinho no quarto, não queria falar

com ninguém e bebia sem parar. Pelo visto vivia algum drama interior, mas guardava-o para si. Não dava ouvidos nem aos médicos nem à mulher, que lhe suplicava que mudasse de vida. Vanga andava pela casa como uma sombra, consumia-se de dor e ansiedade e chorava noites inteiras. Mais tarde confidenciou à irmã que sabia que o marido não se curaria, mas guardava-o para si e pedia a Deus que acontecesse um milagre.

E as pessoas com as suas desgraças continuavam a aglomerar-se à porta da casa dela; ela escutava-os, dava conselhos, curava, e ninguém suspeitava da tragédia que se desenrolava na sua própria casa. Mitko «curou-se» assim durante 12 anos, até cair definitivamente de cama. Internaram o marido. O diagnóstico foi implacável: cirrose hepática, seguida de ascite. Vanga caiu em desespero; quis ficar com ele e passou quase uma semana sentada numa cadeira ao lado da cama. Um dia o médico de serviço disse à irmã que queria falar com Vanga.

Esta respondeu que não era preciso, porque Vanga já sabia da morte iminente do marido e só pedia que o levassem para casa. Em casa pareceu melhorar um pouco e adormeceu. Aos pés dele, no chão, adormeceu também Vanga. Durante os seis meses da doença grave esteve sempre ao lado dele, como se quisesse transmitir-lhe parte da sua força e firmeza. Ou talvez fosse uma longa despedida do homem com quem vivera duas décadas.

Quando se cumpriu o grande mistério da morte, Vanga deixou de chorar e adormeceu. As pessoas começaram a chegar, mas ela continuava a dormir. Dormiu até ao funeral. Depois disse: «Acompanhei-o até ao lugar que lhe estava destinado.» Na manhã seguinte a irmã saiu e disse às pessoas, que como sempre se tinham reunido à porta sem nada saberem, que Vanga enterrara o marido na véspera e não estava em condições de receber ninguém. Mas Vanga protestou: «Deixa entrar as pessoas. Vou recebê-las a todas. Elas precisam de mim.»

E assim a irmã se lembra dela: «de xaile preto de viúva, que usava sempre. O rosto pálido e petrificado, todo o seu ser parecia voltado para dentro, tenso e concentrado, desligado de tudo o que a rodeava… E as pessoas vinham, vinham cada vez mais, chegavam de todo o mundo… Vinham com problemas diversos, cientistas e pessoas sem instrução, céticos e crentes, doentes e saudáveis, com medo ou com ironia, com desconfiança ou curiosidade. E ela a ninguém recusava.»

Nessa época Vanga recebia até 120 pessoas por dia. Segundo dados publicados, em 1976 recorreram aos seus serviços 102 000 pessoas. Quando tinha mais de oitenta anos, recebia 10–15 pessoas por dia, dedicando 3–4 minutos a cada visitante. O dinheiro das consultas ia para os cofres municipais. Esta medida contribuiu para a legalização oficial do dom fenomenal de Vanga e eliminou qualquer tipo de especulação.

Um dia cientistas do laboratório de Lozanov decidiram fazer um filme sobre Vanga; abriram um buraco na parede do quarto ao lado e instalaram lá uma câmara de vídeo. Vanga aguentou três dias; depois chamou o operador e perguntou: «Pensaste que, por eu ser cega, não vejo nada?» Toda a película saiu em branco.

Vanga era muito diplomática, cautelosa nas palavras, pensava bem cada frase antes de a dizer. Desde criança habituara-se a cuidar dos seus e nunca pedia nada para si. Ajudando banqueiros e empresários nos negócios, não esperava recompensa; no máximo pedia que lhe trouxessem um lenço.

Recebia diariamente dezenas de visitantes, quase sem recusar ninguém. Costumava começar a consulta apresentando os familiares falecidos, afirmando que as suas almas acompanham os vivos. Um torrão de açúcar que tivesse passado a noite debaixo da almofada da pessoa dava-lhe informação sobre ela. «Mas nem Cristo recebeu toda a gente», dizia Vanga quando, por vezes, recusava um encontro…

O FIM DE VANGA

…Na localidade de Rupite, ao pé do vulcão extinto no sul da Bulgária, não longe de Petrich, a famosa vidente viveu o último ano de vida sem sair de casa, pois já estava gravemente e incuravelmente doente. Apenas alguns dias antes de morrer, contra a sua vontade e a dos familiares, foi levada para o hospital governamental em Sófia. Segundo a filha adotiva Veneta, as tentativas de prolongar a vida só teriam aumentado o sofrimento da doente. «Ela merecia um fim melhor», diz Vencheta com lágrimas nos olhos.

No sábado, 10 de agosto de 1996, à noite, Vanga disse a uma amiga: «Esta é a última vez que nos vemos. Amanhã às 10h10 já cá não estarei. Não venhas mais. Não quero que me vejas morta.» Na manhã seguinte Vanga morreu. Correram rumores de que o cérebro de Vanga fora retirado

para estudos científicos, mas não é verdade. Não houve sequer autópsia. Por testamento de Vanga, ninguém tocou no seu corpo.

Vanga foi sepultada à direita da entrada da igreja de Santa Petka, construída com o seu dinheiro e donativos de milhares de pessoas. A sepultura está sempre coberta de montes de flores; há também vasos com flores — trazidas por quem sabe que a vidente não gostava de flores cortadas, comparando-as a «mãozinhas de bebés cortadas». Esta mulher cega, dotada de capacidades fenomenais, sabia admirar as flores como se visse ou não; por vezes, segundo testemunhos dos mais próximos, até falava com elas.

A igreja que Vanga mandou construir em Rupite, devido às relações tensas entre ela e a Igreja Ortodoxa Búlgara — que não reconhece profetas terrenos —, esteve muito tempo sem ser consagrada. Apenas o iconóstase, pintado pelo conhecido artista Svetlin Rusev, foi consagrado. Na parte exterior das paredes caiadas de branco ele pintou também o retrato da vidente. Dentro da igreja, junto ao iconóstase, está a cadeira de Vanga. As pessoas depositam aí flores e dinheiro. Acendem velas pela alma de Vanga e, como é costume na Bulgária, acendem outras iguais na própria sepultura. A cinquenta metros da sepultura fica a modesta casa de campo, agora vazia, com o jardim crescido de ervas.

Antes Vanga vinha cá apenas durante o dia para receber visitantes. A «Volga» trazia-a às 9 da manhã. Bebia café, descansava um pouco no banco em frente do jardim e, das 9h50 às 11h, durante hora e meia, recebia os que sofriam. Em Rupite, segundo Vanga, recarregava as forças vitais. De facto, o lugar tem uma força mágica especial. Quem aqui passa duas ou três horas sente-se carregado de energia durante meses. Aqui é sempre mais quente do que na região, o ar está impregnado do aroma de flores silvestres. O silêncio absoluto só é quebrado pelo canto dos pássaros e pelo cacarejar das galinhas.

Nem tudo ficou como era. Infelizmente, ao «embelezar» o terreno junto da casa, alguém teve a ideia de fazer canteiros e cobrir os caminhos com gravilha. Ficou bonito, como num parque, mas deslocado: toda a paisagem se transformou até ficar irreconhecível. Cercaram o canteiro com um muro de pedra cego, pior que o de Berlim, e abriram um parque de estacionamento asfaltado!

Mas isso não é o essencial. Mataram o espírito que aqui reinava em vida da vidente búlgara. Antes, a multidão que se juntava de manhã à porta da casa dela mantinha um silêncio reverente. Era uma necessidade interior de quem ali vinha em busca de conselho e cura. Agora as pessoas só se comportam com recato dentro da igreja de Santa Petka; depois vão às bancas de recordações que nada têm a ver com Rupite, nem muito menos com Vanga.

Antes de morrer Vanga dispôs dos seus bens imóveis e dinheiro, legando-os ao Estado e a um fundo dirigido por um afilhado. Segundo os familiares, os documentos que entregam tudo a estranhos podem ter sido assinados sob pressão ou, mais provavelmente, por desconhecimento.

A disputa pelo património de Vanga começou literalmente no dia seguinte à sua morte. Afinal, Vanga via como água quando recomendava aos mais próximos que se amassem uns aos outros e avisava: «Não desejeis muito, porque não podereis pagar por isso!»

CAPÍTULO 3

A FORÇA INEXPLICÁVEL DE VANGA

Vanga comunicava constantemente com patronos invisíveis a quem chamava Forças Superiores. Tudo começou com o encontro com um anjo da guarda que apareceu diante dos olhos cegos da sua mente na imagem de um cavaleiro. O cavaleiro anunciou-lhe que, a partir daquele momento, ela profetizaria «sobre os vivos e os mortos».

O primeiro encontro deu-se em 1940. Como foi?

Muitas vezes Vanga ia com a irmã Lyubka buscar água a um poço que ficava no campo, longe da aldeia. Enquanto Lyubka enchia o cântaro, Vanga sentava-se numa pedra e ficava em silêncio, imóvel, sem prestar atenção a nada. Um dia Lyubka até se assustou: pareceu-lhe que a irmã desmaiara e ia morrer. Petrificada de medo, ficou ao lado de Vanga até ela sair do transe. «Não tenhas medo — disse Vanga —, não é nada de grave, só estive a falar com uma pessoa. Era um cavaleiro que veio dar de beber ao cavalo. Disse-lhe para não se zangar por tu não lhe dares o lugar, porque tu não o vês. O cavaleiro respondeu-me: “Não me zango, posso esperar. E

tu, agora, colhe aquela erva de flores brancas pequeninas. Chama-se erva-estrelinha e cura muitas doenças.”»

Lyubka olhou à volta e só então reparou na erva que crescia em abundância junto ao poço. As flores pareciam mesmo estrelinhas. Até hoje Lyubka não sabe o nome científico dessa planta, porque nunca viu nada parecido noutros sítios, e na região ninguém conhecia planta com esse nome: erva-estrelinha. Mas ao ouvir o que a irmã dizia, assustou-se ainda mais, porque estavam completamente sós no campo — nem uma ave voava. De que cavaleiro falava Vanga? Com quem poderia ela ter falado sem abrir a boca?

O cavaleiro apareceu de novo no início de 1941… Um guerreiro poderoso, vestido de armadura que brilhava ao luar, parou ao portão de Vanga, desmontou e entrou na divisão escura. Irradiava tal luz que o quarto ficou claro como em pleno dia. Voltou-se para Vanga e falou com voz sonora: «Em breve o mundo vai abalar-se e muita gente morrerá. Tu ficarás neste lugar e profetizarás sobre vivos e mortos. Não tenhas medo! Estarei ao teu lado, dir-te-ei o que deves prever às pessoas!»

A 8 de abril de 1941, como Vanga previra um ano antes, as tropas alemãs atravessaram a fronteira jugoslava…

…Após as aparições do cavaleiro, o dom clarividente de Vanga desenvolveu-se de forma sequencial e direcionada. Sofreu uma transformação extraordinária. Tornou-se irreconhecível. Da sua boca saía uma voz alheia, nada parecida com a sua. Quando profetizava, colocava-se num canto sob a lamparina acesa e falava com voz sonora, forte e categórica. Estava muito magra, parecia excitada. O vestido desbotado e remendado muitas vezes não conseguia esconder a enorme tensão do seu corpo. Dos olhos cegos emanava vazio, mas o rosto mudava tanto, tornava-se tão espiritualizado e sublime que parecia irradiar luz. E falava, falava, mencionando com espantosa precisão lugares e acontecimentos, nomes de homens mobilizados que regressariam vivos ou a quem aconteceria uma desgraça… Isso durou muitos dias e quase não dormiu durante um ano inteiro. O aspeto de Vanga era tão impressionante que as pessoas sentiam vontade de se ajoelhar diante dela…

COMO VANGA O CONSEGUIA

Vanga dizia que muitas vezes via os emissários das Forças Superiores sob diferentes formas, com a mesma clareza com que uma pessoa vê o seu reflexo na água calma. Por exemplo, a 30 de maio de 1989 disse à sobrinha Krasimira Stoyanova que via ao seu lado uma mulher bonita, vestida de branco dos pés à cabeça. Olhar para ela era agradável, porque o rosto era espiritualizado e luminoso e a roupa brilhava como prata. Claro que ninguém, exceto Vanga, via essa mulher, como ninguém via os seus outros patronos invisíveis. Vanga explicava que eles costumam pairar no ar, porque «a Terra é impura».

Segundo ela, existe entre eles uma hierarquia, porque há «chefes» que aparecem mais raramente, geralmente quando é preciso anunciar acontecimentos excecionais ou grandes cataclismos.

No contacto com as Forças Superiores, Vanga não só os VIA, como também OUVIA as suas vozes. Compreendia tudo o que diziam e respondia mentalmente, mas, naturalmente, não conseguia explicar COMO isso acontecia. Contudo, a comunicação era fácil e natural, sem qualquer esforço da parte dela. Vanga dizia que não desejava especialmente esse tipo de contacto, mas não podia evitá-lo.

Em linguagem atual, Vanga recebia informação tanto imagética (visual) como verbal (auditiva). Estas formas de comunicação com os emissários das Forças Superiores são conhecidas desde os tempos bíblicos.

A ideia de anjo da guarda, a sensação da proximidade de tal patrono, existe na consciência humana desde os tempos mais remotos. Que cada pessoa tem um anjo da guarda invisível que a acompanha foi crença já na antiga Babilónia. «Quando fechares a porta da tua casa e ficares sozinho — escreveu Santo Antão, o Grande —, sabe que te acompanha o Anjo que Deus atribuiu a cada homem e a quem os Gregos chamam espírito doméstico.» Em Roma antiga, a esse anjo da guarda que acompanha a pessoa do primeiro ao último dia de vida chamavam génio.

Também Sócrates falava do anjo da guarda que o acompanhava sempre. Esse ser, cuja voz ouvia tão claramente como a de um interlocutor, estava com ele desde a infância. O «daimon», como o filósofo o chamava, advertia-o constantemente contra atos perniciosos e decisões fatais.

No diálogo de Platão «Teages» lê-se:

«Sócrates… a verdade é que desde a infância me acompanha… algo de divino. É uma voz que, quando aparece, sempre me indica que me abstenha do que pretendo fazer, mas nunca me incita a nada. E o mesmo acontece quando um amigo me conta alguma coisa e eu oiço a voz: ela afasta-me do intento e não me deixa prosseguir.»

Não terá sido com um anjo da guarda semelhante que o príncipe de Kiev Oleg, a quem as crónicas chamam «o Vidente», foi agraciado? E não é essa presença que por vezes sentimos vagamente quando ouvimos dentro de nós uma «voz interior» que nos adverte ou impede…

Uma das qualidades mais espantosas do dom clarividente de Vanga era a facilidade com que se movia nas camadas do tempo e do espaço. O passado mais remoto, o presente paralelo e o futuro apenas cintilante abriam-lhe os seus segredos e mistérios ao olhar espiritual. Essa facilidade é a prova da capacidade da grande Vanga para todo o espetro da perceção extrassensorial.

Após o trauma de infância, os lampejos instantâneos da consciência interior de Vanga tornaram-se cada vez mais frequentes — assim se foi desenvolvendo nela o dom da perceção extrassensorial, embora ainda não o soubesse.

A menina percorreu o seu caminho de eleição na seguinte sequência: doença, cura, aquisição do dom. O mesmo caminho — sofrer graves traumas antes de receber o dom — foi trilhado por muitos outros videntes.

Na região de Strumica havia um curioso costume. Na véspera do dia de São Jorge (6 de maio), as raparigas deitavam num cântaro de barro para vinho (chamado delva) um objeto pessoal; no dia seguinte «adivinhava-se» por ele a sua sorte. As raparigas do bairro costumavam colocar a delva no quintal de Vanga, debaixo de um grande e velho roseiral vermelho-escuro. Muitas vezes, talvez por pena da cega, escolhiam Vanga como «oráculo». Ela tirava os objetos e contava às raparigas o seu destino. Essas previsões cumpriam-se frequentemente, mas na altura isso não parecia extraordinário nem a Vanga nem às raparigas.

Havia ainda outra festividade — o Dia dos Quarenta Mártires —, em que as raparigas adivinhavam: colocavam ramos atravessados no riacho

(faziam uma «ponte») e acreditavam que à noite sonhariam com o futuro eleito que passaria por essa «ponte» da outra margem. De manhã corriam a casa de Vanga e ela… contava-lhes os sonhos delas. E, ao interpretar os sonhos, Vanga ia muitas vezes além do conteúdo deles; falava também do que não podia saber — o segredo mais íntimo de cada uma. As raparigas admiravam-se, mas nada mais. Tudo se passava na atmosfera geral de adivinhação, que por si só estava cheia de expetativa de milagre…

As Forças Cósmicas Superiores preparavam a jovem cega Vangelia para levar a «boa nova» ao mundo.

OS PRIMEIROS «MILAGRES» DE VANGA

Já na fase de pleno florescimento do seu dom, muitas vezes as pessoas recorriam a Vanga quando alguém desaparecia sem deixar rasto. Muitas vezes, para grande pesar, os desaparecidos tinham sido vítimas de criminosos ou maníacos.

A família de Vanga vivia em grande pobreza e, um dia, ela disse ao pai que sabia onde estava enterrado um tesouro de moedas antigas. Descreveu-lhe o lugar. Ficava não longe de Strumica: uma aldeia abandonada à beira de um riacho, um bosque ralo. Entre o riacho e o bosque erguia-se uma rocha de dentes afiados e, segundo Vanga, o dinheiro estava enterrado debaixo dela. O pai primeiro espantou-se com o que a filha cega dizia e depois riu-se muito e alto. Mas depois lembrou-se que tal lugar realmente existia. A aldeia abandonada chamava-se Rayantsi; fora dizimada pela peste há muito tempo e as pessoas nunca mais lá voltaram. Ficava à beira do riacho Rayavskata. De facto, havia lá um bosque e uma rocha.

Naturalmente o pai perguntou de onde Vanga conhecia aquele lugar e ela respondeu que o vira em sonho. Então o pai propôs-lhe irem juntos à aldeia para, quem sabe, tentar a sorte — milagres acontecem.

E lá foram à procura do tesouro. Encontraram o sítio exato, todos os sinais coincidiam, mas o pai não levara pá… Depois caiu por acaso e partiu o braço, não podia cavar… Mais tarde barraram o rio e no lugar da aldeia abandonada surgiu um reservatório de água. O tesouro ficou debaixo de água (talvez ainda espere pelos caçadores de tesouros dos séculos vindouros)…

…Um dia desapareceu uma ovelha do rebanho que o pai de Vanga pastoreava. Ficou muito aflito, pois temia que o despedissem, e Vanga disse-lhe: «Não te preocupes, a tua ovelha está com Atanas, da aldeia de Monospitovo.» O pai ficou estupefacto, porque não conhecia tal pessoa e Vanga muito menos poderia conhecê-la. Perguntou à filha como sabia onde estava a ovelha e ela respondeu que a vira em sonho. Dizia sempre que via as coisas em sonho e todos os seus sonhos se cumpriam. O pai foi à aldeia que Vanga indicara e encontrou realmente a ovelha em casa da pessoa que ela mencionara…

A mulher do vizinho de Vanga, Milana Partenova, estava sentada no quintal a chorar, porque há muito não tinha notícias do marido (era tempo de guerra). Pensava que ele morrera e que os seus quatro filhos ficavam órfãos. Vanga olhou para ela e disse: «Não chores, vai depressa para casa preparar o jantar, porque o teu Milan chega tarde, só de roupa interior. Estou a vê-lo. Neste momento está escondido num barranco, não longe da cidade.»

A mulher pensou que Vanga dizia aquilo só por pena dela, mas foi para casa. Preparou o jantar e esperou até à meia-noite; como ele não aparecia, adormeceu. Pouco depois um toque leve na janela acordou-a. Olhou assustada para o quintal e quase desmaiou de espanto. Lá estava o seu Milan, realmente só de roupa interior, como correra do cativeiro. Depois de alimentar o marido esfomeado, a mulher correu a casa de Vanga, bateu ao portão e gritou: «Vanga, o Milan chegou!…»

O mais impressionante era que Vanga realmente conseguia encontrar pessoas desaparecidas — facto comprovado por muitos casos.

Isso acontecia graças à sua capacidade de clarividência no espaço.

Cumpre dizer que a busca de pessoas desaparecidas é um problema muito sério e, em muitos casos, quase insolúvel. Acontece que os órgãos de segurança nem sempre conseguem encontrar os corpos das vítimas — os criminosos esforçam-se por esconder os ocultar.

Nos últimos anos, as famílias dos desaparecidos ou mortos, e depois deles os detetives, começaram cada vez mais a recorrer a clarividentes.

Naturalmente, esta tendência da época não passou ao lado de Vanga. Recorriam a ela com bastante frequência pessoas em situações dramáticas

semelhantes. E quase sempre obtinham resposta exaustiva — ou seja, ela participava de facto na investigação criminal. E isso aconteceu repetidas vezes.

Elena Andreeva trabalhava como engenheira no centro de televisão de Sófia. Escutava e lia com enorme interesse tudo o que saía na imprensa búlgara sobre Vanga. Eis o seu próprio relato:

«… Muitos dos que trabalhavam na altura no estúdio do centro de televisão de Sófia foram testemunhas involuntárias da tragédia que Vanga conseguiu evitar.

No estúdio trabalhava uma macedónia idosa. No verão levaram à Jugoslávia, a casa dos familiares dela, uma menina de ano e meio. E, de repente, a criança desapareceu. O avô e a avó, a quem a pequena fora confiada, desesperados, por conselho e com apoio de uma funcionária do centro de televisão, vieram à Bulgária para se encontrar com Vanga. Quando conseguiram ultrapassar todas as formalidades fronteiriças e chegaram a Petrich, já tinham passado três dias desde o desaparecimento da menina.

Na manhã do quarto dia após a desgraça, um carro jugoslavo parou em frente à casa da vidente. Os velhos não tiveram de esperar muito. Vanga saiu ao encontro deles e disse que fossem imediatamente buscar a criança. Deu o nome da cidade e da rua, acrescentou que se despachassem, porque a menina estava muito mal. Partiram imediatamente para o endereço indicado. A cidade que a vidente mencionara ficava muito longe do lugar onde os velhos moravam. Encontraram a neta numa antiga rua rural, meio destruída por bulldozers, junto a uma casa emparedada no meio das ervas. A menina não reagia a nada.

Durante todo aquele tempo não comera, fora mordida por cães e mosquitos, o rostinho estava inchado. Além disso, apanhara um forte constipado, pois só trazia um vestidinho leve e as noites na Jugoslávia são frias. E embora o estado da criança fosse quase desesperado, conseguiram salvá-la. Nunca se soube como a menina fora parar àquele fim de mundo nem porque a raptaram (não havia sinais de violência no corpinho)…»

Felizmente, esta história acabou bem. Mas houve outras mais trágicas.

Dois testemunhos da sobrinha de Vanga, Krasimira Stoyanova:

«… Durante a inundação em Skopje, uns pais perderam o filho único. Julgavam que se afogara. Vieram ter com Vanga para lhe perguntar se era verdade. E Vanga respondeu: «Não chorem, porque era mesmo esse o tempo que lhe estava destinado viver. O vosso filho já não está entre os vivos. Mas procuram o cadáver no sítio errado. Está rio abaixo, depois da grande curva do rio. Há lá árvores grandes e o corpo ficou preso nas raízes. De um lado vê-se-lhe a mãozinha. Se eu fosse lá agora, encontrava-o imediatamente.»

Passado algum tempo, pessoas próximas daquela família comunicaram a Vanga que o cadáver da criança fora encontrado exatamente no lugar que ela indicara…

…Uma mulher de Montreal andava pelo mundo a tentar aliviar o sofrimento da alma. Bandidos mataram-lhe o marido na rua e levaram o filho único para parte incerta. Apanharam o assassino, mas da criança não havia qualquer notícia. Após longas buscas, a polícia informou-a de que o filho estava morto. A mãe, fora de si, não conseguia acreditar e em julho de 1987 veio ter com Vanga. «Realmente, uma grande desgraça te atingiu — disse a vidente —, mas diz-me: esse filho nasceu de ti?» «Não — respondeu a mulher —, adoptámo-lo.» «Então escuta — continuou Vanga —, a criança está viva, mas levaram-na para outro país e vai à escola numa cidade grande.

Vive com pessoas que fazem tudo para que ele se esqueça de ti, de casa, da pátria. Mas terás notícias dele e em abril do ano que vem receberás informações completas; depois de muitas peripécias voltarão a estar juntos.» A mulher partiu maravilhada e mais tarde informaram Vanga do seguinte: «Antes do julgamento, o assassino quis falar com a mulher do homem que matara, mas ela não teve forças para o enfrentar e mandou uma amiga próxima. O réu pediu que dissessem à mãe que a criança estava viva, mas não podia dizer onde. Louca de alegria, a mulher disse que se curvava perante o dom de Vanga acreditava que tudo o que ela dissera se cumpriria, até ao final feliz…»

Gostaria ainda de dar a conhecer ao leitor mais um exemplo muito impressionante da clarividência de Vanga no tempo e no espaço.

Em 1981 teve lugar o seu encontro com o jornalista libanês Abdel-Amir Abdalla. Eis como ele o relata:

«… Escuta — disse ela —, o teu pai e a tua mãe vivem no Líbano. Neste momento a tua mãe está em casa e o teu pai não; talvez esteja no campo. Tu vives na cidade e há 12 anos que és jornalista. Escreves sobre serviços, mas também podes escrever sobre política.

Mas a tua contribuição nessa área é pequena, escreves pouco sobre política. Em 1982–1983 esperam-te grandes sucessos no trabalho. Terás sete filhos e aos 42 anos serás testemunha de uma grande guerra, mas não te direi quem a desencadeará… Em 1984 a Síria travará uma grande guerra, por isso a situação complicar-se-á muito… Escuta, neste momento há guerra em Beirute. Esse fogo apagar-se-á, mas voltará a acender-se.»

Ao regressar ao Líbano, A.-A. Abdalla encontrou notícias que confirmavam que naquele preciso dia houvera um conflito armado entre dois grupos no setor oeste de Beirute. Cumpriu-se também a previsão a mais longo prazo de Vanga — em 1984 começou a guerra na Síria.

VIAJANDO PELO PASSADO

A cega Vanga possuía uma capacidade muito marcada de retrocognição (olhar para o passado) e precognição (olhar para o futuro). A parapsicologia inclui estes conceitos na perceção extrassensorial e na clarividência como uma das suas componentes.

As discussões entre defensores e opositores da hipótese da possibilidade de «viagens no tempo» ainda hoje não cessam. E, no entanto, durante muitos anos Vanga visitou mentalmente civilizações terrestres e extraterrestres, penetrando no seu passado longínquo e prevendo um futuro igualmente distante… A um historiador búlgaro Vanga contou em pormenor os principais acontecimentos do século XII, as guerras que então varreram a terra búlgara e as pessoas que, de formas diferentes, se destacaram. O historiador já possuía certos conhecimentos sobre aquela época remota e era considerado um dos seus maiores especialistas. Mas de alguns factos ouvia falar pela primeira vez e, o que é mais interessante, não duvidou deles.

Noutra ocasião, em 1975, ao visitar o local de escavações arqueológicas perto da aldeia de Samuilovo, Vanga «viu» lá os guerreiros cegos do tsar Samuil. A história do reinado deste soberano merece atenção. O tsar Samuil foi, de 997 a 1014, soberano do Reino Búlgaro Ocidental. Celebrizou-se como reunificador das terras búlgaras, aproveitando todas as

oportunidades para fortalecer e alargar o reino. Travou uma guerra longa e sangrenta com o imperador bizantino Basílio II pela preservação da independência nacional. Em 1014 Basílio II derrotou as tropas búlgaras na montanha Belasitsa (a norte de Salonica). Catorze mil prisioneiros foram cegados e, com guias caolhos (um por cada cem), enviados para a pátria.

O destino de Samuil após esta derrota foi também muito triste: ao ver os guerreiros búlgaros cegos, morreu de ataque cardíaco.

Pois foram exatamente esses guerreiros cegos que passaram em filas diante do olhar interior de Vanga. Ela perguntou aos acompanhantes quem os cegara. Recebendo uma resposta algo vaga, interessou-se por que tipo de gente eram os bizantinos. E contou ao historiador búlgaro que, quando estivera na igreja da cidade de Melnik, ouvira vozes: «Nós somos bizantinos.»

Via pessoas vestidas de brocado e restos de termas romanas debaixo da terra. Documentos históricos confirmaram que, de facto, vários nobres bizantinos tinham sido exilados para Melnik no passado.

Durante muitos anos Vanga visitava frequentemente essa cidade. Conhecida desde o século XI, nos séculos XII–XIV Melnik foi uma importante fortaleza. Vanga considerava que ali o seu dom se revelava de forma especialmente plena, que era naquele «lugar sagrado» que contaria às pessoas o glorioso passado da terra búlgara:

«… Aqui cada ervinha, cada pedrinha, cada palmo de terra é santuário. Venho a este lugar com prazer e é aqui que melhor descanso. Aqui recarrego forças, energia e inspiração. Sento-me numa pedra qualquer e apetece-me ficar em silêncio. Ninguém me incomoda. Tudo à volta fala comigo: as pedras, as ruínas, os precipícios… A cidade conta-me a sua história, desde os tempos antigos: vejo pessoas há muito mortas, templos e casas destruídos que aqui existiram há milhares de anos…»

O desejo de visitar diariamente Melnik e ali receber os numerosos visitantes surgiu em Vanga no início dos anos 70.

ORFEU E VANGA

Uma história curiosa aconteceu em 1983, quando o conhecido realizador de cinema búlgaro Pavel Pavlov visitou Vanga. Partilhou com a vidente os seus planos de fazer um filme sobre Orfeu. O filme baseava-se na lenda daquele belo cantor dos antigos Ródopes.

Mas… Vanga disse ao realizador que nada lhe sairia, porque a sua visão do cantor lendário estava errada. O erro consistia exatamente naquela bela imagem mitológica. E deu-lhe os seus argumentos:

«… O dom de Orfeu não vem do céu, vem da terra. Encostava o ouvido à terra — e cantava. E os animais selvagens paravam a ouvi-lo, mas não compreendiam. Orfeu era um homem da terra. Não tocava lira, tocava folhas de salgueiro e flauta de vime; usava também casca de olmo, de faia e de carvalho. Deitava-se na terra e a própria terra soava para ele. Orfeu cantava juntamente com a terra. Por onde passava, todas as árvores ajudavam a sua música e os passarinhos cantavam com ele. Sentia-se bem precisamente na terra e com as criaturas terrenas. Mas aos sons divinos do céu era surdo…»

Calou-se um pouco e voltou-se de novo para o realizador:

«… Bom, como o imaginas tu? Vais mostrá-lo esfarrapado? Para mim Orfeu é assim: uma pobre criança com roupa rota… Está a passar diante de mim: um rapaz por barbear, por cortar o cabelo, com as unhas crescidas… Canta o tempo todo, a terra é que lhe dá as vozes. É por isso que é tão desleirado e descuidado. Orfeu não vem do céu… Não sei porque vem atrás dele Samuil… Quando entro em transe vejo tudo isto, mas ninguém me fizera antes tais perguntas… Mas quando estou sentada assim e vejo tudo isto, penso: “Meu Deus, o que já não houve no mundo!…”»

Nem vale a pena dizer que o realizador ficou muito impressionado com as palavras de Vanga. De facto, Orfeu, o incomparável cantor e músico cantado na bela lenda — e NÃO do céu! Mas os raciocínios de Vanga, que possuía a capacidade incrível de penetrar com o olhar da mente no passado remoto, são raciocínios sobre um homem real que outrora viveu. E as pessoas pegaram nesse músico e cantor real, dotado de uma força artística incrível, e deificaram-no. Mas que tenham um pouco embelezado a imagem de Orfeu é compreensível. Afinal, fizeram-no segundo as regras da harmonia, da arte e da psicologia humana.

Aliás, não se percebe porque ficou na memória popular apenas como cantor de força encantatória. Afinal, as tradições que nos chegaram dizem que Orfeu, dos Ródopes, que viveu no século XIII a.C., adquiriu a suprema sabedoria e os conhecimentos secretos com os sacerdotes egípcios em Karnak e Luxor. Até hoje se conservam imagens dele naqueles lugares. E Orfeu tornou-se também famoso pelas suas canções mágicas sobre as propriedades curativas das pedras e das ervas dos Ródopes.

Vanga dizia que a cordilheira que se ergue sobre o leito seco do Struma «esconde um grande segredo». Ali, segundo ela, está a chave para desvendar o nosso passado longínquo…

Existem inúmeros exemplos de que Vanga conseguia penetrar com o olhar interior no passado remoto.

Perto da aldeia de Prepechane, entre as cidades de Sandanski e Petrich, há uma localidade chamada Rupite. É conhecida pelas suas fontes termais. Nesta vale Vanga gostava de estar e, nos últimos anos de vida, passou a receber aí os visitantes. O vale está como que cercado pela pequena montanha Kozhuh, ao pé da qual corre o leito seco e arenoso do rio Struma. Foi exatamente aqui, no vale de Rupite, que todos os anos, a 14 de outubro, ela reunia os convidados — amigos, vizinhos, conhecidos. Qual era o motivo desses encontros?

O dom clarividente permitiu a Vanga «ver» neste lugar, profundamente debaixo da terra, uma bela cidade sepultada há muitos séculos sob camadas de lava e cinzas. As pessoas que viviam na cidade antiga eram altas, fortes vestiam roupas finas e brilhantes. Através da cidade corria um rio aurífero e todos os recém-nascidos eram banhados nas suas águas. Os portões da cidade eram ornamentados com grandes animais alados dourados — os protetores da cidade. Não longe deles erguiam-se três grandes templos. E exatamente onde fica a casita de Vanga estava, segundo ela, o centro que ligava os santuários mais antigos da cidade.

Mas um dia chegou o fim da prosperidade da cidade: deu-se uma forte erupção vulcânica. Torrentes de lava cobriram a bela cidade. No fogo morreram milhares de pessoas. (Vanga dizia que diante do seu olhar interior ardia o «infernal» fogo que outrora queimara aquela terra.)

Ao reunir os convidados, Vanga pedia-lhes que recordassem os habitantes da cidade que pereceram.

Cumpre dizer que as investigações dos arqueólogos confirmaram a existência nesse lugar de uma cidade antiga destruída por um terramoto. Evidentemente, o vale já estava povoado na época trácia. E as entranhas da terra aqui ainda hoje exalam o calor das águas minerais…

O SEGREDO DO PASSADO

Um dia Vanga quebrou a proibição tácita: não interferir no curso da história e não falar de acontecimentos anteriores à nossa humanidade.

Não só respondeu a uma pergunta sobre civilizações antigas, como ajudou a sobrinha Krasimira Stoyanova e os amigos dela a estabelecer um contacto muito especial com os seus representantes. E eles, ao intervirem, não permitiram que acontecessem mudanças globais. Em 1980 um homem foi ter com a irmã de Vanga, Lyubka, pedir-lhe que intercedesse junto da vidente para que o recebesse. Trazia na mão uma folha de papel com dez linhas de sinais, muito toscamente copiados, que pareciam hieróglifos. No topo da folha havia uns rabiscos, como se desenhados por mão de criança. O homem disse que era um mapa antigo e que, na opinião dele, indicava o lugar onde estava enterrado um rico tesouro.

Explicou a Lyubka que já mostrara o mapa a cientistas em Sófia, mas ninguém conseguira decifrá-lo. Disseram-lhe que era pura mistificação — apenas uma fila de sinais absurdos sinais que não se pareciam com escrita, nem moderna nem antiga. Então o homem decidiu que só Vanga conseguiria decifrar o mapa e indicar o sítio onde jaziam as riquezas.

Como Lyubka sabia que Vanga não gostava de receber caçadores de tesouros, tentou dissuadi-lo. Mas, para não o ofender, disse que a filha dela, Krasimira, estudara hieróglifos e talvez conseguisse decifrar aqueles misteriosos sinais. Krasimira conhecia de facto um pouco a escrita hieroglífica árabe e antiga turca, mas os seus conhecimentos eram, porém, muito limitados.

Além disso, embora muitos sinais realmente se assemelhassem a hieróglifos árabes, havia entre eles alguns completamente incompreensíveis para ela, que lembravam mais figuras geométricas pequenas do que hieróglifos. Krasimira percebeu que não podia ajudar, mas pediu ao homem licença para copiar o texto e mostrá-lo em Sófia a especialistas e tradutores. O homem concordou, Krasimira copiou o texto e combinaram que ele voltaria algum tempo depois para saber os resultados.

Passado algum tempo, Vanga chamou a sobrinha e disse que ouvira a conversa com o caçador de tesouros. Krasimira contou-lhe do mapa e dos hieróglifos e concluiu, bastante categórica, que era uma parvoíce de que nem valia a pena falar.

Vanga ouviu o relato, ficou um pouco em silêncio, pensativa, e de repente disse, com firmeza e em voz alta:

«Não, não é parvoíce! Trata-se de uma grande causa que, para já, está acima das possibilidades daquele homem, das tuas ou de qualquer outra pessoa. Este texto e este mapa foram copiados muitas vezes ao longo de muito tempo. Por muitas gerações. Mas ninguém consegue decifrá-lo. E não se trata de um tesouro escondido, mas de uma escrita que ainda hoje é desconhecida em todo o mundo. Hieróglifos iguais estão gravados no interior de um cofre de pedra que há milénios se esconde profundamente debaixo da terra. Mesmo que encontrem esse sarcófago — não conseguirão ler a escrita. E ela é MUITO IMPORTANTE! Porque lá está escrita a história do mundo, como ele FOI há milhares de anos e como SERÁ daqui a milhares de anos, num futuro longínquo.»

Este sarcófago está escondido na terra búlgara por pessoas que vieram do Egito. Aconteceu assim: seguia uma caravana de camelos. Entre aquelas pessoas havia escravos, guerreiros e altos comandantes. Na terra búlgara – que na altura ainda não era búlgara – pararam para um longo descanso: evidentemente, procuravam e foi precisamente ali que encontraram o lugar certo. Uma noite, em completa escuridão e silêncio, os escravos cavaram um buraco profundo, nele foi descido o misterioso caixão e o buraco foi coberto com uma enorme quantidade de terra. Todos os que realizaram o trabalho foram mortos no local…

A sua cópia deste documento enigmático, Krasimira mostrou-a a cientistas e tradutores, e estes concluíram que o texto não podia ser lido e que, provavelmente, se tratava de um conjunto de disparates sem sentido.

Mas, algum tempo depois, quando Krasimira voltou a Petrich, Vanga falou novamente do mapa e do «tesouro» escondido. Sentia-se que Vanga gostava de falar sobre esse tema. Perguntou se Krasimira tinha mostrado a cópia aos especialistas, e ela confessou-lhe que sofrera um fracasso total, mas propôs procurarem elas próprias o sarcófago. Vanga não respondeu de imediato à proposta, mas, algum tempo depois, quando voltaram a ficar

sozinhas, retomou a conversa anterior. Concentrando-se, muito lentamente e com clareza, como se estivesse a ler num livro, começou a descrever detalhadamente uma certa zona nas montanhas. Krasimira teve a impressão de que Vanga, naquele momento, parecia estar lá mesmo; desenhava os mais ínfimos pormenores do que via: nem a vegetação, nem as pedrinhas, nem os trilhos quase imperceptíveis escapavam à sua atenção. No final, mencionou uma grande rocha e disse que era preciso ir àquele lugar no dia 5 de maio. Krasimira perguntou por que razão exatamente nesse dia. «Por causa da posição dos corpos celestes», respondeu-lhe Vanga. E acrescentou: «O mais importante pode ser visto à luz da lua, e também ao nascer do sol».

Com isso terminaram as conversas de Vanga com a sobrinha. Krasimira, juntamente com amigos entusiastas, partiram de manhã no dia 4 de maio. Já ao meio-dia desse mesmo dia chegaram ao local descrito por Vanga. Mais para o fim da tarde, o céu escureceu de repente e caiu um aguaceiro. A tenda não protegia e todos se encharcaram. Quando a chuva parou, os viajantes acenderam uma fogueira para se aquecerem e secarem. A noite passou junto ao fogo e, de manhã, o céu aclarou. E os cinco esperaram ansiosamente pelos primeiros raios de sol.

Por algum motivo, todos se colocaram exatamente no «lugar certo» para observar. Provavelmente influenciou a «descoberta» feita na véspera: na superfície da rocha, à altura dos rostos, havia três cavidades do tamanho e forma de um pires («círculos solares», como eram chamados na antiguidade); formavam um triângulo isósceles cuja ponta indicava o chão.

Durante meia hora nada aconteceu. E de repente um raio de sol brincou no topo da rocha, desceu até aos círculos solares e começou a mover-se por eles da esquerda para a direita, descrevendo um triângulo luminoso. Krasimira e os amigos observaram esse jogo de luz durante vinte minutos, até que o sol iluminou quase toda a rocha. Não se percebia o que era: se apenas um jogo de luz ou algum fenómeno interessante, mas o simples facto de Vanga ter aconselhado observar os primeiros raios do Sol precisamente nesse dia – 5 de maio – deu a todo o grupo uma estranha certeza (se ela o disse, então algo iria obrigatoriamente acontecer!).

Agora era preciso esperar que a Lua aparecesse. Contudo, à noite repetiu-se a história do dia anterior. Três horas antes do pôr do sol voltou a chover, todos se molharam outra vez e voltaram a secar-se junto à fogueira.

Mas, perto da meia-noite, as nuvens dissiparam-se e a Lua apareceu. O raio lunar tocou o topo da rocha e, movendo-se da esquerda para a direita, tocando repetidas vezes os círculos solares, durante cerca de quinze minutos descreveu o já conhecido triângulo, com a ponta aguda virada para baixo. Depois o raio desapareceu. Todos ficaram imóveis na escuridão, a dois ou três metros da rocha escura, e ninguém ousou dizer uma palavra, mas provavelmente cada um pensava o mesmo: seria casual esse jogo de luz na rocha ou haveria nesse fenómeno alguma regularidade?

Mas o mais incrível ainda estava para vir. Alguns minutos depois, o lado sul da rocha, liso, diante do qual se encontravam, como que se iluminou por dentro, tal como um ecrã de televisão, destacando-se na escuridão das montanhas com a sua cor cinzento-clara. E, num instante, nessa luz branca apareceram… duas figuras. Eram enormes e ocupavam quase todo o espaço iluminado – a parede lisa tinha pelo menos cinco metros de altura e três a quatro metros de largura. As figuras viam-se com tanta nitidez que parecia que a qualquer momento poderiam destacar-se da parede e dirigir-se aos espectadores espantados com a visão. Essa aparição abalou tanto Krasimira e os amigos que todos ficaram literalmente petrificados de medo.

À esquerda no «ecrã», em primeiro plano, em pé e em tamanho natural, estava um homem idoso, mais propriamente um ancião, com uma túnica longa até ao chão e cabelos compridos até aos ombros. O braço esquerdo descia ao longo do corpo e, na mão direita, estendida para a frente, segurava um objeto redondo, parecido com uma bola, mas obviamente não era uma bola.

Atrás dele, mais acima e à direita, encontrava-se a segunda figura: um homem jovem, muito parecido com um faraó; estava sentado em algo semelhante a um trono, com as pernas juntas e as mãos apoiadas nos braços do assento. Na cabeça trazia uma alta coroa (ou talvez um elmo) da qual saíam, de ambos os lados acima das orelhas, protuberâncias semelhantes a antenas.

As figuras foram visíveis na rocha durante tempo suficiente para que Krasimira e os amigos as pudessem observar bem e memorizar. Depois a luz apagou-se, a rocha voltou a ficar escura e tudo ao redor mergulhou novamente na escuridão… Quando recuperaram os sentidos e iluminaram

os relógios com lanternas, verificaram que a imagem extraordinária tinha durado vinte minutos.

É notável que, depois disso, os cinco, sem combinarem, em poucos minutos recolheram as coisas no escuro e, iluminando o caminho com lanternas, tropeçando em raízes e pedras, em silêncio e com uma velocidade incompreensível, correram para casa. O que tinham visto coincidiu nas impressões de todos…

Krasimira escreve que mais tarde ela e os amigos voltaram várias vezes àquele lugar, tanto de manhã como à noite, mas nunca mais viram nada. É muito provável que precisamente o dia 5 de maio de 1980 tenha sido o único dia, numa longa série de outros dias, em que naquele local se pôde realizar a fina sintonia com o Sol e a Lua, calculada, aparentemente, para milénios futuros. Só isso já fala do nível incrível da mais antiga civilização.

Vanga escutou com interesse o relato do que Krasimira e os amigos tinham visto, mas não quis comentar de forma alguma esse acontecimento…

O mistério, sepultado a enorme profundidade e selado por torrentes de sangue inocente, aguarda o tempo em que será aberto e mostrado à luz do dia para que as pessoas o possam conhecer.

«OS CRISTAIS MÁGICOS» DE VANGA

A nossa civilização é uma civilização classicamente «esquerdo-hemisférica». A razão do homem moderno é criada pela linguagem e pela cultura, e as suas ideias sobre moral e ética podem resumir-se no lema: «Nada contra o bom senso».

Apesar disso, o nosso cérebro continua a guardar todas as possibilidades que a evolução atravessou no caminho do desenvolvimento da humanidade. Alguns cientistas supõem que o homem moderno é apenas um transmissor e transformador, mas não a fonte primária. Ele é simplesmente um condutor para leis superiores desconhecidas da Natureza e para alguma Entidade (Deus?) que se encontra fora do alcance do conhecimento humano. (Investigações dos últimos anos revelaram um baixo coeficiente de aproveitamento das estruturas cerebrais, que utilizam

apenas 3-4 % das suas capacidades. Apenas 5-7 % dos neurónios trabalham ativamente.)

É preciso dizer que, na segunda metade do século XX, vários cientistas de diferentes países avançaram a hipótese de que o nosso planeta está rodeado por um campo informacional no qual estão fixados, «gravados», todos os acontecimentos que algum dia ocorreram na Terra. Esse campo informacional é um sistema vivo. É capaz de receber informação, armazená-la, aprender com a informação anteriormente obtida, criar nova informação dentro de si mesmo, dar ordens por sua própria vontade para o movimento e ação material.

Em estados especiais de receção e processamento de informação (os chamados estados alterados de consciência, entre os quais se contam o hipnotismo, a meditação, o sono e outros semelhantes), o ser humano pode aceder a esse campo, perceber esses conhecimentos, estabelecer ligação com as imagens nele guardadas.

O cientista americano Z. Rejdak realizou uma experiência que provou a existência de um sistema informacional especial, codificado, que realiza os processos de pensamento e difere fundamentalmente de qualquer língua. A capacidade dos iogues comunicarem sem conhecer a língua confirma este facto e recorda-nos os períodos no desenvolvimento da humanidade em que o funcionamento deste sistema dominava a atividade cerebral do homem.

Se aceitarmos a hipótese acima referida da existência de um campo informacional, podemos tentar explicar o «fenómeno Vanga» pelo facto de ela saber «ligar-se» a ele. (Recordemos que, durante o atendimento a um visitante, ela precisava de um objeto que tivesse estado nas mãos dele. De preferência, pedaços de açúcar ou relógios de quartzo.)

Através desse objeto, Vanga «ligava-se» ao campo informacional. Depois, «chamava» uma espécie de «intermediário» do círculo dos entes próximos do visitante (o intermediário podia ser vivo ou já falecido) e obtinha dele toda a informação necessária. Ou seja, desse modo Vanga acedia à «célula informacional pessoal» da pessoa em questão.

Sobre este modo de obter informação escreveu uma das visitantes frequentes de Vanga, a curandeira Lyudmila Kim:

«… Na mesinha diante do amplo banco de Vanga acumulavam-se ao longo do dia dezenas de pedaços de açúcar. Era uma das condições indispensáveis do encontro com a vidente. Ao receber o açúcar das mãos do visitante, Vanga apalpava-o cuidadosamente e começava a falar do que foi, do que é e do que será. O açúcar, tal como todos os cristais, pode acumular informação sobre o ser humano. Os antigos magos, sacerdotes e feiticeiros conheciam perfeitamente esta propriedade dos cristais e utilizavam-na com mestria. Todo o bruxo ou mago que se prezasse possuía o seu cristal mágico.»

N. K. Roerich, que desvendou muitos segredos tibetanos, estava convencido de que a vida existe não só no reino animal ou vegetal,aves, mas também na matéria mineral considerada morta. Vanga concordava com ele. «O teu pai», dizia ela a Svyatoslav Roerich, «não foi apenas um pintor, mas também um profeta inspirado. Os seus quadros estão codificados, mas um coração atento e sensível sugerirá ao espectador a chave, e o sentido das telas tornar-se-á claro. Deves continuar a obra do teu pai com todo o empenho. Assim está predestinado…»

Existem inúmeros factos que confirmam o uso de cristais na clarividência. O francês Sedir descrevia na obra «Clarividência» recomendações relativas à adivinhação com auxílio de cristais:

«… Tomai uma boa pedra clara, por meio da qual ainda não tenha sido invocado nenhum espírito, e o clarividente pode usá-la em todos os casos, exceto para fins maus. Com estas palavras não pretendo de modo algum dizer que o seu destino seja apenas o uso para o bem, pois por meio deste cristal podem obter-se respostas a perguntas frívolas e triviais da vida quotidiana. Mas decidam firmemente nunca o empregar para fins maus e impuros…

…Se possuirdes um bom cristal, depois de vos certificardes por todos os meios da sua veracidade, confiai nele. Além do cristal, também se podem obter visões através de um espelho, o que talvez seja ainda melhor, pois funciona segundo o mesmo princípio do cristal, mas as visões nele atingem tamanho natural…»

Sabe-se que Vanga passou a possuir capacidades extraordinárias após a ação sobre o cérebro de algum fator irradiante na infância (durante um furacão). Pode supor-se que esse impacto contribuiu para a ativação do

hemisfério direito do cérebro de Vanga, ou seja, ela tornou-se uma pessoa «direito-hemisférica»…

Vanga adquiriu a capacidade de se ligar ao campo informacional da Terra porque se tornou uma pessoa «direito-hemisférica». Ou seja, VANGA ERA EXATAMENTE AQUELA «ÚLTIMA PESSOA DA ATLÂNTIDA!» QUE VIVEU ENTRE NÓS NO NOSSO TEMPO.

Mas o que é, afinal, a Suprema Inteligência Cósmica, na realidade da qual Vanga nunca duvidou, tal como nunca duvidou de que a razão terrestre limitada é apenas uma partícula dela?

O conhecido físico americano J. Wheeler, generalizando os princípios da mecânica quântica, mostrou que a estrutura do cérebro humano é em muitos aspetos semelhante à estrutura do nosso Universo. Uma confirmação observável na realidade disto é o fenómeno da antevisão por personalidades espiritualmente avançadas — pessoas com cérebro «direito-hemisférico», entre as quais se contava também Vanga.

Na opinião de muitos cientistas, a Suprema Inteligência Cósmica é, antes de mais, uma enorme quantidade de civilizações situadas em diferentes graus de desenvolvimento, ligadas entre si por meio de um campo psi local, sendo essa ligação instantânea, razão pela qual todas essas civilizações interagem como uma única Inteligência Cósmica. O sentido da atividade dessas civilizações cósmicas consiste na transformação de si mesmas numa estrutura inteira de nível organizacional mais elevado. Os níveis estruturais mais altamente desenvolvidos do Cosmos contêm em si os programas genéticos da evolução dos níveis inferiores.

Recordemos o que Vanga contava sobre as suas sensações subjetivas vividas durante o contacto com as Forças Superiores: sentia a ação psíquica direta dessas Forças. Este fenómeno representa a ligação da consciência individual, que se encontra num estado «alterado», aos programas fundamentais da evolução. Eles estão codificados no campo informacional da Terra, onde todos os acontecimentos estão «gravados» de forma condensada numa outra escala de Tempo.

Pode supor-se que, para descrever acontecimentos do passado e do futuro, Vanga utilizava algum modo de descodificação da memória espaço-temporal das gerações. Já ao descrever acontecimentos que ocorrem no

presente a centenas e milhares de quilómetros de distância, ou seja, propriamente na clarividência, ela utilizava outro mecanismo de perceção.

Então, as Forças Superiores com as quais Vanga mantinha contacto permanente (ou anjos da guarda, Guias, Mestres, etc.) são precisamente os representantes de outras civilizações mais desenvolvidas.

Há, porém, uma pequena estranheza. Vanga, por exemplo, afirmava que, além das Forças Superiores, também a visitavam certos extraterrestres de um misterioso planeta chamado Vamfim, e que essas visitas começaram em 1978. (A propósito, era com eles que Vanga fazia viagens a outros planetas.) Mas com as Forças Superiores ela comunicava há muito mais tempo — desde a primeira aparição do cavaleiro em 1940. Qual é a razão disso?

Talvez esteja no facto de a visita à Terra pelos habitantes do planeta Vamfim ser apenas uma manifestação particular, uma entre muitas, da Inteligência Cósmica?… Tal explicação pode considerar-se perfeitamente aceitável, se tivermos em conta que no Cosmos existe um número imenso de civilizações em estágio de desenvolvimento mais elevado.

Quanto à aparência dos seres vindos do planeta Vamfim, notemos que a sua descrição coincide plenamente com a que Vanga dava a todas as outras Forças Superiores: a mesma invisibilidade para as demais pessoas e transparência das figuras — para Vanga, as mesmas «vozes» e a mesma hierarquia interna, embora incompreensível para ela, mas muito semelhante na sua estrutura. Por isso, fiquemos com a suposição da sua identidade.

Mais uma vez, as Forças Superiores (tanto as que ela conhecia há muito como os representantes do planeta Vamfim que a visitavam há relativamente pouco tempo) não lhe permitiam interferir a sério nos assuntos humanos e, quando ela começava a sofrer demais pelas pessoas, uma voz severa e autoritária advertia-a: «Não te metas em explicações, as pessoas devem viver a vida que merecem».

E mais de uma vez essas Forças Superiores disseram a Vanga que o mundo aguardava muitas mudanças, que ele se renovaria e se destruiria… Sim, tudo isso nos é bem conhecido: catástrofes planetárias, ascensões e quedas da espiritualidade no homem — eis o complexo quadro da história do género humano. A esse quadro poderíamos acrescentar ainda um pormenor essencial — a intervenção de civilizações extraterrestres.

Além disso, as Forças Superiores proibiam Vanga de falar sobre o longínquo passado do nosso planeta. Nesse caso, ela ultrapassaria manifestamente os limites da nossa civilização contemporânea. E Vanga, embora confirmasse o facto de que nós não somos os primeiros seres humanos na Terra, não respondia a perguntas sobre civilizações anteriores altamente organizadas. Ou seja, não respondia por algum motivo. Aparentemente, a penetração no passado por canais parapsicológicos pode revelar-se extremamente perigosa para nós. Porquê? Dificilmente conseguiremos responder a essa pergunta num futuro próximo: Vanga levou a resposta consigo para outros mundos.

VANGA SOBRE O FUTURO DA HUMANIDADE

Utilizando as suas capacidades fenomenais de profecia, Vanga previu inúmeros momentos do futuro que dizem respeito a diversas esferas da vida — factos históricos e políticos, a ligação com o Cosmos, cataclismos mundiais, doenças humanas e muitas outras coisas.

Vamos dar a conhecer ao leitor as profecias da vidente cega relacionadas com as doenças humanas.

Em 1981, Vanga disse:

«… Estejam atentos: em breve virão até nós novas doenças, desconhecidas das pessoas. As pessoas cairão nas ruas sem motivo aparente, sem doença visível. Até aqueles que nunca tiveram nada passarão a adoecer gravemente. Mas tudo isto ainda pode ser evitado, porque está ao nosso alcance…»

Tentemos analisar o que foi predito.

Recentemente foi feita uma descoberta científica: os vírus comuns e habituais tornaram-se nos últimos tempos extremamente agressivos. A causa é «a perturbação das proporções de microelementos no solo devido à alteração da situação cósmica»… Por falta de alimentação, os vírus e as bactérias tornam-se agressivos e, por consequência, muito perigosos.

A tuberculose saiu do controlo (segundo os dados mais recentes, nas próximas décadas morrerão dela cerca de 30 milhões de pessoas em todo o mundo).

Depois desta predição, nos anos 80 do século XX apareceu o VIH/SIDA — uma doença estranha e muito invulgar que, segundo uma das

versões, escapou de laboratórios secretos dos EUA. No início, escrevia-se sobre ela de forma bastante superficial e pouco séria: dizia-se que afetava sobretudo jovens que levavam uma vida pouco saudável — homossexuais, toxicodependentes e prostitutas. Ao adoecerem, transformavam-se gradualmente em seres meio vivos, apáticos. Os sintomas do VIH eram febre, sensação de cansaço, inchaço dos gânglios linfáticos, dores difusas, depressão. Nos anos 90, verificou-se que o VIH era uma doença que afetava pessoas perfeitamente respeitáveis.

E muito recentemente a humanidade recebeu um novo «presente» — o vírus Ébola, o mais terrível dos vírus, que mata praticamente a cem por cento e de forma quase instantânea. A peste, comparada com ele, parece uma constipação. Ainda não se estudou este vírus a fundo, mas é claro que se trata de algo mais do que sério.

Sim, devido à extrema agressividade dos vírus, as doenças tornaram-se muito perigosas para a humanidade…

Mas não para toda! Todas estas doenças afetam sobretudo as pessoas de baixa espiritualidade. São elas que agora não têm energia suficiente. Ao mesmo tempo, muitos não têm nada a temer destas enfermidades. Essas pessoas são protegidas pela sua… elevada espiritualidade. As energias deas de Aquário são para elas perfeitamente «nativas», e é precisamente delas que já agora se alimentam.

Mas será possível resistir de alguma forma à fome energética? Ou devemos entregar-nos ao destino e que seja o que tiver de ser?

Acontece que sim, é possível! Mas, para isso, é preciso acima de tudo esforçar-se por renovar. Isso significa que cada pessoa deve tornar-se capaz de receber as novas energias que a era de Aquário traz consigo. Que seja capaz de receber o Amor puro e verdadeiro como princípio supremo da vida da humanidade renovada. Aquele Amor que nada tem a ver com as ideias que muitos formaram. O Amor é uma energia de vibração muito elevada; o ser humano é capaz de a receber como amor por tudo o que o rodeia e pela humanidade no seu todo. Ele é a fonte da Vida e em breve deverá tornar-se a principal fonte de energia vital para o homem.

Nessa mesma altura, no início dos anos 80, Vanga advertia:

«… Não abusem dos adubos e dos químicos, porque a Natureza já está a sufocar… Chegará o dia em que desaparecerão da face da Terra várias plantas, animais, legumes — primeiro a cebola, o alho e a pimenta; depois as abelhas, e o leite tornar-se-á prejudicial beber…»

É preciso reconhecer que esta profecia é bastante pessimista… Mas eis as seguintes predições dela, capazes de infundir uma boa dose de otimismo.

Vanga estava convicta de que não está longe o dia em que a humanidade se livrará da terrível doença — o cancro. A sua formulação, tipicamente profética e nebulosa, diz:

«Chegará o dia em que o cancro será acorrentado com correntes de ferro.»

Ela esclareceu estas palavras dizendo que «o medicamento contra as doenças oncológicas deverá conter muito ferro, porque este elemento está cada vez mais escasso no organismo humano».

Vanga considerava que num futuro próximo as pessoas descobrirão outro medicamento, necessário para restabelecer a saúde humana, que será fabricado a partir de hormonas de cavalo, de cão e de tartaruga. À pergunta sobre por que razão precisamente das hormonas destes animais, respondeu:

«O cavalo é forte, o cão é resistente, e a tartaruga vive muito tempo…»

Pouco antes de morrer, disse:

«… Virá o tempo dos milagres, e a ciência fará grandes descobertas no domínio do imaterial. Os cientistas descobrirão muitos factos sobre o futuro do nosso planeta e do cosmos, encontrarão dados sobre isso nos antigos livros sagrados. Muitas enigmas serão desvendados. Muita coisa será revelada na antiguidade… assim está predestinado…»

À humanidade só resta esperar que estas profecias da grande Vanga se cumpram, que a Razão triunfe e que o homem consiga superar todas as provações.

Para termos uma ideia mais completa da paleta de predições de Vanga, enumeremos as que se realizaram na segunda metade do século XX:

- O início da Segunda Guerra Mundial e a invasão das tropas alemãs na Jugoslávia.
- A data da morte do czar búlgaro Boris III.
- O dia da libertação da Bulgária — 9 de setembro de 1944.
- Os acontecimentos em Praga em 1968.
- A vitória de Indira Gandhi nas eleições parlamentares antecipadas de 1969, que ninguém esperava.
- Um único mandato presidencial de Carter.
- A guerra que começou na Síria em 1984.
- A perestroika na URSS.

E eis uma predição de Vanga que ainda está para se cumprir:

- Daqui a 200 anos o homem estabelecerá contacto com irmãos de razão de outros mundos. Um aparelho húngaro será o primeiro a captar um sinal do Cosmos…

VANGA SOBRE O FUTURO DOS GRANDES E DOS PEQUENOS

Ao longo de mais de cinquenta anos acumulou-se uma imensa quantidade de exemplos dos mais variados prognósticos que Vanga fez às pessoas que a procuravam. Muitos deles estão oficialmente registados em protocolo ou são relatados por pessoas bastante conhecidas, cujo testemunho se pode e deve acreditar. São membros de famílias reais, líderes políticos e dirigentes de Estados, gente da ciência e das artes, pessoas completamente simples e muitos, muitos outros…

Segundo o testemunho de uma das parentes de Vanga, em abril de 1942 a casa delas foi visitada pelo czar búlgaro Boris III. Mal o ilustre visitante proferiu as palavras de saudação, Vanga começou a falar:

«… O teu reino cresce, estendeste-te muito longe, mas prepara-te para voltares a caber numa casca de noz… Prepara-te… Lembra-te da data 28 de agosto.»

O czar não perguntou mais nada e pouco depois retirou-se. Morreu a 28 de agosto de 1943.

Dizem que, na sua época, Hitler, ao visitar Vanga, troçou dela: era a primeira vez que via uma vidente assim — numa cabana campesina, cega, quase na miséria. Então Vanga mandou os acompanhantes a uma casa noutra rua, onde uma égua estava a dar à luz, e descreveu pormenorizadamente como seria o potro. Meia hora depois, quando a égua pariu, o potro era exatamente como Vanga o descrevera. Hitler saiu furioso.

Seis meses antes da morte de Estaline, ela teve a imprudência de a prever, pelo que foi presa e metida na cadeia.

O reconhecimento oficial de Vanga foi favorecido pela filha do líder comunista búlgaro Todor Zhivkov, Lyudmila, que era ela própria uma pessoa muito fora do comum. Vanga avisou antecipadamente a filha do Primeiro Secretário do Comité Central do Partido Comunista Búlgaro de um inevitável acidente de automóvel. E assim aconteceu mais tarde.

Mas dizem que, ao contrário de Brezhnev, que visitava Dzhuna, o próprio Zhivkov nunca foi a casa de Vanga… Não se sabe ao certo quais líderes dos países do Leste europeu a visitaram. A própria Vanga não gostava de falar sobre isso.

Vanga sobre Gorbachev:

«… Ele faz muito pela igreja. E lembrem-se das minhas palavras: ele ainda subirá mais alto… Criticam Gorbachev em vão. Vocês ainda hão de lembrar-se de como era bom com ele…»

Um dia correram na Bulgária rumores de que representantes da equipa de campanha de Boris Ieltsin tinham ido ter com Vanga. Supostamente, Vanga garantiu aos visitantes a vitória a cem por cento de Ieltsin nas eleições. Boyka Tsvetkova afirma que ninguém da equipa de Ieltsin lá foi em «visita de trabalho», mas que Vanga, mesmo sem eles, dizia abertamente que Ieltsin, tal como Clinton, ganharia as eleições.

Em 1979, o conhecido ator soviético Vyacheslav Tikhonov foi visitar Vanga. Vanga disse à irmã: «Que ele espere um pouco na rua, tenho de receber o sinal de quando o devo atender.» No momento em que Tikhonov atravessava o limiar da porta, Vanga gritou-lhe: «Porque não cumpriste o pedido do teu melhor amigo? Falo de Yuri Gagarin. Quando ele partiu para o seu último voo de teste, veio despedir-se de ti e disse: “Não tenho tempo, por isso peço-te muito — compra um despertador, como se eu o tivesse

comprado, e põe-no na tua secretária. Que este relógio te lembre de mim.”» O ator ficou tão espantado que se sentiu mal. Deram-lhe valeriana. Ele disse que tudo tinha sido exatamente assim, mas que, na confusão ligada à morte de Gagarin, se esquecera de comprar o despertador.

(Vanga acrescentou então: «Gagarin não morreu, foi levado!» Como, porquê, para onde exatamente — não disse.)

Ao escritor Yulian Semyonov, que acompanhava Tikhonov, ela disse: «Tens de escrever a continuação, para criar novas séries do filme (referia-se aos famosos “Dezessete Momentos de Primavera”). Mas ainda não estás “preparado” para isso. Precisas de ir a Espanha e encontrar um certo Vladimir. Ele contar-te-á muitas coisas e ajudar-te-á a descrever momentos interessantes.»

Vanga também recebeu o escritor Leonov. Disse-lhe que os seus manuscritos iriam arder. Ele talvez não acreditasse muito nisso, mas, mesmo assim, transportou-os da casa de campo para o apartamento na cidade… onde arderam.

Uma vez, Leonov, que tinha grande respeito por Vanga, censurou-a por não o ter avisado da morte da esposa. «Como assim?», respondeu a velhinha. «Eu mandei-te uma lembrança — uma chávena de café. Só uma!»

…Em junho de 1944, o irmão de Vanga, Vasil, disse que ia para Strumitsa e se tornaria partisans. Nessa altura, no final da guerra, formara-se na região de Strumitsa uma brigada de partisans. Muitos jovens se alistaram para fazer frente ao exército alemão em retirada. Às escondidas de Vanga, Lyubka e Vasil combinaram ir juntos. Vasil tinha então 22 anos. Vanga ficou muito triste com a decisão do irmão e, com lágrimas nos olhos, pediu-lhe que não partisse.

Disse-lhe: «Não vás, vão matar-te aos 23 anos!» Mas o irmão respondeu que não acreditava nela e, nesse mesmo dia, partiu com Lyubka para Strumitsa, onde encontraram o irmão mais novo, Tome, e no dia seguinte os três tornaram-se partisans. (Note-se que Vanga não se opôs à ida de Lyubka e Tome para os partisans: ela SABIA que o desfecho trágico não os ameaçava.)

A 8 de outubro de 1944, Vasil, como comandante de um grupo de sapadores, recebeu a missão de fazer explodir a ponte na aldeia de Furka. Cumprida a tarefa, não reparou que o documento de identificação lhe caíra do bolso. Depois da explosão, escondeu-se na aldeia em casa de um amigo, com intenção de regressar ao destacamento à noite. Os soldados alemães revistaram tudo no local da explosão e encontraram o documento. Prenderam todos os habitantes da aldeia e encerraram-nos na igreja. Vasil foi preso com os outros.

Os alemães emitiram um decreto: se até à uma da tarde os habitantes não dissessem onde estava o sabotador, queimariam a igreja com as pessoas dentro. As pessoas viram que Vasil estava entre elas, sabiam que fora ele quem fizera explodir a ponte, mas calaram-se. Percebendo a situação sem saída, Vasil saiu do meio da multidão e disse: «Fui eu quem explodiu!» Reconheceram-no pela fotografia, levaram-no para o adro da igreja, expulsaram as pessoas e, à frente delas, começaram a torturá-lo. Os alemães introduziram-lhe nos ouvidos pedaços de ferro em brasa e, já meio morto, fuzilaram-no. Para escarmento da população, deixaram o cadáver desfigurado no chão.

Vasil morreu a 8 de outubro, no dia em que completava 23 anos…

…Um dia, um jovem camionista foi ter com Vanga e propôs levá-la a passear ao mosteiro de Rila. Ela aceitou e, ao despedir-se depois do passeio, disse-lhe: «Faças o que fizeres, vem ter comigo a 15 de maio.» Mas nesse dia um amigo pediu-lhe que transportasse materiais para a construção de uma casa. O rapaz disse à mãe que provavelmente iria ter com Vanga a 17 de maio, porque não podia recusar ao amigo.

Foi exatamente nesse dia que o seu camião foi colhido por um comboio num passagem de nível. Ninguém sabe ao certo como aconteceu, mas os peritos concluíram que os travões falharam e o condutor não pôde evitar o desastre. Vanga VIU toda a cena e tentou avisá-lo, mas não conseguiu.

…Entre os visitantes de Vanga havia um búlgaro que emigrara há muito para a Áustria. Lá vivia bem, encontrara uma noiva rica, casara e enriquecera. Contou tudo isso a Vanga, que o ouvia em silêncio, e depois acrescentou: «Está tudo bem, mas tenho saudades da pátria, estou consumido.» Enviara uma grande quantia para a construção da Casa dos

Búlgaros Emigrantes e viera à cerimónia de lançamento da primeira pedra. Vanga disse-lhe: «Antes da cerimónia, no local onde vai ser construída a casa, é preciso, segundo os antigos costumes, sacrificar um cordeiro; e tens de ser tu a comprá-lo.» Durante a cerimónia, foi-lhe feita a honra de começar a cavar a vala, mas pouco depois morreu. Não comprara o cordeiro, como Vanga lhe dissera. Mas a vidente sabia que ele próprio se tornaria a vítima e ficaria para sempre na terra natal.

VANGA E O MUNDO À SUA VOLTA

Quando contactava com as Forças Superiores, Vanga não só as VIA, como também OUVIA as suas vozes. Compreendia tudo o que elas diziam e respondia-lhes mentalmente, mas evidentemente não conseguia explicar COMO isso acontecia. No entanto, a comunicação era fácil e natural, sem qualquer esforço da parte dela. Vanga dizia que não era ela quem procurava esse tipo de contacto, mas que não podia evitá-lo.

Em linguagem contemporânea, Vanga recebia informação tanto imagética (visual) como verbal (auditiva). A própria Vanga descrevia assim à sobrinha Krasimira Stoyanova o seu estado:

«… À noite só o meu corpo descansa, os meus pensamentos voam por toda a parte. Vejo tantas coisas. No silêncio da noite vejo e oiço especialmente bem os sinos celestiais a tocar, marcando cada hora. Tudo o que vive obedece a esse ritmo…

… À noite vocês dormem, e eu folheio as páginas da vida humana e vivo as tragédias de todas as pessoas…

… Vivo as dores de todas as pessoas e não posso, nem ouso, explicar isso, porque uma voz severa avisa-me constantemente que não tente explicar seja o que for, pois as pessoas merecem a vida que têm…»

As flores, a que tinha uma relação especial, ajudavam a Vanga cega a OUVIR CLARAMENTE e a SENTIR CLARAMENTE.

Quando vinha um visitante que acabara de perder um ente querido, o contacto com essa morte recente fazia-a sentir-se mal. Houve casos em que chegou a desmaiar. Logo que percebia quem era e por que vinha, perguntava habitualmente: «Porque vieram sem flores? A informação sobre o falecido que vocês, sem darem por isso, despertam com a vossa presença passa para as flores, e elas salvam-me do mal-estar.» A própria Vanga

explicava a sua reação dizendo que as flores «gravavam» não apenas a informação, mas a sua ESSÊNCIA.

Vanga considerava que as flores são seres vivos, tão inteligentes como as pessoas… Falava com elas com prazer. Por exemplo, «conversava» com um gerânio. A planta dizia (Vanga não punha aspas na palavra «diz») que era o melhor remédio para perturbações nervosas. Vanga não se admirava: ela própria já sabia isso há muito.

Cuidava das flores junto à sua casinha em Rupite com grande carinho, como se fossem crianças. Parava sempre diante de cada flor, acariciava-a, regava-a, sussurrava-lhe qualquer coisa… Vanga dizia que as flores lhe contavam muitas coisas interessantes.

A propósito, Vanga não gostava de ramos de flores cortadas. Considerava que as flores cortadas perdem a sua INDIVIDUALIDADE. As flores vivas — no prado, no jardim, no canteiro, no vaso — são VIDA. («É o mesmo que cortar as mãozinhas às crianças… A flor tem de estar viva»).

Mais uma confirmação.

Sobre flores, Vanga falou longamente com o escritor Leonid Leonov quando ele esteve na Bulgária em 1980. Disse-lhe, entre outras coisas, que invejava o enorme jardim dele, cheio de flores maravilhosas. Depois, sorrindo enigmaticamente, acrescentou: «Sei que também tu compreendes a linguagem das flores, ela é verdadeira e bela.» Em seguida, repreendeu-o por ter oferecido ao Sindicato dos Escritores um grande filodendro que antes estava em sua casa e aconselhou-o a arranjar outro sem falta, pois essa planta estimula a inspiração.

Sobre flores e ervas medicinais, Vanga conversou também com Svyatoslav Roerich. Eis o que Krasimira Stoyanova registou desse encontro:

«… Ele estava sentado em silêncio diante de Vanga, e a tia falava com a voz calma e serena de sempre, sem entoações e quase sem emoções. Via o gabinete de trabalho de Roerich, via um grande vaso de cerâmica com terra cuidadosamente preparada, e nele uma flor — um lírio branco, verdadeiramente de alabastro, símbolo de beleza celeste e pura. Vanga disse: “É o maior ornamento espiritual da tua casa. O belo lírio brilha para mim com a prata das neves eternas do céu do Tibete e dos Himalaias. Foi

dali, do Tibete, que começou a história da humanidade, é lá que se devem procurar as suas raízes, lá está a explicação para muitos enigmas extraordinários da vida terrena do homem e dos povos…" À pergunta de Svyatoslav Roerich sobre o significado das ervas na medicina, Vanga respondeu que com duas palavras não se esgotava o assunto, que era um tema grande e à parte. E depois disse ao seu interlocutor o seguinte: "As ervas de cada país só são curativas para as pessoas que vivem nesse país. Cada um deve tratar-se apenas com as suas ervas." E, após uma breve pausa, proferiu palavras estranhas:

"… Tudo o que as pessoas deixarem na terra ficará coberto pela erva do esquecimento. As ervas começaram o mundo e com ervas o mundo acabará…"»

Vanga dizia muitas vezes que o homem vive neste mundo como cego e NÃO VÊ o que o rodeia. Para ela não existia «natureza inanimada»: tudo o que nos cerca formava, para ela, um todo único que vive e se desenvolve segundo leis e regras que ainda não compreendemos.

COM AMOR PELAS PESSOAS

Vanga sofria com todos os sofrimentos e desgraças humanas — tão elevada era a sua essência moral.

De vez em quando «ligava-se» àquele estado excecional de consciência chamado transe. Num contexto de perceção extremamente aguda e de concentração introspetiva, ouvia «vozes» e via imagens e cenas. Nesses estados pode manifestar-se o fenómeno da fala automática e, por vezes, falar em línguas «estrangeiras».

Mas nem todas as predições e conselhos de Vanga estavam ligados ao estado de transe. Em muitos casos, o seu comportamento revela uma observação refinada e penetrante, uma sensibilidade extraordinária a centenas de sinais verbais e não verbais insignificantes que emanam da pessoa independentemente da sua consciência. Vanga possuía uma sensibilidade tão elevada que era capaz de captar esses sinais como um radar.

Recorda a irmã de Vanga, Lyubka:

«… Há alguns anos, Vanga foi com um grupo de mulheres, entre as quais a minha sogra, ao mosteiro de Rila. Mal acabou a missa — era o dia

de São João —, Vanga começou a agitar-se muito e a suplicar às mulheres e aos peregrinos que ali estavam que saíssem imediatamente do mosteiro. Dizia que em breve ali ia acontecer algo terrível. As mulheres não a entenderam. Pensavam que o perigo estava à saída da igreja, porque dentro havia muita gente, e pediram-lhe que esperasse mais um pouco, pois o autocarro só saía às 17 horas. Até lá ainda podiam passear e ver qualquer coisa. Vanga insistiu outra vez, mas as mulheres não lhe deram ouvidos e ela foi-se embora de carro com conhecidos.

De repente, por volta das 14 horas, apareceu uma nuvem enorme e começou um dilúvio tal que em pouco tempo o rio Rila transbordou e inundou todas as estradas. Já ninguém conseguia sair do pátio do mosteiro. A aldeia mais próxima ficou totalmente submersa e as casas foram arrastadas. Até a bagagem dos visitantes foi levada pelas águas furiosas do rio. A minha sogra e as mulheres que estavam com ela, assustadas com o facto de as pessoas serem arrastadas pela corrente, mal conseguiram trepar para cima de uns troncos empilhados pelos bombeiros. A minha sogra voltou só com o vestido no corpo, encharcada até aos ossos e muito assustada. Depois disso, ficou doente…»

Neste caso, Vanga «pressentiu» a desgraça, pois não podia prever exatamente o que iria acontecer.

Vanga sentia-se mal não só quando vinha ter com ela uma pessoa a sofrer pela morte de entes queridos. Sentia-se mal quando vinham pessoas com intenções ou objetivos egoístas, ou com o coração impuro. Chegou a acontecer que a vidente expulsasse essas pessoas. Mas nem sempre. E, nos casos em que o encontro com uma pessoa «má» acabava por acontecer, os resultados eram muito lamentáveis para essa pessoa.

Eis alguns exemplos.

…Na casa de Vanga havia um quadro intitulado «Cristo com os discípulos no meio de um grande campo». A sobrinha Krasimira Stoyanova descreve a história invulgar desse quadro. Acontece que, há muito tempo, fora oferecido à dona da casa por um conhecido pintor.

— Trabalhaste muito, mas és pobre e não tens nada — disse então Vanga ao artista. — Esforça-te por manter o teu espírito elevado, a tua resistência à vida, a fé na tua vocação. Esperam-te grandes dificuldades. Na

tua vida haverá uma derrota muito grande e, depois disso, partirás sozinho numa viagem.

Passado algum tempo, apareceram em casa de Vanga visitas inesperadas: os pais de uma jovem que casara contra a vontade deles com esse pintor. Vanga, juiz severo e implacável, pronunciou a sua sentença:

— Sim, a vossa filha casou com o pintor que vocês odeiam sem saberem porquê. Ele, embora pobre, é honesto. Não conseguirão trazer a vossa filha de volta, porque o amor a uniu ao marido.

E, apesar de tudo, os pais, com todos os esforços, destruíram a família. E o que aconteceu? Dois filhos ficaram órfãos. O pai, destroçado e sozinho, abandonou a casa e a pátria. E os pais daquela mulher não festejaram a vitória por muito tempo. A filha morreu pouco depois num acidente de viação. Uma verdadeira vitória de Pirro…

…Um dia veio ter com ela um homem de Sófia. Era um tipo robusto, de postura direita, que se sentia muito bem. Acompanhavam-no duas mulheres. Não era possível determinar logo a idade daquele homem. Lyubka, que estava ao lado de Vanga nesse momento, perguntou-lhe quantos anos tinha. O homem riu-se e pediu-lhe que adivinhasse; depois disse que fora oficial ainda na Primeira Guerra Mundial. Lyubka admirou-se e disse-lhe que, naquela idade, era impossível parecer tão bem.

Ele respondeu-lhe que era possível, porque toda a vida só cuidara de si mesmo, nunca assumira responsabilidades e não tencionava assumir nenhuma no futuro. Vanga ouviu tudo em silêncio e depois bateu com o pé no chão e disse: «Chega, basta-te!» Ninguém percebeu o que significava aquela frase. O homem foi-se embora e, três dias depois, morreu.

«Chega, basta-te», disse Vanga. ELA assim o disse, mas quem lho disse a ELA?..

E mais um exemplo instrutivo.

…O caixa que ajudava a passar os recibos para as consultas com Vanga roubou-lhe o rádio transistorizado. Pouco depois, ficou gravemente doente. Vanga sabia que isso ia acontecer, mas não disse nada, exceto que o rádio «ele próprio o traria de volta». E trouxe-o, pedindo perdão… Mas já era tarde. Vanga disse: «Pobrezinho, tenho pena de ti. Vais pagar por teres

roubado essa coisa de mim. Eu perdoo-te, mas já nada se pode fazer. Chegaste tarde.»

Pouco depois, o infeliz caixa morreu em terríveis sofrimentos.

É difícil dizer por que razão todas estas histórias acabaram de forma tão triste: talvez Vanga não só pressentisse ou previsse os acontecimentos, mas também influenciasse o seu desfecho, usando esse poder apenas em CASOS ESPECIAIS?!… Ou seria apenas uma fatalidade do destino?..

CONTACTOS DE VANGA COM OS MORTOS

Uma das manifestações mais misteriosas e incompreensíveis do dom de Vanga, na opinião de muitos especialistas, era a sua capacidade de «comunicar» com os mortos. «Eu falo com os mortos», explicava Vanga numa das suas entrevistas. «E quando entro em transe, sinto isso primeiro na língua, depois no cérebro e, por fim, deixo de sentir seja o que for, tudo acontece fora de mim. Mas se os mortos não sabem alguma coisa, ouve-se então uma voz longínqua e estranha. Como ao telefone. Às vezes mais alta, às vezes mais baixa.» E acrescentava que «via» os defuntos com roupas normais, em movimento, como se flutuassem ligeiramente no ar e fossem um pouco mais transparentes do que os vivos.

Por vezes, as afirmações de Vanga sobre os mortos com quem comunicava adquiriam a precisão de fórmulas matemáticas. Por exemplo: «Quando uma pessoa está diante de mim, todos os seus entes queridos falecidos reúnem-se à volta dela. São eles próprios que me fazem perguntas e respondem com prazer às minhas. O que ouço deles, transmito-o aos vivos.» Tudo claro e preciso, e nada se percebe. Talvez só com o coração?..

Um dia, a um visitante, contou pormenores sobre a mãe falecida dele, e este perguntou se não teria sido a sua presença a «trazer» a mulher morta. Vanga respondeu: «Não, não foste tu. Eles vêm sozinhos, porque eu sou para eles a porta de entrada neste mundo.»

Alguns exemplos do «diálogo» da vidente com os mortos. Um dia veio ter com ela uma jovem e Vanga perguntou-lhe de imediato:

«Lembras-te de que a tua mãe falecida tinha uma cicatriz na coxa esquerda?» A mulher confirmou que a cicatriz existia mesmo e perguntou à vidente como sabia aquilo. E ela respondeu que era muito simples: a morta aparecera diante dela, jovem, alegre, de olhos azuis, com um lenço branco

na cabeça e vestida com um vestido colorido. Então a mulher ergueu a saia e disse a Vanga: «Pergunta se a minha mãe se lembra de que eu tenho uma cicatriz de uma queda.» E Vanga respondeu-lhe o seguinte: «A tua mãe pede que a Magdalina (a outra filha dela) não vá ao cemitério, porque tem um joelho doente.» (A visitante confirmou que a irmã tinha uma prótese no joelho e mal conseguia andar.)

Depois disso houve uma longa pausa e Vanga voltou a falar: «E a tua mãe ainda pede que te transmita o seguinte. Quando os turcos quiseram incendiar a nossa aldeia de Galičnik, o meu pai ofereceu-lhes um grande resgate para salvar a aldeia. Depois decidimos construir uma igreja e cortámos todas as amoreiras da aldeia, porque não havia outras árvores por perto. Transportávamos os troncos à noite, em segredo. Construímos a igreja. E diante dela fizemos uma cheshma (fonte) com três torneiras.»

A visitante, espantada, disse a Vanga que nunca ouvira esses pormenores, mas que, quando estivera em Galičnik, realmente não vira lá as tradicionais amoreiras e que diante da igreja havia de facto uma fonte com três torneiras.

Vanga continuou a falar como se fosse a própria defunta: «Recentemente o meu filho bateu com a cabeça e agora está muito doente.» — «Sim», confirmou a visitante, «o meu irmão teve um trombo num dos vasos cerebrais e foi operado.» Vanga prosseguiu: «Façam outra operação, mas só para ficarem mais tranquilos. Não servirá de nada, o teu irmão morrerá em breve.» E assim aconteceu.

…Veio ter com Vanga uma mulher cujo filho, soldado, morrera num acidente. Vanga perguntou:

— Como se chamava o rapaz?

— Marko — respondeu a mãe.

— Mas ele diz-me que se chamava Mario.

— Sim — confirmou a mulher —, em casa chamávamos-lhe Mario.

Através de Vanga, o jovem informou quem fora o culpado do acidente e acrescentou:

— A própria Morte avisou-me na sexta-feira, e na terça-feira parti.

O jovem morreu numa terça-feira.

O falecido perguntou se lhe tinham comprado o relógio.

A mãe contou que o filho perdera o relógio e ela prometera comprar-lhe outro, mas que, evidentemente, depois da morte já não o comprara.

O jovem perguntou ainda por que razão não via a irmã, e a mãe respondeu que a irmã terminara o curso superior, vivia e trabalhava noutra cidade.

E mais alguns casos interessantes.

Um dia veio de Sófia uma jovem. Vanga virou-se para ela e perguntou: «E onde está o teu namorado?»

A mulher respondeu que ele estava morto, afogara-se há alguns anos enquanto nadava no rio.

Vanga descreveu o jovem, dizendo que o via como se estivesse vivo, que era ele próprio quem falava com ela. «Vejo-o diante de mim. É alto, moreno, tem uma pinta na face. Ouço a voz dele. O rapaz tem um pequeno defeito de fala.»

A mulher confirmou tudo. Vanga continuou: «Ele disse-me: "Ninguém tem culpa da minha morte. Fui eu que caí à água e parti a coluna." Pergunta a quem ficaram o relógio e as outras coisas dele. Lembra-se de muita gente, pergunta pelos conhecidos e amigos. Aconselha a namorada a casar-se daqui a algum tempo e garante-lhe que a escolha será feliz.»

…Um dia veio ter com Vanga um cientista espanhol. Contou à vidente como fora boa e carinhosa a mãe dele, já falecida, mas que passara toda a vida na pobreza. Vanga interrompeu-o e disse: «Espera, eu conto-te como foi. No leito de morte, a tua mãe disse: "Não tenho nada para te deixar, a não ser o velho anel de família. És sozinho, que ele te ajude e proteja na vida."»

O professor, espantado, confirmou que fora exatamente assim. «Ótimo», disse Vanga, «e o que aconteceu a esse anel?» O espanhol respondeu que, já como cientista conhecido, um dia fora passear fora da cidade, o anel escorregara-lhe do dedo e caíra no rio. Procurara-o durante muito tempo, mas não o encontrara.

— O que fizeste, homem? Perdeste a ligação com a tua mãe! — exclamou Vanga.

O cientista, constrangido, confessou que por vezes essa ideia lhe passara pela cabeça, pois desde então os fracassos o perseguiam a cada passo, mas que, como cientista materialista, afastava tais pensamentos.

Estes são apenas alguns casos de comunicação de Vanga com os mortos. É simplesmente impossível enumerar toda a diversidade de factos semelhantes. Não creio que seja necessário. Dos exemplos apresentados vê-se o essencial: Vanga REALMENTE COMUNICAVA COM OS MORTOS.

E ainda duas características enigmáticas desta sua capacidade extraordinária.

Primeira característica. Vanga não só VIA os mortos com o seu olhar interior, como também podia fazer com que outros os VISSEM. Podia, mas NÃO O FAZIA. Porquê?

Durante algum tempo correu pela Bulgária, de cidade em cidade e de aldeia em aldeia, o rumor de que Vanga materializara visualmente a imagem do marido falecido de uma vizinha. A jovem mulher estava inconsolável. O homem que amava morrera de cancro e nem em sonhos aparecia. Tinha muitas saudades dele. Contam que, quando a viúva foi ter com ela, Vanga perguntou se queria apenas falar com o falecido ou também vê-lo. Claro que a viúva queria vê-lo. E VIU-O. O choque foi tão grande que a jovem teve de ser levada de ambulância. Depois disso, a vidente nunca mais ofereceu a ninguém esse tipo de experiência.

Já na Idade Média os artistas representavam a saída da alma do corpo como um duplo transparente do falecido. Hoje podemos falar de um campo eletromagnético que subsiste após a morte da pessoa. Houve mesmo tentativas de registar o deslocamento de fantasmas. As suas aparições foram SEMPRE interpretadas pelas pessoas como um Sinal de Desgraça.

Vanga também sabia disso. E o seu primeiro mandamento era NÃO FAZER MAL. Provavelmente por essa razão nunca mais evocou imagens visíveis dos mortos.

Segunda característica. Quando alguém a visitava logo após a morte de um ente querido, Vanga sentia-se mal. Porquê?

Afinal, ela contactava facilmente com os mortos e não tinha medo da morte em si. Vanga dizia que a morte, enquanto tal, propriamente não existe. E, no entanto, desmaiava quando vinham ter com ela os familiares de alguém que acabara de morrer. Evidentemente, essas pessoas traziam consigo, no seu biocampo, uma tensão de dor tão intensa que Vanga sofria algo semelhante a um choque elétrico. Como explicar de outra forma a sua reação?

A morte… Essa hóspede terrível e indesejada que rompe os fios das nossas vidas. Como é ela? Qual é a sua natureza?

Esta pergunta a humanidade faz a si própria desde o momento em que surgiu. Existem duas respostas opostas a essa pergunta. Ambas têm origem muito antiga e, apesar disso, continuam amplamente difundidas até hoje. Uns consideram que a morte é o desaparecimento da consciência. Outros afirmam que a morte é a passagem da alma ou da mente para outra dimensão da realidade.

E como se relacionava Vanga com a morte?

Por vezes, segundo testemunho de Krasimira Stoyanova, Vanga falava da morte. Em certos casos sentia a sua aproximação. E contava como, uma vez, quando estavam a cozer ameixas no pátio, a morte «passou a sussurrar» por cima das árvores. Na sua ideia, a morte é uma mulher bela de cabelos soltos…

Vanga tinha com a morte uma relação muito própria, só dela, estranha, misteriosa e bastante contraditória.

E mais. Vanga possuía uma capacidade espantosa — conseguia «ler» toda uma vida humana. Do dia do nascimento até ao fim fatal — a morte. Essa informação chegava-lhe por si mesma, independentemente da sua vontade. Afava que era um processo que não conseguia controlar, parar ou deixar de ver.

É de referir que as próprias conceções de Vanga sobre a morte não eram propriamente diferentes das aceites em geral, mas diferenciavam-se das ortodoxamente materialistas. Segundo ela, a morte é uma projeção dos nossos «eus» nalgumas outras dimensões que nos são incompreensíveis. Garantia que a personalidade não se perde após a morte, mas que abandona o seu corpo material e passa a viver noutro estado, do qual nada sabemos.

Nesse estado não depende tanto do meio ambiente, embora «ainda tenha muitos chefes acima dela». Vanga chamava a essa parte da personalidade humana alma.

E sabia com certeza que a alma — essa estrutura da personalidade humana que não está sujeita à decomposição — não só continua a viver após a morte, como também se desenvolve. O esquema, segundo ela, é o seguinte: primeiro morres como pessoa sem instrução, depois como aluno, depois como pessoa com ensino superior, depois como cientista, e assim por diante. Como não recordar aqui a reencarnação — a antiga doutrina da sucessiva transmigração da personalidade humana, da sua alma, em diferentes tempos e lugares da Terra? Esta crença tem raízes nas tradições dos povos indígenas da Índia antiga e de África, da América e da Austrália.

Se confrontarmos as revelações da vidente com as doutrinas religiosas místicas orientais, conclui-se que, após a morte da pessoa, a sua alma passa por um período de purificação para se instalar na alma de um recém-nascido e viver mais uma vida terrena. Pode haver mais de dez vidas dessas. E depois, aparentemente, a alma torna-se parte da Suprema Inteligência Cósmica ou de Deus. E Vanga contactava facilmente com essas almas.

CAPÍTULO 4

VANGA NAS MEMÓRIAS DOS CONTEMPORÂNEOS

Ainda hoje despertam interesse as recordações e relatos de pessoas que, por curiosidade teórica ou prática, se encontraram com Vangeliya Dimitrova. Lembrem-se da excitação que houve em torno da visita a Vanga do «Stirlitz» amado por todo o povo — o ator Vyacheslav Tikhonov. Ainda hoje circulam lendas sobre a amizade com Vanga do presidente da Calmúquia, Kirsan Ilyumzhinov. E em muitas famílias ainda se guardam recortes amarelados e gastos de jornais e revistas sobre Vanga, publicados no início da perestroika.

Sobre o seu encontro com Vanga escreve o correspondente especial da revista «Ogoniók», Dmitri Dimov:

«… No país das romãs que rebentam de sangue e das uvas pretas, onde a noite inteira, escondidas nas folhas das figueiras, choram cigarras

gordas, e os morcegos, pressentindo a aurora, passam por cima da cabeça com um seco frufru em direção às suas grutas húmidas; no país dos telhados de telha e dos anúncios de luto colados com grude nas pedras quentes das casas, na poeirenta localidade de Rupite, junto às rochas atrás das quais já começa a Grécia, ela vivia rodeada de serpentes venenosas, galinhas-d'angola e fontes termais curativas.

E via o futuro. Antes chamava-se Vangeliya. Mas com os anos até o nome envelheceu e secou, até que, por fim, se transformou em Vanga…

— Gostaria de a conhecer — disse o antigo motorista de camião frigorífico Stoyan, depois de um longo gole de rakia morna —, sabes, a minha filha está muito doente. Talvez a Vanga diga como isto vai acabar.

— Eu também, eu também quero falar com ela — disse Desi. Tinha dezoito anos. Não entrara no instituto. Adorava o cantor inglês Boy George e passava os dias inteiros em cafés com punks de Sófia.

— E tu para quê? — perguntou, admirado, o antigo motorista Stoyan. — Ainda és muito pequena.

— Não importa. Quem é que não quer saber o futuro? — respondeu Desi e acendeu um dos seus cigarros preferidos, Lucky Strike.

— E eu — disse pensativamente Magda —, não vou perguntar nada à Vanga. Há vinte anos ela já me predisse uma coisa.

— E então? — perguntei a Magda.

— Até hoje não encontrei marido. Ela avisou-me disso. E, no entanto, há vinte anos eu era bonita. Agora, provavelmente, é difícil acreditar…

E assim ficámos sentados no tagarela café «Pod starata chinar», sob o céu negro da antiga Macedónia, a imaginar como seria de manhã, quando Vanga abrisse rangendo o portão para o desconhecido.

…Em mais de quarenta anos, ela própria se transformara numa lenda parecida com um pergaminho desbotado. E agora é quase impossível dizer com certeza o que na sua vida foi real e o que foi imaginado ou inventado pelas pessoas que acreditavam em Vanga. De qualquer modo, em mais de quarenta anos acumularam-se imensas histórias sobre ela: das mais arrepiantes às mais divertidas. Contam, por exemplo, que um dia vieram ter com ela adeptos de futebol. Foi mesmo na véspera de um jogo decisivo em

Blagoevgrad. Do resultado da equipa local, o «Belasitsa», dependia a sua posição no grupo «A». Vanga mandou fazer um grande bolo em forma de campo de futebol, e os pasteleiros da cidade trabalharam nele a noite toda. Quando ficou pronto, pegou numa faca e cortou-o ao meio. Não sei se foi isso que decidiu o resultado do jogo, mas o placard foi mesmo de zero a zero.

Noutra ocasião, a vidente previu a vitória sobre o Levski «Spartak»…

…Em casa de Vanga estiveram Sergei Mikhalkov, Vyacheslav Tikhonov, Leonid Leonov e, segundo se diz, até um dos dirigentes soviéticos da era da estagnação. Políticos, escritores, cientistas de muitos países do mundo vão ter com Vanga para saber do seu futuro. Mas não são eles, e sim pessoas simples, da província, que durante meses fazem fila para serem recebidos pela vidente. Só em setenta e seis foram cento e duas mil pessoas a casa de Vanga. Agora são menos. A idade já não é a mesma e a saúde também anda a pregar partidas. Com que vêm? Os pedidos são os mais variados. Vi um ferroviário abatido, de rosto cinzento, cuja mulher estava a morrer em casa e que, deixando-a aos cuidados da mãe, viera a pé, vinte quilómetros, ter com Vanga.

Vi uma mulher de quem o marido saíra de casa havia uma semana, um velho que tremia num ataque de Parkinson, uma família de Skopje, na Jugoslávia, e gregos de luto. Todos eles vieram, viajaram até aqui em busca da última esperança, daquela palavra salvadora para a alma que, acreditando nela, permite continuar a viver, penetrar no futuro sem o temer como antes. Todos nós, sem exceção, nos momentos de aflição precisamos do apoio de alguém e, por isso, é-me difícil censurar de alguma forma as pessoas que procuram Vanga. Visivelmente, há pouca esperança na vida terrena, e por isso a procuram no Além. Que mais lhes resta?

…Na manhã seguinte, depois de um pequeno-almoço de café preto, seguimos para Rupite. A boa estrada asfaltada acabava tão bruscamente como começara — junto a um enorme sinal de «proibido seguir», uma barreira e arame farpado que cercava dois hectares de terreno contíguo à casa. Ali estavam algumas pessoas e um Volkswagen bastante maltratado com matrícula jugoslava. As pessoas sabiam que nesse dia já não conseguiriam ser recebidas por Vanga. Mas continuavam à espera de qualquer coisa. Na esperança de um milagre. Mas o milagre não aconteceu. O acompanhante só regressou meia hora depois.

— Ela está pronta para vos receber — disse ele com severidade. E acrescentou: — Não deem a mão…

Parecia que dormia, aquecida no banco ao sol forte, mas assim que nos sentámos diante dela, falou, gritou mesmo, com uma voz potente e penetrante.

— Quem aqui começa por «S»? — perguntou Vanga.

— Sou eu — respondeu Stoyan, que andava de um lado para o outro, ao longe.

— Porque não me trouxeste um presente? És mau homem. Está aqui o teu sobrinho e tem muita vergonha de ti.

— Ele morreu, avó Vanga, há três meses — balbuciou Stoyan, atónito.

— Como se eu não soubesse?... Ele tinha qualquer coisa no sangue, não era?

— Cancro. Leucemia.

— Exato… Ele pergunta-te porque cortaram a pereira velha. E o poço está todo abandonado. Ele gostava tanto daquela pereira.

Stoyan deixou-se cair no banco e ainda por muito tempo não conseguiu controlar a voz. Tanto a pereira como o poço — tudo era verdade.

— Estranho — disse Vanga —, hoje não é sábado e há tantos mortos.

Depois falou-lhe da família de Stoyan, de como antes ele fazia longas viagens de camião e gostava mais desse trabalho do que do atual: portanto, devia demitir-se; falou dos colegas e das famílias deles, perguntou pelo chefe que morrera subitamente, meses antes, numa viagem de serviço a Cuba, e perguntou pela cicatriz na perna — onde é que se tinha aleijado? O pobre Stoyan — antigo motorista de camião frigorífico — estava mais morto do que vivo, balbuciava respostas desconexas a Vanga e, quando ela terminou as predições, ainda permaneceu uma hora e meia como que em transe.

— Fumas muito — disse-me de repente Vanga. — Tens os pulmões fracos. Tens de parar com isso. E mais: duas vezes por ano tens de ir obrigatoriamente a Leninegrado. Essa cidade chama por ti.

— Vanga — perguntei-lhe —, e quanto à nossa perestroika?

— Eu não me meto em política…

Falámos durante muito tempo. Sobre tudo e mais alguma coisa. Sobre como ela comunicava com os espíritos, sobre o passado e o presente dela, sobre Djuna Davitashvili, que nesse momento viajava pela Jugoslávia (quando regressei a Moscovo, telefonei a Djuna e soube que nesse mesmo dia ela estava em Dubrovnik), sobre o facto de a minha mulher estar prestes a receber o diploma de professora (isso ela não podia saber de maneira nenhuma). E, no fim da conversa, perguntei a Vanga pelo meu avô, que no verão de 41 desaparecera sem deixar rasto perto da aldeia estoniana de Kantkola: saberia ela o que lhe acontecera.

— Não há sepultura — disse Vanga. — Não procurem. Ele foi espalhado pela terra.

Cobriu com as mãos os olhos cegos e gritou:

— Vão-se embora. Estou cansada. Quero dormir…

Confesso: sensações bastante estranhas assaltaram-me no caminho de regresso a Sófia. Não, não foi um choque. Parecia simplesmente que me encontrara com um velho conhecido que me conhece como a palma da mão. Mas quando me lembrava de que era a primeira vez que nos víamos, que ela nada sabia de mim nem podia saber, aí sim, apoderava-se de mim um espanto involuntário. Como? Porquê? De que modo lhe é conhecido por vezes o mais íntimo, escondido nos recantos mais profundos da alma? Como explicar isso? E será sequer possível explicar?

…De regresso a Moscovo, soube que a minha tia recebera uma carta de um homem que estivera com o avô naquele combate perto da aldeia estoniana de Kantkola. Contava que o avô morrera atingido diretamente por um tanque alemão. Não houve possibilidade de o sepultar. Não sei. Não consigo compreender. Para isso, visivelmente, é que existe o fenómeno.

E eis o relato do jornalista de Moscovo S. Kostornoi:

«A nossa equipa de televisão chegou à Bulgária exatamente no dia do casamento da afilhada de Vanga — Liliya com o belo rapaz Ivan. Depois da parte "oficial" e do banquete, os noivos apressaram-se a ir ter com Vanga. O nosso carro juntou-se ao cortejo. Passaram sob as rodas mais de 170 quilómetros e a estrada asfaltada, depois de Petrich, deslizou para o vale de Rupite. Aqui, numa casa camponesa mergulhada no verde do jardim, vive da primavera ao fim do outono a "vidente" famosa no mundo inteiro. O lugar não é propriamente único (há no mundo recantos muito mais espantosos), mas é invulgar. Num círculo de montanhas — a principal das quais se chama Kozhuh —, uma clareira perfeitamente plana, protegida dos ventos e como que escondida dos olhares alheios. Aqui e ali brotam fontes minerais quentes.

Por qualquer razão, pensei na altura que este vale não era uma criação da natureza, mas uma enorme plataforma de aterragem construída por mãos hábeis para naves interplanetárias. Há muitos anos, quando Vanga decidiu instalar-se em Rupite, os familiares tentaram dissuadi-la: «O que te atrai nesse "canto de urso" quando há tantos lugares mais cómodos para viver?» Ela manteve-se firme: «Este vale atrai energia. Fui deixada precisamente aqui. Virão aqui os que se perderam e perderam a esperança. Há muitos séculos, Rupite era uma cidade bela e rica. Viviam nela pessoas boas e alegres. Mas o vulcão explodiu e cobriu tudo com lava incandescente. Eu oiço os sinais de vida, eles dão-me força…»

Numa pequena divisão de três por quatro metros, sentada num divã coberto por uma colcha vermelho-vivo, estava uma idosa modestamente vestida. Cabelos grisalhos. No rosto e nas mãos, as típicas manchas castanhas de uma idade tão avançada. Os olhos fechados, mas sentia-se que me estudava um olhar atento e calmo. Tão atento que me senti incomodado. Contaram-me como Vanga expulsava visitantes logo à porta. E que visitantes! Bom, pensei, agora vai dizer: «Vai-te embora, meu caro, enquanto é tempo!»

Sentámo-nos à mesa: os noivos, ao lado a mãe da noiva — a conhecida parapsicóloga búlgara e pessoa muito próxima de Vanga, Boyka Tsvetkova. A vidente calava-se. Nós também. A pausa prolongou-se. Fiz um aceno interrogativo a Boyka: «O que se passa?» «Silêncio», sussurrou ela, «Vanga está a informar-se sobre ti lá em cima», e apontou com o dedo para o céu. Por fim, Vanga soltou um suspiro ruidoso e, virando-se para

mim, disse com voz um pouco rouca: «Amanhã os jovens vão casar-se na minha igreja, eu serei a comadre, e o compadre tens de ser tu!»

…Os convidados mexeram-se, começaram a falar, a pôr os presentes na mesa. Vanga, embora completamente desprovida de ganância, é quase infantilmente curiosa. Apalpa cada objeto, sorri, elogia. Apareceu na mesa também o lanche: um grande pão branco, rebuçados, uma garrafa de whisky de doze anos. Vanga, sendo grande asceta na comida e na bebida, não recusa tomar uma vez por dia 30-50 gramas de um bom álcool. Diz que é para «desinfetar o organismo». Brindámos com pequenos copos de cobre. Começou uma conversa calma e quotidiana.

Conversa de pessoas próximas. Sentia-me bem entre eles, como se não tivesse acabado de sofrer um choque por uma mulher reconhecida por uma comissão especial de Bruxelas como fenómeno mundial me ter escolhido para compadre. Bem, pensei na altura, ela é vidente — ela é que sabe. No dia seguinte houve o casamento religioso. Casamento religioso na igreja construída com o dinheiro que Vanga juntara migalha a migalha durante quase cinquenta anos. O templo de Santa Petka é a realização concreta do seu antigo sonho.

Em geral, durante as conversas com a minha comadre, como diz Krasimira, é preciso ter o ouvido bem aberto. Não é verdade que ela seja muito severa e autoritária, como disse recentemente a atriz Alla Demidova no programa «Hora de Pico». Também não é verdade que Vanga seja uma camponesa ingênua (como uma jornalista a chamou “carinhosamente” numa publicação). Ela tem um bom sentido de humor, deteta imediatamente a falsidade. Uma vez, a vidente conversava com o psicoterapeuta Anatoli Kashpirovski. Ele quis fazer-lhe um elogio e, ao mesmo tempo, mostrar que também não era nenhum parvo. Referindo-se à sua capacidade de sentir energia à distância, disse: «Vanga, que quente que tu és!» — Como sabes? Dormiste comigo? — perguntou ela a rir.

Que o leitor me perdoe por o relato sobre Vanga ter saído feito de fragmentos. Queria contar muitas coisas, mas o espaço do artigo é limitado. Cito apenas excertos de uma entrevista com Vanga.

— Qual é a característica mais importante da essência espiritual do ser humano?

— A bondade. É a chave para a harmonia com a natureza. Dá a possibilidade de encontrar o equilíbrio entre as forças espirituais e físicas, os desejos. Fazes o bem — podes esperar o bem; fazes o mal — espera o mal de volta.

— Atualmente o dinheiro ganhou grande poder. Muitos acham que isso é bom. É mesmo?

— Não, não é. Muito dinheiro vem do diabo. Deve haver apenas o suficiente para o mais necessário. Não mais. O dinheiro leva a saúde.

— Ainda há tanto mal por aí! O que será da Rússia?

— Vai endireitar-se.

— Quando?

— Em breve. Diz ao Ieltsin que quero vê-lo, tenho muito para lhe contar. Eu própria iria, mas já não tenho forças.

— Não tenho acesso ao presidente.

— Tu vais conseguir!

— A propósito, como acabarão as eleições presidenciais no próximo ano?

— Não haverá eleições.

— Porquê? (Silêncio, não houve resposta.)

— E as eleições para a Duma, como serão?

— Serão pequenas.

Como entender isso?

Silêncio.

— Haverá um novo reparto do mundo?

— Não, mas todos os eslavos se unirão.

— Esperam a humanidade, num futuro próximo, grandes guerras e cataclismos naturais?

— Haverá focos isolados, mas não atingirão todos ao mesmo tempo.

— O que nos gostaria de dizer?

— O futuro pertence às pessoas boas. Elas, trabalhando com honestidade, criarão um mundo belo. A harmonia cósmica tornar-se-á acessível a todos.

— Quando podemos esperar essa idílica?

— Não há que esperar. É preciso criá-la com as próprias mãos e com a própria razão!

As recordações sobre Vanga continuam com o publicista Andrei Smirnov:

«Conheci a avó Vanga, como a chamavam pelas costas, em 1983. Seria longo contar as dificuldades que tive para conseguir marcar consulta com a vidente: na altura, a fila oficial esticava-se por um ano! Mas foram acionadas várias influências e, após intervenção pessoal do primeiro-secretário do comité regional do partido, mandaram-nos estar em Petrich num dos dias exatamente às 6h00 da manhã. Entrámos na pequena cidade ainda de noite. Ruas estreitas, casas baixas de telha, silêncio provinciano, uma brisa morna — estávamos no extremo sul da Bulgária.

Junto à casa de Vanga havia cerca de dez carros. Pouco depois apareceu um homem idoso que tomou lugar numa guarita junto ao portão. Rapidamente organizou a fila dos recém-chegados. Éramos umas vinte pessoas (mais de duas dezenas por dia Vanga já não recebia — os anos pesavam, embora antes conseguisse atender uma centena). Todos pagaram 10 levs (na altura, 10 rublos) e receberam um recibo. Como estrangeiro, paguei o dobro. O meu lugar na fila era o sétimo.

…Esperámos. Cerca de uma hora depois saiu de casa uma velhinha — pequena, bastante cheia, asseada. Parecia um pouco mais nova do que os seus 72 anos de então. Acompanhada por uma mulher, dirigiu-se a um anexo e começou o atendimento. Na fila comigo estavam sobretudo mulheres, quase todas com lágrimas nos olhos (quem vai a Vanga sem motivo sério?). Aliás, avisaram-me que os meramente curiosos, tal como os que não acreditam nas suas capacidades extraordinárias, Vanga deteta-os imediatamente e põe-nos na rua sem cerimónias.

Finalmente chegou a minha vez. Entrei, cumprimentei e sentei-me a uma pequena mesa redonda em frente da dona da casa. Ela era a própria imagem da calma, com o olhar cego, cabelos grisalhos cobertos por um

lenço, voz alta e um pouco áspera. Tinha um telefone ao alcance da mão. Na véspera tinham-me avisado que devia levar um torrão de açúcar que passasse a noite debaixo da minha almofada. Era precisamente o açúcar que, de alguma forma, permitia a Vanga estabelecer um contacto invisível com o visitante. Eu trazia o açúcar comigo. Segurando-o na mão, Vanga começou a falar…

Para dar ao leitor uma ideia do modo como Vanga comunicava, transcrevo quase literalmente a nossa primeira conversa.

— Estás saudável como um pilriteiro… como um lobo… — começou a vidente. — Então para que vieste ter comigo?

Expliquei que gostaria de fazer algumas perguntas sobre os meus familiares.

— Tens de cuidar da tua mãe — disse Vanga —, do teu pai não pensas…

— Sim, ele morreu — confirmei.

— Sei que morreu. Agora vejo-o ao teu lado, pensa em ti — e Vanga apontou com a mão para o lugar onde, segundo ela, estava nesse momento a alma do meu pai (o conhecido poeta búlgaro Lyubomir Levchev contou-me que um dia perguntou a Vanga como distinguia com tanta precisão os nomes das pessoas vivas dos nomes dos mortos; resposta dela: «Vejo os mortos a pairar acima da terra»).

Depois de nomear com bastante precisão a profissão do meu falecido pai, continuou:

— Porque vais ter com ele sem velas e sem flores?

Encolhi os ombros em silêncio, sem perceber a que se referia. Alguns dias depois lembrei-me de que, quando estivera de férias em Moscovo, apressado para ir ao cemitério, realmente não tivera tempo de comprar flores e velas nunca levara à sepultura.

— A tua mãe chama-se Maria?

— Não, Larissa.

— Estranho… — murmurou Vanga.

De regresso a Sófia telefonei a Moscovo e contei à minha mãe a visita a Petrich, mencionando também a confusão com o nome dela. Afinal, tinham-lhe posto inicialmente o nome Maria e só dois meses depois lhe mudaram o nome.

E Vanga continuou sobre a mãe:

— Ela deve ser operada antes do fim do ano, tudo correrá bem…

E assim foi: a operação foi bem-sucedida e exatamente nos prazos indicados por Vanga. Diagnosticou também com bastante precisão o meu avô, disse quanto tempo lhe restava de vida e em que circunstâncias morreria. Depois, perguntando pelo filho, disse:

— Vejo que terás ainda um filho. Se for menina, deves chamar-lhe Anya ou Yelenushka. Mas aqui (apontou com o dedo para a mesa) está escrito «Anya».

Onze anos depois, depois de me ter divorciado e formado nova família, nasceu-me realmente uma filha. Chamámos-lhe, como Vanga queria, Anya. Mas o mais espantoso é outra coisa: quando fui ao registo civil tirar a certidão de nascimento, havia em cima da mesa, como que de propósito para mim, o livro dos santos. Decidi verificar que nome deveríamos dar à filha segundo esse livro sagrado. Era Anya…

Foi essa a nossa primeira conversa, que não durou dez minutos.

Depois houve outros encontros, mais longos. De um deles quero falar separadamente. Foi no verão de 1989. Nessa altura já ia ter com Vanga sem grandes dificuldades, pois conhecera os familiares dela — o sobrinho Mitko e a filha adotiva Venche. Quando precisava de falar com Vanga, telefonava-lhes e marcavam-me o dia. Vanga raramente falava de política, mas dessa vez mudou de hábitos e começou ela própria a perguntar-me pela Rússia, pelos seus dirigentes. Por qualquer razão, interessou-se especialmente pela personalidade de Gromyko…

…À minha pergunta se Gorbachev corria risco de golpe de Estado, respondeu que não. Convém dizer que nessa altura o nosso líder ocupava os mais altos cargos partidário e estatal; ninguém pensava ainda na presidência. E um ano depois tornou-se presidente! Em agosto de 1991, quando a rádio anunciou a criação do GKChP, eu, pecador, voltei a não acreditar em Vanga. Afinal, o golpe acontecera! Mas três dias depois senti

vergonha da minha falta de confiança… Nesse encontro Vanga partilhou o desejo de visitar a Rússia, ouvir a liturgia numa igreja ortodoxa e conversar com Gorbachev. Sentia-se que a personalidade do «arquiteto da perestroika» a preocupava muito.

Mais tarde, alguns anos depois, quando na Rússia já começavam a esquecer Gorbachev, perguntou-me como o tratavam os russos comuns. «Sem grande simpatia», respondi. «Sim, fizeram muitas asneiras», disse Vanga com censura.

A filha adotiva de Vanga contava-me pormenores da vida quotidiana da mãe. Vanga dormia na cidade e às 9h00 da manhã um carro levava-a a Rupite, onde nos últimos anos costumava receber os visitantes. Não reconhecia a diferença entre horário de verão e de inverno, os ponteiros dos relógios em casa dela nunca eram adiantados ou atrasados e o ritmo diário não mudava. Vanga gostava de cozinhar, de vez em quando tomava um copo de menta diluída em água, adorava café preto.

Sabendo disso, eu procurava sempre agradar-lhe com algum petisco da loja da embaixada, onde vendiam trigo-sarraceno desconhecido dos búlgaros, caviar em grão, leite condensado açucarado, rebuçados russos. Vanga gostava de colecionar relógios, sobretudo os de som bonito, bonecas, flores artificiais e vivas. Uma vez levei-lhe um grande ramo de cravos. Não disse nada, limitou-se a pô-los na mesa ao lado. Depois soube pelos familiares que ela não gostava de ramos cortados, comparando flores cortadas a «mãozinhas decepadas de bebés».

Vanga era extremamente religiosa, celebrava todas as festas da igreja, guardava os jejuns, mas as suas relações com a própria igreja continuavam tensas, pois o clero, como se sabe, não reconhece «profetas» deste tipo. Recentemente Vanga construíra em Rupite, em frente da sua casa, com as suas poupanças e donativos das pessoas, a igreja de Santa Petka. Os abóbadas do templo branco como a neve foram pintadas pelo mais conhecido artista búlgaro, Svetlin Rusev. Mas os problemas com o clero mantiveram-se até ao fim dos seus dias…

Com quem o merecia, Vanga era sem cerimónias; com outros, extremamente delicada. Quando tinha de dar uma má notícia, procurava fazê-lo de forma que o interlocutor ficasse contente por a ouvir.

Houve um caso: uma vez escondi no bolso um papel com perguntas para ela, mas durante a conversa não toquei nesses temas. Quando me preparava para sair, foi ela própria que, muito depressa, me deu as respostas que eu queria…

Para grande pena minha, a pressão da multidão que esperava atrás de mim nunca permitiu conversar com ela sobre temas abstratos. Mas a sobrinha Krasimira Stoyanova, durante anos, registou os pensamentos que Vanga partilhava com os seus. Resultou um livro fascinante. Conhecendo Vanga pessoalmente, não tenho motivos para duvidar da veracidade das suas palavras nem para não acreditar nas suas previsões, entre as quais: «Virá o tempo dos milagres, a ciência fará grandes descobertas no domínio do imaterial. Seremos testemunhas de grandes descobertas arqueológicas que mudarão radicalmente as nossas ideias sobre o mundo desde os tempos mais antigos. Todo o ouro escondido virá à superfície da terra, mas a água desaparecerá. Assim está predeterminado…»

E eis um testemunho absolutamente espantoso.

O presidente da Calmúquia, Kirsan Ilyumzhinov, pertencia ao círculo restrito de pessoas próximas de Vanga. Podia encontrar-se com a profetisa e visitava-a com bastante frequência.

O presidente Ilyumzhinov recorda os seus encontros extraordinários com a avó Vanga. Numa das vezes, ela disse-lhe: «O teu povo passou por muitas provações, três deportações, mas ainda virá para os calmucos o tempo do florescimento…»

E ela nunca estivera na Calmúquia nem conhecia a sua história. E tudo o que dizia era pura verdade.

Vanga indicou com exatidão um jazigo de petróleo no distrito de Chernozemelski, não longe do mar Cáspio. Agora planeiam construir ali uma grande refinaria.

Ilyumzhinov recorda ainda outra predição. No verão de 1995 ela disse-lhe: «Vejo dois presidentes Kirsan.»

Soava bastante enigmático. Mas em novembro Ilyumzhinov foi eleito presidente da Federação Internacional de Xadrez. Eis a explicação.

Com gratidão, Kirsan Ilyumzhinov recorda a participação que a avó Vanga teve no destino da república:

«Às vezes acontecia eu estar sentado, sem saber que decisão tomar num assunto muito importante. E de repente toca o telefone — é uma familiar da avó: “A Vanga mandou dizer que faças assim e assim e vás para tal sítio.”»

Em 94, por serviços especiais prestados à república, foi atribuído a Vangeliya Dimitrova Gushterova o título de cidadã honorária da Calmúquia.

As suas recordações sobre Vanga partilha também a curandeira russa Lyudmila Kim.

Cinco anos de desespero e desânimo viveu ela, tentando vencer a grave doença do seu único filho. Onde quer que tenham ido, ela e Alik, quem quer que o tenha examinado!

Conheceu todos os curandeiros famosos dos Bálcãs e da Ucrânia, da Moldávia e da região de Moscovo. Alguns apenas se compadeciam. Outros recusavam logo. Outros prometiam pensativamente ajudar… Mas a cura tão ansiosamente esperada não chegava. A mãe infeliz não perdia a esperança…

Em 1983, Lyudmila Kim viu num jornal uma pequena notícia sobre Vanga. Ao saber daquela extraordinária curandeira búlgara, escreveu-lhe imediatamente uma carta a pedir que a recebesse com o filho. Mas passaram quase dois longos anos até conseguirem encontrar-se.

Antes disso, na casa de Lyudmila Kim em Moscovo apareceu uma rapariga búlgara chamada Olga Garvanska. O pai de Olga comandara um destacamento de partisans que libertara Sófia dos fascistas. O destino cruzara o herói nacional da Bulgária com Vanga. Olga também estivera presente e, entre centenas de visitantes, a vidente destacara-a logo. Vanga começara a ensinar Olga. Explicara-lhe e mostrara-lhe muitas coisas. E a rapariga dotada aprendera com sucesso os segredos da sua mentora.

A própria Lyudmila Kim possuía capacidades curativas, aplicando com êxito segredos da medicina popular coreana, chinesa, tibetana e russa. Mencionara isso na carta a Vanga. E o desejo da discípula de Vanga de conhecer Lyudmila levou-a a Moscovo.

Ly calorieudmila ensinou com grande vontade a sua aluna búlgara. Graças aos novos contactos, Lyudmila conseguiu ser recebida por Vanga.

«O que mais me impressionou na casa de Vanga», escreve Lyudmila Kim, «foi a enorme multidão de gente. Logo pensei: “Será possível algum dia abrir caminho até Vanga através desta multidão de infelizes à espera de cura?” Percebendo o meu estado, Olga disse calmamente: “Tu não és só uma suplicante, és também uma colega…” E, de facto, não tivemos de esperar muito.

Quando chegou a minha vez, abri o portão e, logo depois de a tranca tilintar atrás de mim, ouvi a voz severa de Vanga:

— Agora vem aí uma coreana. Chama-se Lyudmila Kim. É química. Tem 44 anos. Trata as pessoas tal como a Djuna. Vamos ver qual das duas é mais forte?

E, de repente, assustei-me outra vez, senti o chão fugir-me debaixo dos pés e, em vez do caminho rural, uma enorme balança invisível debaixo de mim.

Mas durou apenas um instante, fugaz e infinitamente longo. Naquele primeiro encontro com Vanga, eu corria apenas com uma pergunta: seria possível curar o Alik?

— Sim.

Pela primeira vez em centenas de noites dormi calma e profundamente. Como se me tivessem banhado (segundo uma antiga receita) no orvalho da manhã e me tivessem feito nascer de novo. A minha segunda mãe tornou-se Vanga…

E, no entanto, tinha razão o Principezinho da pura fábula de Exupéry: «As palavras só atrapalham a compreensão mútua… Só o coração vê bem. O essencial é invisível aos olhos.»

A profundidade destas frases aparentemente simples só a pode compreender quem passou pela dor de perdas verdadeiras e pela alegria de novos achados, quem viu Vanga pelo menos uma vez. Esse felicidade foi-me dada mais do que uma vez.

— Sinto-me maldisposta — disse Vanga no nosso primeiro encontro. — Tenta tratar-me…

Aproximei-me. Aqueci lentamente o corpo, depois concentrei-me nos órgãos enfraquecidos — a minha paciente ia no oitavo dezena, não era

brincadeira! Alguns minutos depois Vanga parou-me, repetindo várias vezes: «Dobré, dobré…» Depois chamou o sobrinho Ivan.

— Vê o que ele tem?

Os tumores não precisam de ser examinados muito tempo. Este escondia-se no esófago, mas estava bem acessível. Concentrando toda a minha vontade, puxei mentalmente o tumor e como que o queimei num jato de energia — provavelmente assim se pode explicar, em termos comuns, o que fiz naquela tarde de julho com o familiar de Vanga. Na realidade, como compreendem, tudo é mais complexo e subtil. A Vanga não era preciso explicar nada. Compreendendo o que acontecera, levantou-se da poltrona, abraçou-me e sentou-me no seu lugar — um banco rústico, largo e tosco de camponesa.

— Agora és da família. Agora és minha irmã. Vem quando quiseres. Em setembro, lembra-te, manda-me roupa do teu filho, unhas e cabelos dele, e ainda um frasquinho com água de Moscovo.

A própria Lyudmila não pôde ir. Teve de cumprir a ordem de Vanga através de boas pessoas — durante um mês inteiro, de mão em mão, numa insólita estafeta de misericórdia, viajaram o frasco tapado com película, uma camisola do filho, um tufo de cabelo dele e as unhas.

Um mês depois chegou da Bulgária uma encomenda com instruções de Vanga: enterrar as unhas e os cabelos. Depois deitar a água sobre a criança, recolhê-la e também enterrá-la. Um ano depois Lyudmila já devia ir com o filho a Petrich.

«No dia marcado, numa clara tarde de setembro, chegámos à Bulgária», recorda Lyudmila Kim. «Mal pusemos o pé dentro de casa de Vanga, ouvi um suspiro amargo.

— Ai, que horror! Por que razão sofre tanto esta criança? Mas não faz mal, não faz mal… Aproxima-te.

Observei tensa como o meu filho, até então tão arisco e caprichoso, se aproximou obediente de Vanga e a abraçou. Vanga tocou-lhe no cabelo eriçado e acariciou carinhosamente o Alik. Depois afastou-o suavemente: «Haide!» Percebi que a sessão terminara e que agora Vanga era mais necessária a outras pessoas.

Esta rapariga encantadora não podia prever o que lhe reservava um vulgar exame médico. Acabara o instituto, ia começar a trabalhar e um dos médicos exigira uma vacina adicional. A agulha da seringa tocou num nervo — a rapariga ficou cega. As pernas paralisaram. Trouxeram-na a Vanga.

— Daqui a dois anos voltará a ver. Daqui a cinco anos poderá andar.

Tive oportunidade de visitar esta rapariga quando recuperou a visão. E andar aprendeu de novo, agarrando-se às costas das cadeiras. Então os pais fizeram-lhe corrimãos ao longo das paredes e as coisas começaram a correr. Com a futura jornalista — pois não duvido que recupere — encontrei-me várias vezes, e não era apenas curiosidade ociosa ou compaixão que me levava até ela. Vanga dera-lhe esperança, mas acrescentara: «A Lyuda pode ajudar-te.» Experimentem desobedecer! Assim procedia Vanga quase sempre: dizia o que a pessoa tinha de passar na vida e logo especificava quem lhe poderia ajudar ou ao menos aliviar o sofrimento. A própria Vanga só tratava nos casos mais complicados. Infelizmente, também não são poucos.

Sempre que ia à Bulgária e me encontrava com colegas — e este pequeno país é pródigo em curandeiros —, mais claramente compreendia quão profundas são as raízes da medicina popular e quão grande é a responsabilidade dos curandeiros modernos…

Trabalhar com Vanga era fácil. Notava sempre mesmo o mais pequeno sucesso e não esquecia de repreender pelos erros, mas fazia-o de forma maternal, sem ofender. Normalmente Vanga falava com os visitantes não mais de 5-10 minutos, mas podia ouvir uma pessoa durante uma hora se compreendesse que ela realmente precisava do seu conselho e da sua participação.

…Alguns visitantes estavam tão exaustos pelas suas doenças que, ao entrar, paravam timidamente junto à porta, parecendo-me que nem acreditavam totalmente na realidade do encontro com Vanga.

— Que têm?

— Uma criança, uma criança — a mãe apontava com o olhar para o miúdo de quatro anos que se remexia de um pé para o outro. Ao contrário

dos pais, ele estava completamente calmo e olhava em volta com curiosidade.

— Os médicos não conseguem fazer o diagnóstico. Dizem que pode ser epilepsia!

— Disparates! — irritou-se Vanga. — O miúdo teve um grande susto, um nervo ficou preso, por isso começaram as dores e os ataques. Lyuda, queres tentar?

— Claro.

Corrigir as vértebras não foi difícil — numa criança ainda são móveis, como contas de um colar. Depois de umas manipulações simples, o miúdo sentiu-se logo melhor — via-se pelas bochechas cor-de-rosa.

— Dobré — assentiu a dona da casa. — Mas têm de aquecer a coluna mesmo assim. Peguem numa fita vulgar, molhem-na em cera derretida e colem-na nas costas, do pescoço ao cóccix — isso tira a inflamação das terminações nervosas.

Ao casal alegre e ao filho de olhos vivos sucedeu outro casal com uma menina de 5-6 anos que sofria de paralisia cerebral. Depois de falar brevemente com os adultos, Vanga disse: «Vai ajudar-vos a Stella Dimitrova. Digam que fui eu que vos mandei e a Stella recebê-los-á.» (S. Dimitrova é realmente uma das mais fortes sensitivas da Bulgária. Mais tarde também eu a conheci).

Ao sair um minuto da sala, no corredor dei de caras com um casal que viera da Ucrânia. Depois de ouvir a história confusa deles, indiquei o que era preciso fazer para tratar a criança e, por precaução, dei-lhes o meu endereço em Moscovo. Mais calmos, mas ainda sem acreditarem totalmente em mim, perguntaram o mesmo a Vanga quando chegou a vez deles, mas ela foi lacónica: «Já vos disseram o que têm de fazer com a criança! Eu só posso repetir as palavras da Lyuda!»

Os visitantes saíram envergonhados. Acrescento que Vanga não podia ter ouvido a nossa conversa — estava ocupada e as paredes da casa são grossas.

Sem darmos por isso, chegou a hora do almoço. Enquanto punham a mesa, Vanga queixou-se de grande cansaço e da insistência dos visitantes.

— Sabes, só tu e algumas pessoas próximas se lembram de perguntar não pela sua saúde, mas pela minha. E eu já não aguento mais. Pedi a Deus licença para descansar, mas o meu tempo ainda não chegou. Basta de queixas. Vamos.

E fomos para a sala de jantar, onde se reuniram os guarda-costas, as governantas e o motorista de Vanga. Após um breve descanso, recomeçou a roda aparentemente infinita de rostos, destinos, acontecimentos e doenças.

É difícil falar de assuntos pessoais quando à porta esperam centenas de pessoas para ver a vidente. Isso só acontecia a retalhos, por isso as minhas notas, que fazia ou imediatamente durante a conversa com Vanga ou à noite, são tão fragmentadas.

— Porque é que Deus realiza os meus desejos mais pequenos e não os mais importantes?

— Quais?

— Que o Alik fique saudável, que o meu sobrinho melhore, que tu não adoeças…

— Sobre o teu filho já te disse. O Igor ficará bom aos 10 anos, e o meu destino depende só de Deus.

— Irei às Filipinas?

— Sim. Precisas disso. Lá há bons curandeiros.

— Haverá o fim do mundo?

— Disparates.

— Como tratar a epilepsia?

— Não sei. Pede a Deus e o Conhecimento virá…

(Vanga tinha razão. Já curei vários doentes desta terrível doença. Descobri que existe uma antiga receita oriental — matar uma cobra ou uma víbora, tirar-lhe o coração, escaldá-lo um segundo em água a ferver e depois enrolá-lo em pão ou compota e dar ao doente. Parece feitiçaria, mas às vezes funciona!)

O taxista com quem fui de Sófia a Petrich partilhou a sua alegria. Acontece que o filho dele, Georgi, sofria há muito de fortes dores de cabeça e os médicos decidiram fazer uma trepanação do crânio. Os pais consultaram Vanga. Esta explicou que o rapaz não tinha tumores nem hemorragias. Era simplesmente um caso raro de focagem diferente dos olhos. Indicou a que hospital e a que oftalmologista deviam recorrer para corrigir a saúde. A doutora Balabanova escolheu os óculos certos para Georgi e tudo se resolveu.

Com a sobrinha do meu amigo Mité a situação era ainda mais complicada. Todos os dias ela metia-se debaixo da mesa, encolhia-se num novelo vivo e era impossível desenlaçar o emaranhado dos braços e pernas. Que diagnósticos não lhe puseram! Alguém chegou a supor que a criança tivesse uma excitação precoce do sistema sexual — aos três anos de idade?! Mas, apesar de todas as opiniões divergentes, ninguém conseguia indicar um remédio salvador.

Vanga aconselhou banhar a menina num caldo de poeira de feno, depois deitar esse caldo num formigueiro e convencer a criança a urinar no mesmo formigueiro. Em seguida, tirar a parte superior do formigueiro e trazê-la a Vanga. Tudo foi feito exatamente como indicado. Depois de segurar alguns segundos nas mãos o monte húmido de palhinhas, agulhas de pinheiro e pausinhos, Vanga disse satisfeita: «Agora está tudo. Levem isto de volta para onde o tiraram e a menina ficará boa.»

Mesmo para mim o método «das formigas» de Vanga ficou um mistério, mas Mité confirmou — os ataques nunca mais se repetiram. E acrescentou: «Sabes, quando segurei a menina acima do formigueiro, reparei que, juntamente com a urina, saiu dela qualquer coisa preta, como uma mancha…»

Embora Vanga esteja incompreensivelmente distante do mundo fútil das nossas ocupações e preocupações, aceitava com prazer os presentes dos visitantes. Gostava de perfumes franceses. Tarde da noite, quando o atendimento terminava, não ia logo descansar. Gostava de mexer nos presentes e recordar quem lhos trouxera. E de novo o rosto dela iluminava-se com o reflexo da alegria alheia, quando se tratava de uma boa pessoa que dali saíra feliz.

A própria Vanga Dimitrova seguia o seu destino incansavelmente, dia após dia, década após década. Foi um destino difícil e glorioso.

Conta Elena Andreeva, que se encontrou pela primeira vez com Vanga nos anos sessenta:

«… Nem me passava pela cabeça que esta mulher viesse a desempenhar um papel tão grande no meu destino de mulher e de escritora… Se não tivesse ido ter com esta extraordinária búlgara, a minha vida teria sido diferente, mais complicada, mais trágica. Por isso considero meu dever acrescentar o meu testemunho imparcial e verdadeiro ao caudal de informações sobre ela — muitas vezes contraditórias e sensacionalistas — que hoje nos chega das páginas da nossa imprensa e da estrangeira, dos ecrãs de televisão…»

Tendo ouvido falar muito desta mulher invulgar, Elena Andreeva também tentou encontrar ajuda junto da vidente. A pessoa mais próxima dela adoecera gravemente. Esgotaram-se todos os meios médicos disponíveis, a esperança de cura tornava-se cada vez menos real.

Ajudou o acaso…

«Num pequeno pátio sem vegetação, separado da casa por uma cerca baixa, esperávamos a nossa vez. Passaram primeiro os enviados em serviço; o seu ar eficiente não combinava com a aflição daqueles que o grande sofrimento pessoal ali trouxera. A seguir entrou um casal não jovem. A mulher chorava; perdera alguém próximo. Saíram um pouco mais calmos, não responderam às perguntas dos outros visitantes e apressaram-se a sair. Antes de mim entrou em casa de Vanga uma rapariga bonita, vestida de forma chamativa.

Comportava-se com autoconfiança, exteriormente não estava nervosa como os outros. Mas ficou pouco tempo — saiu corada, com manchas no rosto. Seguiram-na palavras de cólera: «Perdi muito dinheiro do Estado e aqui passei sem fila, logo no primeiro dia! E ainda andas metida em romances!» Não tenho a certeza das palavras exatas, mas o sentido era esse. A seguir era a minha vez. A história com a rapariga deixou-me atrapalhada — eu também passara à frente dos outros, usara cunhas. E embora não tivesse perdido dinheiro do Estado nem andasse em romances, sentia-me culpada.

Agora esperava repreensões, tanto mais que calhara em má altura, o mau humor da vidente ainda não passara. «Agora vai dizer o que pensa de mim e também da minha nova conhecida de Petrich; vamos levar uma descompostura!», pensei. Depois de hesitar na entrada, já estava pronta para dar meia-volta quando ouvi o convite: «Entra lá!» Atravessei o limiar, muito nervosa, a pequena entrada e entrei na sala.

Num divã debaixo de um ícone estava sentada uma mulher de pouco mais de quarenta anos, cheia, com um rosto redondo e simples, um lenço claro na cabeça, cega. Ao lado sentava-se a irmã Lyubka, elegante, traços finos, jovem, pouco parecida com uma camponesa.

— És divorciada? — perguntou de repente a vidente. Olhei para Lyubka, confusa — devia responder? A pergunta, como se costuma dizer, acertara em cheio. Fiquei ainda mais atrapalhada. Então, já dirigindo-se à irmã, Vanga descreveu a minha aparência, descreveu com bastante precisão o meu carácter, disse algumas palavras simpáticas a meu respeito — visivelmente queria encorajar-me. Depois disse com voz serena:

— Tens uma desgraça tão grande que há muito devias ter vindo ter comigo. Mas não te preocupes, o doente vai recuperar. Só tens de lhe mudar o ar. E fá-lo o mais depressa possível.

Fiquei outra vez perplexa. O que queriam dizer aquelas palavras? Mudar de clima? Ou instalar um ar condicionado ou um ionizador no quarto? Ou seria autoenvenenamento do organismo e haveria algum modo de extrair o ar do doente?

— Refere-se ao clima? — esclareci, achando que essa hipótese era a mais realista.

— Sim.

Foi a primeira vez que pensei que, para os estrangeiros que não sabem búlgaro, metade das palavras se perde, traduzir Vanga é muito difícil, até os compatriotas por vezes não a compreendem. Adiantando-me, direi que, claro, segui o conselho dela e levei o doente para o campo perto de Moscovo. Veio a cura — depois de muitos anos de hospitais, peregrinações, desespero. Tão simples e tão decisivo. Se cada um pudesse, num momento crítico, encontrar uma conselheira assim insubstituível e milagrosa! Uma conselheira que não se engana. Note-se que levar uma

pessoa doente não para um sanatório, mas para muitos meses de residência, não é nada fácil. Por falta de outro lugar, instalámo-nos no nosso terreno de jardim, numa casinha minúscula — cheia de frestas, sem quaisquer comodidades. Dir-se-ia que nessas condições até uma pessoa saudável adoeceria. Mas veio a cura. Vanga sabia do que falava. Penso que os conselhos dela não têm preço, são inestimáveis.

— Voltarás para junto da tua mãe, mas isso só acontecerá daqui a muito tempo e apenas se a tua mãe o desejar muito — disse-me a vidente.

Na altura essas palavras não me impressionaram. Lembrei-me delas dez anos depois, quando, por circunstâncias imprevistas, me vi temporariamente «sem abrigo». Fui riscada da casa dos meus pais por «longa estadia em casa do marido», como formulara, e só graças aos grandes esforços da minha mãe consegui recuperar o teto familiar.

— Mudarás de profissão, nela terás reconhecimento público, mas com grande atraso. Sofrerás com calúnias, mas encontrarás protetores influentes.

Na altura, com vinte e quatro anos, previsões tão longínquas e vagas pareceram-me utopia.

— Mudarás de profissão daqui a dois anos — precisou Vanga.

E aí também não acreditei. Era engenheira de aviação; na altura quase não havia mulheres aviadoras e ainda hoje são raras. Naturalmente sentia algum orgulho em mim mesma, tanto mais que terminara o instituto em regime noturno. E embora venha de uma dinastia de aviação, estudar ao mesmo tempo que trabalhava na fábrica como montadora de rádio não me foi fácil. Por isso não tencionava de modo algum mudar de profissão. Não duvidava de que Vanga se enganara…

Dois anos depois senti-me incrivelmente feliz por me terem aceitado num editorial como editora júnior. Depois do meu salário quase astronómico, os setenta e quatro rublos que me pagavam no novo cargo eram uma miséria. Mas isso não me incomodava; estava cheia de entusiasmo e planos criativos. Foi assim que começou a minha vida literária. De resto, todas as previsões de Vanga se cumpriram sem exceção, mas o seu cumprimento estendeu-se por toda a vida. O milagre começou simplesmente: Vanga pediu-me torrões de açúcar que tivessem passado a noite debaixo da minha almofada. Sobre esse açúcar sabem todos os que

vão ter com ela. O açúcar é uma coisa tão prosaica, embora provavelmente desempenhe o mesmo papel que os cristais mágicos ou as bolas de cristal, tão misteriosas na parafernália dos magos…

Passando os dedos pelos torrões, Vanga perguntou:

— Quem é Alexander?

— Era o nome do meu irmão. Aos dezasseis anos incompletos foi voluntário para a frente e morreu no início da guerra.

— Ele está aqui — pegou na bengala encostada à mesa, bateu com ela no chão —, pergunta por ti… — e começou a enumerar os nomes dos meus familiares. Falava sem se enganar, mencionando apenas os vivos. Mas logo notei que o fantasma do meu irmão, que eu naturalmente não via e com quem só podia falar através de Vanga, perguntava por pessoas nascidas antes de 41, ou seja, antes da morte dele. Eu respondia qualquer coisa, mas aparentemente não dizia o que era preciso, porque Vanga começou a falar por mim: — Lembram-se de ti, gostam de ti. Em tua honra chamaram Alexander ao teu irmão mais novo. Não o conheces, nasceu depois da guerra.

Depois o rosto de Vanga pareceu tenso, o que raramente acontecia.

— Pergunta por Maria. Quem é Maria?

— Não sei.

— Pergunta por Maria — repetiu com ênfase.

Fiquei atrapalhada. Não conhecia nenhuma Maria. A árvore genealógica da minha família é-me bem conhecida; consigo seguir o destino de pelo menos cinco gerações e Vanga normalmente não vai além dos avós. Pelo lado do pai pertenço a uma antiga linhagem camponesa de Tver. Sei até que a aldeia natal do meu pai surgiu há muitos séculos, quando camponeses de Novgorod, pressionados pelos mongóis, fugindo para o interior do país, encontraram nova pátria nas terras de Tver. A raiz camponesa do lado paterno nunca mais se deslocou dali ao longo dos séculos.

Pelo lado da mãe pertenço à quinta geração da intelectualidade russa; entre os meus antepassados havia personalidades notáveis e amplamente conhecidas. E, por estranho que pareça, nenhuma das minhas avós ou

bisavós se chamava Maria, nome simples e muito comum. Adiantando-me outra vez, direi que a palavra deixada cair por Vanga me levou a procurar essa misteriosa Maria. Mais ainda: como resultado dessas buscas escrevi uma novela sobre o meu irmão Alexander que morreu e sobre os antepassados camponeses. Tive de consultar os arquivos familiares. Entre documentos amarelados encontrei a certidão de nascimento do meu irmão mais velho.

E soube que tínhamos o mesmo pai e mães diferentes. O Sasha vivia com os meus pais, era amado, depositavam nele grandes esperanças, era um rapaz talentoso. A mãe considerava-o seu filho e ainda hoje não aprova que eu tenha desenterrado o segredo familiar e até o tornado público. E, no entanto, a mãe biológica do meu irmão mais velho era a camponesa de Tver chamada Maria, primeira mulher do meu pai. Assim, o que os pais nos escondiam, a nós filhos, foi-me revelado pelas capacidades extraordinárias de Vanga.

— Está aqui o Nikolai, quem é ele? — a voz dela tirou-me dos meus pensamentos.

E aí lembrei-me de que os familiares, ao saberem para onde e a quem eu ia, me pediram que descobrisse o destino do tio Nikolai, irmão da mãe, oficial de carreira, homem de raro coragem e autocontrolo. Foram precisamente essas qualidades que levaram os familiares a duvidar da notícia de que desaparecera na guerra sem deixar rasto. Pessoas assim são as primeiras a ir para o ataque e as primeiras a receber o impacto. Essas não desaparecem sem deixar rasto. Tornara-se militar por vocação. Comecei a explicar tudo isso, mas era desnecessário.

— Morreu perto de Leninegrado em 43. — Soava verosímil, mas a vidente não deu quaisquer indicações concretas — onde exatamente estava sepultado, se havia sepultura.

Quinze anos depois, a mãe recebeu de Leninegrado um documento do qual constava que o irmão dela, fulano de tal, caíra heroicamente perto de Leninegrado em 1943 e estava sepultado numa vala comum junto à estação de Mga. No obelisco o nome dele estava gravado a ouro. Conservara-se também o medalhão militar com os dados. A sepultura foi localizada por ocasião do 40.º aniversário da Grande Vitória. Mas na altura o que

impressionou foi outra coisa: Vanga começou a nomear os familiares próximos do morto — a viúva, os filhos.

— Pergunta por Tatiana, por Yuri, por Lyudmila…

— Infelizmente não sei nada deles, vivem no Ártico, só conheço os nomes…

— O Yuri foi operado há pouco tempo, correu tudo bem. O teu filho tornou-se oficial de carreira, como tu. Nasceu-te um neto, ele também será militar quando crescer. E o filho dele também…

Vanga parecia ter-se esquecido de mim. Desnecessário dizer que mais tarde verifiquei as suas palavras; correspondiam plenamente à realidade. O netinho do oficial morto cresceu, tornou-se tenente. Tem um filho que está a crescer, um miúdo rosado e simpático. Não duvido de que também ele será militar. O meu tio tornou-se o fundador de uma dinastia militar.

Mas voltemos àqueles minutos que passei com Vanga. A vidente começou a falar dos acontecimentos na vida da família órfã. Essa informação era-me desconhecida. Parecia que entrara num círculo mágico de feitiçaria.

— Queres falar com o teu pai? — perguntou de repente Vanga. Dessa vez não bateu com a bengala no chão, apontou para qualquer coisa atrás de mim. — Ele está atrás de ti.

Não sei se foi pelas palavras dela ou pela minha fé agora incondicional nas suas palavras e capacidades, mas de repente senti um frio nas costas. Talvez simplesmente me tivesse corrido um suor frio.

— De quê morreu? Vejo eu própria, sofreu um golpe… Há seis meses… — A dor ainda era muito recente. Eu estimava muito o meu pai. Mas de repente cresceu em mim um sentimento de protesto, uma resistência interior. Fora ela, Vanga, quem um furacão levantara, fizera voar sobre a terra, cegara com um relâmpago, atirara ao chão, após o que adquirira o seu dom extraordinário. Fora ela que não o compreendera logo. Era ela que comunicava com as almas dos mortos, encontrava extraterrestres, ouvia vozes proféticas. E eu era viva, terrena, comum, tinha pavor de tudo o que era misterioso e incompreensível. Tudo isso não era para mim, não se pode entrar nesse mundo desconhecido e talvez perigoso!

— Não fales dos mortos — consegui dizer, petrificada de medo.

Então Vanga reparou no meu estado, compreendeu que eu estava morta de medo.

— Mas tu és russa? — ouvi a pergunta espantada.

— Russa, simplesmente falo bem búlgaro.

— Vives em Moscovo? Tens uma casa de campo perto de Moscovo.

— Em Moscovo, mas não tenho casa de campo.

— Tens um imot, bem pequeno…

A palavra «imot» significa em búlgaro algo que é propriedade de raiz e se transmite por herança. A nossa família não possuía nada disso; o tema pareceu-me desinteressante, mas Vanga parecia ter topado com uma barreira invisível. Via-se que estava a trabalhar intensamente, a apalpar fios que só ela via. Fazia novas perguntas, abanava a cabeça. E de repente compreendi:

— No nosso terreno de jardim temos uma casinha minúscula — mais um galinheiro, um barracão do que habitação.

— É isso! — suspirou aliviada a minha interlocutora, e a conversa passou para temas correntes — o que se planta perto de Moscovo, se crescem lá tomates, uvas, pêssegos, se é possível comprar terra. Agora era uma simples mulher do campo, curiosa e ingénua. Literalmente bombardeou-me com perguntas. A conversa prolongou-se. Fiquei quase uma hora com ela. Não ficou satisfeita com os conselhos que me dera. Ao despedir-se, deu-me um papelinho com um rabisco qualquer. Carimbaram-no na portaria. Tornei-me portadora de um passe individual para ela. Quando saí para o pátio, os que esperavam perguntaram-me com inveja e curiosidade o que ela dissera. Não me apetecia responder, despachei-os com generalidades.

— Ninguém fica tanto tempo com ela — exclamou uma velhinha. — Esteve com ela quarenta e sete minutos!

Senti-me incomodada por talvez ter ocupado o tempo de alguém, embora pouco dependesse de mim. Interromper Vanga ou apressá-la — ninguém jamais se atreveria. E seria possível cometer tal sacrilégio! Afinal, fora um encontro com um milagre!...

CAPÍTULO 5

A CURA POR VANGA

A cura é a ajuda que uma pessoa com capacidades especiais presta a outras pessoas. Essa ajuda refere-se sobretudo a problemas de saúde, mas não se limita a eles.

Em 1775, o médico vienense Mesmer proclamou a descoberta de uma nova força física, até então desconhecida do mundo, que atua misteriosamente sobre toda a natureza e especialmente sobre o ser humano. Essa força foi por ele chamada fluido magnético. Dominando essa força e influenciando-a com a sua vontade, o homem, segundo a convicção de Mesmer, pode provocar muitos fenómenos extraordinários.

As experiências de magnetização e hipnose realizadas depois por Mesmer e pelos seus discípulos revelaram em personalidades facilmente excitáveis algumas capacidades invulgares, como ver dentro do próprio organismo, assim como objetos situados a enorme distância, escrever de olhos fechados, ler os pensamentos secretos do magnetizador, penetrar nos segredos do passado e do futuro, adivinhar doenças próprias e alheias e encontrar remédios curativos contra elas.

Curandeiros que tratam a nível funcional ou em casos de alterações patológicas são conhecidos desde há séculos. Muitos existem ainda hoje entre nós. Alguns atuam perante o público, outros são médicos altamente qualificados que nada dizem sobre a sua capacidade.

Muitos, sendo profissionais de saúde e lidando com doentes, aplicam os seus dons curativos, por vezes sem darem por isso. Enfermeiras e fisioterapeutas, massagistas e técnicos. Alguns têm consciência de que possuem um dom curativo, mas não falam dele.

Deve existir um tipo de energia, ou vibrações, que influencia o estado dos órgãos e tecidos físicos. Um dia será esclarecido o que acontece, por que razão algumas pessoas têm essa capacidade e em que consiste a sua ação concreta sobre o paciente.

As capacidades especiais de que falamos costumam ser chamadas capacidades extrassensoriais. Em certa medida, todos os seres humanos as possuem. Contudo, como acontece com quaisquer capacidades, nalgumas

pessoas são mais desenvolvidas do que noutras. Há pessoas em que estão desenvolvidas em grau muito elevado.

As capacidades extrassensoriais estão insuficientemente estudadas. Não tem nada de estranho.

Em primeiro lugar, também estão insuficientemente estudadas muitas outras propriedades humanas — como, por exemplo, o talento e sobretudo o génio. Isso não diminui a sua importância; pelo contrário.

Em segundo lugar, as capacidades extrassensoriais do homem estão ligadas a propriedades físicas da vida e do universo no seu todo que a ciência ainda não conseguiu fundamentar teoricamente. Muitos factos diversos não cabem nas teorias científicas atuais.

Recordemos que também a medicina, durante muitos séculos, não teve bases científicas suficientes. Mas a ajuda médica era necessária às pessoas e a arte de curar existiu sempre e em toda a parte.

Parte dessa arte foi desde sempre a cura. O desenvolvimento da ciência médica levou ao surgimento de fronteiras entre a medicina cientificamente fundamentada (no quadro do estado atual da ciência) e a medicina misteriosa, que passaram a chamar popular, não tradicional, etc. Pode chamar-se-lhe também medicina complementar.

A ARTE CURATIVA DE VANGA

Vanga tratava as pessoas com água «carregada» muito antes dos amplamente publicitários programas televisivos de «milagres e curas» em massa.

O tema da saúde humana, do diagnóstico e do tratamento de diversas doenças ocupava grande lugar na atividade de Vanga. Convém notar que Vanga nunca contradisse a medicina oficial e reconhecia os seus êxitos em todas as áreas. Nesse sentido, as diversas recomendações que dava ajudavam mais do que negavam os métodos tradicionais de tratamento. Mas advertia que o excesso de medicamentos é prejudicial, porque «fecham a porta por onde entra a natureza com a ajuda das ervas e restabelece o equilíbrio perturbado no organismo humano doente».

Z. M., médica da Rússia que se encontrou com Vanga, testemunha que esta lhe falou de curandeiros da mais remota antiguidade, dos seus métodos de tratamento e entrou em contacto com eles. A visitante ficou

extremamente espantada e perguntava a si própria e aos outros: «Como é possível, donde sabe ela os nomes de curandeiros mortos há tanto tempo?»

A irmã de Vanga, Lyubka, recorda:

«… Muitas vezes eu e Vanga fazemos “aulas de botânica”. Levo-a pelos prados em Rupite e ouço-a; ela, como professora, explica-me pacientemente. Não sei o que e como “vê”, mas às vezes até aponta com o dedo para onde devo olhar.

“Sabes que ervinha é esta?” “Sei”, digo eu.

“Os frutos desta planta são um ótimo alimento para crianças anémicas. E se alguém trouxer esta planta grande de folhas triplas, terá pesadelos a noite toda, sobretudo se estiver florida. Toda a gente o diz! As flores são como sininhos e foi trazida de um país onde há revoltas e agitação constantes. Agora sinto o cheiro do aipo-bravo — é um bom remédio para o reumatismo. A salada dele devia estar em todas as mesas. A menta é boa para o estômago. E a erva que cresce na margem do canal é um remédio maravilhoso para crianças que urinam na cama. E esta ervinha em que pisámos cura feridas que cicatrizam mal… As plantas falam comigo, mas são tantas que mal consigo lembrar-me de tudo…”»

Vanga considerava que quase todas as doenças podem ser tratadas com ervas. Afirmava que a Bulgária é um país abençoado porque na sua terra crescem muitas plantas medicinais.

No tratamento com ervas recomendava insistentemente que as pessoas se banhassem com os caldos, porque é assim que melhor atuam, penetrando através da pele.

Alegava-se com as descobertas na área da medicina e considerava útil a recém-descoberta acupuntura. Mas eis o que disse a um médico que a visitou e se dedicava ao tratamento com agulhas:

«… O tratamento com agulhas está certo, mas, para ter sucesso, é preciso trabalhar não com agulhas metálicas, mas de barro, como faziam na antiguidade. É preciso aquecê-las no fogo, não com eletricidade, porque no corpo humano há eletricidade, assim a aumentam e isso perturba a ação correta das agulhas em determinados pontos do corpo…»

O médico objetou que isso seria um regresso, mas Vanga respondeu-lhe:

— Sim, tudo volta para trás, olha à tua volta!

…Quantas vezes uma única dor, uma única grande desgraça quebra o ser humano, quando as pernas cedem e todo o mundo branco escurece. Uma mulher búlgara idosa tinha a coragem e a força de viver, como se fossem suas, milhares e milhares de desgraças e infortúnios humanos, perdas irrecuperáveis e tragédias futuras.

Para tal proeza a toda a hora são necessárias uma bondade e uma paciência sobre-humanas.

O rosto de Vanga iluminava-se com uma luz profunda e fascinante quando transmitia boas notícias. Mas as rugas tornavam-se mais profundas e os lábios apertavam-se mais depois de notícias amargas.

O sobrinho de Vanga, Dimitar Gaigurov, recorda casos bastante curiosos relacionados com os métodos de cura dela:

«… Uma vez, já tarde da noite, veio ter connosco o meu amigo B. N., da aldeia de Kalarova. Foram os irmãos que o trouxeram. O meu amigo enlouquecera de repente: pegara num machado para matar os familiares. Era muito forte e violento, por isso os irmãos amarraram-no com uma corda. Estava completamente irreconhecível. Fui acordar a tia e perguntei o que deviam fazer. Ela disse: "Comprem um cântaro de barro novo, encham-no de água do rio contra a corrente e deitem essa água do cântaro sobre o doente três vezes. Depois atirem o cântaro por cima do ombro, deixem-no partir-se e não olhem para trás!"

Pensei propor aos conhecidos que adiassem o tratamento para a manhã seguinte, mas, vendo que a situação era desesperada, fui — não havia remédio! — acordar o oleiro que morava perto. O homem, embora espantado com a visita noturna, deu-me o vaso necessário.

O rio em Petrich passa no centro da cidade e a nossa casa ficava na margem alta. Saímos, descemos ao rio e fizemos exatamente o que a tia dissera. Graças a Deus era tarde, porque o nosso "ritual" teria parecido suspeito a qualquer um. Mas o mais importante foi que, depois de o molharem, o meu amigo voltou a si, dormiu a noite toda e de manhã acordou normal.

Uma vez veio ter com Vanga um jovem operador de escavadora. Arranhara o joelho enquanto drenavam um pântano. Depois disso a perna

começou a inchar, a supurar e os médicos disseram que era preciso amputar. Mas a tia aconselhou outra coisa: encontrar uma rã, se possível no mesmo sítio onde ele se ferira, tirar-lhe a pele e colar essa pele no lugar doente. O homem seguiu o conselho da tia, depois dormiu profundamente dois dias seguidos, embora antes não conseguisse dormir e tomasse dose dupla de sonífero. Quando acordou, a ligadura caíra e nela estava um núcleo branco de pus (como de um furúnculo) com cerca de 10 centímetros. Uma semana depois a ferida cicatrizara e a perna estava salva.

Fiquei espantado com um medicamento desses, mas mais tarde li numa revista científica dedicada ao estudo da natureza que na pele da rã foram descobertas substâncias que, mesmo se a rã for mordida pela serpente mais venenosa, a impedem de morrer do veneno, porque essas substâncias o neutralizam.

Uma vez senti uma dor aguda no ombro esquerdo que muitas vezes não me deixava dormir à noite. Fui ao médico, que explicou que eu tinha um esporão e que o tratamento seria longo e doloroso.

Então pedi ajuda à tia. Ela aconselhou-me a comprar dois pacotes de tomilho, triturá-lo até fazer pó e misturar com 50 gramas de vinagre de maçã. Depois espalhar a mistura num pedaço de lã e aplicar no lugar doloroso três noites seguidas. Com esse tratamento as dores passaram.

O meu amigo de Petrich sofria da mesma dor, mas a Vanga deu-lhe outro remédio: molhar um pedaço de lã em gasolina, aplicar no lugar doloroso e cobrir com um prato de cobre muito quente — até ser difícil suportar — e fazer três sessões. E as dores dele também passaram.

A M. T., de Petrich, apareceu uma verruga na mão que a atrapalhava no trabalho e um dia, sem pensar, arrancou-a. Uma semana depois as verrugas espalharam-se por todo o corpo. A tia aconselhou-a a encontrar a planta esporinha, triturá-la até fazer pó, polvilhar e esfregar na primeira verruga. Depois disso, todas as verrugas desapareceram.

O K. S., de Ruse, tinha um filho com asma e eram obrigados a viver em Sandanski. Quando perguntou a Vanga como tratar a criança, ela aconselhou-o a colher 40 folhas de tanchagem-maior e, depois de secas, trazê-las com meio litro de rakia. Depois de segurar as folhas nas mãos, Vanga mandou o pai molhá-las na rakia e aplicá-las no peito da criança. Depois dessa terapia, os ataques cessaram.

O B. sofrera durante anos de hemorroidas e não conseguia curar-se. Vanga mandou-o encontrar folhas de visgo-branco que cresce em pinheiros (é uma interessante planta parasita cujas sementes se colam à casca de várias árvores e só assim se desenvolvem; se caírem no chão, morrem). Depois devia fazer lascas dos ramos, pô-las de molho numa chávena de água e beber o líquido de manhã. As hemorroidas passaram.

O A. N., de Sandanski, curou-se de diabetes em fase inicial com o remédio de Vanga: vagens de feijão maduro (trouxera-lhe cerca de três quilos). Ela segurou-as pouco tempo nas mãos e depois mandou cozê-las e beber o caldo em jejum todas as manhãs, uma chávena de chá…»

A irmã mais nova de Vanga, Lyubka, recorda: «Quando éramos pequenas e tínhamos malária, Vanga tratava-nos assim: punha ao sol um recipiente de esmalte limpo com um ovo de galinha fresco e 200 gramas de vinagre de vinho puro. Na manhã seguinte a casca do ovo dissolvia-se. Então Vanga batia bem a mistura e dava-nos a beber em jejum.

A quem se envenenasse com peixe, Vanga aconselhava diluir num copo de água uma colher de sopa de mástika (aguardente de anis) e beber imediatamente. Uma vez envenenei-me eu própria: comi carpa recheada e senti-me muito mal. Passei a noite a vomitar e de manhã desmaiei nas escadas. Vanga exigiu que me dessem aguardente de anis — senão morreria. Cinco minutos depois já me sentia melhor e pouco a pouco recuperei completamente.»

Há milhares de exemplos que provam as capacidades excecionais de Vanga como curandeira. Cabe aos especialistas avaliar a sua perícia e esclarecer se há um fundo racional nos seus conselhos e recomendações. Os casos acima são apenas uma fraca ilustração da sua atividade multíplice.

Muitas vezes perguntaram a Vanga o que deve o homem fazer para conservar a saúde:

«… É muito simples. Não tenho receitas especiais e qualquer um de nós sabe o que não deve fazer. Antes de mais, não comer em excesso; os alimentos já estão piores por causa da quantidade de adubos e, além disso, todos os órgãos do corpo humano sofrem com o excesso de comida. Se precisássemos de comer tanto, a natureza ter-nos-ia dado dois estômagos e não um, não é verdade?..»

O mais importante do que foi dito é compreender não O QUE É PRECISO FAZER, mas O QUE NÃO SE DEVE FAZER, seguindo o princípio de Vanga — NÃO FAÇAS MAL!

Vanga sublinhava especialmente a importância do centeio na alimentação humana, dizendo aos responsáveis agrícolas:

«… É preciso semear muito centeio; as pessoas devem comer pão de centeio para conservar a saúde e sobreviver. Nos nossos tempos o centeio tem grande importância.»

Além disso, é preciso beber mais chá de ervas. Reduzir a quantidade de gorduras na comida. Quem está saudável deve ir reduzindo gradualmente a proporção de pratos de carne e, de preferência, deixar completamente a carne. Pelo menos uma vez por semana deve comer-se centeio cozido e beber água pura. Não fumar! O tabaco é um assassino. Age com certeza e mata a sangue-frio. Antes das refeições pode beber-se no máximo 20-30 gramas de rakia (para desinfetar).

É preciso mexer-se mais e trabalhar. Deitar cedo — às 22 horas — e levantar cedo — às 5-6 horas. É precisamente nessas horas que o corpo e o cérebro descansam melhor, os nervos acalmam, a tensão muscular diminui.

A limpeza deve elevar-se a culto. Não se deve lavar com água muito quente; o melhor é sabão caseiro.

No fundo, nestes conselhos não há nada de novo, mas cumpri-los torna-se cada vez mais difícil: falta-nos a todos ÁGUA verdadeiramente PURA, alimentos verdadeiramente PUROS, ar verdadeiramente PURO…

Desde tempos imemoriais que na Bulgária se utilizam ervas medicinais para tratar diversas doenças. A memória popular conservou muitos nomes de famosos ervanários, curandeiros e feiticeiros, entrelaçando-os habilmente nas suas canções, lendas e tradições, pois sempre infundiram esperança em todos — tanto nos que ardentemente desejavam curar-se de doenças traiçoeiras como nos consumidos por um amor não correspondido. Havia poção para cada maleita, porque a Bulgária é uma terra abençoada e cada canto dela abunda em plantas curativas.

Milhares de pessoas conhecem o talento da vidente curandeira Vanga. Dela sabem todos os que sentiram o seu amor e puderam constatar com os próprios olhos o seu enorme desejo de servir o bem e a saúde humana. A

sua popularidade é enorme também porque todos os fitoreceituários que propunha têm várias propriedades excecionais.

Antes de mais, após a sua aplicação o efeito positivo de cura surge muito rapidamente. Além disso, todas as ervas e meios naturais que indicava são dádivas da nossa terra. Vanga considerava que cada pessoa deve tratar-se apenas com as ervas que crescem nos lugares onde vive, porque tanto as pessoas como as ervas existem na natureza em harmoniosa unidade. Vanga nunca propôs para tratamento plantas exóticas.

Outra propriedade importante é que todos os seus medicamentos são muito simples de preparar e, além disso, estão ao nosso redor. Não há proporções muito rígidas na dosagem dos diversos meios. Muita coisa se faz a olho, de acordo com o sentimento interior da pessoa que prepara o caldo curativo. Por isso os pacientes de Vanga não são apenas doentes; são eles próprios criadores do processo do seu próprio restabelecimento. São infundados os receios dos doentes de que possam fazer algo errado, porque as ervas, quando usadas com bom senso, são geralmente inofensivas e, ao darem-nos os seus sucos vitais, dotam-nos da capacidade de vencer a doença e de conservar por muito tempo vigor e espírito saudável.

A seguir falaremos dos receitas e remédios curativos de Vanga recolhidos e cuidadosamente estudados pelos seus seguidores.

VANGA E O TRATAMENTO COM ARGILA

A argila é radioativa porque está cheia de magnetismo solar. Compõe-se de muitíssimos minerais de que o nosso organismo necessita e, além disso, possui a maravilhosa capacidade de eliminar as nossas maleitas. Ao passar por todo o trato gastrointestinal — da boca através do estômago até ao intestino —, a argila dá força e vida a todo o organismo. As partículas radioativas da argila estimulam a mucosa do estômago e do intestino e ativam assim a sua função digestiva. A argila renova todas as células enfraquecidas, fornece ao organismo microelementos e sais minerais (cálcio, ferro, magnésio, potássio, sílica, etc.) na forma mais assimilável. A argila fornece exatamente os sais minerais que nos faltam, fornecendo-os em doses perfeitamente adequadas ao nosso corpo. Além disso, absorve todos os tóxicos, venenos, gases putrefatos, ácido em excesso e elimina-os do organismo, purificando-o completamente.

Como já foi dito, a argila fornece ao organismo sais minerais. Isso está cientificamente comprovado: na análise das fezes de uma pessoa que tomou argila, verificou-se a ausência desses sais minerais na argila. Isso indica claramente que foram absorvidos pelo organismo. São vitais porque o organismo utiliza-os na formação de novos tecidos, ossos, dentes, sangue, sendo por isso necessários às crianças em fase de crescimento; não se deve privá-las de beber água com argila.

Todas as pessoas anémicas, com doenças linfáticas ou carência de sais minerais, amas de leite e mulheres que amamentam devem beber constantemente esta água.

A gota, a arteriosclerose, a diabetes, doenças da pele, do sangue, do fígado, da vesícula biliar, dos rins e muitas outras devem ser tratadas tomando argila internamente.

Nas pessoas anémicas ocorreu uma desmineralização celular, por isso não têm forças.

Após oito dias de tratamento com argila pode constatar-se que a quantidade de glóbulos vermelhos (eritrócitos) nesses doentes aumenta e a cor do rosto melhora. Pode verificar-se com análises de sangue antes e depois da toma de argila. Os glóbulos vermelhos encontram na argila nova energia que os ajuda a fortalecer-se e a renovar-se, participando depois na reconstrução dos tecidos.

Como resultado do tratamento, melhora a função dos rins, do fígado e da vesícula biliar, produzindo-se gradualmente a sua cura.

Como a argila estimula o trabalho da mucosa do trato digestivo e regula a função intestinal, o seu uso dá um excelente efeito nas doenças do trato digestivo. As doenças do estômago e dos intestinos podem ser curadas ingerindo argila.

Todas as pessoas estão doentes em maior ou menor grau, os seus organismos estão cheios de toxinas. Isso aplica-se a todos: tanto aos habitantes das aldeias como, especialmente, aos citadinos. Por isso, a toma de pó de argila internamente é necessária para todos. Ele limpa o corpo, protege-nos das doenças e dá-nos uma fonte de nova energia. Em todo o caso, podem obter provas da sua ação desinfetante, dissolvente e purificadora: já após as primeiras colheradas ingeridas, a urina tornar-se-á

mais turva e as fezes mais escuras. Isso significa que a argila trabalhou bem dentro de vós e está a expulsar as toxinas acumuladas no organismo. Se continuarem a tomar argila, gradualmente tudo voltará ao normal: a urina adquirirá uma cor âmbar e as fezes uma cor amarelo-escura natural. Não terão cheiro, pois a argila absorverá os gases tóxicos.

Por vezes, no início do tratamento, pode parecer que a doença se agravou e que se sentem pior. Mas não é assim. A argila atrai as toxinas, expulsa-as do organismo e contribui para a recuperação. O tratamento com argila é útil para as mulheres durante a gravidez e a amamentação.

Para garantir a esterilização de qualquer bebida, basta adicionar-lhe um pouco de argila. Em caso de epidemia, deve usar-se a argila como meio bactericida.

De modo geral, a doença deve ser vista como uma carência de substâncias radioativas no organismo; a argila dá ao organismo exatamente aquilo de que ele precisa. A argila ingerida internamente é pura e natural, a sujidade não está na argila, mas no organismo do doente.

Clisteres com água de argila

Num recipiente, deite água, coloque 3 a 4 colheres de sopa de argila seca e limpa, exponha ao sol, à luz ou pelo menos ao ar livre. Antes de usar, mexa bem tudo, filtre e deite a mistura de água fria ligeiramente aquecida pelo sol no clister. A duração do tratamento é a mesma que para os clisteres com infusão de sementes de linho. Faça pausas a cada três dias.

Todos os procedimentos indicados utilizam-se sobretudo em caso de obstipação crónica. A experiência dir-vos-á quanta água devem usar: normalmente entre 1 e 2 litros. A prática também indicará qual o clister mais adequado e qual deve ser a duração do tratamento.

Após cada evacuação, beba um copo de água fresca e limpa com adição de limão ou de argila.

Receitas com aplicação de argila

ANGINA. Num copo de água, dissolva uma colher de chá de argila, faça gargarejos com esta solução e beba alguns golos de hora a hora; durante o dia, chupe um pedacinho de argila ou uma rodela de limão.

Faça compressas frias de argila na parte inferior do abdómen e cataplasmas quentes na garganta. Os cataplasmas quentes fazem-se assim: mergulhe uma toalha felpuda de criança em água a ferver, esprema bem e envolva a garganta do doente com a toalha quente. Logo a seguir, faça uma compressa fria de argila à volta do pescoço. Assim, deve alternar cataplasmas quentes e compressas de argila de hora a hora até a temperatura baixar. Também deve fazer compressas de argila na parte inferior do abdómen com a maior frequência possível. Na garganta, pode aplicar compressas em qualquer momento sem qualquer receio.

DIABETES. Os doentes que têm fezes duras, calor interno, sentem sede excessiva, bem como os doentes com cólera, gota, diabetes, certas doenças crónicas, catarro do estômago ou dos intestinos e que tenham temperatura corporal elevada, necessitam de tratamento com água de argila. Todos os doentes devem beber diariamente alguns golos de água de argila, mesmo que não sintam sede.

Encha uma garrafa de vidro branco com água, adicione 4 a 5 colheres de sopa de pó de argila e deixe ao sol o máximo de tempo possível. Agitando de cada vez, beba esta mistura aos poucos de 15 em 15 ou de 30 em 30 minutos durante 2 a 3 dias ou, se necessário, mais tempo. Beba em pequenos golos, retendo previamente na boca.

ESPORÕES. Vaporize o pé com compressas quentes ou banho quente, aplique pomada de argila ou bolos de argila durante 20 minutos.

FERIDAS. Em feridas leves, basta aplicar uma compressa de argila, segurando-a com a mão durante algum tempo para que adira bem. O mesmo se aplica a picadas de insetos. Em caso de feridas graves e grande perda de sangue, aplique uma camada muito espessa de argila diretamente no local lesado. É melhor polvilhar primeiro a ferida com pó de argila seco e depois aplicar a compressa, pressionando bem. Se a ferida sangrar, aplique a compressa com firmeza para evitar perda de sangue. Se houver receio de que tenha ficado algum corpo estranho na ferida, não se preocupe muito em retirá-lo, porque a própria argila o fará. Verificarão que é assim quando virem o corpo estranho na compressa após algumas aplicações.

ENTORSE. Em caso de entorse de tendões, é útil aplicar no local inchado um emplastro de argila amarela diluída em vinagre. Se não houver

argila, aplique uma compressa quente de leite, que deve ser trocada assim que arrefecer.

DORES DE CABEÇA. Há grande quantidade de sumos quentes de limão. Deve aplicar compressas de argila na nuca e na testa. Tomar duas vezes por dia um banho de assento.

Pegue num torrão de argila, demolhe em água, mexa com uma vareta até obter a consistência de pomada e adicione um pouco de vinagre. Aplique esta pomada nas plantas dos pés para desviar o excesso de sangue mau da cabeça. Após aplicar a pomada, envolva os pés num pano e calce meias quentes. Mantenha a pomada durante uma hora.

ERISIPELA. Com jejum completo, a erisipela desaparece totalmente em 3 dias. A inflamação erisipelatosa no rosto pode ser bem polvilhada com uma mistura de giz puro triturado e amido de arroz, ambos peneirados. Por cima do pó, coloque papel de compressa.

Aplique na erisipela, num pano, uma mistura de pó de argila seca e pó de tijolo triturado (1:1) quatro vezes por dia.

Pegue em pó de giz seco e de tijolo com pó de flores de camomila e folhas de sálvia e ate ao local afetado. Troque esta ligadura quatro vezes por dia.

De manhã, antes do nascer do sol, polvilhe a erisipela com giz puro finamente ralado. Por cima, coloque um pano de lã vermelho puro e faça uma ligadura. Repita o procedimento durante vários dias, de manhã, antes do nascer do sol.

A argila deve ser sempre usada apenas fria, sem aquecer, porque tem de ser aplicada num local inflamado e, portanto, quente. A vitalidade do doente apenas aumenta com o contacto com a argila fresca. Se o doente estiver enfraquecido e com frio, deve ajudá-lo a aquecer-se com bolsas de água quente. Mas nunca aqueça a argila, lembrando que, ao fazê-lo, ela perde as propriedades curativas.

No entanto, em alguns casos, quando o doente sente arrepios internos ou não tolera o frio, por exemplo em dores reumáticas ou nevrálgicas, deve aplicar-se compressas de água quente simples antes das compressas de argila. Depois de o corpo aquecer, apliquem-se as compressas de argila.

Se o corpo não tiver calor natural suficiente, como costuma acontecer em idosos ou doentes muito anémicos, ou se o doente for propenso a constipações, pode substituir-se as compressas de argila por banhos.

Banhos com água de argila

Os banhos parciais são muito úteis. Deve manter-se a parte superior dos braços, as plantas dos pés ou os braços completamente num recipiente cheio de solução muito líquida de argila durante cerca de 20 minutos. Esta solução pode ser usada 2 ou 3 vezes.

Quanto aos banhos completos, Just (Adolf Just – um dos maiores divulgadores deste método, que mais tarde se tornou curandeiro) dá as seguintes recomendações: «Na terra, faça-se um buraco redondo bastante grande. Encha-o de água e boa argila. Mexa bem a argila com a água para obter uma massa líquida clara e coloque aí o doente, despido até ficar apenas a cabeça de fora.» Evidentemente, ao ar livre, este banho só pode ser feito em tempo quente.

Em tempo fresco, façam-se os banhos em água morna, sem renovar a argila 6 a 7 vezes (duas vezes por semana). Após o banho, deite-se o doente na cama, cubra-o bem e dê-lhe a beber uma infusão quente de ervas. Estes banhos são especialmente úteis para tratar a parte inferior do abdómen, os rins, as coxas e as pernas. A duração do banho varia de 30 minutos a 1 hora, dependendo do caso concreto e da tolerância do doente.

Fricções com argila

As fricções também podem ser feitas com água de argila. Lave bem as mãos, embeba um grande algodão na solução e friccione o local doloroso. No tratamento de reumatismo, artrite, paralisia nervosa ou anquilose, para reforçar o efeito das fricções, deve adicionar-se à água de argila 2 a 3 dentes de alho esmagados. Na tuberculose, friccione o peito e a garganta com esta mistura 2 a 3 vezes por dia.

Envolvimentos ou ligaduras

Quando for difícil aplicar uma compressa (olhos, ouvidos, etc.), podem fazer-se envolvimentos. Para isso, pegue num pano embebido em massa de argila semilíquida, aplique na parte doente do corpo e cubra com um cobertor de lã. O pano embebido em massa de argila deve ser trocado

com frequência. Usem estes procedimentos também quando precisarem de submeter uma grande superfície da pele à ação da argila.

Alguns curandeiros aconselham usar pequenas ligaduras de mistura de glicerina com argila (2:1).

A argila pode ser usada no tratamento de doenças agudas e crónicas, úlceras, queimaduras, feridas, fraturas, em qualquer idade e sem qualquer receio, pois não provoca danos.

Em tumores, úlceras com abcessos, locais afetados por eczema e outras doenças de pele, a argila pode ser aplicada diretamente sem pano, sem receio de qualquer infeção, pois possui propriedades antibacterianas muito pronunciadas.

Procure remover a argila antes que seque completamente, depois lave o local afetado e continue a fazer compressas até à cura total. Não se preocupe se a úlcera não fechar imediatamente: a argila tem de absorver, retirar através da úlcera as toxinas, os líquidos nocivos e a sujidade de todo o organismo. É preciso compreender isto e não se surpreender se, em alguns casos, a úlcera até aumentar inicialmente. Só após a limpeza completa do organismo é que cicatrizará.

Aplicação interna de argila

Para uso interno, deve usar-se argila pura, gorda, lisa, sem areia nem impurezas estranhas. É preferível usar argila extraída num único bloco inteiro. Partir o bloco, quebrá-lo em pedaços pequenos que, por sua vez, se trituram em pó o mais fino possível com uma garrafa ou um almofariz. Quanto mais fina for a argila moída, mais acessível será aos raios solares, mais raios absorverá e mais se enriquecerá com carga radioativa. Depois, peneire o pó para eliminar impurezas desnecessárias. Exponha o pó limpo e pronto ao sol. A argila está pronta a usar.

Como tomar argila

Dissolva o pó de argila em pequena quantidade de água. Em seguida, beba tudo de uma vez – tanto a água como a argila – em golos, mas não de um trago. Se ficar um pouco de pó de argila no fundo do copo, pode adicionar-se mais água e beber.

O pó de argila diluído em água fria deve tomar-se apenas antes das refeições.

Se o doente preferir tomar o pó com outra bebida, é desejável fazê-lo com infusão de menta ou outra erva medicinal, mas sem açúcar. Pode adicionar-se uma pequena quantidade de mel. Nunca beba argila com leite ou café, muito menos com bebidas quentes ou alcoólicas. O melhor é beber argila com água fria, pode ser com sumo de uva caseiro, pode adicionar-se algumas gotas de sumo de limão à água de argila. Àqueles que preferem tomar o pó em seco, bebendo água a seguir, pode aconselhar-se a colocar na boca um pequeno pedaço de argila, deixar que derreta na boca e depois engolir, bebendo um pouco de água. Procedendo assim, fortalecerão os dentes e melhorarão a digestão.

O consumo interno de argila tem um efeito benéfico na eliminação de escórias.

Que quantidade de argila tomar

É necessário regular a quantidade de argila ingerida em função das necessidades do organismo. A argila não causa danos, mas em alguns casos pode provocar reações desagradáveis. Com estômago fraco, comece por beber água com pequena quantidade de argila, ou seja, não use logo soluções espessas. Mais tarde, após o organismo se habituar, pode tomar-se meia colher de chá e depois uma colher cheia, chegando a duas colheres de uma vez ou em pequenas porções ao longo do dia. Não use colheres metálicas.

A dose normal para um adulto é de duas colheres de chá de pó de argila por dia. Se tomar maior quantidade, será um excesso de nutrição. Pelo contrário, as pessoas que necessitam de boa alimentação e de recuperação da saúde podem tomar até quatro colheres de chá por dia: duas de manhã e duas à noite antes de dormir. O melhor é tomar argila de manhã – logo após acordar e sempre apenas antes das refeições. De manhã não se deve comer muito, sobretudo depois de tomar argila.

O tratamento através da ingestão interna de argila pode por vezes prolongar-se durante vários meses ou mesmo um ano. Ainda assim, é aconselhável fazer pausas periódicas para não habituar o estômago a ela. Por exemplo, tomar argila durante 21 dias e depois fazer uma pausa de nove dias. Evidentemente, cada um deve ajustar a duração do tratamento ao seu estado e às suas necessidades.

Durante a toma interna de argila, evite tomar outros medicamentos e fazer injeções: não faz sentido tomar argila para se libertar de venenos e, ao mesmo tempo, envenenar-se com novos venenos médicos!

Quanto mais frequentemente possível, exponha a argila ao ar e especialmente ao sol: que absorva radiação solar!

Guarde a solução de argila num local seco, em recipiente de vidro ou de barro.

O ARMAZÉM DE PLANTAS DE VANGA

Vamos contar-vos sobre as plantas que Vangelia Dimitrova usava com especial frequência na sua prática de cura.

Carvalho-comum (Quercus dalechampii Ten.)

A casca do carvalho tem ação adstringente (que estanca o sangue), anti-inflamatória e anticética; em grandes quantidades provoca vómitos. Prescrevem-se doses elevadas internamente em casos de catarro do estômago e dos intestinos, diarreias e disenteria. É especialmente preferida a aplicação externa da casca do carvalho em doenças de pele, feridas, pústulas na pele, inchaços devidos a congelamento, pele gretada, transpiração excessiva dos pés, hemorroidas com sangramento, inflamações vaginais (corrimento), para bochechos na inflamação da garganta, amigdalite e mau hálito.

Usa-se internamente sob a forma de infusão: 1 colher de chá de casca triturada deixa-se em repouso em 2 copos de água fria durante 8 horas (dose diária para adultos; não administrar a crianças). Para uso externo prepara-se um decocto (para banhos, compressas, cataplasmas, etc.): ferve-se 500 g de casca triturada em 3-4 litros de água durante meia hora (para banhos, o decocto obtido adiciona-se à restante água da banheira; para outros fins – irrigações, compressas, etc. – dilui-se com igual quantidade de água).

Na medicina popular búlgara recomenda-se o decocto aquoso e, em especial, o decocto com vinho tinto, como bom meio para melhorar a digestão, como hemostático em hemorragias, diarreias, disenteria, menstruações abundantes e inflamação da bexiga. O decocto também se usa em irrigações para gonorreia, corrimento nas mulheres, para fortalecer

as gengivas, em bochechos quando há feridas na boca, em compressas para feridas cortadas, feridas por congelamento e queimaduras.

Amora-silvestre (Rubus fruticosus L.)

As folhas secas contêm cerca de 14 % de taninos, flavonoides, um pouco de vitamina C, ácidos orgânicos e um pouco de inositol. Os frutos frescos usam-se para fortalecer o organismo e enriquecer com vitaminas, que são bastante abundantes na baga; a infusão das folhas tem ação cicatrizante, anti-inflamatória, sudorífica e diurética, traz benefícios a doentes com perturbações do sistema nervoso ou doenças cardíacas; o mel de amora, claro e luminoso, recolhido pelas abelhas das grandes flores brancas, ajuda a livrar-se rapidamente de constipações, acalma a tosse e baixa a febre em doentes com temperatura elevada.

As folhas de amora recomendam-se como adstringente em diarreias, catarro do trato gastrointestinal e hemorragias gástricas. As folhas usam-se sob a forma de infusão aquosa: 4 colheres de chá (cerca de 5 g) de folhas trituradas deitam-se em 2 copos de água a ferver (dose para um dia).

A recolha para o «chá de amora» prepara-se da seguinte maneira: as folhas frescas colocam-se num recipiente fechado até murcharem; depois secam-se ao ar livre. O chá preparado com estas folhas «fermentadas» adquire um aroma e sabor especiais, que recordam o aroma e o sabor do chá chinês.

Linho (Linum usitatissimum L.)

É uma das plantas cultivadas mais antigas conhecidas pelo homem desde tempos imemoriais. No nosso planeta existem cerca de 300 espécies de linho.

As sementes de linho contêm grande quantidade de substâncias proteicas, óleo gordo, mucilagem, bem como ácidos orgânicos, enzimas, vitamina A e glicósidos. Graças à presença destas substâncias, as sementes de linho são usadas há muito na prática médica. Menciona-se o linho em antigos manuscritos do Egito, nos livros de medicina tibetanos, no «Izbornik do grão-príncipe Sviatoslav Iaroslavich» (século XI) e também no «Cânone da ciência médica» de Avicena.

A mucilagem das sementes de linho usa-se internamente como envolvente e emoliente em processos inflamatórios da mucosa do estômago

e dos intestinos, em intoxicações por substâncias irritantes e também como antidiabético.

O óleo de linho usa-se na alimentação dietética de doentes com perturbação do metabolismo dos lípidos e aterosclerose. Dele obtêm-se diversos preparados medicinais usados no tratamento da aterosclerose e da hipertensão arterial, bem como externamente em lesões cutâneas por radiação e queimaduras térmicas.

As sementes de linho inteiras ou trituradas usam-se em obstipação crónica: de manhã e à noite 1 a 3 colheres de chá com água, leite ou compota. As sementes deitam-se num copo de água fria, deixam-se repousar 2-3 horas mexendo frequentemente e a mucilagem obtida bebe-se à noite antes de dormir. A mesma quantidade de sementes pode cozer-se durante algum tempo em 2 copos de água, coar-se e beber-se. Para cataplasmas e compressas, a farinha de semente de linho mistura-se com água quente até obter uma papa líquida que depois se espalha numa camada sobre uma gaze ou pedaço de tecido, aplica-se no local doloroso e envolve-se por cima com um pedaço de tecido de lã.

Atualmente este remédio quase caiu em desuso.

Mãe-e-madrasta (Tussilago farfara L.)

Planta perene, muito comum no território da Rússia. Chama-se assim porque a superfície inferior das folhas, coberta de pelos macios, ao toque no corpo aquece carinhosamente, enquanto a parte superior é dura e fria.

A mãe-e-madrasta é uma excelente planta melífera, famosa pelo seu néctar açucarado e pelo pólen floral. A importância terapêutica deste antigo medicamento sublinha-se também pelo nome latino da planta – «tussilago», derivado da palavra «tussis» – tosse.

Vanga usava a mãe-e-madrasta contra a tosse provocada por inflamação das vias respiratórias superiores ou asma brônquica. A medicina popular utiliza esta planta na composição de chás peitorais, emolientes e sudoríficos. A mãe-e-madrasta aplica-se no tratamento de hidropisia, escrófula, tuberculose pulmonar, hipertensão, malária; usou-se com sucesso em palpitações, perturbações do sistema nervoso, como cicatrizante, para bochechos em estomatites e outros processos inflamatórios.

Aveia (Avena sativa L.)

Há muitas décadas que se usa na medicina popular. A sêmola e a farinha do grão de aveia, que contêm grande quantidade de amido e proteínas, bem como açúcar, gorduras, sais minerais e outras substâncias, usam-se como alimentação dietética; as tinturas, extratos aquosos e outros preparados de palha de aveia recomendam-se como bons estimulantes em insónias, esgotamento mental e fadiga física. Os banhos com decocto de palha de aveia ajudam no reumatismo, gota, ciática e algumas doenças de pele. A palha de aveia usa-se como antidiabético, sudorífico, diurético, carminativo e antipirético.

A aveia é um cereal de primavera cujos grãos normalmente servem para alimento de cavalos e para sêmola. A pátria da aveia cultivada é a Mongólia e o norte da China. Mas já os antigos germanos cultivavam aveia e faziam dela papas.

A força nutritiva e curativa da aveia foi plenamente reconhecida muito mais tarde. Segundo os especialistas, a aveia contribui para a eliminação do excesso de colesterol do organismo. O kissel e o tolokno de aveia eram pratos muito apreciados na Rússia, especialmente para crianças e adultos debilitados por doenças.

Atualmente está comprovado que os flocos de aveia e o tolokno são alimentos saudáveis para todas as idades, produto dietético e meio terapêutico em doenças inflamatórias crónicas.

Para fins terapêuticos usam-se a sêmla, a aveia com casca e a farinha dos grãos, as plantas verdes (colhem-se as pontas dos caules com 20 cm durante a espigagem) e também a palha.

O decocto de aveia usa-se em várias doenças gastrointestinais, especialmente em crianças, e em edemas de origem renal. Para melhorar a dissolução dos sais de cálcio e fósforo, a sêmola de aveia deve demolhar-se em água fria algumas horas antes de preparar o decocto.

Em estados de esgotamento, tuberculose e doenças gastrointestinais, lava-se um copo de aveia 6-8 vezes, depois coze-se em 2 copos de água até evaporar metade. Adicionam-se 2 colheres de sopa de mel e coze-se mais alguns minutos.

O decocto de aveia com mel usa-se em falta de apetite, esgotamento, tireotoxicose (intoxicação devida a perturbação das funções da tiroide) e após doenças infeciosas prolongadas.

Deita-se um copo de aveia ou sêmola de aveia em 1 litro de água fervida e coze-se até obter a consistência de kissel líquido, depois coa-se, adiciona-se ao decocto a mesma quantidade de leite e leva-se novamente a ferver. Após arrefecer, juntam-se os dois decoctos e dissolve-se neles 3 colheres de sopa de mel. Bebe-se a bebida morna, 1 copo 2-3 vezes por dia, como tónico geral.

A bebida com espinheiro-alvar é útil para quem quer reduzir o colesterol e o açúcar no sangue, fortalecer o sistema nervoso e o coração, retardar os processos de envelhecimento do organismo. Mistura-se o sumo de espinheiro-alvar com decocto de flocos de aveia, adiciona-se açúcar (80 g por 1 litro de mistura) e leva-se a ferver. Bebe-se 0,5-1 copo 2-3 vezes por dia.

Deita-se um pacote de «Hércules» em 8 litros de água fervida à temperatura de leite morno. Deixa-se a mistura uma hora à temperatura ambiente. À parte prepara-se uma mistura com: uma colher de sopa de fermento, 2 colheres de chá de açúcar, um copo de água e um copo de farinha. Coloca-se a segunda mistura num local quente até a massa crescer. Depois junta-se a massa ao «Hércules» e deixa-se um dia num local quente.

Passado um dia, côa-se a massa fermentada através de um passador para frascos ou uma panela esmaltada e guarda-se no frigorífico. Todas as manhãs deita-se 1,5-2 copos da mistura numa panela, mexendo leva-se a ferver e distribui-se pelos pratos adicionando manteiga. Toma-se diariamente por via oral durante 3-6 meses (em gastrite crónica, especialmente anacidez, úlcera péptica, enterocolite, colecistite crónica).

Este decocto contribui para melhorar o metabolismo no organismo, está indicado em úlcera péptica e gastrites crónicas independentemente do grau de acidez. É especialmente útil o decocto de aveia quando a doença gastrointestinal é agravada por hepatite crónica ou pancreatite. Deita-se um copo de aveia lavada em 1 litro de água destilada à temperatura ambiente, deixa-se repousar 10-12 horas, depois leva-se a ferver em lume brando e ferve-se 30 minutos com a tampa bem fechada. Envolve-se e deixa-se repousar 12 horas, côa-se. Depois completa-se o volume do decocto até 1

litro com água destilada. Toma-se 20-30 minutos antes das refeições ou entre refeições, 3 vezes por dia, 100-150 ml durante um mês.

Da palha de aveia preparam-se decoctos, chás e infusões que se usam como sudorífico, diurético, antipirético e carminativo (30-40 g de palha cortada por 1 litro de água, deixa-se repousar 2 horas).

Em obesidade, aterosclerose e diabetes mellitus com obesidade está indicada a dieta de descarga com aveia (1-2 vezes por semana). Durante o dia recomenda-se comer sopa ou papa de 200 g de sêmola de aveia e 1-2 copos de chá de decocto de rosa-brava.

Em doenças do trato digestivo e colite hepática prepara-se um decocto de flocos de aveia. Deita-se 100 g de flocos em água quente (2,2—3 l) e, mexendo continuamente, leva-se a ferver. Coze-se em lume brando, mexendo de vez em quando, durante 45 minutos. Passa-se a papa bem cozida por um passador de crina grosso, adiciona-se sal a gosto e, conforme o estado do doente, manteiga.

A infusão de aveia usa-se como colagogo e diurético, regulando os processos metabólicos no miocárdio e no tecido nervoso. Há vários modos de a preparar. Por exemplo, escalda-se um copo de aveia com 1 l de água e reduz-se por evaporação a 1/4 do volume. Toma-se meio copo 3—4 vezes por dia. Segundo modo: os grãos deitam-se em água fria na proporção 1:10, deixam-se repousar durante um dia, coam-se e tomam-se 0,5—1 copo 2—3 vezes por dia antes das refeições.

Para o tratamento da diabetes mellitus prepara-se a infusão de aveia na proporção de 100 g de grãos para 3 copos de água. Toma-se meio copo 3—4 vezes por dia antes das refeições.

A erva verde de aveia não fica atrás dos grãos em termos de força curativa. A sua tintura tem ação sudorífica, diurética e antipirética. Usa-se no tratamento da litíase urinária e do meteorismo, bem como meio ativo em casos de sobrecarga física e mental, neurastenia e insónias. Para preparar a tintura, enche-se completamente uma garrafa com a planta verde triturada numa máquina de picar carne, depois deita-se álcool ou vodca e deixa-se repousar num local quente e escuro durante 2—3 semanas. Agita-se periodicamente o conteúdo e depois côa-se. Toma-se 20—30 gotas numa colher de sopa de água 3—4 vezes por dia antes das refeições.

Pegas verdes de aveia, frutos de rosa-brava, erva de tomilho, erva de polygonum aviculare, raiz de chicória, gomos de bétula, folhas de plantago major – 20 g de cada planta. Deita-se uma colher de sopa desta recolha num copo de água destilada quente numa panela esmaltada e coloca-se em banho-maria com a tampa fechada durante 30 minutos. Depois arrefece-se à temperatura ambiente durante 45 minutos, côa-se e espreme-se; toma-se 3 vezes por dia, 1/3—1/2 copo 30 minutos antes das refeições durante 21 dias em caso de cistite (inflamação da bexiga).

Bebida: massa verde de aveia, folhas de mirtilo secas, vagens secas de feijão, sementes de linho – 2 g de cada – trituram-se e deitam-se em 200 ml de água a ferver num termo, deixando-se durante a noite. De manhã côa-se. Tem ação hipoglicemiante; recomenda-se na diabetes mellitus.

O sumo da parte verde da aveia contém vitaminas do grupo B, sais minerais, enzimas, substâncias proteicas, amido, açúcar e outras substâncias úteis. A sua toma é benéfica para o sistema nervoso e cardiovascular, influencia positivamente os processos metabólicos no organismo. O sumo de aveia também é útil em esgotamento nervoso, perturbações do ritmo cardíaco, diabetes, anemia e doenças gastrointestinais. Melhora o apetite e atua como tónico geral. Preparação: passam-se as partes verdes da planta por um espremedor ou por uma máquina de picar carne. Toma-se meio copo 2—3 vezes por dia antes das refeições durante 2—3 semanas.

Em doenças dos rins, da bexiga e reumatismo são úteis banhos com decocto de palha de aveia. Num balde de água a ferver deitam-se 300 g de palha de aveia, tapa-se e deixa-se repousar durante uma hora. Depois deita-se a infusão na banheira com água a 36 °C, deixando a palha no balde. Adiciona-se água quente, aquecendo a banheira até 37 °C, e toma-se o banho durante 20 minutos.

Externamente tomam-se banhos com infusão de palha e grãos de aveia não descascados (aumentam as capacidades funcionais da pele e contribuem para a eliminação do processo inflamatório nas terminações nervosas) em casos de raquitismo e escrófula nas crianças, bem como no reumatismo, inflamação do nervo ciático e congelamentos. Para preparar os banhos, deitam-se 1—1,5 kg de palha fresca numa banheira com água a 37—38 °C. Toma-se o banho durante 10—15 minutos, 2—3 banhos por semana.

Em caso de transpiração excessiva dos pés e descamação do epiderme (camada superficial) da pele dos pés, fazem-se banhos diários de 15—20 minutos com decocto forte de palha de aveia adicionando decocto de casca de carvalho e de amieiro.

Se se cozer palha de aveia durante 30 minutos e usar o decocto, arrefecido a 32—33 °C, para banho de pés, é um bom meio para amolecer todo o tipo de endurecimentos nos pés. Os banhos ajudam excelentemente no reumatismo articular, gota, calos, unhas encravadas e purulentas, bolhas de água devidas a caminhadas.

Em pedras nos rins recomendam-se compressas quentes com decocto forte (0,5 kg de palha de aveia ferve-se com 2 l de água durante 30 minutos em lume brando) na zona dos rins como meio que facilita a passagem das pedras.

Para se livrar do vício do tabaco podem usar-se as seguintes receitas:

1. Aveia, cevada, centeio e milho-painço – 100 g de cada – ferve-se em 1 l de água durante 10 minutos. Deixa-se um dia num termo, côa-se e toma-se 100 ml 3—5 vezes por dia antes das refeições até surgir aversão ao tabaco.

2. À noite deita-se uma colher de sopa de grãos de aveia triturados em 2 copos de água morna fervida. De manhã ferve-se 5—10 minutos. Bebe-se como chá – suprime a dependência do tabaco e do ópio.

3. Deitam-se 2 colheres de sopa de aveia num copo de água a ferver, levam-se duas vezes a ferver. Deixa-se repousar uma hora. Côa-se. Bebe-se 1/4 de copo 4—5 vezes por dia durante 3—4 semanas.

Deitam-se 2 colheres de sopa de erva verde de aveia triturada num copo de vodca e deixa-se repousar num local quente durante 15 dias. Toma-se 20—30 gotas 2 vezes por dia antes das refeições em casos de neurastenia, insónias, dependência do tabaco e como meio que regula os processos metabólicos no miocárdio.

Ferve-se um copo de sêmola de aveia em 1 l de água a ferver até reduzir a metade do volume, côa-se e adicionam-se 2 copos de leite. Toma-se um copo 3 vezes por dia antes das refeições na aterosclerose.

Ferve-se um copo de sêmola de aveia em 1 l de água até reduzir a metade, côa-se, adicionam-se 2 copos de leite e ferve-se mais 20 minutos. Toma-se um copo 3 vezes por dia antes das refeições em doenças do fígado e processos inflamatórios dos rins.

Deita-se um copo de sêmola de aveia em 1 l de água, ferve-se até reduzir a metade do volume, côa-se e adicionam-se ao decocto 2 copos de leite (de preferência de cabra). Toma-se um copo 3 vezes por dia antes das refeições na tuberculose.

Deita-se meio copo de aveia em 2 l de leite, deixa-se em lume brando no forno durante 1,5—2 horas e côa-se. Toma-se um copo à noite na bronquite.

Lava-se a aveia, seca-se e mói-se num moinho de café (ou tritura-se numa máquina de picar carne). Deitam-se 2 colheres de sopa em 0,5 l de água a ferver e deixa-se repousar num termo durante 3—4 horas. Toma-se em casos de diateses, perturbações do trato gastrointestinal, alergias, diabetes e grandes perdas de sangue.

O decocto de aveia usa-se como tónico na convalescença de tifo e varíola. Modo de preparação: lava-se um copo de aveia com água fresca 6—8 vezes. Coze-se em 0,5 l de água até reduzir a metade. Depois adicionam-se 2 colheres de chá de mel e coze-se a mistura mais alguns minutos.

Lava-se cuidadosamente um copo de aveia e deita-se em 1 l de água a ferver, coze-se até reduzir a metade do volume. Depois côa-se e adicionam-se ao decocto 2 colheres de sopa de mel. Toma-se meio copo 3 vezes por dia como antipirético nas constipações.

A tintura da erva verde de aveia toma-se 20—30 gotas 2 vezes por dia antes das refeições como diurético.

Do decocto forte de palha de aveia fazem-se compressas quentes na zona dos rins (a palha aquece e dilata os ureteres, facilitando a saída das pedras).

Ferve-se um copo de grãos de aveia em 1 l de água até reduzir a metade do volume. Depois côa-se, adicionam-se ao decocto 2 copos de leite, ferve-se 10 minutos e côa-se novamente. Toma-se um copo 3 vezes por dia na gota.

Deixa-se repousar 100 g de palha triturada em 1 l de água a ferver durante 2 horas e côa-se. Usa-se em casos de líquenes e eczema como compressa.

Os flocos de aveia demolhados em pequena quantidade de água morna fervida esfregam-se no couro cabeludo para fortalecer o cabelo.

Ferve-se 0,5 kg de palha triturada em 2 l de água quente durante 30 minutos, côa-se e adiciona-se à banheira (temperatura da água 37 °C, duração 15 minutos). Toma-se o banho 2—3 vezes por semana em inflamações articulares, ciática, lombalgia e artrite.

O kissel obtido de aveia germinada possui propriedades curativas. Escolhe-se a aveia, demolha-se e coloca-se num local quente. No segundo dia os grãos germinam e moem-se. Depois dilui-se a farinha em água fria, deita-se tudo em água a ferver e ferve-se 1—2 minutos. Deixa-se repousar a bebida mais 20 minutos. Depois côa-se e bebe-se fresco. Não se pode preparar o kissel com antecedência. Toma-se o kissel na pancreatite, diabetes e úlcera duodenal.

Na pneumonia, bronquite, traqueíte e tosse persistente recomenda-se decocto de aveia preparado do seguinte modo: misturam-se 2 colheres de sopa de aveia com a mesma quantidade de passas e deitam-se em 1,5 l de água fria fervida. Coze-se em lume muito brando ou deixa-se em lume brando no forno com tampa até evaporar metade do líquido. Arrefece-se ligeiramente, côa-se, espreme-se, adiciona-se ao líquido coado 1 colher de sopa de mel natural e mexe-se bem. Toma-se 1 colher de sopa várias vezes por dia. Este remédio recomenda-se às crianças.

O decocto também pode preparar-se segundo as seguintes receitas.

Enche-se uma panela até 2/3 com aveia lavada e deita-se leite sem chegar a dois dedos do bordo da panela, tapa-se e coloca-se no forno em lume brando. Vai-se adicionando leite à medida que evapora até ao volume inicial, até a aveia estar bem cozida. Arrefece-se o decocto, côa-se e espreme-se através de uma gaze. Ao líquido obtido adiciona-se metade do volume de mel natural na proporção 2:1, mexe-se e toma-se 1 colher de sopa 3—5 vezes por dia.

Escolhe-se e lava-se várias vezes em água fria um copo de aveia com casca. Deita-se 5 copos de água fria. Ferve-se em lume brando até reduzir a

metade do volume inicial e côa-se. Adicionam-se 4 colheres de chá de mel e ferve-se novamente. Bebe-se o decocto morno, um copo por dia 3 vezes uma hora antes das refeições. Esta bebida calórica usa-se para fortalecer as forças na fraqueza senil, é útil para pessoas operadas, em doenças renais e como tónico geral.

Para o tratamento de doenças de pele (líquenes, eczema, diatese nas crianças) fazem-se compressas com infusão de aveia na proporção 1:10.

Para um efeito calmante adicional na dermatite e eczema, especialistas estrangeiros recomendam adicionar a banhos de temperatura ambiente 2 chávenas de sêmola de aveia triturada (pó) e até usar a sêmola de aveia em vez de sabão. Para isso, embrulha-se o pó num lenço, ata-se, molha-se em água, espreme-se e usa-se como uma esponja normal.

Para o tratamento de doenças de pele e até escrófula usam-se grãos de aveia germinados. Lava-se o grão e espalha-se em camada fina num recipiente plano cujo fundo foi previamente forrado com um pano bem molhado em água morna e dobrado ao meio. Por cima dos grãos coloca-se outro pano igual e põe-se num local quente. Dependendo da temperatura, o grão germina em 12—24 horas. Passa-se a aveia pela máquina de picar carne. Com a massa pastosa em saquinhos de gaze envolvem-se as zonas doentes da pele.

Banho refrescante e alisador da pele (cosmético para pele seca). Enche-se a banheira de água e depois dissolve-se nela 50 ml de extrato de coníferas e 0,5 kg de fécula de batata ou, em vez dela, 1 l de decocto espesso de flocos de aveia. Toma-se o banho com a água a 35—37 °C durante 10 minutos e depois esfrega-se na pele húmida um creme nutritivo. Este banho pode tomar-se em casos de queratinização da epiderme (camada superficial da pele) e pele de galinha.

Máscara de sumo de melancia e farinha de aveia (para pele seca). Misturam-se 2 colheres de sopa de melancia com uma colher de chá de farinha de aveia e adicionam-se 3—4 gotas de óleo de hipericão (20 g de flores frescas e folhas trituradas de hipericão deitam-se em 100 ml de óleo vegetal e deixam-se repousar 3 semanas). É melhor fazer esta máscara à noite, pois o sol e o hipericão podem provocar pigmentação indesejada.

Máscara de clara de ovo, sumo de limão e farelo de aveia (para pele oleosa). Bate-se a clara de ovo e vai-se adicionando gradualmente uma

colher de chá de sumo de limão, uma colher de chá de raspa de limão triturada em pó e depois mais 2 colheres de chá de farelo de aveia. Mexe-se tudo muito bem e aplica-se a papa obtida no rosto. Passados 10 minutos amolece-se a máscara com uma compressa morna, remove-se cuidadosamente e lava-se o rosto com água fria. Aplica-se em pele porosa e enrugada.

Máscara proteico-mel-aveia (para pele oleosa). Misturar bem 2 claras de ovo não batidas, 30 g de mel e 1/2 colher de chá de óleo de pêssego (ou de amêndoa) até obter uma massa homogénea. Depois adicionar 2 colheres de sopa de farinha de aveia e voltar a misturar. Aplicar no rosto. Lavar passados 20 minutos, primeiro com uma compressa morna e depois com uma compressa fria. A máscara tem ação tonificante na pele.

Máscara de leite azedo e farinha de aveia (para pele seca). Misturar 1/4 de copo de leite azedo com 1 colher de sopa de farinha de aveia. Colocar a pasta obtida entre duas camadas de gaze e aplicar no rosto durante 15—20 minutos. Esta máscara usa-se para remover sardas e manchas pigmentadas em pele seca e normal.

Máscara de sumo de tomate fresco e tolokno – farinha de aveia previamente escaldada (para pele seca). Misturar 2 colheres de sopa de sumo de tomate fresco com 1—2 colheres de sopa de tolokno ou farelo. Aplicar a papa obtida no rosto e deixar atuar 20 minutos. Lavar com água fria.

Máscara de tolokno, natas azedas e cavalinha (para pele oleosa). Misturar 2 colheres de sopa de natas azedas com 2 colheres de sopa de tolokno de aveia e adicionar 2 colheres de chá de decocto de erva de cavalinha-dos-campos. Fazer a máscara durante 15—20 minutos. Lavar com o decocto ou com água acidulada. O decocto de cavalinha prepara-se assim: deita-se uma colher de sopa da erva em 5 colheres de água a ferver, deixa-se repousar 20 minutos e côa-se.

Máscara de tolokno e recolha de ervas (para pele oleosa). 3 colheres de sopa de tolokno de aveia, uma colher de chá de pétalas de calêndula, de sálvia e de pétalas de centáurea. Deitar a recolha de ervas em 200 ml de água a ferver, tapar e deixar repousar. Coar o decocto ainda morno e deitá-lo no tolokno (3 colheres de sopa). Fazer a máscara durante 15—20

minutos. Lavar e limpar a pele do rosto com o decocto restante. Enxaguar o rosto com água fria.

Máscara de tolokno e sumo de melancia (para pele oleosa). Misturar 2 colheres de sopa de tolokno de aveia com uma colher de sumo de melancia e fazer a máscara durante 15—20 minutos. Lavar com água em contraste: ora morna, ora fria.

Visco-branco (Viscum album L.)

A erva do visco-branco tem ação hipotensora. Usa-se na aterosclerose com tensão arterial elevada e fenómenos associados (tonturas, dores de cabeça, etc.), abranda os batimentos cardíacos, reforça as contrações do útero e tem também ação hemostática. Aplica-se em artroses, espondilite e doenças crónicas das articulações; o extrato purificado de visco em solução injetável foi testado como agente citolítico em neoplasias malignas inoperáveis.

Internamente usa-se a infusão de uma colher de chá de folhas e ramos triturados deixados em repouso num copo de água durante 8 horas (dose diária); tomar aos golos.

Não se deve usar visco-branco com frequência nem durante muito tempo, pois é venenoso.

Na medicina popular búlgara o decocto dos rebentos de visco-branco usa-se como adstringente em diarreias, hemorragias e menstruações prolongadas; os frutos usam-se como excitante do sistema nervoso em crises epiléticas. As folhas e os frutos aplicam-se externamente contra reumatismo, gota, edemas dos gânglios linfáticos e tumores.

Absinto (Artemisia absinthium L.)

Contém 0,25—1,32 % de óleo essencial verde-azulado com álcool tujílico, cetona tujona, terpenos – alfa-pineno, cadineno, felandreno, etc., azuleno, gamazuleno, ácido acético e isovaleriânico. Na erva do absinto encontram-se também substâncias amargas, caroteno, vitaminas C e B6, ácido succínico e málico.

Remédio caseiro comprovado. Estimula o apetite e melhora a digestão, estimulando a secreção das glândulas digestivas e aumentando a produção de bílis e de sumo pancreático. Toma-se internamente em perturbações da digestão, hiperacidez, cólicas gástricas, gastrites,

flatulência, doenças do fígado e da vesícula biliar e anemia; recomenda-se também na insónia e mau hálito. Toma-se internamente sob a forma de infusão: 1—2 colheres de chá de absinto triturado num copo de água a ferver (dose diária) ou sob a forma de extrato alcoólico. Os preparados de absinto tomam-se uma hora e meia antes das refeições. Usam-se também como inseticida.

Na medicina popular búlgara recomenda-se ainda o absinto na escrófula, tuberculose, hemorroidas, reumatismo articular, epilepsia, menstruações insuficientes e irregulares, corrimento vaginal e contra vermes.

Losna-comum, losna-vulgar (Artemisia vulgaris L.)

Contém 0,10—0,20 % de óleo essencial (sobretudo nas inflorescências) com cineol, tujona e borneol; contém também caroteno, ácido ascórbico, etc.

Recomenda-se a losna-comum como meio que aumenta o apetite e melhora a digestão; tem ação espasmolítica e calmante. Na medicina popular recomenda-se na amenorreia como calmante, na epilepsia, dismenorreia, insónia e crises nervosas, parasitas intestinais e dores de dentes em crianças de tenra idade.

Toma-se internamente a infusão quente de 3 colheres de chá de erva triturada em 1,5 copo de água a ferver (dose para um dia).

Malva-silvestre, malva-dos-bosques (Malva sylvestris L.)

Provoca o amolecimento das secreções brônquicas e tem ação calmante e anti-inflamatória no catarro brônquico, tosse, rouquidão e inflamação da garganta e amígdalas. Externamente usa-se em bochechos e cataplasmas em fístulas dentárias, inflamações purulentas da cavidade oral, furúnculos, abcessos, etc.

A infusão das folhas prepara-se com 2 colheres de chá de folhas trituradas num copo de água fria; a infusão das flores prepara-se da seguinte maneira: deita-se uma pitada de flores num copo de água. Passados 10 minutos, sem aquecer, bebe-se a bebida quente em várias vezes. Para bochechos e cataplasmas usa-se o dobro da erva e prepara-se uma infusão quente.

Na medicina popular búlgara usam-se amplamente as flores e folhas de malva-silvestre para aliviar a inflamação da mucosa das vias respiratórias, como expectorante nas constipações, em bochechos na angina, em cataplasmas para dores abdominais e parotidite. Recomenda-se especialmente o chá de malva em inflamações e dores do estômago, intestinos e fígado, flatulência, diarreia, como analgésico na inflamação da bexiga e externamente em compressas para inflamação dos olhos e pálpebras.

Cera de abelha

A cera de abelha é um produto elaborado pelas glândulas ceríferas localizadas na face inferior do abdómen das abelhas operárias. Apenas as abelhas jovens, entre 12 e 18—20 dias de idade, possuem capacidade de produzir cera. É o material de construção dos favos; as suas qualidades conservantes e antimicrobianas são muito importantes para a preservação dos produtos da atividade das abelhas.

À temperatura normal, a cera de abelha é uma substância densa de cor amarelo-clara ou amarelo-escura com agradável aroma a mel. A 35 °C torna-se plástica e a 60—70 °C funde-se. A composição da cera de abelha é complexa, destacando-se o facto de ser rica em vitamina A.

Em diversas composições terapêuticas e cosméticas a cera usa-se há muito tempo. Faz parte de emplastros, é a base de cremes nutritivos branqueadores, máscaras faciais e muitos outros preparados cosméticos.

Na medicina popular, para o tratamento de feridas de cicatrização difícil, a cera de abelha usa-se desde há muito em combinação com outros componentes. Para preparar misturas cicatrizantes podem usar-se as seguintes receitas.

Tomar 100 g de azeite, 13 g de cera, 20 g de resina de pinheiro (colofónia) e uma colher de sopa de manteiga. Misturar os componentes numa panela esmaltada, colocar em lume brando e aquecer durante 10 minutos, mexendo constantemente e retirando a espuma que se forma na superfície. Colocar a mistura preparada num frasco de vidro. Aplicar a mistura numa gaze e pôr sobre a ferida.

Ferver 2 partes de azeite com 1 parte de cera de abelha pura em lume brando. Arrefecer a pomada obtida e colocar num frasco de vidro. Após

lavar a ferida com peróxido de hidrogénio, aplicar uma ligadura com o preparado.

Em caso de estase de leite em mulheres a amamentar e risco de desenvolvimento de mastite usa-se um emplastro de cera branca. Para o preparar, fundem-se em lume brando 30 g de cera, 60 g de azeite e 120 g de espermacete, mexendo com uma colher de pau. Quando tudo estiver derretido e bem misturado, retira-se do lume e continua-se a mexer até arrefecer. Aplica-se a mistura numa tela, põe-se sobre as mamas e troca-se uma vez por dia. Evidentemente, a aplicação deste emplastro não dispensa outras medidas, nomeadamente a extração do leite, cujo processo fica bastante facilitado.

Na cosmética caseira é possível usar receitas cuja eficácia é comprovada pela prática.

Para restaurar a elasticidade da pele e remover rugas do rosto recomenda-se a máscara: misturar 30 g de cera de abelha, 30 g de mel, sumo de cebola e sumo do bolbo de lírio-branco e aquecer em recipiente de barro em lume brando até a cera derreter. Esfregar o rosto de manhã e à noite com a mistura arrefecida.

Para preparar uma máscara nutritiva tomar 50 g de cera, 70 g de mel e o sumo de um bolbo de lírio-branco. Aquecer a mistura, mexer cuidadosamente e aplicar na pele do rosto à noite.

O creme de limpeza com cera de abelha prepara-se com os seguintes componentes: 24 g de cera, 2 g de bórax, 110 g de óleo de pêssego, 65 ml de água. Misturar cuidadosamente todos os componentes. Usar como um creme de limpeza normal.

Para o cuidado da pele oleosa pode usar-se a seguinte composição: tomar 5 g de cera, a mesma quantidade de amoníaco e meia colher de sopa de água. Derreter a cera, misturar com os outros componentes e aplicar imediatamente durante 5—10 minutos na zona da pele com função aumentada das glândulas sebáceas.

Tomar 50 g de cera, 100 g de mel e 100 ml de decocto de sálvia (deitar uma colher de chá em 100 g de água a ferver, deixar repousar e coar). Aquecer a mistura até a cera derreter, mexer até obter uma massa homogénea. Aplicar uma camada fina na pele do rosto durante 30 minutos.

Tem propriedades nutritivas. Em vez de sálvia pode adicionar-se à pomada infusão de cavalinha, hipericão ou camomila nas mesmas proporções.

Mastigar cera recomenda-se em anginas e sinusites; limpa os dentes do tártaro e da placa, fortalece as gengivas e ativa a produção de saliva.

Aipo (Apium graveolens L.)

Contém 0,10 % de óleo essencial, colina, asparagina, mantina, pentosanos e amido; os frutos contêm 2—3 % de óleo essencial e apiína (glicosídeo flavonoide). A raiz de aipo recomenda-se como analgésico, diurético e estimulante do apetite. Prescreve-se em doenças renais, gota, urticária, dermatites, falta de apetite e má digestão.

Usa-se o sumo obtido por espremedura da raiz fresca: bebe-se 1—2 colheres de chá 2—3 vezes por dia meia hora antes das refeições. Usa-se também sob a forma de infusão: os frutos cortados deixam-se repousar num copo de água fria durante 2 horas; a infusão bebe-se num dia.

Abrunheiro, abrunheiro-bravo (Prunus spinosa L.)

As flores do abrunheiro têm ação diurética e ligeiramente laxante (ação dos flavonoides). Recomendam-se em obstipação e cólicas gástricas.

Usam-se sob a forma de infusão fria: 2 colheres de chá de flores deitam-se num copo de água e deixam-se repousar num local fresco durante 8 horas (dose diária). Na medicina popular búlgara usam-se as folhas do abrunheiro para preparar decocto como diurético, em erupções cutâneas e inflamação dos rins e da bexiga; o decocto da casca dos ramos e também o decocto dos frutos em vinho tinto usam-se em diarreias.

Tomilho-rasteiro (Thymus serpyllum L.)

Bom calmante em caso de tosse seca e espasmódica, especialmente na tosse convulsa, bronquite crónica, asma brônquica, pneumonia com expetoração mucosa, catarro crónico do estômago, espasmos e cólicas gástricas, perturbações da digestão, meteorismo, úlcera duodenal, falta de apetite, etc. Usa-se a infusão quente de 5 colheres de chá de erva de tomilho triturada num copo de água a ferver (dose diária); bebe-se a infusão fria, aos golos.

A erva de tomilho também se usa externamente em banhos para doenças nervosas, reumatismo e erupções cutâneas. A infusão para banhos

prepara-se com 100 g de erva de tomilho em 2 l de água a ferver, deixa-se repousar meia hora num local quente e o líquido coado adiciona-se à água da banheira. A mesma infusão usa-se para bochechos em inflamações da mucosa da garganta.

Tomilho-comum (Thymus vulgaris L.)

Os preparados de tomilho (infusão, extrato líquido, óleo essencial e timol) usam-se amplamente na prática médica como antissépticos e desinfetantes em inflamações das mucosas da cavidade oral e como antitússico na bronquite, tosse convulsa, etc.

Cevada-comum (Hordeum vulgare L.)

As sementes de cevada usam-se de várias formas. Aqui estão algumas receitas.

Mucilagem de sementes inteiras. Deitam-se 10 g de sementes em 100 g de água e deixam-se repousar 4—5 horas, depois cozem-se durante 10 minutos e côa-se o decocto. Tomar 4—5 colheres de sopa por dia em doenças gastrointestinais e diarreia.

Malte de cevada. Colocam-se as sementes de cevada em condições adequadas para germinação e, quando germinam, secam-se. Contêm cerca de 40 % de amido, 10 % de proteína, 10 % de dextrina, 30 % de celulose, enzima (peptase), sais minerais e vitaminas A, B, D e E.

Excelente meio para influenciar favoravelmente o metabolismo geral (em erupções cutâneas, furunculose, etc.).

Extrato de malte de cevada. Prepara-se de modo especial um extrato dos rebentos secos de cevada (extrato malteado). Contém cerca de 10 % de dextrina, 5 % de substâncias proteicas, vitaminas e diastase ativa. Excelente meio para alimentar crianças de tenra idade. O extrato malteado também atua bem na bronquite.

RECEITAS ORIGINAIS DE VANGA

A

ALCOOLISMO

1. Vanga aconselhava tomar regularmente 3 vezes por dia, durante um mês, 2 colheres de sopa de erva de begónia numa colher de azeite.

2. Ferver 50 g de casca verde de noz num copo de leite durante 5 minutos, coar e beber. Tomar de manhã e à noite.

3. Misturar 1 parte de sumo de romã, 1 parte de sumo de couve branca e 1/2 parte de vinagre, ferver 5 minutos, coar e beber 3 vezes por dia durante um mês.

4. Adicionar um pouco de vinagre ao decocto de menta. Tomar 2 colheres de sopa diariamente durante um mês.

5. Para desintoxicar rapidamente:

— misturar meia colher de chá de amoníaco num copo de água fria e dar a beber à pessoa embriagada;

— dar chá forte com mel;

— dar café preto quente sem leite nem açúcar (1 copo);

— deitar uma colher de sopa de vinagre num copo de água fria e aplicar uma compressa na nuca. Com a mesma água pode dar-se de beber à pessoa embriagada;

— antes de um banquete previsto, para não embriagar, beber uma chávena de chá preto ou verde bem forte com menta, café preto ou chá com limão (o limão no café e no chá neutraliza o álcool). Após o banquete pode repetir-se o procedimento. A embriaguez ligeira passa rapidamente;

— um copo de água fria com 20 gotas de tintura de menta (beber de uma vez). A embriaguez passa rapidamente, desaparecem a sensação de peso na cabeça e as dores de cabeça.

6. As plantas com maior efeito antialcoólico são: levístico, elecampane, meliloto, licopódio-clavado, securinega, hipericão,

orégão, trevo, tomilho, polemonio, hoofleaf, centáurea-menor, absinto, cardo-benedito, bétula, veratro.

Deve ter-se em conta que o uso de algumas delas (licopódio-clavado, securinega, hoofleaf, cardo-benedito, veratro) deve ser obrigatoriamente coordenado com o médico e, ao prescrever o fitoterápico, cumprir rigorosamente as doses indicadas.

7. Deitar 4 colheres de sopa de erva de hipericão triturada em 0,5 l de água a ferver. Manter em banho-maria 25—30 minutos. Tomar o decocto arrefecido e coado, 2 colheres de sopa 2 vezes por dia antes do pequeno-almoço e do almoço. Curso de tratamento — 10—15 dias. A toma regular provoca aversão ao álcool.

8. Deitar uma colher de sopa de raiz de hoofleaf triturada num copo de água, ferver 10 minutos em lume brando. Deixar repousar bem tapado durante meia hora e coar. Deitar uma colher de sopa do decocto num copo de vodca e dar a beber sem dizer que foi adicionado algo à vodca. Esta mistura provoca vómitos e forte aversão ao álcool. É necessário cumprir exatamente a dosagem, pois a planta é venenosa.

9. Misturar e triturar cuidadosamente 30 g de erva de amor-perfeito, 20 g de cavalinha-dos-campos, 20 g de tomilho, 20 g de bagas de zimbro e 10 g de raiz de polemonio. Deitar uma colher de sopa desta mistura num copo de água a ferver e ferver mais 5 minutos em lume brando. Deixar repousar uma hora. Tomar 2 colheres de sopa após o pequeno-almoço e o almoço. Curso de tratamento — 1 mês.

10. Misturar e triturar cuidadosamente quantidades iguais de raiz de amor-perfeito e tubérculo de orquídea-bilistada. Deitar 4 colheres de sopa da mistura em 1 l de água de nascente durante a noite; de manhã deixar em lume brando 15 minutos, arrefecer e coar. Tomar o decocto arrefecido e coado um copo 3 vezes por dia antes das refeições. Curso de tratamento — 2 meses. Passada uma semana repetir o curso (ao longo do ano fazer 2—3 cursos). Durante a toma do decocto é necessário abster-se de álcool.

11. Deitar 10 g de erva seca triturada de licopódio-clavado num copo de água a ferver e ferver meia hora. Beber meio copo. É

necessário lembrar que o licopódio é planta venenosa, pelo que o seu uso interno requer cautela.

12. Deitar 5 colheres de sopa de folhas trituradas de alecrim em 0,5 l de água a ferver, ferver 15 minutos e coar. Tomar 1/4 de copo 8—10 vezes ao longo do dia.

13. Misturar 40 g de raiz de alcaçuz, 30 g de erva de centáurea-menor, 10 g de erva de absinto, 10 g de cavalinha-dos-campos e 10 g de tomilho; triturar tudo cuidadosamente. Deitar 3 colheres de sopa da recolha em 1 l de água a ferver, ferver 15 minutos em lume brando, arrefecer e coar. Tomar o decocto arrefecido e coado meio copo 3 vezes por dia antes das refeições. Curso de tratamento — 3—4 semanas. Recomenda-se para o tratamento de alcoólicos crónicos.

14. Misturar 80 g de erva de tomilho e 20 g de absinto. Deitar 2 colheres de sopa da mistura seca triturada em 0,5 l de água fervida, levar a ferver e cozer em lume brando 10 minutos. Depois deixar repousar uma hora, coar e beber 1/3 de copo 3 vezes por dia. Curso de tratamento — um mês. Após intervalo de um mês e meio repetir.

15. Deitar 2 colheres de sopa de folhas de uva-ursina num copo de água. Ferver 15 minutos. Tomar uma colher de sopa 5—6 vezes por dia.

16. Deitar 2 colheres de sopa de erva de tomilho e 2 colheres de sopa de erva de orégão em 0,5 l de água a ferver, deixar repousar e depois ferver 15 minutos. Se a pessoa estiver embriagada, dar-lhe um copo de decocto morno coado; passadas 2 horas dar o resto da dose. O decocto também pode usar-se no tratamento do alcoolismo crónico: meio copo antes do pequeno-almoço e do almoço durante 7 dias.

17. Misturar 30 g de erva de tomilho, 30 g de absinto e 25 g de centáurea-menor. Deitar uma colher de sopa da mistura num copo de água a ferver e ferver mais 5 minutos em lume brando. Deixar repousar uma hora. Tomar 2 colheres de sopa após o pequeno-almoço e o almoço. Curso de tratamento — 1 mês.

18. Deitar 200 g de raiz de azeda-azeda triturada em 4 copos de água. Deixar repousar durante a noite, deixar em lume brando 10—15 minutos, depois repousar uma hora e coar. Beber o decocto um copo 3 vezes por dia 30—40 minutos antes das refeições. Curso de tratamento — 7—10 dias. Usa-se no tratamento do alcoolismo crónico.

19. Misturar em partes iguais raízes e rizomas de valeriana, erva de galio, manjerona, tomilho, segurelha, orégão, teucrium-montanum e teucrium-comum, folhas e flores de calêndula, flores de espinheiro-alvar e cones de lúpulo. Deitar 2 colheres de sopa desta recolha em 0,5 l de água a ferver e deixar em lume brando mais 10 minutos. Ao decocto arrefecido e coado adicionar 100 ml de extrato alcoólico a 20 % de raízes de amor-perfeito. Tomar 1/4 de copo diariamente antes do pequeno-almoço e do almoço.

20. Decocto de várias ervas: misturar 30 g de folhas de sálvia, 30 g de menta-pimenta, 30 g de alecrim, 20 g de erva de absinto, 20 g de tomilho e 15 g de raízes de amor-perfeito. Deitar 2 colheres de sopa desta recolha em 0,5 l de água a ferver e deixar em lume brando mais 20 minutos. Tomar o decocto arrefecido e coado meio copo antes de cada refeição. Curso de tratamento — 1,5 meses. Nos primeiros 10 dias adicionar ao decocto 2 colheres de chá de tintura alcoólica preparada segundo receita de sálvia, tomilho, segurelha-de-jardim, menta, alecrim e violeta-odorífera.

21. Decocto de várias ervas: misturar em quantidades iguais erva de hipericão, buplevro-dourado, estigmas de milho, flores de calêndula, partes aéreas (erva, flores e caules) de absinto, dente-de-leão, milefólio, centáurea-menor, raízes de angélica e bagas de zimbro. Deitar 2 colheres de sopa da recolha em 0,5 l de água a ferver e ferver 5 minutos em lume brando. Tomar o decocto arrefecido e coado 0,5 copo 3 vezes por dia antes das refeições. A cada dose adicionar 0,5 colher de chá de vodca. Curso de tratamento prolongado, 2—3 meses. A toma do remédio contribui para desenvolver aversão ao álcool.

22. Infusão de raiz de petasites, elecampane e frutos de amêndoa-amarga: triturar cuidadosamente 15 g de raiz de petasites, 10 g de raiz de elecampane e 8 g de frutos de amêndoa-amarga.

Deixar a mistura triturada em repouso com 0,5 l de vodca num local escuro à temperatura ambiente durante uma semana, agitando diariamente. Servir 100 g como bebida alcoólica antes do pequeno-almoço e do jantar. Curso de tratamento — 4 dias seguidos. A infusão provocará náuseas e aversão ao álcool.

ALERGIA

1. Vanga recomendava moer em pó lentilha-d'água seca, misturar com mel em partes iguais e fazer pílulas. Tomar uma pílula de 1—2 g 2—3 vezes por dia em doenças alérgicas de vários tipos.

2. Dependendo da idade do doente, tomar de 1 a 3 colheres de sopa por dia de erva seca de prunela-vulgar colhida durante a floração, em pó, em 3 tomas antes das refeições ou escaldar em água a ferver. Beber o decocto quente.

3. Triturar em pó a casca do tubérculo de peónia cultivada e tomar meia hora antes das refeições. Tomar 3—4 colheres de sopa em caso de rinite alérgica forte.

4. Em reação alérgica elevada ao pólen das plantas recomenda-se fazer gargarejos com água adicionando infusões calmantes de ervas — erva-cidreira ou valeriana (em baixa concentração).

5. Sumo de aipo-cheiroso: tomar sumo da raiz fresca de aipo-cheiroso 1—2 colheres de chá 3 vezes por dia meia hora antes das refeições na urticária alérgica.

6. Decocto de sucessão: escaldar como chá. Beber 20 minutos após a preparação, sem dosagem. A cor do decocto deve ser dourada; se estiver turvo ou verde, não serve. Beber o decocto de sucessão apenas fresco, pois não se conserva. A sucessão deve colher-se pessoalmente e secar-se à sombra; a sucessão briquetada não produz efeito. Tomar o decocto durante vários anos; pode beber-se em vez de chá ou café.

7. Decocto da erva de efedra-bicoluna: deitar 15—20 g de erva de efedra-bicoluna em 2—3 copos de água a ferver, reduzir por evaporação a metade do volume e coar. Tomar uma colher de sopa 2—3 vezes por dia em alergodermatoses.

8. Decocto da erva de efedra-bicoluna: ferver uma colher de sopa da erva em 2 copos de água durante 5 minutos. Aplicar externamente para humedecer as zonas da pele.

9. Infusão de flores de calêndula-medicinal: deitar 10 g de flores de calêndula-medicinal em 2 copos de água a ferver, escaldar e deixar repousar 1—2 horas. Tomar uma colher de sopa 2—3 vezes por dia.

10. Infusão da erva de knapweed-dos-campos: deitar 4 colheres de chá da erva em 2 copos de água a ferver, levar a ferver e coar. Beber meio copo 3—4 vezes por dia em dermatites alérgicas prolongadas. A infusão também pode usar-se externamente.

11. Infusão de flores de urtiga-morta: deitar uma colher de sopa de flores (secas ou frescas) de urtiga-morta (Lamium) num copo de água a ferver. Deixar repousar bem tapado durante meia hora e coar. Beber meio copo 4—5 vezes por dia ou um copo 3 vezes por dia morno. Aplicar em erupções alérgicas, urticária e eczema.

12. Infusão de folhas de urtiga-ardente: deitar 2 colheres de sopa de folhas de urtiga-ardente em 2 copos de água a ferver e deixar repousar 2 horas. Beber meio copo 4 vezes por dia antes das refeições.

13. Infusão da erva de menta-pimenta: deitar 10 g da erva em meio copo de água a ferver e deixar em infusão 20—30 minutos. Tomar uma colher de sopa 3 vezes por dia.

14. Infusão de raiz de dente-de-leão e bardana: misturar e triturar cuidadosamente quantidades iguais de raiz de dente-de-leão e raiz de bardana. Deitar 2 colheres de sopa desta mistura em 3 copos de água e deixar repousar durante a noite. De manhã ferver 10 minutos e deixar repousar mais 10 minutos. Beber meio copo 5 vezes por dia antes das refeições e à noite.

15. Infusão de flores de camomila-das-boticas: deitar uma colher de sopa de flores num copo de água a ferver e deixar em infusão 20—30 minutos. Tomar uma colher de sopa 2—4 vezes por dia.

16. Infusão de aipo-cheiroso: deixar 2 colheres de sopa de raízes trituradas em repouso num copo de água fria durante 2 horas e coar. Tomar 1/3 de copo 3 vezes por dia antes das refeições na urticária alérgica.

17. Infusão da erva de celidónia-maior: escaldar uma colher de sopa da erva com 2 copos de água a ferver e deixar repousar 4 horas. Beber meio copo de manhã e à noite.

18. Infusão de várias ervas: misturar 50 g de centáurea-menor, 40 g de hipericão, 40 g de frutos de rosa-brava triturados, 30 g de raiz de dente-de-leão triturada, 20 g de cavalinha-dos-campos, 10 g de estigmas de milho e 10 g de camomila-das-boticas. Deitar 4 colheres de sopa desta recolha num copo de água. Deixar repousar durante a noite. De manhã colocar ao lume e levar a ferver, mas não deixar ferver. Depois envolver durante 4 horas e coar. Beber 1/3 de copo 3 vezes por dia antes das refeições. A infusão pode conservar-se no frigorífico 2—3 dias. Tomar internamente para o tratamento de alergia ao pó.

Com este método de tratamento podem aparecer endurecimentos no nariz, depois no queixo, nas mãos e mais abaixo até aos pés, com forte comichão. Estas zonas devem ser untadas com algum anestésico. Passado um mês começará a cura.

AMENORREIA (menstruação escassa)

Menstruações pálidas e escassas, além de irregulares, ocorrem na anemia, após doença grave ou choque nervoso. Se a mulher sente dores durante menstruações escassas, isso indica geralmente um orifício uterino demasiado estreito. As menstruações podem mesmo cessar temporariamente. São necessários alimentação reforçada e vitaminas.

1. Para reduzir as dores, deve aplicar-se uma cataplasma na parte inferior do abdómen, repousar mais e nesses dias comer apenas leite e papa de arroz com leite, bebendo pouco chá.

2. Tomar 1/4 de colher de chá de enxofre por dia, bebendo algo ácido: sumo de arando, kvass, etc.

3. Deitar a casca de 2 kg de cebola em 3 l de água e cozer até o decocto adquirir cor vermelho-escura, quase castanha. Tomar de estômago vazio de manhã e à noite uma chávena de café.

4. Também ajudam ventosas colocadas na barriga da perna e no tornozelo, especialmente em mulheres obesas.

5. Para toma interna recomenda-se decocto de menta adoçado com mel e também decocto de bagas de zimbro.

6. Bons meios são a canela-da-china, castóreo, cominho-silvestre, decocto de elecampane, decocto de feijão-vermelho, raiz de ferula-fétida e sementes de manjerona.

7. A medicina popular búlgara usava para tratar mulheres doentes velas da seguinte composição: 12 g de mirra e menta, 24 g de bagas de zimbro, 30 g de arruda seca e 60 g de passas sem grainha. Esta composição amassa-se com bílis de vaca e prepara-se a vela. Ou outra receita: toma-se um pouco de castóreo, mirra e almíscar. Mistura-se tudo com óleo e prepara-se a vela.

8. Ajuda muito na retenção menstrual o óleo de camomila introduzido na vagina, bem como o sumo de rosa-brava.

9. Beber de um trago 2 copos de infusão quente de camomila ou tomar 2 vezes por dia tintura em vinho ou vodca de canela, cravinho e açafrão.

10. Deitar 1,5 copo de água numa panela, levar a ferver, reduzir o lume ao mínimo para parar a fervura e colocar na água 4 g de folhas secas de arruda. Cozer 15 minutos sem deixar ferver minimamente. Coar e beber todo o decocto de uma vez, de preferência de manhã em jejum. Depois não comer durante 6 horas.

O segundo remédio prepara-se e toma-se exatamente da mesma forma, mas em vez de folhas de arruda escaldam-se as flores da planta tabachin. Pode tomar-se em partes iguais a casca, folhas e raízes – peso total 4 g.

ARTRITE

A artrite é uma doença das articulações resultante de traumatismos, doenças infeciosas que debilitam as defesas do organismo. Além disso, a artrite pode ser uma doença hereditária. Esta doença inflamatória das

articulações pode surgir como manifestação de outra doença, por exemplo reumatismo.

Os primeiros sinais de artrite são dor e inchaço dos tecidos que rodeiam as articulações. Se a inflamação não for travada, surge imobilidade da articulação. Os músculos e ligamentos tornam-se tensos e contraem-se, o que aparentemente aumenta muito a dor. A artrite desenvolve-se geralmente na cartilagem que liga as extremidades dos ossos. Como resultado, a doença leva à destruição da cartilagem e deformação da articulação.

Se a causa não for eliminada, as extremidades dos ossos expostas acabam por se unir (ocorre anquilose) e a articulação fica imóvel. A artrite representa o fim de um processo patológico que se desenvolve ao longo de anos. Os primeiros sinais de artrite numa pessoa são sais nas articulações e períodos de mal-estar.

A causa da artrite é a alimentação incorreta, devido à qual se observa na sangue e na linfa a presença de material tóxico acumulado durante meses e anos num organismo debilitado. As vítimas de artrite geralmente comem muito, especialmente alimentos com amido e açúcares (pão, batata, tartes, bolos e doces). A combinação incorreta de alimentos, o abuso excessivo de amidos e açúcares, temperos, bebidas alcoólicas e tabaco lançam as bases da artrite. A estes fatores pode acrescentar-se o stress emocional, a indulgência em desejos sensuais e sobrecarga física.

Para se livrar completamente do reumatismo, lombalgias, ciática, reumatismo muscular e infecioso, gota e artrite, o doente deve abandonar todos os hábitos que debilitam o organismo, conhecer os limites da sua resistência e respeitá-los. O organismo possui capacidades surpreendentes e muitas vezes consegue restaurar a saúde. Pode fazê-lo melhor e mais rapidamente se não for perturbado por medicamentos e se remover a causa da doença.

Golpes e quedas, raiva e insónias agravam as doenças das articulações. As dores nas articulações pertencem às doenças hereditárias. A época de agravamento para estes doentes é a primavera.

Como a artrite é hoje bastante comum, os curandeiros populares de muitos países dedicam-lhe grande atenção. Vanga propõe as seguintes receitas:

1. Tomar 20 rizomas (em forma de novelo) da planta hellebore e cozer em 10 l de água. Quando o decocto arrefecer, separar 1—2 l do total e com o restante líquido fazer banhos de manhã e à noite. Recomenda-se a seguinte ordem: manter primeiro os pés na líquido durante meia hora, depois as mãos. Após o procedimento, deitar três vezes o decocto previamente separado sobre a cabeça. O decocto pode usar-se várias vezes.

2. No tratamento dos doentes a dieta tem grande importância. É necessário renunciar à carne e ao vinho, consumir alimentos diuréticos, humedecer o corpo com decoctos de ervas e aplicar fricções. Grande papel tem também a eliminação do muco e da bílis do organismo destes doentes. Os laxantes neste caso não devem ser demasiado fortes. Ideal é o helichrysum, que elimina bem o sumo frio e, após o efeito laxante, liga e fortalece, de modo que os excessos arrastados pelo medicamento não possam regressar aos órgãos. No entanto, o helichrysum é prejudicial ao estômago e é melhor misturá-lo, por exemplo, com pimenta ou gengibre; por vezes adiciona-se suco solidificado de aloé para reforçar o efeito laxante.

Como laxante pode propor-se a seguinte excelente recolha: tomam-se cerca de 100 g de helichrysum, 30 g de polpa de coloquíntida e cozem-se ambos em 4,5 l de água até restar cerca de 1 l. Esta composição bebe-se diariamente, um copo com açúcar.

3. Nas dores nas articulações usam-se obrigatoriamente ligaduras. Para este fim Vanga recomenda a seguinte composição: tomar cerca de 100 g de sementes de abóbora e rícino limpas, triturar com 30 g de manteiga de vaca derretida. Depois adicionar ao medicamento cerca de 30 g de mel para tornar a composição viscosa e aplicar nas articulações como ligadura. Por vezes pode adicionar-se 30 g de vinagre. Esta composição ajuda especialmente nas articulações ressequidas.

4. A aplicação de ligaduras com excrementos de vaca ajuda muito nas dores nas articulações, costas e joelhos.

5. Aqui está outra boa composição para ligadura: tomam-se cerca de 500 g de azeite velho, 340 g de resina de terebintina, 340

g de soda alexandrina, 60 g de «raiz de íris» e 500 g de farinha de feno-grego.

6. Ajuda muito o seguinte medicamento: toma-se um pouco de feno-grego, deita-se num recipiente de barro queimado, adiciona-se quantidade suficiente de vinagre diluído e coze-se em brasas até a composição se desfazer. Depois coloca-se mel na mistura e ferve-se novamente. Em seguida deixa-se repousar e, adicionando um pouco mais de mel, ferve-se pela terceira vez. Usa-se para ligadura.

7. Para fricções nas articulações dolorosas usam-se óleo de coloquíntida, óleo de castóreo e óleo de mostarda.

8. Além disso, é útil derramar sobre a articulação doente. Para isso tomam-se cevada e alface, cozem-se com vinagre até os produtos se desfazerem. Depois a composição pode usar-se. Este medicamento ajuda nas dores agudas. Para derramar também são bons manjerona, endro, folhas de loureiro e arruda, que se cozem e usam para o fim indicado.

9. Também ajuda o defumação das articulações com vapores de vinagre, ao qual se adiciona 1/6 parte de sementes de harmel trituradas. Também se podem deitar pedras incandescentes no vinagre e defumar o doente, cobrindo-o com roupa ou outra coisa.

10. Banhos quentes húmidos prejudicam os doentes com dores nas articulações. Mais útil é o banho seco, fricções com soda e sal, enterrar em areia quente e suar nela.

11. Pode acalmar a dor o seguinte remédio: misturar mandrágora ralada com óleo de vaca e esfregar no local doloroso. Também se pode tomar psílio-das-pulgas previamente demolhado em vinagre quente até inchar, bater com óleo de rosa, arrefecer e untar as articulações.

12. Bom medicamento que promove diurese, sudorese e efeito laxante é o seguinte: triturar finamente bolotas, ferver e untar as articulações com a mistura obtida, deixando a pomada por longo tempo.

13. Se o doente tolera bem pomadas refrescantes e elas não lhe causam dor, nada melhor que sumo de chicória, sumo de beladona, sumo de henbane e ligaduras com polpa de melão, que simultaneamente amolece e refresca.

14. Decocto de folhas de uva-de-urso ajuda no depósito de sais, artrite, gota, reumatismo articular e edemas. Deitar 2 colheres de chá de folhas num copo de água, ferver 15 minutos. Arrefecer o decocto, coar e beber ao longo do dia aos golos.

ASMA (em crianças, fase inicial)

A asma é muito difícil de suportar pelas crianças. Esgota-as a tosse sufocante que surge devido ao estreitamento dos brônquios.

1. Triturar vários comprimidos de aspirina em pó e misturá-lo bem com uma pequena quantidade de banha de porco pura. Durante 10 dias aplicar no peito da criança doente um pano com a mistura espalhada.

2. Quando lhe perguntaram como curar uma criança com asma, Vanga aconselhou colher 40 folhas de mãe-e-madrasta e, quando secassem, trazê-las juntamente com meio litro de rakia. Depois de segurar as folhas nas mãos, Vanga mandou o pai da criança molhá-las na rakia e aplicá-las no peito da criança. Após esta terapia, os ataques cessaram.

3. Deitar 40 g de folhas secas de mãe-e-madrasta em 500 g de rakia (vodca caseira) e deixar repousar durante a noite. Tratar da seguinte forma: na primeira noite colocar várias folhas nas costas (entre as omoplatas). Na noite seguinte, no peito. Assim alternar as folhas até acabarem.

4. Para o tratamento da asma são eficazes as raízes de framboesa. Devem colher-se durante a floração ou no final do outono. A colheita de verão não serve. Lavar as raízes da terra e secar à sombra. Para o decocto tomar 50 g de raízes em 0,5 l de água. Ferver 30—40 minutos. Dar à criança 20—30 ml de decocto 3 vezes por dia. Na forma grave pode tomar-se 6 vezes por dia na mesma quantidade.

5. 300 g de mel, de preferência de tília, meio copo de água e uma folha de aloé triturada cozer em lume brando durante 2 horas. Conservar num local fresco. Dar à criança uma colher de chá 3 vezes por dia.

6. Se a criança começar a sufocar, até à chegada do médico dar-lhe urgentemente 5—10 gotas de vodca com uma colherinha de água. Ou pingar 5 gotas de álcool canforado em pó de açúcar e deitar na língua da criança, dando-lhe depois água de uma colher.

ASMA

A asma é uma doença dos pulmões em que o doente respira como quem realiza um trabalho pesado, ou seja, demasiado frequentemente. Esta doença considera-se perigosa e, se se desenvolve em pessoas idosas, leva à morte. A doença tem carácter de ataques periódicos. A causa pode estar tanto na disfunção dos vasos pulmonares como no próprio tecido pulmonar ou no tubo pulmonar. Em alguns casos a asma pode desenvolver-se devido a uma caixa torácica demasiado pequena que não contém a quantidade necessária de ar. Muitas vezes a asma complica-se com inflamação dos pulmões.

Se a causa da asma for o acúmulo de líquidos no próprio tubo respiratório, no início da inspiração o doente sente dificuldade respiratória acompanhada de tosse, pieira, sensação de peso e expetoração. Se o líquido se acumulou devido a catarro, a asma começa subitamente. Se a causa da doença estiver no acúmulo de líquido nos vasos, observa-se pulso irregular e arritmia cardíaca. Quando a asma surge devido a secura, o doente queixa-se de sede e não tem expetoração.

O tratamento da asma determina-se pela causa que a provocou. Se a doença começou devido ao acúmulo de líquidos, estes devem ser eliminados do organismo tanto quanto possível através de laxantes. Em caso de doença hepática concomitante recomenda-se aos doentes usar absinto juntamente com medicamentos peitorais. Na asma das crianças todos os medicamentos é melhor misturar com leite.

Os doentes com asma devem alimentar-se principalmente de produtos lácteos, especialmente soro de leite. Recomenda-se evitar excitação e grandes esforços físicos, não fumar nem consumir bebidas alcoólicas. Para diluir a expetoração viscosa durante o ataque deve tomar-se na ponta da

faca bicarbonato de sódio. Também se podem tomar 15—20 gotas de valeriana.

1. Durante o ataque deve libertar-se o doente de roupa apertada, garantir-lhe afluxo de ar fresco, mergulhar as mãos e os pés em água quente ou aplicar sinapismos, esfregar a zona cardíaca com um pano embebido em água fria com vinagre e sal (se, claro, não houver doença pulmonar), esfregar as têmporas com água-de-colónia.

2. Alivia a intensidade do ataque a massagem da parte superior do corpo da cabeça para baixo até ao peito e costas. A massagem deve fazer-se com algo oleoso.

3. Durante o ataque pode aplicar-se o seguinte remédio: cozer batatas até ficarem macias, colocá-las quentes numa bacia, sentar o doente, colocar a bacia à sua frente, cobri-lo com a cabeça com um cobertor – que respire o vapor. Ao mesmo tempo dar-lhe continuamente chá muito quente de folhas e bagas de arando (frescas ou secas). Quando respirar melhor, deitá-lo imediatamente na cama e cobri-lo bem.

4. Em ataque súbito (geralmente à noite) forçar a engolir café de cevada com pedaços de gelo, cheirar amoníaco, aplicar sinapismos nas barrigas das pernas e esfregar o corpo com escovas. No quarto do doente o ar deve estar sempre fresco, proibir fumar no quarto e, se estiver enfumarado e não se puder abrir a janela, colocar muito perto da cabeceira da cama um pires cheio de amoníaco.

5. Em ataque ligeiro pode limitar-se ao consumo de chá de arando muito quente. Também é bom o seguinte remédio popular: beber diariamente uma chávena de decocto de folhas de urtiga. Para isso toma-se uma colher de chá cheia de folhas secas de urtiga num copo de água a ferver, deixar ferver uma vez em recipiente de barro ou esmaltado e beber como chá depois de repousar um pouco. Em recipiente de alumínio ou metálico não se pode cozer nenhuma erva.

6. A todos os doentes com asma recomenda-se esfregar o peito e zonas adjacentes com as mãos ou tecido grosseiro. A fricção deve ser seca, sem óleo. Por vezes na fricção pode usar-se milefólio-santolina e bicarbonato de sódio.

7. Entre os meios de tratamento da asma inclui-se também o vómito contínuo, especialmente após comer rábano. Também é muito útil o veratro-branco: enfia-se um molho na rábano e deixa-se assim durante um dia. Depois tira-se o veratro e come-se o rábano.

8. Além disso, na asma é necessário garantir que o doente tenha evacuações regulares. Contribui para isso o consumo antes das refeições de peixe salgado ou caldo de galo velho com convolvo-dos-campos e beterraba. Se não ajudar, dá-se ao doente água de cevada que foi fervida longamente com sumo de eufórbia. Considera-se muito útil a farinha de cevada com mel. Na alimentação na asma recomenda-se consumir sementes de agrião-dos-jardins, gordura de lebre, peixe de rio e psílio. Estes doentes não devem comer alimentos que provoquem inchaço abdominal. É útil beber com mel, mas deve abster-se de bebidas após as refeições.

9. Ao mesmo tempo, aos doentes com asma não se recomenda frequentar a sauna, dormir muito, especialmente durante o dia e após as refeições.

10. Pode usar-se no tratamento 1,5 g de valeriana com infusão de cebola-marinha. Este último remédio ajuda muito na asma, tal como a cebola-marinha frita com mel. São úteis na asma o absinto-citinário, íris, teucrium, castóreo e centáurea-menor.

11. Entre os medicamentos compostos usa-se o seguinte: tomam-se 4,2 g de teucrium-polyum, absinto-citinário-arménio, teucrium-pinho, castóreo e incenso-hissopo e misturam-se com mel. Obtém-se assim quantidade de medicamento para 2 tomas.

12. Se o doente tiver febre, recomenda-se decocto de menta com leite.

13. Muito útil na asma é o elecampane e a sua infusão. Tem ação forte o arsénico com resina de pinheiro, dos quais se podem fazer pílulas ou tomar em forma líquida com água melíflua. Também se pode dar ao doente enxofre com ovos mexidos.

14. Entre os óleos na asma usam-se óleo de amêndoa-doce e amêndoa-amarga. Para esfregar o peito usam-se óleo de íris, óleo de loureiro e também de endro.

15. Deitar 40 cabeças de cebola de semente em água e esperar até amolecerem. Depois escorrer a água e refogar em 0,5 l de azeite. Refogar até estarem prontas e depois amassar até obter puré. Tomar de estômago vazio de manhã e à noite uma colher de sopa.

16. Aos doentes com asma brônquica Vanga prescrevia o consumo de tintura de folhas frescas e pericarpo verde de noz, como meio com eficazes propriedades anti-inflamatórias, bactericidas e antialérgicas.

A tintura de noz prepara-se na proporção de 50 g de pericarpo verde triturado para 100 ml de álcool a 40° ou vodca. Deixar repousar numa garrafa escura num local escuro durante pelo menos 7 dias, agitando frequentemente. A tintura coada pode tomar-se 25 gotas 15—20 minutos antes das refeições 3—4 vezes por dia, diluída em 1/4 de copo de água. Às crianças dão-se tantas gotas quantos os anos de idade.

B

CORRIMENTO VAGINAL

1. Nesta altura as raparigas devem andar menos, especialmente ao frio, e alimentar-se melhor.

2. Às mulheres com corrimento vaginal é útil fazer irrigações com solução de alúmen ou tanino (uma colher de chá numa caneca de água). Não se recomenda comer sementes de girassol, pois provocam corrimento.

3. Em corrimento aquoso devido a anemia deve beber-se infusão da erva de pervinca. Deitar 3 pitadas da erva num copo de água, deixar repousar e beber aos poucos. Também é bom beber um copinho por dia de sumo de bagas de berberis e viburno.

4. É útil beber 2—3 chávenas por dia de decocto de flores de milefólio ou raízes de morangueiro-dos-bosques.

5. Mastigar frequentemente flores de acácia-branca, engolindo o sumo.

6. Recomenda-se lavar-se 2 vezes por dia com decocto de casca de carvalho ou solução morna de alúmen: 2 colheres de chá de alúmen em 1 l de água.

7. Também ajudam muito banhos quentes de agulhas de pinheiro ou dos seus extratos. Extremamente importante é a abstinência sexual durante todo o tratamento.

8. É útil ir à sauna duas vezes por semana.

9. No corrimento vaginal fazer irrigações com decocto de flores de helichrysum – uma colher de sopa num copo de água. Beber este decocto meio copo 3 vezes por dia uma hora antes das refeições. Curso de tratamento — 3—4 semanas.

10. Deitar uma colher de sopa de erva de hipericão num copo de água a ferver, ferver 15 minutos e coar. Beber 1/4 de copo 3 vezes por dia.

11. Decocto de folhas de rubus-saxatilis tomar no corrimento vaginal e outras doenças ginecológicas. Beber 1/4 de copo 3 vezes por dia.

INSÓNIA (em adultos)

A insónia é uma doença sobretudo de caráter neurológico. Manifesta-se em dificuldade em adormecer, sono superficial com despertares frequentes e sonhos desagradáveis, acordar cedo. A insónia é um sintoma que surge em várias doenças funcionais e orgânicas. Este fenómeno também ocorre no aparecimento de doenças psíquicas (esquizofrenia, epilepsia), doenças cerebrais (encefalites, tumores, meningites), aterosclerose, hipertireoidismo, diabetes mellitus, etc.

Para prevenir a insónia é melhor dormir de barriga para baixo, virando o rosto para a esquerda, numa almofada baixa (é a posição natural em que dormem as crianças). Também é útil dormir sobre o lado esquerdo, melhorando assim o funcionamento do trato gastrointestinal.

Recomenda-se também cumprir o regime (deitar-se sempre à mesma hora), arejar diariamente o quarto, tomar um duche morno (mas não quente) antes de dormir, etc.

É necessário lembrar também que o cansaço excessivo, fumar, chá e café fortes e abuso de álcool perturbam o sono.

1. Para adormecer mais rapidamente servem almofadas «hipnóticas» de ervas. Aos que sofrem de insónia Vanga recomenda

dormir numa almofada recheada de feno ou lúpulo seco e outras plantas aromáticas: folhas de feto-macho, loureiro-nobre, avelaneira, flores de helichrysum, agulhas de pinheiro, cones de lúpulo, ervas de menta, gerânio, orégão e pétalas de rosa.

Devem secar-se muito rapidamente, sem deixar secar em excesso, e guardar em sacos de polietileno herméticos até serem necessários. Para rechear almofadas as melhores combinações de plantas são: loureiro e feto na proporção 1:1; loureiro, feto e lúpulo na proporção 1:2:3; feto, lúpulo, loureiro e menta na proporção 2:2:2:1. Para aromatizar o ar do quarto podem colocar-se pequenas almofadas de ervas no radiador. Também se pode colocar debaixo da almofada um saquinho de tecido não muito denso com lúpulo triturado (duas colheres de sopa).

2. Antes de dormir é bom tomar uma colher de sopa de mel e esfregar as têmporas com óleo de alfazema, pingar também 3—5 gotas num torrão de açúcar e chupá-lo antes de dormir. Pode cozer alho com feijão, triturar e adicionar óleo de girassol. Com esta pomada untar as têmporas à noite.

3. Cozer uma maçã inteira em 1 l de água durante uma hora e beber o líquido obtido à noite durante vários dias seguidos.

4. São muito eficazes banhos mornos hipnóticos com adição de óleos essenciais: de menta (5 gotas), de camomila (2 gotas) e de laranja (2 gotas). Tomar o banho à noite antes de dormir.

Banhos quentes de pés à noite também aliviam a fadiga, acalmam o sistema nervoso e melhoram o sono. As plantas aromáticas também podem usar-se em banhos calmantes que favorecem o bom sono. Por vezes basta tomar algumas vezes banhos com flores de calêndula, erva de sucessão, menta ou orégão para o sono se normalizar. É bem conhecida a força curativa dos banhos de coníferas.

5. Para o tratamento tanto da insónia constante como periódica Vanga recomendava beber durante duas semanas os seguintes decoctos e infusões.

— Decocto de frutos de espinheiro-alvar: ferver 100 g de frutos de espinheiro-alvar triturados em 500 ml de água em lume brando durante

meia hora, arrefecer e coar. Tomar 0,5 copo 3 vezes por dia após as refeições;

— decocto de raiz de sálvia: ferver uma colher de sopa de raízes de sálvia com um copo de leite a ferver e 5 g de mel. Tomar o decocto morno meia hora antes de dormir;

— infusão de flores de espinheiro-alvar: uma colher de sopa de flores de espinheiro-alvar em meio copo de água a ferver, deixar repousar meia hora e coar. Tomar 2—4 colheres de sopa 3 vezes por dia;

— infusão de raiz de sabugueiro: escaldar uma colher de sopa de raiz de sabugueiro-siberiano triturada num copo de água a ferver, ferver 15 minutos em lume brando, deixar repousar meia hora e coar. Tomar uma colher de sopa por dia;

— infusão de casca de viburno: deitar 10 g de casca de viburno triturada num copo de água a ferver. Deixar repousar meia hora sem arrefecer e coar. Tomar uma colher de sopa 3 vezes por dia antes das refeições;

— tintura de bagas de viburno: triturar 25 g de bagas de viburno num almofariz, deitar 3 copos de água a ferver mexendo gradualmente. Deixar repousar 3 horas e coar. Tomar meio copo 4—5 vezes por dia antes das refeições;

— infusão de sementes de cânhamo: triturar finamente 2 colheres de sopa de sementes de cânhamo, peneirar e deitar num copo de água quente fervida. Deixar repousar bem tapado 30—40 minutos. Beber meio copo 2 horas antes de dormir e passado uma hora tomar o resto da infusão com o sedimento (obrigatoriamente morno);

— infusão de camomila-das-boticas, menta-pimenta, funcho e valeriana: flores de camomila-das-boticas, folhas de menta-pimenta, frutos de funcho, raiz de valeriana-medicinal e frutos de cominho-comum (tudo em partes iguais). Colocar 20 g da matéria-prima numa panela esmaltada, deitar 2 copos de água quente fervida, tapar e aquecer em água a ferver durante 30 minutos, depois arrefecer 10 minutos à temperatura ambiente. Espremer a matéria-prima restante. Completar o volume da infusão obtida com água fervida até 2 copos. Tomar de manhã 1,5—2 copos e à noite um copo;

— infusão de sementes de cominho: deitar uma colher de sopa de sementes de cominho trituradas num copo de água a ferver. Deixar repousar 2 horas. Tomar meio copo antes das refeições;

— infusão de sementes de endro: cozer 50 g de sementes de endro 15—20 minutos em lume brando em 0,5 l de vinho tinto (muito bom o Cahors). Deixar repousar bem tapado durante uma hora e coar. Tomar antes de dormir 1/4 de copo.

INSÓNIA (em crianças)

As causas da insónia nas crianças podem ser muitas: excitação antes de dormir, mal-estar, mau-olhado, etc. Para o tratamento da insónia infantil Vanga propunha os seguintes meios:

1. Ferver 1 kg de areia de rio num recipiente com muita água. Quando a água arrefecer, derramar esta água sobre a criança doente.

2. Envolver a criança doente num pano embebido em orvalho da manhã e deixar assim 0,5—1 hora até o pano secar.

3. Do mau-olhado, susto e insónia nas crianças ajuda a valeriana. À noite banhar a criança em decocto aquoso de valeriana para o sono ser tranquilo e profundo.

4. Pode banhar-se as crianças em decocto da erva de galio-verdadeiro. Para o banho tomar 5 colheres de sopa da erva em 1 l de água a ferver. Deixar repousar meia hora, coar e deitar na banheira. Logo após o banho deitar a criança na cama.

SONO INQUIETO (em crianças)

1. Muito cedo de manhã, quando cai o orvalho na erva, estender no prado um lençol branco limpo e impregná-lo bem com o orvalho. Depois envolver a criança no lençol e deixá-la dormir 1—1,5 hora até o lençol secar sobre ela.

2. Dar à criança à noite 1/4 de copo de decocto de abóbora com mel: num copo de água 200 g de abóbora triturada e uma colher de sopa de mel. Cozer a abóbora 15—20 minutos e adicionar mel ao decocto arrefecido.

3. Decocto de camomila-sem-língua: deitar uma colher de sopa da erva de camomila-sem-língua com flores num copo de água a ferver adoçada, cozer 15 minutos. Dar à criança morno uma hora antes de dormir, 1/4 de copo.

4. Infusão de raiz de valeriana: deitar uma colher de sopa de raiz de valeriana-medicinal triturada num copo de água a ferver. Ferver 15 minutos em lume brando. Deixar repousar 45 minutos e coar. Dar às crianças uma colher de chá 3 vezes por dia.

INFERTILIDADE (feminina)

1. A medicina popular búlgara recomenda beber infusão de sementes de psílio ou erva de drosera, ter em casa um ficus e também ramos de salgueiro.

2. Na infertilidade é desejável não beber água simples. Quando a infertilidade se combina com obesidade, deitar 3 colheres de chá de erva seca triturada de verónica-medicinal em 0,5 l de água a ferver, deixar repousar bem tapado 10 minutos e coar. Beber morno 3 copos por dia durante 1—2 meses.

3. Triturar 100 g de alho e deitar 0,5 l de vodca de uva. Deixar repousar num local quente durante 10 dias. Coar e tomar 1/2 colher de chá de manhã e à noite.

4. Pendurar ao pescoço uma bola de pó de chifre de veado misturado com excremento de vaca.

5. Dar à mulher um copo por dia de leite de égua sem ela saber.

6. Infusão da erva de hipericão: deitar um copo de erva seca triturada de hipericão em 5 l de água fria, levar a ferver, tirar imediatamente do lume, deixar repousar bem tapado 30—40 minutos e coar. Usar para banhos de assento que se tomam diariamente antes de dormir durante 2 semanas.

7. Infusão da erva de knotgrass: deitar uma colher de sopa de erva seca triturada de knotgrass em 1,5 copo de água a ferver, deixar repousar bem tapado 2 horas e coar. Tomar sem limite.

8. Deve comer-se partes do corpo onde predomina o instinto amoroso de animais e aves mais prolíficos.

9. Ajudam a conceção defumações prévias da mulher com incensos quentes. Também é bom pegar num tubo, mergulhar uma extremidade em cinza quente e introduzir a outra na abertura do útero para aquecer o útero.

10. Têm bom efeito velas de goma.

11. Dar à mulher decoctos de anis, sementes de aipo e semente de arruda.

12. Fazer clisteres humedecentes, beber leite de cabra e comer alimentos gordos. Para esta mulher é útil comer couve, aipo, cominho e anis.

13. Introduzir na vagina velas preparadas com gordura de ganso, endro, ajowan, cones de cipreste, bagas de loureiro e cominho-silvestre.

DOR DE DENTES

1. Remédio muito eficaz contra a dor de dentes é a raiz de psílio. Deve colocar-se no ouvido do lado da bochecha onde dói o dente e manter até a dor desaparecer. Normalmente a dor passa em meia hora.

2. Sal-gema e sal marinho usam-se em procedimentos aquosos caseiros. Mistura de 300 g de sal e 1 l de rakia aplica-se em fricções. Para bochechos de dentes estragados e gengivas doentes misturar 30 g de sal e 100 g de vodca.

3. Para dor de dentes e limpeza dos dentes do tártaro basta mastigar folhas frescas de orégão.

4. Como anestésico local pode servir pimenta-vermelha ardida, que reduz a dor.

5. Recomenda-se mastigar raiz de chicória recentemente arrancada.

6. Pode mastigar-se cravinho (um par de unidades).

7. Queimam-se sementes de beladona, inspira-se o fumo pela boca e mantém-se algum tempo em caso de dor de dentes.

8. A raiz de potentilla-rastejante colocada na boca cessa a dor de dentes e outras doenças da cavidade oral.

9. Defumar a cavidade oral com fumo obtido ao queimar folhas de álamo. Usar decocto de casca de álamo para bochechos em caso de dor de dentes.

10. Decocto de sálvia: escaldar sálvia e bochechar a boca com o decocto morno. Recomenda-se manter o decocto o máximo de tempo possível na zona dolorosa da gengiva. Trocar o decocto arrefecido 3—5 vezes em meia hora.

11. Molhar com tintura de valeriana e calêndula tomadas em partes iguais um algodão e aplicar no dente doloroso.

12. Tintura de framboesa e menta: deixar repousar folhas de framboesa e menta cortadas com 30 ml de vinagre de vinho ou de maçã num recipiente de vidro durante 3 dias e coar. Bochechar a boca com a tintura.

13. Tintura de raiz de confrei: para 1 parte de raiz de confrei triturada tomar 5 partes de vodca de uva, deixar repousar 10 dias e coar. Aplicar algodão embebido na tintura no dente doloroso.

14. Bochechar o local doloroso na boca várias vezes em meia hora (4—5 vezes) com infusão de sálvia. Trocar a infusão arrefecida.

15. Vanga aconselhava acalmar a dor de dentes aguda com água fria que se mantém na boca até aquecer, depois cuspir e tomar nova. Ao mesmo tempo aplicar compressa fria na bochecha.

16. Por vezes ajuda muito uma massagem ligeira da cabeça e pescoço.

17. Se nada ajudar, o melhor é encher um saquinho de musselina com água quente e aplicá-lo na bochecha com uma ligadura ou colocar um pequeno pedaço de toucinho no dente doloroso.

18. Limpar a cavidade oral de restos de comida, colocar no dente uma pequena quantidade de sal ou mistura de sal e alho, sal e cebola (em quantidades iguais) em forma de papa e cobrir com algodão.

19. Na dor de dentes também se usa própolis, folhas e gomos de bétula: introduz-se na cavidade limpa do dente um pequeno pedaço de própolis ou algodão embebido em tintura alcoólica de própolis, folhas ou gomos de bétula.

20. A dor de dentes desaparece se se colocar no ouvido do lado da bochecha onde dói o dente a raiz de psílio.

21. Aliviam bem a dor de dentes folha de calanchoé mastigada e tintura de hipericão.

22. Secar gomos não inchados de álamo e guardar num saquinho de pano. Ao aparecer dor de dentes envolver um gomo num pedaço de gaze, colocar no dente doloroso e morder durante 2—3 horas.

23. Pode deitar vodca na palma da mão e cheirá-la pela narina do lado onde dói o dente.

24. Colocar na cavidade do dente doloroso algodão embebido em álcool canforado. Se a dor não passar, significa que a lesão do dente é profunda. Neste caso deve untar-se a gengiva do dente doloroso com álcool canforado.

25. A dor de dentes elimina-se muito rapidamente, quase instantaneamente, se se untar a gengiva do dente doloroso com tintura alcoólica de acorus (tabua) ou hipericão.

26. Tomar miolo de pão preto e mastigá-lo juntamente com um dente de alho. Com a massa pegajosa obtida tapar o dente doloroso e a gengiva à volta.

27. Deixar repousar folhas de framboesa (cortadas), folhas de menta e 30 g de bom vinagre de vinho durante 3 dias num recipiente de vidro. Depois coar a tintura e bochechar a boca com ela.

28. Molhar um algodão ou gaze em óleo de alho e aplicar no dente doloroso ou gengiva inflamada durante 10—20 minutos. Em caso de dor de dentes repetir o procedimento passadas 1,5—2 horas; na parodontose são necessárias 15—20 aplicações com repetição do curso passados 6 meses.

29. Para a dor de dentes seca-se a pata-de-gato na fase de floração, pica-se e fuma-se. Após 2—3 fumadas a dor primeiro abranda e depois desaparece completamente e não volta.

30. Colocar na cavidade do dente doloroso uma baga de cerejeira-brava, mas não se pode manter na boca muito tempo porque os dentes começam a esfarelar-se.

31. Picar finamente um pedacinho de cebola, embrulhá-lo num pano fino e colocá-lo no ouvido do lado oposto àquele onde está o dente doloroso.

32. Amarrar abaixo da nuca, no pescoço, um pano quente ou, num pano, rábano ralado, mostarda, etc., para que queime bem.

33. Deitar num pequeno pote de barro um copo do melhor vinho de uva, adicionar um pouco de sálvia, alecrim e giz vermelho e ferver tudo junto 1—2 vezes; depois bochechar a boca com a solução o mais quente possível, o que imediatamente alivia a dor de dentes. Assim que cuspir o bochecho, substituir por outro mais quente. Repetir 3—4 vezes antes de dormir.

34. Amarrar tabaco em folha no cotovelo; se dói do lado direito, no cotovelo esquerdo.

35. Tirar um pedaço de casca de árvore, cortar um palito, espetá-lo na gengiva do dente doloroso até sangrar e depois, recolocando o palito no lugar antigo, cobrir com a casca e tapar com algo.

36. Tomar uma cabeça inteira de açafrão, cortar, picar também uma cebola branca e, misturando, colocar num pano fino ou gaze e amarrar: se o dente dói do lado direito, no pulso da mão esquerda; se dói do lado esquerdo, no pulso da mão direita; deixar 24 horas, a dor acalma.

DORES NOS OLHOS

1. Decocto de aloé: escaldar uma colher de sopa de folha de aloé triturada com as mãos num copo de água a ferver e deixar repousar meia hora. Bochechar os olhos com este decocto.

2. Compressas com decocto de erva de celidónia com mel: escaldar uma colher de sopa de erva de celidónia com um copo de água a ferver e manter em lume brando 5 minutos. Depois deixar repousar 20 minutos, coar, adicionar uma colher de chá de mel e mexer.

3. Em dores nos olhos – compressas de pepinos frescos: meio copo de casca, meio copo de água a ferver e meia colher de chá de bicarbonato de sódio.

4. Filtrar óleo de sésamo através de gaze ou tecido de algodão. Pingar uma gota em cada olho antes de dormir. Não temer a ardência temporária. Este remédio é útil em todas as doenças dos olhos.

5. Torrar chá ban-cha (chá verde grosso) numa frigideira até ficar castanho-escuro e preparar como de costume para beber. Adicionar 5 % de sal, impregnar um tecido nesta líquido e aplicar nos olhos 10—15 minutos 3 vezes por dia. Este procedimento é útil em todas as doenças oculares.

DORES NAS COSTAS

As dores nas costas surgem por razões muito diversas. Entre elas contam-se a fadiga geral forte, coitos frequentes, bem como doenças de órgãos internos e da coluna vertebral. Assim, muitas vezes a causa das dores nas costas são doenças renais, tumores e doenças do útero.

1. O melhor remédio para dor fria na coluna pode considerar-se óleo de rícino com sumo de aipo. Vanga recomendava aos doentes comer regularmente espargos e tomar de vez em quando laxante.

2. Ajuda muito nas dores antigas nas costas ligadura com oleandro, bem como ligaduras com óleo e bagas de loureiro, óleo e sementes de arruda e rícino. Tem excelente efeito também o óleo de

íris, com que se unta a coluna depois de a aquecer com fricção moderadamente forte.

3. Tomar um pedaço de pano branco limpo de 1 m x 1 m e aplicar 100 g de óleo de arma. Aplicar três noites seguidas nas costas.

4. Untar as costas com mel. Massajar as costas com movimentos bruscos que lembrem arrancar a pele dos ossos. Repetir o procedimento no dia seguinte até a dor desaparecer completamente.

5. Tomar 30 g de pimenta-vermelha ardida em 200 ml de rakia (vodca). Deixar repousar 2 semanas, coar e espremer. Usar externamente como irritante em fricções para radiculites, nevralgias, miosites, ciática, tosse e reumatismo.

6. Deixar 20 g de pulsatilla fresca em repouso em meio copo de rakia (vodca) ou álcool, filtrar e guardar num local escuro. Tomar para acalmar dores nas costas. Este remédio atua como calmante e analgésico.

DOR NAS COSTAS E NA OMOPLATA DIREITA

Vanga considerava que esta dor surge em consequência de alguma queda anterior.

1. Aconselhava esfolar uma lebre (coelho), polvilhar a pele do lado interior com pimenta-vermelha e regar com óleo de girassol, depois aplicar nas costas do doente.

2. Destas dores ajuda muito a seguinte composição: tomar em partes iguais feno-grego, sementes de agrião-d'água, sementes de aipo, ajowan e gengibre-chinês. Triturar, fazer bolinhas desta mistura e tomar internamente.

3. Se a dor surgiu de contusão, o melhor remédio é múmia, que se usa com óleo de jasmim ou vinho, aplicando no local lesado.

4. Externamente pode aplicar-se argila impressa ou arménia e alúmen.

5. Também traz benefício beber sumo espremido de centáurea-menor.

6. Uma das boas cataplasmas são folhas de cipreste cozidas em vinho, espremidas e misturadas com óleo de jasmim, folhas de tamargueira com alúmen.

7. Aos locais dolorosos é melhor aplicar pele de ovelha acabada de esfolar e deixar por longo tempo. Debaixo da pele é bom espalhar um pouco de sal ralado.

8. Pode polvilhar o local doloroso com argila de oleiro triturada ou lixo de fornos partidos.

9. Também se pode tomar em quantidades iguais óxido de chumbo e alvaiade e preparar com eles ligadura com pomada de cera em óleo de rosa. Para ligadura usa-se com sucesso açafrão em quantidades iguais.

DOR NO ANTEBRAÇO (aguda)

1. Tomar 2 pacotes de incenso (cerca de 40—50 g) e dissolver em 50 g de vinagre de maçã. Aplicar a mistura num pano de lã e aplicar três noites seguidas no local doloroso.

2. Impregnar um pano de lã com gasolina, aplicar no local doloroso e por cima pressionar um prato ou placa de cobre aquecida (mas que se possa suportar). Assim três noites seguidas.

3. Tomar partes iguais de ácido sulfúrico não diluído e óleo de linhaça. O óleo de linhaça pode substituir-se por óleo de madeira, mas só se for da qualidade que se queimava nas lâmpadas há 70 anos, pois agora o óleo de lâmpada é de má qualidade. Misturar ambos os componentes num recipiente de vidro bem fechado, mas sem agitar. Termina assim a preparação do antigo bálsamo.

Com um pincel ou pena de ganso untar os locais dolorosos 1 vez por dia. Passados 15 minutos após untar com o bálsamo cobrir o local doloroso com gaze dobrada em quatro.

Se os locais dolorosos submetidos à ação do bálsamo continuarem a reagir muito dolorosamente à aplicação deste medicamento, deve usar-se este meio com menos frequência, ou seja, de 2 em 2 ou mesmo de 3 em 3 dias. Deve continuar-se a usar este bálsamo até as dores desaparecerem completamente.

Muitas vezes após 1—2 aplicações revela-se necessário usar bálsamo mais fraco: para 1 parte de ácido sulfúrico não diluído tomar 2 partes de óleo de linhaça ou de madeira.

4. Se a doença começou como consequência de constipação, deve esfregar-se pomada de gomos de bétula. Depois aplicar nos locais dolorosos uma camada de folhas frescas de bétula, ligar os locais cobertos com folhas de bétula durante a noite e não tirar a ligadura até de manhã. Nos gomos de bétula há óleo com força curativa única.

5. Nestes casos ajudam folhas de amieiro se, antes de dormir, esfregar com elas os locais dolorosos e dormir alguns dias numa cama de folhas destas.

DOR NO PEITO (antiga)

Vanga considerava que nestes casos está inflamada a pleura pulmonar.

1. Recomendava fazer compressa de massa amassada com kvass caseiro adicionando 100 g de vinagre, 100 g de óleo de girassol e 100 g de vinho. Aplicar esta compressa no local doloroso.

2. Tomar 1/4 de libra de raízes de acónito (só a raiz, não os caules), deitar uma quarta de rakia (vodca) ou álcool de farmácia diluído a 60° e colocar num local quente durante 3 dias. Quando a tintura adquirir a cor de chá forte está pronta a usar.

Modo de uso: às pessoas com coração muito fraco recomenda-se usar em cada fricção não mais que uma colher de chá de tintura (a dose geral é uma colher de sopa de tintura para cada fricção).

Este remédio possui enorme força. Na fricção aumenta tanto a circulação sanguínea que o doente sente imediatamente batimentos cardíacos extraordinários. Esfregar a tintura até secar. Manter o local submetido à fricção quente, sem deixar entrar ar frio. A fricção é melhor fazer à noite. Duas horas antes de o doente se levantar da cama tira-se a ligadura. De manhã, quando o doente se levanta, ou seja, duas horas após tirar a ligadura, deve molhar-se um pano em água fria e, espremendo bem, esfregar com ele o local submetido à fricção. Fazer isto rapidamente. Esfregar lentamente pode provocar constipação.

Se as dores forem muito fortes, as fricções fazem-se durante 4—5 semanas diariamente antes de dormir.

Não se recomenda beber a tintura de raízes de acónito. Se alguém após a fricção da tintura não lavar as mãos com sabão e escova e se for lavar a cara, arrisca-se a ficar sem olhos. O acónito é muito venenoso.

Também se deve lembrar que se o doente fizer a fricção não duas horas mas alguns minutos antes de sair ao ar livre, terá grandes problemas de saúde.

3. Tomar 30 g de matéria-prima triturada da raiz, deitar 500 ml de vinho branco, deixar repousar durante um dia agitando frequentemente, depois coar e tomar meio copinho de vinho 2 vezes por dia. Tomar como calmante.

DOR NAS PERNAS

1. Num grande recipiente ferver um molho de trevo-dos-prados (Trifolium pratense L). Quando o decocto arrefecer, coar e adicionar uma colher de sopa de querosene. Fazer banhos de pés três ou quatro noites seguidas.

2. Remédio para esfregar as pernas: deixar uma folha de arma-de-raiz-grande em repouso em 0,5 l de rakia (vodca) e usar para fricções. Esta tintura pode usar-se para esfregar em reumatismo, radiculite, contusões e mastites.

3. Fazer tintura alcoólica de raminhos de acácia-amarela com folhas e flores. Tomar algumas gotas 3 vezes por dia.

4. Agave (50 g), rábano (50 g), alho (50 g), pimenta-malagueta (50 g), tutano de osso de perna de gado (50 g). Triturar todos os componentes com faca. Colocar num recipiente de vidro, triturar com 200 ml de rakia (vodca), deixar repousar uma hora, adicionar 200 g de óleo canforado, 2 colheres de sopa de iodo, 50 g de gordura de texugo, 50 g de terebintina e 300 ml de rakia. Deixar tudo num local quente 4—5 dias, coar através de gaze e guardar em garrafa fechada. Esfregar pequenas porções 1—2 vezes por dia, melhor à noite antes de dormir. Continuar o tratamento durante um mês.

DOR NA REGIÃO LOMBAR

1. Tomar telha turca antiga e triturá-la bem em pó, depois peneirar, adicionar 3 claras batidas, 20 g de incenso triturado e uma chávena de vodca de uva. Misturar tudo muito bem. Aplicar a mistura num pano de linho e envolver a região lombar durante a noite.

2. Untar a região lombar com uma fina camada de mel e cobrir com 1—2 camadas de papel higiénico. Por cima colocar 2—3 sinapismos, sobre eles filme de polietileno e envolver tudo com um lenço ou cobertor quente. O tempo de uso da compressa não deve exceder 1,5 hora. Em caso de sensações dolorosas tirar a compressa mais cedo.

3. Aplicar rábano ou raiz-forte ralada no local doloroso. Para suavizar um pouco o efeito pode adicionar-se natas azedas à massa. A mistura diluída pode usar-se no tratamento de crianças.

4. Preparar infusão de tomilho, camomila-das-boticas, hipericão e flores de sabugueiro-preto. Fazer compressas quentes à noite com envolvimento.

5. Tomar um pedaço de pano branco limpo de 1 m x 1 m e aplicar 100 g de óleo de arma. Aplicar três noites seguidas na região lombar.

6. Untar a região lombar com mel. Massajar com movimentos bruscos que lembrem arrancar a pele dos ossos. Repetir o procedimento no dia seguinte até a dor desaparecer completamente.

7. Vanga aconselhava esfolar uma lebre (coelho), polvilhar a pele do lado interior com pimenta-vermelha e regar com óleo de girassol, depois aplicar na região lombar do doente.

8. Tomar dois pacotes de incenso (cerca de 40—50 g) e dissolver em 50 g de vinagre de maçã. Aplicar a mistura num pano de lã e aplicar três noites seguidas no local doloroso.

9. Impregnar um pano de lã com gasolina, aplicar no local doloroso e por cima pressionar um prato ou placa de cobre aquecida (mas que se possa suportar). Assim três noites seguidas.

10. Compressa fria de alho. Impregnar uma ligadura de algodão ou toalha felpuda com infusão fria de alho, espremer sumo de limão e aplicar nos locais dolorosos. Manter a compressa até aquecer à temperatura do corpo (cerca de 20 minutos). Depois repetir o procedimento com nova porção de infusão fria até sentir alívio.

Este remédio ajuda especialmente se alternar a compressa fria com quente. A compressa também é capaz de reduzir a dor e inchaços em entorses dos ligamentos dos cotovelos e joelhos, etc.

11. Usar tintura de eucalipto em fricções externas na radiculite.

12. Fazer fricções com tintura alcoólica de cogumelo-vermelho ou raiz-de-adão.

13. Para aquecimento Vanga recomendava compressas aquecedoras:

esfregar uma colher de sopa de pó de mostarda em água até obter a consistência de natas azedas, aquecer até cerca de 40 °C, espalhar a papa obtida num pedaço de tecido, aplicar no local doloroso e fazer compressa aquecedora. Manter alguns minutos;

lavar, descascar e ralar raiz de rábano. Aplicar a papa com o sumo (para reduzir a ardência pode adicionar-se um pouco de natas azedas) em camada espessa como compressa no local doloroso;

lavar folhas frescas de bardana ou escaldadas em água a ferver se estiverem secas e aplicar o lado inferior no local doloroso. Manter a compressa pelo menos uma hora;

esfregar pó de esponja-d'água com azeite (1:30), untar os locais dolorosos com a pomada obtida, fazer compressa aquecedora e manter 40—50 minutos.

Grande alívio trazem compressas de massa de centeio, recomendadas a doentes que sofrem de dores lombares há muito tempo. Preparam-se de duas formas:

a) compressa de massa com fermento – esfregar uma colher de chá de terebintina purificada na região lombar até a pele corar, depois aplicar massa embrulhada em gaze no local doloroso e fazer compressa. Manter

40—50 minutos. Realizar o procedimento dia sim, dia não, usando a massa repetidamente; o bolor não afeta a qualidade. Para reduzir a ardência beber leite morno com bicarbonato de sódio (uma colher de chá de bicarbonato num copo de leite). Se aparecer queimadura, interromper temporariamente o procedimento. Para o curso de tratamento bastam 3—5 compressas;

b) compressa de massa sem fermento – assim que a massa azedar, aplicar no local doloroso gaze dobrada em quatro e por cima massa com 1—2 cm de espessura. Fazer a compressa diariamente à noite. O curso de tratamento é calculado para 10 procedimentos.

Todos os meios descritos devem provocar aquecimento profundo, sensação de calor tolerável, ligeiro formigueiro, mas não dor, que indica queimadura da pele.

14. Molhar um pedacinho de tecido limpo denso e macio em sumo de rábano-preto e aplicar no local doloroso, envolvendo bem com algo quente. A compressa, se não aparecer ardência forte, pode não se tirar até 2 dias.

15. Triturar em pó frutos de castanheiro-da-índia e misturar em partes iguais com óleo canforado e banha interna. Espalhar a mistura em camada fina num pedaço de pão preto e aplicar no local doloroso. (Do pão começa a escorrer muita humidade.)

16. São úteis tinturas de raízes de bardana em rakia ou álcool. Usam-se em fricções ou compressas.

17. Ajudam na radiculite folhas frescas de rábano aplicadas no local doloroso. As folhas podem trocar-se ou aplicar-se várias de uma vez durante alguns dias.

GENGIVAS DOENTES

1. Quando as gengivas incham e ficam quentes ao toque, deve usar-se bochechos refrescantes e adstringentes. Assim, por exemplo, usa-se água de rosa, leite azedo, decocto de flores de romãzeira, infusão de psílio, infusão de bolotas, sumo de beldroega-das-hortas. Depois bochechar a boca com óleo de azeitonas verdes ou óleo de lentisco. Este último acalma muito bem a dor. Depois beber sumo espremido de arruda ou óleo de pistácio.

2. Pode bochechar a boca várias vezes por dia com decocto de segurelha adicionando uma pitada de alúmen.

3. Recomenda-se ao doente mastigar duas vezes por mês durante uma hora resina de pinheiro-bravo (Pinus silvestris L).

4. Se o inchaço estiver profundo, pode supurar. Neste caso usa-se verdete, escama de cobre com vinagre.

5. Se as gengivas estiverem muito inflamadas e inchadas, pode fazer-se cauterização com azeite a ferver, no qual se molha tecido de lã enrolado num espeto. Cauteriza-se várias vezes até o inchaço encolher e embranquecer.

6. Em inchaço na gengiva primeiro deve bochechar a boca com óleo quente com mel e sumo de fruta reduzido até engrossar e depois usar os medicamentos dissolventes acima referidos.

7. Em gengivas sangrentas usam-se alúmen queimado apagado com vinagre com o dobro de sal-gema e uma vez e meia de vitríolo vermelho, com que se polvilham as gengivas.

8. Um dos bochechos úteis é bochechar com infusão de cebola-marinha em vinagre, bem como bochechar com leite de burra, decocto de folhas de oliveira, rosa, lentilha e cálices de romãzeira.

9. Em úlceras corrosivas recomenda-se pó composto por 3 partes de frutos de galanga, 1 parte de celidónia, flores de romãzeira, açafrão, 2 partes de rosa seca, 0,5 parte de favas, amoníaco, espuma-marinha e 0,25 parte de cânfora.

10. Misturar flores de romãzeira com escama de ferro e esfregar a gengiva com esta mistura, depois bochechar a boca com infusão de cebola-marinha em vinagre ou vinagre em que se cozeram folhas de oliveira.

11. Bom remédio é tomar em partes iguais alúmen, cal, gálbano e arsénico, triturar e depois esfregar a gengiva com o pó obtido.

12. Em úlceras também é útil a cauterização, após a qual se aplica compressa de gálbano com 3 partes de mirra.

13. Decocto de sálvia: escaldar sálvia e bochechar a boca com o decocto morno. Recomenda-se manter o decocto o máximo de tempo possível na zona dolorosa da gengiva. Trocar o decocto arrefecido 3—5 vezes em meia hora.

14. Na parodontose ajuda muito tomar múmia 0,2 g internamente 1—2 vezes por dia (obrigatoriamente à noite antes de dormir durante 25 dias por curso de tratamento, com leite e mel ou solução aquosa na proporção 1:20 com aplicação simultânea de múmia sob a forma de solução a 5 %).

15. Ajuda muito o seguinte remédio: cortar alho em lâminas finas e envolver as gengivas dos dois lados durante meia hora. Apesar da forte dor, este procedimento deve fazer-se três vezes. Mas deve evitar-se queimadura da gengiva.

16. Para fortalecer as gengivas Vanga propunha o seguinte remédio: fazer uma mistura com uma pitada de sal marinho triturado em pó e 2—3 gotas de azeite; mergulhar o dedo indicador na massa acinzentada obtida e limpar os dentes e gengivas em várias direções durante pelo menos 5 minutos.

Este procedimento deve fazer-se 2 vezes por dia: de manhã e à noite (pode ser só de manhã); na falta de azeite pode usar-se óleo vegetal, mas com menor resultado terapêutico.

17. Preparar uma recolha medicinal: uma colher de chá de raiz de bistorta, uma colher de sobremesa de raiz de sanguinária e raiz de potentilla e uma colher de sopa de folha de eucalipto. Deitar a recolha numa panela esmaltada e verter 1,4 l de água, ferver 15 minutos e adicionar a segunda recolha: uma colher de sobremesa de folha de menta-pimenta e 2 colheres de sopa de flores de calêndula e folha de sálvia. Mexer, ferver 15 minutos (mexendo a cada 5 minutos), tirar do lume, deixar repousar 45 minutos e filtrar. Bochechar morno um copo 3—4 vezes por dia. Em caso de formação de pústulas nas gengivas esfregar as gengivas com algodão embebido em solução aquosa de múmia a 3 %. Regra geral, desaparecem num dia.

18. Para restaurar a firmeza das gengivas fracas deve comer-se todos os dias pelo menos um dente de alho cru e bochechar a boca com urina saudável de criança pequena.

RINS DOENTES

Em pedras nos rins o doente sente dor e peso na região lombar. Deve procurar-se eliminar a causa da formação de pedras e depois proceder-se à remoção ou fragmentação das pedras. Depois tomam-se medidas para eliminar as dores e as consequências da presença de pedras nos rins.

Para que as pedras nos rins deixem de se formar é necessário proceder à limpeza do organismo através de laxantes ou vómitos. Depois o doente deve abster-se de comida pesada e de beber água de má qualidade. Depois disso fortalece-se o estômago, prescrevem-se exercícios físicos moderados em jejum, fricções e também se prescrevem ao doente laxantes e diuréticos leves. Um dos meios que impedem a formação de pedras nos rins é o vómito após as refeições, que deve usar-se regularmente. Por vezes com a ajuda de sauna e banhos consegue-se expulsar as pedras, mas o uso demasiado frequente da sauna debilita os rins. Aos doentes com pedras nos rins é melhor deitar-se ou dormir de costas. Os medicamentos que atuam nas pedras nos rins devem, entre outras coisas, possuir leve ação adstringente, bem como analgésica e diurética.

1. Entre os medicamentos simples deste tipo contam-se raiz de amora-silvestre, casca de raiz de loureiro, semente de alteia, goma de espinheiro-alvar, abrolhos, raiz de hena, cebola-marinha e vinagre dela, salsa-dos-montes, menta-polegi, absinto, canela-do-ceilão, raiz de pepino-bravo, madeira e grãos de árvore-bálsamo, óleo bálsamo, sementes de pepino-bravo, alcachofra, infusão da sua raiz, cabelo-de-vénus, cominho-silvestre, sementes de rábano, raiz de espargo e arruda-silvestre.

2. Considera-se útil também o seguinte remédio: tomar 70 grãos de pimenta, triturar finamente, fazer 7 bolinhas e dar ao doente uma bolinha por dia. Este medicamento ajuda a expulsar a pedra com a urina.

3. Um dos melhores meios para expulsar pedras dos rins são pedrinhas que se encontram na esponja.

4. Útil também o seguinte remédio: tomar em partes iguais sementes ou frutos de árvore-bálsamo, menta-silvestre seca, pedra de esponja, sementes de menta e manjericão-dos-montes seco. Triturar a recolha e beber todos os dias uma colher com vinho diluído, cerca de 120 g por toma.

5. Remédio comprovado é dar ao doente beber duas vezes por dia medicamento preparado com partes iguais de sementes de melão, cártamo e açafrão com feijão. Também se pode tomar 8,5 g de bagas de cerejeira trituradas, 4 g de açafrão e 2 g de aristoloquia. Amassa-se o medicamento com mel e dá-se 12 g de uma vez.

6. Durante toda uma semana o doente deve tomar decocto de sementes de abóbora. Além disso, várias noites seguidas fazer compressa «pata» nos rins. Solução para a compressa: semente de linho triturada (cerca de 100 g) em pequena quantidade de água.

7. Uma vez por semana o doente deve comer apenas trigo cozido, bebendo a água em que o grão foi cozido.

8. Tomar uma grande raiz de amora-silvestre e cozer em 5 l de água até a água reduzir para metade. Tomar o decocto 3 vezes por dia, 100 g.

9. Deitar vinagre de maçã em argila de oleiro e amassar bem. Aplicar a mistura num pedaço de tecido e à noite aplicar na região lombar, na zona dos rins.

10. Em pedras nos rins deve comer-se diariamente até 2,5 kg de melancia, sentado num banho quente.

11. Ferver uma colher de chá de semente de linho num copo de água. Beber meio copo de 2 em 2 horas durante 2 dias, diluindo com água antes de tomar. (Se o decocto parecer desagradável ao paladar pode adicionar-se sumo de limão.)

12. Frutos de cominho (uma colher de chá), casca de espinheiro-cerval (uma colher de sopa), raiz de alteia-medicinal (uma colher de sopa) e folhas de menta-pimenta (uma colher de sopa) num copo de água. Tomar o decocto internamente à noite, um copo.

13. Folhas de erva-cidreira (uma colher de sopa), folhas de menta (uma colher de sopa) e flores de camomila-das-boticas (uma

colher de sopa) num copo de água. Beber um copo de infusão por dia.

14. Erva de celidónia (2 colheres de sopa) num copo de água. Tomar o decocto de manhã e à noite, um copo antes das refeições.

15. Decocto de raízes de rosa-brava: deitar 2 colheres de sopa de raízes de rosa-brava trituradas num copo de água, ferver 15—20 minutos. Deixar repousar bem tapado até arrefecer e coar. Tomar meio copo 4 vezes por dia durante uma semana ou mais. Este decocto dissolve todo o tipo de pedras na vesícula biliar, bexiga e bacinetes renais.

16. Infusão de sementes de cenoura: deitar uma colher de sopa de sementes de cenoura num copo de água a ferver. Deixar repousar bem tapado 12 horas e coar. Beber a infusão morna meio copo 5—6 vezes por dia antes das refeições. Aplicar na litíase renal.

17. Infusão de ruibarbo, milefólio e helichrysum-arenário: misturar 10 g de raiz de ruibarbo, 25 g de erva de milefólio e 15 g de flores de helichrysum-arenário. Escaldar uma colher de sopa da mistura num copo de água a ferver. Deixar repousar uma hora e coar. Beber meio copo por dia meia hora antes das refeições. Tomar na litíase renal.

18. Deitar 20 g de folhas secas de uva-de-urso num copo de água a ferver, ferver 15 minutos e, após arrefecer, filtrar. Dissolver neste infusão uma colher de sopa de mel. Tomar um copo 3 vezes por dia 30 minutos antes das refeições.

19. Preparar uma recolha medicinal com partes iguais de raiz de saxifraga e frutos de rosa-brava: deitar uma colher de sopa da recolha em 2 copos de água a ferver, deixar repousar 4 horas, filtrar e dissolver neste infusão uma colher de sopa de mel. Tomar um copo 2 vezes por dia 30 minutos antes das refeições. Curso de tratamento — 10 dias. Após intervalo de duas semanas repetir o tratamento se necessário.

20. Na litíase urinária é bom usar folha de morangueiro e uva-de-urso, erva de salsa, herniaária-comum, knotgrass e saxifraga, raiz de rubia-tintureira.

21. Tomar aipo-cheiroso como diurético e analgésico.

22. Infusão da erva de endro-das-hortas atua como diurético, laxante, carminativo e colagogo.

23. Sumo de rábano usar como diurético em pedras nos rins e na bexiga. Vanga recomendava tomar antes das refeições uma colher de chá de rábano ralado com açúcar ou mel (esta mistura pode barrar-se no pão).

24. Preparar a seguinte recolha: raiz de chicória — 100 g; raiz de rosa-brava — 125 g; raiz de rubia — 75 g; menta — 100 g; semente de cenoura-silvestre — 75 g; raiz de espargo — 100 g.

À noite deitar 3 colheres de sopa da recolha de ervas numa panela esmaltada e verter 3 copos de água fria. De manhã colocar em lume brando e ferver com tampa fechada 30 minutos. Deixar repousar 30 minutos, coar, dividir em 4 partes e tomar uma hora antes das refeições morno.

Se as pedras saírem com fortes dores, deve aplicar-se nos rins compressa de decocto de aveia: deitar 3 colheres de sopa de aveia numa panela esmaltada e verter 3 copos de água fria. Colocar em lume brando, ferver com tampa fechada 15 minutos e coar; molhar um pano de material natural e aplicar nos rins. Por cima colocar oleado e envolver com cobertor quente.

25. Se o doente sente constantemente peso e tensão na zona dos rins, essa pessoa deve excluir da alimentação tudo o que é salgado, picante e ácido. Por vezes no início da doença é útil dar leite aos doentes. Depois fazer clisteres com alteia, malva, semente de linho e óleo de rosa frio. Aplicar na zona dos rins ligaduras medicinais com farinha de cevada adicionando violetas e favas de cavalo.

26. Para aquecer aplicar na zona dos rins cataplasmas de tecido de lã molhado em óleos aquecedores, endro e alteia. As ligaduras medicinais neste caso preparam-se com farinha de trigo e água fervida com mel, folhas de feno-grego e couve, raiz de íris,

endro, alteia e camomila misturada com óleo de sésamo. Ação análoga tem também o seguinte meio para beber: tomar 9,5 g de semente de linho e 4 g de amido. Tomar o medicamento em 2 vezes.

27. Entre as ligaduras úteis neste período da doença usam-se teucrium-comum, raiz de aipo e inflorescências de junco-aromático.

BRONQUITE

A bronquite é um processo inflamatório da mucosa dos brônquios. A bronquite geralmente acompanha-se de tosse. Primeiro seca e latente, depois húmida com expetoração. Distinguem-se bronquite crónica e aguda. A bronquite crónica surge devido à inalação de ar poluído, ação prolongada nos brônquios de gases tóxicos e tabagismo. A bronquite aguda muitas vezes tem natureza infeciosa em consequência de arrefecimento. Os seus sintomas: mal-estar geral, corrimento nasal, dor muscular, inflamação da laringe (laringite), faringe (faringite) e traqueia (traqueíte).

1. Cortar rábano em fatias finas em 8 partes e polvilhar com açúcar. Passadas 6—8 horas aparece sumo que deve tomar-se uma colher de chá de hora a hora. A tosse mais forte passa em 3—5 dias.

2. Esfregar o peito com tecido de lã seca e depois esfregar banha interna de porco (a pele deve estar seca), adicionando antes do procedimento pequena quantidade de óleo de abeto.

3. Tomar gomos de bétula nos quais já brotaram folhas, encher com eles uma garrafa, deitar vodca e deixar repousar 7—10 dias. Tomar 5—10 gotas diluídas em água 3 vezes por dia.

4. Deitar uma colher de sopa de psílio num copo de água a ferver e deixar repousar 15 minutos. Tomar uma colher de sopa 3 vezes por dia 15 minutos antes das refeições.

5. Deitar 2 colheres de sopa de flores de calêndula num copo de água a ferver e manter em banho-maria 15 minutos. Tomar 1—2 colheres de sopa 3 vezes por dia 15 minutos antes das refeições.

6. Deitar uma colher de chá de cardo-crespo num copo de água a ferver e deixar repousar 15 minutos. Tomar arrefecido 5 vezes por dia.

7. 500 g de cebola descascada e triturada, 50 g de mel e 400 g de açúcar cozer em 1 l de água em lume brando durante 3 horas. Guardar o líquido numa garrafa bem tapada. Tomar uma colher de sopa 3—4 vezes por dia.

8. Numa panela esmaltada deitar um copo de leite e uma colher de sopa de sálvia em folha. Ferver novamente a mistura (não mais de 2 minutos). Beber o decocto o mais quente possível à noite antes de dormir (meio copo).

9. Sumo de nabo cozido com mel é útil no tratamento da bronquite. Tomar 2 colheres de sopa 3—4 vezes por dia (meio copo de sumo — 2 colheres de mel).

10. Ferver um copo de leite fresco, colocar 2 frutos de figo durante 2 minutos. Tomar 3 vezes por dia após as refeições um copo quente.

11. Misturar sumo de rábano ou cenoura com leite ou bebida de mel (metade-metade) e beber uma colher de sopa 6 vezes por dia.

12. Misturar 2 colheres de sopa de manteiga, 2 gemas de ovos frescos, uma colher de chá de farinha de trigo e 2 colheres de chá de mel. Tomar internamente uma colher de chá muitas vezes por dia.

13. Para facilitar a eliminação da expetoração é útil tomar internamente xarope de sumo de arando com açúcar ou mel. Beber o xarope com bastante frequência, uma colher de sopa.

14. Durante o tratamento beber em vez de chá decocto de morangueiro.

15. Tintura alcoólica de casca de tangerina suaviza a tosse e elimina processos inflamatórios nos brônquios.

16. Escaldar como chá gomos de pinheiro na proporção de uma colher de sopa por copo de água. Beber 1/4 de copo 3—4 vezes por dia.

17. Misturar 4 partes de sumo de couve com 1 parte de açúcar e manter em lume brando até evaporar aproximadamente metade do líquido. Tomar uma colher de chá 2—4 vezes por dia.

18. A medicina popular búlgara na bronquite usa decocto de flores de alfazema e camomila-das-boticas.

19. Ralar 2 cabeças de alho e 5 limões, deitar 1 l de água fervida, deixar repousar 5 dias, coar e espremer. Tomar uma colher de sopa 2 vezes por dia 20 minutos antes das refeições.

20. Chá de raminhos de alecrim-dos-pântanos (25 g por 1 l de água a ferver). Tomar meio copo 5—6 vezes por dia durante 2 semanas.

21. Beber quente infusão de flores de helichrysum-arenário um copo por dia.

22. Na bronquite é necessário colocar 3 vezes por dia no nariz tampões com papa de cebola. O procedimento deve durar 10—15 minutos. Para suavizar a reação forte da cebola nas mucosas, os tampões devem previamente untar-se com pomada de calêndula.

23. Deitar meio copo de bagas de viburno em 0,5 l de água a ferver, cozer 8—10 minutos, coar, adicionar 3 colheres de sopa de mel e mexer. Tomar meio copo 4 vezes por dia antes das refeições.

24. Tomar em partes iguais erva de knotgrass, frutos de anis e endro, gomos de pinheiro, erva de tomilho e raiz de alcaçuz triturada. Deitar uma colher de sopa desta mistura em 300 ml de água fria fervida, deixar repousar 2 horas, colocar no fogão, levar a ferver, ferver 3 minutos, arrefecer e coar. Tomar meio copo 3 vezes por dia meia hora antes das refeições.

BRONQUITE (em crianças)

A bronquite é muito perigosa para bebés, especialmente se não se prestar atenção atempada.

1. Ao aparecer tosse untar as costas e o peito da criança com banha de porco derretida ou algum óleo vegetal adicionando pequena quantidade de terebintina.

2. Fritar 2 ovos em banha de porco e salgar bem. Quando o ovo mexido arrefecer, aplicar no peito da criança durante a noite.

3. No início da doença dar à criança uma única vez uma colher de chá de óleo de rícino.

4. Cozer 2—3 folhas de mãe-e-madrasta em 0,5 l de leite fresco. Adicionar pequena quantidade (na ponta da faca) de banha de porco fresca. Tomar internamente à noite antes de dormir uma chávena de café.

5. Se a criança tiver também febre, esfregar bem com vodca metade com vinagre morno, dar com colher um pouco de infusão de camomila, envolver bem para adormecer e transpirar.

6. Em tosse húmida forte, quando a expetoração sai com dificuldade ou não sai de todo, deve dar-se várias vezes por dia 2—3 gotas de óleo de amêndoa em xarope de açúcar.

7. Se a doença progredir e a criança começar a sufocar, é urgente ajuda médica, pois é muito perigoso. Até à chegada do médico pode dar-se à criança 5—10 gotas de vodca com uma colherinha de água. Ou pingar 5 gotas de álcool canforado em pó de açúcar e deitar na língua da criança, dando-lhe depois água de uma colher.

8. Na pneumonia, bronquite, traqueíte e tosse persistente Vanga recomendava decocto de aveia preparado da seguinte forma: misturar 2 colheres de sopa de aveia com a mesma quantidade de passas e deitar 1,5 l de água fria fervida. Cozer em lume muito brando ou deixar em lume brando no forno com tampa até evaporar metade do líquido. Arrefecer ligeiramente, coar, espremer, adicionar ao líquido coado uma colher de sopa de mel natural e mexer bem. Dar às crianças uma colher de chá várias vezes por dia.

9. Cortar rábano em cubinhos pequenos, colocar numa panela e polvilhar com açúcar. Assar no forno durante 2 horas. Coar, deitar fora os pedaços de rábano e o líquido deitar numa garrafa. Dar à criança 2 colheres de chá 3—4 vezes por dia antes das refeições e à noite antes de dormir.

10. Colher violetas e snowdrops muito cedo de manhã, enquanto o sol ainda dorme. Guardar num local escuro e secar à sombra. Escaldar uma colher de sopa de flores secas num copo de água a ferver e manter em banho-maria 15 minutos. Depois de arrefecer coar. Dar à criança beber 3 vezes por dia uma colher de sopa. Às crianças pequenas pode adicionar-se xarope ou açúcar. É excelente anti-inflamatório. Pode usar-se para gargarejos.

11. Bebida de alho: 5 dentes de alho médio cortados em pedacinhos ou triturados ferver bem num copo de leite não pasteurizado e dar às crianças beber várias vezes por dia.

INFLAMAÇÃO DA GARGANTA

1. Fazer gargarejos duas vezes por dia com a seguinte solução: dissolver uma pitada de amoníaco numa chávena de café de água.

2. Para gargarejos usar água com vinagre, sumo espesso de amora, sumo espremido de uvas verdes, infusão de flores de romãzeira e também decocto de tâmaras secas verdes com mel.

3. Tem forte ação o sumo espremido de nozes frescas e sumo fresco de rosa.

4. Ainda mais eficazes são decocto de mirto, bolotas, infusão de casca de noz, água em que se cozeu longamente lentilha e marmelo muito adstringente.

5. Se as amígdalas e a úvula visivelmente aumentarem, pode untar-se com uma pena embebida em pomadas e infusões medicinais. Para este fim servem infusões de rosa e sementes de beladona.

6. Pode preparar-se útil pomada medicinal de açafrão e cânfora e também de sumo espremido de romã doce triturado com a casca e uma sexta parte de mel. São excelentes pomadas.

PELE INFLAMADA (no rosto)

1. Aplicar nos locais doentes musgo tirado de pedras lavadas por água corrente.

2. Se a inflamação se espalhar pela pele, Vanga propunha tratá-la com escama de chumbo com vinho adstringente previamente fervido com folhas de beterraba. Tomar 50 g de escama e 100 g de folhas de beterraba em 200 g de vinho.

3. Entre os meios eficazes dissolventes e secantes conta-se o seguinte: tomar cerca de 35 g de lã velha não lavada queimada, a mesma quantidade de carvão, cerca de 45 g de cera, cerca de 30 g de escama de chumbo, 45 g de gordura velha de cabra lavada em água e 150 g de óleo de mirto. Usar esta mistura na aplicação de ligadura na pele inflamada.

4. Nesta doença Vanga usava com sucesso emplastro preparado com escama de chumbo (50 g) com sumo espremido de arruda (100 g), óleo de rosa (50 g) e cera (35 g).

5. Entre os medicamentos distratores de força média contam-se sumos espremidos de vegetais frios, por exemplo sumo espremido de beldroega-das-hortas, abóbora, chicória e especialmente sumo de beladona-preta. Estes medicamentos podem usar-se como ligaduras na zona da inflamação.

6. Bom remédio é o sumo espremido de psílio, pomada de cera com água fria e aplicação de esponja molhada em água fria com vinagre.

7. Bom remédio no início da doença Vanga considerava cereja-de-inverno, bem como cascas de romã, tolokno bem cozido com vinagre diluído e lentilha-d'água.

8. Muito bom medicamento é o convolvo. Pode usar-se tanto no início como no fim da doença.

9. Se a inflamação passar a tumor, deve aplicar-se no local doloroso ligadura com farinha de cevada e convolvo.

10. Se aparecerem sinais de supuração, deve aplicar-se no tumor lentilha cozida com óleo de rosa e óxido de chumbo também com óleo de rosa.

11. Muitas vezes acalma a dor vinho doce misturado com óleo de rosa na proporção 1:1.

12. Para o tratamento da inflamação Vanga aplicava ligaduras com sumo de uva reduzido e pequena quantidade de cera em tecido de lã.

13. Também atua bem lã com lanolina; esponja molhada em vinho ou vinagre com água fria.

14. Quando surgir tumor, deve usar-se meios como endro, camomila, alteia e semente de linho.

15. No tumor quente aplicar ligadura com psílio-das-pulgas e untar a pele à volta com pomadas refrescantes.

PRESSÃO ARTERIAL ALTA

1. Deitar no fundo de uma chávena uma colher de sopa de farinha de milho e verter água quente até cima, deixar durante a noite. De manhã beber a água, procurando não mexer o sedimento do fundo.

2. Molhar um pano com vinagre de maçã ou de vinho a 5—6 %. Aplicar nos calcanhares durante 5—10 minutos. É necessário acompanhar atentamente o nível de pressão. Quando a pressão se normalizar, interromper o procedimento.

3. Para se livrar da hipertensão é necessário todas as manhãs tomar um dente de alho cortado com um copo de vinagre de maçã. Na forma esclerosada da hipertensão aplicar alho fresco (2—3 dentes diariamente).

4. Vanga recomendava também comer cebolas frescas.

5. Bom remédio é infusão de valeriana. Deitar 10 g de raízes e rizomas num copo de água a ferver, ferver 30 minutos e deixar repousar 2 horas. Beber 1—2 colheres de sopa 3—4 vezes por dia após as refeições.

Decocto de valeriana: triturar 10 g de raízes e rizomas (o comprimento das partículas não deve exceder 3 mm), deitar 300 ml de água, ferver 15 minutos, arrefecer e filtrar. Beber meio copo 3 vezes por dia após as refeições.

Bom remédio é pó de valeriana: triturar raízes de valeriana num almofariz. Tomar 2 g de pó 3 vezes por dia.

6. Nas fases iniciais da doença hipertensiva Vanga usava com sucesso erva-cidreira-comum: pela força de ação em doenças nervosas e cardíacas supera significativamente a valeriana. Além disso, pode preparar-se dela vários medicamentos (infusão aquosa, tintura alcoólica) e consumir em chá calmante 3—4 vezes por dia.

7. Para baixar o nível de pressão arterial é necessário aplicar longamente tintura de calêndula. Neste caso nota-se desaparecimento de dores de cabeça, melhoria do sono e aumento da capacidade de trabalho. Usa-se tintura alcoólica. Para isso adicionam-se 40 g de flores de calêndula a 100 ml de álcool a 40°. Deixar repousar uma semana. Tomar 20—30 gotas 3 vezes por dia, prolongadamente.

8. Sumo de beterraba com mel (metade-metade) tomar uma colher de sopa 4—5 vezes por dia durante 2—3 semanas por curso de tratamento.

9. Decocto de frutos secos de groselheira-preta: deitar 2 colheres de sopa de frutos secos num copo de água quente, ferver 10 minutos em lume brando, deixar repousar uma hora e coar. Beber 1/4 de copo de decocto 4 vezes por dia durante 2—3 semanas.

Doce e decocto de frutos secos de groselheira-preta podem consumir-se como chá.

10. Frutos de framboesa (em recolha) — 2 partes, erva de orégão-comum — 2 partes, flores de tília-cordiforme — 2 partes, folha de mãe-e-madrasta — 2 partes, folha de psílio-maior — 2 partes, folha de bétula-branca — 1 parte, rebentos de cavalinha-dos-campos — 3 partes, erva e sementes de endro-das-hortas — 3 partes, frutos de rosa-brava (triturados) — 5 partes. Escaldar com 2,5 copos de água a ferver, deixar em lume brando 30 minutos e coar. Tomar

150 ml de infusão 3 vezes por dia 10—15 minutos antes das refeições.

11. Mistura de uma colher de sopa de mel, um copo de sumo de beterraba, um copo de sumo de cenoura, um copo de sumo de rábano (rábano ralado previamente deixado em repouso com água durante 36 horas) e sumo de 1 limão; misturar e tomar um copo 2 vezes por dia uma hora antes das refeições. Curso de tratamento — 1,5 meses.

12. Deitar 40 botões de cravinho em 0,8 l de água, ferver em lume brando até obter 0,5 l. Guardar o decocto numa garrafa e tomar uma colher de sopa 3 vezes por dia (de manhã em jejum, 2 vezes antes das refeições) durante longo tempo.

13. Passar as pontas (15—20 cm) de celidónia em floração pela máquina de picar carne, espremer o sumo e deixar fermentar cobrindo com 2 camadas de gaze. Quando desaparecer o cheiro e aparecer bolor, tirar a película de bolor e tomar a infusão de 5 a 10 gotas dependendo da idade.

14. Tomar internamente infusão de folhas de laranjeira, marmelo e amoreira, tanto frescas como secas. Tomar 5 folhas de cada uma das árvores indicadas, deitar 0,5 l de água a ferver durante 3—4 horas, coar e beber 100 ml 5 vezes por dia.

QUEDA DE CABELO

1. Derramar sobre o cabelo lavado água em que se cozeu hera (Hedera helix L).

2. Lavar o cabelo usando em vez de sabão argila medicinal. Depois durante um mês esfregar os locais calvos com fatias de limão trituradas.

3. Misturar uma colher de sopa de vodca com uma gema e esfregar no couro cabeludo. Passados 40 minutos enxaguar o cabelo com água quente.

4. Cozer bagas de mirto em óleo de rosa e depois esfregar esta composição na cabeça.

5. Bagas pretas de mirto, sementes de aipo, pontas de ramos de mirto, sementes de beterraba, ramos de amora-silvestre, bem como cabelo-de-vénus e incenso ferver em vinho até se desfazerem e restar um terço do vinho, depois adicionar azeite e ferver novamente esta composição até ferver 3 vezes; depois separar o líquido, deitar num jarro e usar conforme necessário. É muito bom remédio para conservar o cabelo e eliminar cabelos brancos.

6. Na queda de cabelo ajuda a seguinte composição: tomar sementes de aipo, sementes de beterraba, cabelo-de-vénus e incenso — 60 g cada, 15 nozes e 340 g de casca de raiz de pinheiro. Assar tudo no forno num tacho barrado com argila. Depois triturar a mistura e adicionar 340 g de gordura de ganso. Antes de usar dissolver este medicamento em óleo. Vanga usava este meio no início da calvície.

7. Também se pode tomar folhas de anémona com óleo de mirto. Unta-se a cabeça e deixa-se durante a noite. O medicamento protege o cabelo da queda e dos brancos.

8. Na queda de cabelo Vanga aconselhava consumir comida gordurosa, farinha de feijão, sementes de melão, argila e psílio-das-pulgas. Não se recomenda tudo o que é ácido, salgado e adstringente, bem como vinhos velhos. Este doente deve banhar-se em água doce, sem soda nem sabão.

9. Favorecem o crescimento e fortalecimento do cabelo casca de raízes de salgueiro com azeite.

10. Para o tratamento da queda de cabelo Vanga usava com sucesso a seguinte composição: tomar miolos de 20 avelãs, torrá-los até poderem ser triturados, adicionar óleo de rábano e esfregar nas raízes do cabelo.

11. Favorecem o crescimento do cabelo óleo de pimenta, óleo de rícino e bagas de loureiro.

SINUSITE

1. Tomar um pedacinho de manteiga fresca (do tamanho de um grão de milho) e introduzir na narina. Alternar: na primeira noite numa narina, na segunda na outra e assim sucessivamente.

2. Durante dois ou três dias pingar uma vez por dia em ambas as narinas 2—3 gotas de sumo de ciclamen-europeu (Cyclamen europaeum L).

3. Aos primeiros sinais da doença é desejável ir transpirar à sauna. Neste caso deve manter-se a cabeça baixa e durante o sono deitar-se de lado e colocar a almofada inclinada. Para prevenir doenças do nariz pode esfregar-se o peito com óleo de violeta e beber água de cevada com violeta cozida e sumo de romã doce.

4. É necessário aquecer a cabeça aplicando cataplasmas, por exemplo com sal e milho-painço e por vezes simplesmente cataplasmas com água quente. Nas extremidades deve esfregar-se óleos quentes, por exemplo óleo de endro, camomila, manjerona, arruda e loureiro. Com estes mesmos meios esfregar o pénis, o ânus e o umbigo.

5. Também se pode introduzir no ouvido do doente um pano de lã molhado em óleo quente. Na boca recomenda-se manter sementes de marmelo.

6. Na alimentação deve consumir-se favas de cavalo, cevada demolhada em leite azedo, farelo demolhado em vinagre.

7. No tratamento da sinusite as misturas de infusões pingam-se 5 gotas em cada narina 3 vezes por dia durante uma semana. Também podem usar-se em inalações de até 5 minutos. A primeira mistura consiste em 3 infusões (cada uma num copo de água): hipericão-perfurado — 15 g, flores de camomila-das-boticas — 10 g e erva-de-são-joão — 10 g.

A segunda inclui infusões de erva de milefólio — 10 g e erva-de-são-joão-plúmbea — 5 g. Cada infusão calculada para um copo de água.

Pelo terceiro receita preparam-se 3 infusões (cada uma num copo de água): menta-pimenta — 10 g, folhas e flores de erva-cidreira — 10 g, erva-cidreira e folhas de psílio-maior — 10 g.

8. Simultaneamente com estes procedimentos tomar internamente infusões de milefólio e hipericão preparadas na proporção de 20 g de matéria-prima por copo de água. Beber 3/4 de copo de infusão quente 2—3 vezes durante uma semana.

9. Levar a ferver 200 g de resina de abeto triturada, uma cebola esmagada, 15 g de vitríolo de cobre e 50 g de óleo (de preferência azeite). Usar tanto para compressas como para untar a mucosa nasal.

10. Ajudam ovos cozidos em casca que se aplicam nos locais dolorosos dos dois lados do nariz até arrefecerem completamente.

11. O doente com sinusite deve pingar no nariz gotas de ciclamen.

12. Pingar no nariz solução de múmia a 2 % várias vezes por dia e tomar internamente 0,15 g durante 10 dias, intervalo de 5 dias, total 3—4 cursos.

GASTRITE (aguda)

1. Cozer 200 g de folhas de psílio-lanceolado (Plantago lanceolata L) durante 5 minutos em 0,5 l de vodca de vinho pura. Coar e, quando arrefecer, deitar numa garrafa. Tomar em jejum uma colher de sopa uma hora antes de se levantar da cama. Durante a toma do medicamento de modo nenhum fumar.

2. Deixar 20 g de rizomas de acorus em repouso em meio copo de rakia (vodca) durante 2 semanas, coar, espremer, filtrar e guardar num local fresco e escuro em frasco escuro. Tomar 15—30 gotas 2—3 vezes por dia antes das refeições.

3. Kissel de bagas de rosa-brava: triturar 100 g de bagas de rosa-brava, deitar um copo de água a ferver, deixar repousar 2 horas, coar e preparar kissel. Recomenda-se na gastrite com acidez elevada.

4. Tintura de gomos de álamo-preto: deitar 20 g de gomos de álamo-preto em meio copo de rakia (vodca) ou álcool a 40 %. Deixar repousar 7 dias e depois coar. Tomar 20 gotas 3 vezes por dia na gastrite com acidez elevada.

5. Tomar meio copo de sumo de couve morno 2—3 vezes por dia uma hora antes das refeições. O sumo não se conserva mais de 2 dias no frigorífico. Também se usa na acidez baixa.

6. Deixar repousar durante 12 horas uma colher de sopa de hipericão-perfurado em 0,5 l de água a ferver. Tomar meio copo 3—4 vezes por dia uma hora após as refeições.

7. Lavar frutos frescos de sófora com água fria fervida, cortar, colocar em recipiente de vidro ou porcelana, deitar rakia (vodca) na proporção 1:2, deixar repousar 10 dias e depois filtrar o líquido através de algodão. Tomar 3 semanas 25—30 gotas 3 vezes por dia 30 minutos antes das refeições e a 4.ª vez antes de dormir.

8. Tomar internamente tintura de raízes de elecampane (10 g deixadas em repouso 5 dias em vodca) uma colher de sopa 2 vezes por dia.

9. Dissolver 1 g de múmia em 1 l de leite frio fervido e beber um copo 3 vezes por dia meia hora antes das refeições, toma de 10 dias, intervalo de 5 dias, repetir 2—5 cursos.

10. Tomar sumo de aloé durante um mês 1—2 colheres de chá 2—3 vezes por dia 30 minutos antes das refeições.

11. Misturar em partes iguais erva de orégão e flores de camomila, tomar 2 colheres de chá da mistura num copo de água a ferver, ferver 10 minutos e coar. Beber um copo de decocto de manhã e à noite em espasmos de estômago e inchaço intestinal.

12. Sumo fresco ou infusão de psílio. Para preparar a infusão tomar uma colher de sopa de folha seca, triturar, escaldar com um copo de água a ferver, deixar repousar 10 minutos e coar. Dose diária — beber um copo aos golos durante uma hora.

13. Remédio para gastrite são maçãs comidas em jejum. Usam-se apenas maçãs verdes. Descascar 2 maçãs e ralar. Comer imediatamente a papa. Na gastrite aguda e crónica não se pode comer nem beber durante 3 horas antes e após comer as maçãs.

Comer as maçãs cedo de manhã para às 11 horas se poder tomar o pequeno-almoço. À noite não se podem comer maçãs.

No início recomenda-se fazer clister de água e, se o intestino estiver irritado, clister oleoso. Começando com 6 colheres de sopa de óleo vegetal, deve aumentar-se gradualmente até 12 colheres. O tratamento com maçãs realiza-se diariamente durante um mês. No segundo mês as maçãs podem comer-se 3 vezes por semana, no terceiro mês apenas uma vez por semana.

HEMORROIDAS (internas)

1. Tomar a planta visco-branco (Viscum album L) que cresce apenas em pinheiro e picar os caules com as folhas (cerca de uma colher de sopa) num copo de água, deixar durante a noite e de manhã em jejum beber a infusão. Repetir o procedimento até cura completa. Os caules podem usar-se duas ou três vezes. Esta receita é contraindicada a pessoas com pressão baixa, pois o visco baixa ainda mais a pressão.

2. Tomar 30 g de bagas de zimbro frescas limpas, demolhá-las alguns dias em sumo de alho-francês, secar à sombra, triturar e adicionar sementes de harmel, agrião-dos-jardins, feno-grego e ajowan — 24 g de cada, torrando o agrião e o harmel em óleo de noz e de alperce. Triturar os restantes componentes, misturar e dar ao doente até 8 g de uma vez.

3. Às pessoas que sofrem de hemorroidas deve abster-se de comer carne pesada, pratos lácteos, temperos e especiarias picantes. São-lhes úteis gemas de ovo, nozes, arroz e sopa de romã com passas. A estes doentes é útil comer regularmente raiz de arum com mel.

4. Fazer ligadura com 15 g de óxido de chumbo, 24 g de amido, 6 g de alvaiade, 90 g de cera, 60 g de manteiga derretida, 30 g de gordura de pato e quantidade suficiente de óleo de sésamo. A esta composição adicionar depois sumo de uva reduzido a um terço ou vinho.

5. Tem excelente ação em tumores ligadura com cereja-de-inverno e também ligadura preparada com gema de ovos assados amassada em vinho adstringente e depois misturada com cera e óleo de rosa.

6. Em dor forte tomar folhas frescas de beladona, espremer o sumo e misturar com infusão de beladona. Depois demolhar pão nesta líquido, adicionar gema de ovo e preparar emplastro. Por vezes ajudam cataplasmas e banhos com água em que se cozeu semente de linho, alteia e malva.

7. Tomar um pote de barro grosso, deitar 2 quartas de leite. Mergulhar 4 grandes cabeças de cebola. Fechar o pote e deixar no forno em lume brando. Depois fechar o pote com tampa de madeira com orifício e aquecer o ânus com o vapor. Pode repetir-se a sessão passados três dias. 3—4 aquecimentos considera-se suficiente. Seis horas antes da sessão recomenda-se tomar laxante e antes da sessão, especialmente depois, untar o ânus com vaselina.

8. Banhos de assento com decocto de casca de ramos de castanheiro-da-índia: deitar 50 g de matéria-prima seca em 1 l de água a ferver e deixar repousar. Usar esta infusão para banhos em hemorroidas.

9. Recolha para banhos: misturar 50 g de casca de carvalho, 20 g de erva de cavalinha-dos-campos e 20 g de raiz de valeriana. Usar infusão desta recolha para banhos e compressas na zona anal.

10. Infusão de folhas de morangueiro-dos-bosques: deitar 5 g de folhas de morangueiro-dos-bosques num copo de água a ferver, deixar repousar meia hora e coar. Usar bem em clisteres e lavagens.

11. Infusão de semente de linho: deitar uma colher de sopa de semente de linho num copo de água a ferver e deixar repousar 2—3 horas. Para um clister são necessários 50 ml de mucilagem ligeiramente aquecida. Em irritação forte do reto o volume do clister deve reduzir-se para 20—30 ml e introduzir com mais frequência.

12. Pode introduzir-se no ânus vela de mel natural cristalizado.

13. Infusão da erva de polygonum-hemorroidal: deitar 2 colheres de chá de erva seca de polygonum-hemorroidal em 0,5 l de água, ferver em lume brando 15 minutos, deixar repousar 2 horas e

coar. Tomar meio copo 3—4 vezes por dia meia hora antes das refeições. Este remédio é diurético, laxante suave e hemostático.

HEMORROIDAS (externas)

1. Cozer pimenta-d'água (ambos os tipos — de folhas largas e estreitas) em grande quantidade de água. Quando a água quase arrefecer, fazer banhos de assento.

2. Cozer frutos de sabugueiro-preto sem açúcar até consistência de compota. Tomar todos os dias uma colher de sopa antes das refeições.

3. Se o doente suportar a dor, untar o ânus com cal e depois passado algum tempo lavar a cal com vinho. Depois polvilhar os nódulos com limalha de cobre triturada em pó, sozinha ou com estanho queimado. A pólvora também pode preparar-se de arsénico com amoníaco previamente misturados com óleo. Estas pólvoras atuam mais forte se amassadas em urina de criança.

4. Atuam mais suavemente remédios como cinza de casca de ovo, cinza de caroços de tâmara queimados e tremoço-amargo seco queimado.

5. Atua de modo análogo aos anteriores o seguinte: tomar cabeça de peixe salgado, secá-la ao fogo, misturar com quantidade igual em peso de queijo velho e polvilhar o ânus com esta pólvora. Atua da mesma forma cinza da cauda de peixe salgado.

6. Tem ação surpreendentemente útil pólvora de nigela.

7. Recomenda-se aplicar em nódulos hemorroidais ligaduras medicinais com água de alúmen e também untá-los com bílis ou esfregar manteiga velha derretida, óleo de caroços de pêssego ou alperce.

HEPATITE

1. Misturar meio copo de salmoura de couve com meio copo de sumo de tomates frescos. Beber 3 vezes por dia após as refeições durante 3 meses. Ainda melhor é beber em vez de água infusão de rosa-brava. Tira-se a pele dos frutos de rosa-brava, seca-se e prepara-se infusão.

2. Raiz de alcaçuz (10 g), frutos de funcho (20 g) e folhas de erva-cidreira (50 g). Deixar repousar uma colher de sopa da mistura num copo de água a ferver 20 minutos. Beber 3 copos por dia durante um mês uma hora antes das refeições.

3. Múmia é chamada no povo bálsamo-milagre. Vanga aconselhava de manhã em jejum e à noite antes de dormir durante 28 dias dissolver, de preferência em leite, 4 g de múmia (de cada vez) e adicionar mel, sumo de uva ou de mirtilo. Depois disso beber imediatamente um ovo cru (caseiro).

4. Em junho—julho às 11 horas da manhã colher flores de centáurea-azul. Secar num local protegido do sol. Deitar uma colher de sopa da erva num copo de água a ferver (em recipiente esmaltado) e manter 15 minutos em banho-maria. Depois arrefecer e coar. Tomar em forma de chá morno uma colher de sopa 3 vezes por dia.

5. Escaldar estigmas de milho como chá. O tratamento por vezes dura até um ano. Para o tratamento ser bem-sucedido, o fruto do milho deve estar maduro.

6. Misturar 1 kg de mel com 1 kg de groselheira-preta e consumir uma colher de chá 30 minutos antes das refeições.

7. Misturar 1/4 de copo de óleo vegetal de boa qualidade, por exemplo provençal (de linhaça), com 1/4 de copo de sumo de toranja. Beber a mistura obtida à noite não antes de 2 horas após a refeição, tendo previamente feito clister de limpeza (deitar-se depois sobre o lado direito). De manhã repetir o clister. Passados 4—5 dias repetir o procedimento.

8. No tratamento da hepatite a medicina popular usa com sucesso bagas de arando. Além das bagas, usa-se infusão de raminhos com folhas. Deitar uma colher de sopa de raminhos (bem triturados) num copo de água a ferver, deixar repousar 30 minutos, coar e beber 2—3 colheres de sopa 4—5 vezes por dia.

9. Tomar 2—3 dentes de alho fresco com finalidade terapêutica e preventiva.

10. Além das bagas de framboesa, usam-se todas as outras partes da planta, tendo em conta que a framboesa-silvestre é mais

eficaz que a de jardim. Partes separadas das plantas (folhas, flores, frutos) e mistura delas devem consumir-se em forma de decoctos e infusões — meio copo morno 2—3 vezes por dia (escaldar como chá).

11. Deitar uma colher de sopa de flores de tília num copo de água a ferver, deixar repousar cerca de 5 minutos e beber como antipirético.

HERPES

1. Tomar sumo de aloé internamente uma colher de chá antes das refeições 2—3 vezes por dia ou para ligaduras.

2. Untar as erupções de herpes com sumo de álamo 2—3 vezes por dia.

Deitar 15 g de capítulos florais secos de arnica em 0,5 l de água a ferver. Deixar repousar 2 horas. Aplicar em compressas no herpes.

Deitar 10—15 g de gomos de bétula num copo de leite, ferver 5 minutos e embrulhar em gaze. Aplicar como anti-inflamatório externo.

Triturar frutos de viburno num almofariz. Deitar 20 g de frutos triturados num copo de água. Deixar repousar 4 horas. Beber meio copo 4 vezes por dia.

Deitar 5 g de folhas de sálvia num copo de água a ferver. Deixar repousar 20 minutos, arrefecer e coar. Aplicar como anti-inflamatório externo.

GLICÍNTESES

1. Para os vermes redondos, Vanga recomendava tomar três vezes por dia, por via oral, 0,2 a 0,5 g de pó de asarabacca ou consumir sumo ou sementes de abóbora em jejum.

2. Mistura de visco-branco e valeriana: misturar 0,5 g de folhas de visco-branco, 0,5 g de bagas de visco-branco e 1 g de raiz de valeriana. Triturar o material vegetal em pó e tomar 0,5 g três vezes por dia em caso de vermes redondos.

3. Passar por uma máquina de moer carne as sementes de abóbora descascadas. De manhã, em jejum, comer duas colheres de

sopa, bebendo depois leite morno; uma hora depois tomar um laxante.

4. As giárdias que afetam o fígado e a vesícula biliar desaparecem se se beber regularmente, meia hora antes das refeições, meio copo de salmoura de chucrute.

5. Em caso de vermes e oxiúros no reto, aplicar uma compressa de caules queimados de absinto e estrume de cavalo.

6. À noite, cobrir com um copo de água uma cabeça de alho ou uma cebola finamente picada. De manhã, beber em jejum a infusão obtida.

7. Deitar uma colher de sopa de flores de tanásia-comum em 0,5 l de água a ferver, ferver 10-15 minutos e coar. Aplicar em forma de clister uma vez por dia (reter o líquido durante 5 minutos) contra oxiúros e áscaris. Não aplicar em crianças.

8. Cozer uma cabeça grande de alho num copo de leite até ficar macia, coar o leite e deixar arrefecer. Fazer clisteres com este decocto durante uma semana, preferencialmente deixando-o toda a noite. Para adultos usar o copo inteiro, para crianças 0,25-0,5 copo.

9. Picar finamente 5-6 dentes de alho e deitar num copo de água morna. Tomar como antiparasitário geral.

10. Deixar de molho em dois copos de água 5 g de casca de romã durante 6 horas, depois evaporar até metade, coar e beber tudo em jejum, aos poucos, ao longo de uma hora. Duas a três horas depois tomar 15-30 g de óleo de rícino. Vanga recomendava este remédio contra a ténia.

11. Ferver a casca triturada de uma romã em 150 ml de água. Em seguida beber o decocto em três doses ao longo de 1,5 horas, sem comer. Três a quatro horas depois tomar um laxante.

12. Decocto de noz (1): triturar quatro colheres de sopa de nozes verdes, deitar um copo de água a ferver ligeiramente salgada, deixar em infusão meia hora e espremer o bagaço. Beber o decocto obtido ao longo do dia, tomando simultaneamente um laxante salino. Este remédio é eficaz tanto contra a ténia como contra vermes redondos.

13. Decocto de noz (2): ferver as cascas verdes das nozes com açúcar ou mel (1-2 colheres de sopa por copo). Beber uma colher de chá por chávena de chá, 3-4 vezes por dia.

14. Decocto de centáurea-menor, perpétua-das-areias, genciana-amarela e trevo-d'água: misturar 15 g de erva de centáurea-menor, 15 g de flores de perpétua-das-areias, 15 g de rizoma de genciana-amarela e 5 g de folhas de trevo-d'água. Deitar três copos de água a ferver sobre esta mistura e ferver 3 minutos. Ao decocto quente juntar 10 g de flores de tanásia-comum. Deixar em infusão 10-12 horas e coar. Beber durante 2 semanas, 50-250 ml (consoante a idade da criança), três vezes por dia, de hora a hora. Após a terceira toma, tomar um laxante.

DORES DE CABEÇA (persistentes em crianças)

1. Encher uma pequena almofada com perpétua-das-areias (Helichrysum arenarium L.) bem seca (na Ucrânia chamam-lhe «сероцвет» ou «erva-de-Nossa-Senhora»). Depois de a criança dormir sobre essa almofada, retirar a erva da fronha, ferver e derramar o decocto sobre a cabeça da criança doente.

2. Recomenda-se lavar a cabeça com água onde se tenha fervido hortelã-pimenta (Mentha piperita L.).

3. Se a dor de cabeça for provocada por stress, durante vários dias, à noite antes de deitar, colocar na boca uma colher de sopa de açúcar em grãos e depois beber um copo cheio de água.

4. Em caso de dor de cabeça crónica, Vanga aconselhava fazer um decocto forte de segurelha (com muita água). À noite mergulhar a cabeça num recipiente com o decocto e mantê-la assim 10-15 minutos, depois derramar o mesmo decocto sobre todo o corpo.

5. É útil caminhar sobre o orvalho às 6-7 horas da manhã.

6. Nas dores de cabeça provocadas por fadiga ajudam banhos mornos, chá de erva-cidreira ou camomila. Em alguns casos são eficazes valeriana ou banho morno com sal marinho, ervas, palha de aveia, etc.

7. Na zona da nuca (abaixo da linha do cabelo), entre as omoplatas ou na zona das barrigas das pernas pode-se aplicar cataplasmas de mostarda feitos de rábano ou rabanete ralado.

8. Por vezes, contra dor de cabeça e insónia ajuda alho cozido com feijão, esmagado com azeite e aplicado nas têmporas. Massajar as têmporas com este unguento à noite.

9. Na medicina popular búlgara, para dor de cabeça utilizam-se bagas frescas de morangueiro-dos-bosques ou de arando, assim como sumo fresco de viburno. O sumo fresco de groselha-preta deve ser dado à criança, 1-3 colheres de sopa três vezes por dia, em dores de cabeça intensas. O sumo de batata crua recomenda-se em dores de cabeça sistemáticas (1-3 colheres de sopa três vezes por dia).

DOENÇAS FÚNGICAS NOS DEDOS DOS PÉS

1. Mergulhar os pés bem lavados em vinagre de vinho forte. À noite recomenda-se usar meias embebidas em vinagre.

2. Decocto de leiteira-de-jardim: deitar 100 g de erva de leiteira em 1 l de água a ferver, tapar, ferver em lume brando 10 minutos, deixar arrefecer 20 minutos e coar. Deitar o decocto morno numa bacia e escaldar os pés.

3. Infusão de leiteira-de-jardim: colocar 1 kg de leiteira-de-jardim com raízes num balde esmaltado, cobrir com água quente, ferver, embrulhar bem o balde e deixar em infusão 25 minutos. Escaldar os pés com a infusão morna.

4. É muito útil fazer banhos frios dos pés. À água acrescentar uma colher de sopa de bicarbonato de sódio e sal. Manter os pés na água até arrefecer completamente e depois enxaguar com água limpa.

5. Socar hortelã no almofariz com sal e colocar esta pasta entre os dedos dos pés durante cerca de uma hora. Repetir até o fungo desaparecer.

6. Esfregar o local afetado com sumo de limão.

7. Espremer o sumo de vários dentes de alho numa espremedora manual. Juntar quantidade igual de álcool a 90 % e dez vezes mais água destilada. É um remédio muito forte.

8. Um dos melhores remédios é andar descalço sobre o orvalho da manhã durante 10-14 dias.

HÉRNIA

1. Em caso de hérnia ajuda muito uma compressa de absinto. Deitar uma colher de sopa de absinto-amargo num copo de água fria, ferver 15 minutos em recipiente tapado, retirar do lume e coar.

2. Em 0,5 l de «água intocada» colocar algumas moedas antigas de cobre e beber ao longo do dia.

DIABETES (forma inicial em crianças)

1. Colher flores de amoreira-branca (Morus alba L.) e fazer um decocto. Derramar este decocto sobre a criança.

2. Para tratar diabetes em fase inicial, Vanga pegava em vagens de feijão maduro, segurava-as nas mãos, depois mandava cozê-las e beber o decocto todas as manhãs em jejum, uma chávena de chá.

3. O decocto de aveia melhora o metabolismo. Deitar num litro de água destilada à temperatura ambiente um copo de aveia lavada, deixar em infusão 10-12 horas, levar a ebulição em lume brando e ferver 30 minutos em recipiente bem tapado. Embrulhar e deixar em infusão 12 horas, coar. Completar novamente com água destilada até 1 litro. Tomar 20-30 minutos antes das refeições ou entre refeições, três vezes por dia, um cálice, durante um mês.

4. Na diabetes com obesidade ajuda a dieta de descarga com aveia (duas vezes por semana). Ao longo do dia comer apenas sopa ou papa de 200 g de flocos de aveia e 1-2 copos de infusão de rosa-brava.

5. É útil a infusão de aveia, preparada na proporção de 100 g de grãos para 3 copos de água. Tomar meio copo 3-4 vezes por dia antes das refeições.

6. Bebida de partes verdes de aveia: partes verdes de aveia, folhas secas de mirtilo, vagens secas de feijão e sementes de linho – 2 g de cada. Triturar tudo, deitar 200 ml de água a ferver num termo e deixar durante a noite. De manhã coar. Tomar meio copo 3-4 vezes por dia antes das refeições.

7. Sumo de partes verdes de aveia: passar as partes verdes da planta por um espremedor ou por uma máquina de moer carne. Tomar meio copo 2-3 vezes por dia antes das refeições durante 2-3 semanas.

8. Tem propriedades curativas o beijinho obtido de aveia germinada. Escolher a aveia, demolhar e colocar num local quente. No segundo dia os grãos germinam; devem ser moídos. Diluir a farinha obtida em água fria, juntar água a ferver e ferver 1-2 minutos. Deixar ainda 20 minutos em infusão, coar e beber fresco (não se pode preparar com antecedência!).

DIABETES (forma inicial)

1. Recomenda-se beber decocto das pontas dos rebentos de amora-silvestre, cheirar cânfora ou nenúfar. Ajudam muito estes doentes o sumo espesso de hortelã-pimenta, decocto de cevada, água de rosas ou sumo espremido de rosa. É muito útil o sumo de batata – meio copo por dia, meia hora antes do pequeno-almoço ou do jantar. Tem efeito terapêutico comer ovos previamente deixados 24 horas em vinagre. Na primavera é bom comer cru um tubérculo de topinambur.

2. Os doentes de diabetes e algumas doenças crónicas precisam de tratamento com água argilosa. Todos os doentes devem beber diariamente alguns goles de água argilosa, mesmo sem sentirem sede. Encher uma garrafa de vidro branco com água, juntar 4-5 colheres de sopa de pó de argila e deixar o máximo possível ao sol. Agitando de cada vez, beber aos poucos esta mistura de 15 em 15 ou 30 em 30 minutos durante 2-3 dias ou mais se necessário. Beber em pequenos goles, retendo antes na boca.

3. Também ajuda na diabetes o seguinte remédio: 9 g de rosa, 12 g de flor de romãzeira, 3 g de goma-arábica e 1,5 g de

tragacanto. Misturar tudo com mucilagem de psílio, água fria ou sumo de abóbora e tomar uma colher de chá três vezes por dia.

4. Para ligaduras medicinais pode usar-se farinha de linhaça, rebentos jovens de videira, flores de marmeleiro e macieira, juntando hipericão, rosas frescas, ruibarbo, sumo de uva verde e cascas de romã. Misturar tudo e aplicar a ligadura sobre a bexiga e a zona dos rins.

5. Na diabetes por vezes fazem-se clisteres suaves ou dão-se laxantes, por exemplo sumo solidificado de aloé. A limpeza pode continuar com vómitos provocados por rábano. Depois aplicam-se ventosas. Passados alguns dias prescrevem-se fricções e banho quente.

6. São úteis os pistilos de flores de cavalinha-dos-campos: picar finamente dois copos de pistilos, juntar 50 g de cebolinho verde, 20 g de azeda, 40-50 g de folhas de dente-de-leão (para tirar o amargo deixar previamente 30 minutos em água fria salgada), misturar, salgar e temperar com óleo vegetal ou natas.

7. Infusão de urtiga-dos-campos: deitar 50 g de folhas em 0,5 l de água a ferver, deixar em infusão 2 horas e coar. Beber uma colher de chá três vezes por dia antes das refeições.

8. Mistura de plantas: meio copo de folhas de amieiro, uma colher de sopa de flores de urtiga, duas colheres de sopa de folhas de azeda num copo de água; misturar tudo e deixar ao sol 4-5 dias, juntar uma pitada de bicarbonato. Tomar uma colher de chá duas vezes por dia, de manhã e à noite, 30 minutos antes das refeições ou antes de deitar.

9. Vanga recomenda tomar sumo de bagas frescas de morangueiro-dos-bosques, 4-7 colheres por dia.

10. Infusão de grãos de aveia (100 g de grãos em 3 copos de água), meio copo 3-4 vezes por dia antes das refeições.

11. Infusão de folhas de loureiro (10 folhas em 3 copos de água a ferver, deixar 2-3 horas). Tomar meio copo três vezes por dia.

12. Decocto de folhas de groselheira-preta, mirtilo, amoreira, noz, vagens vazias de feijão e folhas de cerejeira (50 g de

cada em 3 l de água a ferver). Tomar meio copo três vezes por dia, 30 minutos antes das refeições, durante 3 meses.

13. Tomar antes das refeições uma colher de chá da seguinte mistura: 300 g de salsa, 300 g de alho e 1 kg de limões sem grainhas mas com casca. Passar tudo pela máquina de moer carne e deixar duas semanas num local escuro.

14. Num copo de iogurte deitar uma colher de sopa de trigo-sarraceno moído no moinho de café, misturar bem e deixar durante a noite; de manhã beber 30 minutos antes da refeição.

15. Raiz de bardana e folhas de mirtilo em partes iguais, tomar em infusão, uma colher de sopa 3-4 vezes por dia antes das refeições.

16. Tomar múmia, 0,2 g de manhã e à noite durante 10 dias, pausa de 5 dias. Repetir 4-5 ciclos.

17. Deixar 100 g de raízes de rodiola-rosa em infusão em 1 l de aguardente (vodca) e tomar 20 gotas três vezes por dia, meia hora antes das refeições.

DISENTERIA

1. Ferver durante 10-15 minutos um molho de erva-pessegueira (Anagallis arvensis L.) em 1 l de água. Tomar o decocto só de manhã, uma chávena de café, durante apenas 2-3 dias.

2. Deixar uma colher de chá de casca de carvalho triturada em infusão em dois copos de água fria durante 8 horas. Tomar o decocto de casca de carvalho misturado com vinho tinto.

3. Ralar 450 g de gengibre. Colocar num saco de linho e ferver em 8 l de água. Encher a banheira com água bem quente suficiente para cobrir o corpo até à cintura quando sentado e deitar lá o decocto. Se a disenteria for aguda, pode usar-se metade da dose de gengibre.

4. Tomar 1/4 de libra de cerejas frescas e 3/4 de quartilho de vinho tinto velho forte. Deixar ao sol ou num local quente pelo menos 2 dias. Depois coar a tintura sem deitar fora as cerejas. Dose

para adultos: um cálice por toma; para crianças: um dedal três vezes por dia.

5. Tomar farinha de trigo, misturar com pequena quantidade de ajowan, frutos de tamargueira, agrião, amolecer com azeite de azeitonas verdes, fazer massa e cozer no forno. Tomar este medicamento com pequena quantidade de água fria.

6. Uma das formas de parar a diarreia são ventosas no abdómen, que convém deixar 4 horas.

7. Na disenteria os doentes devem seguir um regime especial quanto à alimentação. Não se recomenda nada salgado, picante ou irritante. Vanga sugeria beber leite fervido com pedrinhas incandescentes ou leite onde se tenha apagado ferro em brasa. Pode comer-se também pão seco, lentilhas cozidas em várias águas, sopa de azeda, favas cozidas com vinagre.

8. São úteis gemas de ovos cozidos em vinagre com temperos ácidos, assim como frutos de amora-silvestre, rebentos jovens de videira, folhas de azeda, folhas de tanchagem-maior e couve cozida várias vezes.

9. Neste caso atuam bem ligaduras medicinais no estômago compostas por semente de linhaça, tâmaras secas e sumo espremido de marmelo, endro fresco e rosa. Por vezes preparam-se emplastros com cera, óleo de marmelo e óleo de rosas.

10. Tomar gengibre, sementes de funcho, anis, pimenta-longa e cardamomo – 9 g de cada; sementes de ajowan e sementes de aipo – 12 g de cada; canela-do-ceilão, cana-cheirosa, tubérculos de junça e áloe crua – 10 g de cada; açafrão – 12 g; cravinho, calêndula-cheirosa e pimenta – 9 g de cada; bagas de mirto – 60 g. Com tudo isto prepara-se um medicamento que se dá ao doente por via oral, uma colher de sopa três vezes por dia.

11. Também traz benefício o seguinte remédio: tomar maçãs, marmelos e rosas secas – 170 g de cada – e ferver em cerca de 1,5 l de água até restarem 500 g de água. Coar o decocto, juntar óleo de rosas, ferver novamente e depois tomar uma colher de sopa três vezes por dia.

12. Deve dar-se ao doente a beber sumo espesso de uvas verdes ou de ruibarbo.

ICTERÍCIA (em crianças nascidas no verão)

1. Banhar a criança em decocto de cuscutas (Cuscuta europaea L.).

2. Basta dar um laxante: untar o mamilo com óleo de rícino e dar à criança. Na alimentação artificial pode untar-se com óleo de rícino a tetina de borracha.

3. No verão pode usar-se um remédio simples: ferver 2-3 punhados de flores amarelas da planta de jardim calêndula (zlatecveta) e banhar a criança neste decocto. É melhor usar flores de plantas altas e não das baixas conhecidas como «cravo-de-defunto».

4. Um remédio testado por Vanga são também compressas frias no fígado com vários sumos espremidos, cânfora e sândalo. Este remédio pode eliminar a icterícia no mesmo dia e devolver à urina a cor normal.

5. Em caso de icterícia lavar os olhos com água de rosas com sumo de coentro e água salgada. Pode usar-se também água onde se tenham fervido cabelo-de-vénus, manjerona, dubrovnik, camomila-das-boticas e, sobretudo, endro.

VESÍCULA BILIAR (inflamação)

1. Todos os dias dar ao doente em jejum duas peras. Recomenda-se beber compota de peras-bravas sem açúcar.

2. Deitar um pacote de «Hercules» (flocos de aveia) em 8 l de água fervida à temperatura de leite morno. Deixar uma hora à temperatura ambiente. Separadamente preparar uma mistura: uma colher de fermento, duas colheres de chá de açúcar, um copo de água e um copo de farinha. Colocar num local quente e deixar levedar a massa. Juntar a massa levedada ao «Hercules» e deixar 24 horas num local quente. Passado um dia coar a «massa» fermentada por um passador para frascos ou panela esmaltada e guardar no frigorífico. Todas as manhãs deitar 1,5-2 copos da mistura numa panela, mexer, levar a ebulição e servir em pratos, juntando manteiga. Tomar

diariamente durante 3-6 meses em gastrites crónicas, úlcera gástrica, enterocolite e colecistite crónica.

3. Em caso de doenças da vesícula biliar tomar 7-10 gotas de óleo de erva-cidreira-da-china num torrão de açúcar ou mastigar 7-10 das suas sementes, após previamente aquecer a cavidade oral com chá quente.

4. Nos processos inflamatórios da vesícula biliar Vanga utilizava com sucesso uma infusão de lúpulo: deitar um copo de água a ferver sobre 10 cones de lúpulo, deixar em infusão 4 horas, coar e beber em três tomas, 30 minutos antes das refeições.

5. Tomar sumo de bagas de sorveira-brava, 1/4 de copo, 2-3 vezes por dia, meia hora antes das refeições, em caso de colecistite.

GAGUEZ

1. Sumo de urtiga-ardente e ditamno-branco: misturar 2 gotas de sumo de urtiga-ardente com 3 gotas de sumo de folhas e flores de ditamno (folhas e flores em quantidades iguais). Colocar sobre a língua, manter 5 minutos sem engolir. Repetir várias vezes por dia, de duas em duas horas, durante 2 semanas.

2. Decocto de arruda-cheirosa: deitar 0,5 l de água a ferver sobre 5 g de erva seca de arruda. Deixar em lume brando 5 minutos. Com o decocto morno e coado fazer gargarejos na boca e na garganta, sem engolir. Manter na boca até arrefecer completamente. Repetir várias vezes por dia durante 2-3 semanas.

3. Infusão de urtiga, camomila, angélica, lúpulo, erva-cidreira, urze e hipericão: para a mistura são necessários 100 g de folhas de urtiga-dos-campos, 100 g de inflorescências de camomila, 50 g de raízes de angélica, 50 g de cones de lúpulo, 50 g de folhas de erva-cidreira, 50 g de erva de urze e 50 g de hipericão. Deitar um copo de água a ferver sobre uma colher de chá da mistura e deixar em infusão 20-30 minutos. Beber meio copo duas vezes por dia (de manhã e antes de deitar).

4. Infusão de ditamno-branco: deitar 0,5 l de água a ferver sobre 20 g de folhas frescas com flores de ditamno-branco. Deixar em infusão 15-20 minutos. Fazer gargarejos com a infusão morna e

coada, sem engolir, durante 3-5 minutos. Repetir várias vezes por dia.

FARPA

1. Para extrair uma farpa deve cobrir-se generosamente toda a zona com alcatrão (breu). Por vezes enrola-se um pano embebido em alcatrão à volta do dedo ou da mão, etc. Este remédio revela-se extremamente eficaz mesmo quando a farpa já lá está há mais de 2 dias e for um estilhaço de madeira podre. Passados 15-20 minutos após a aplicação do pano ou do alcatrão, a ponta da farpa aparecerá tanto à superfície que será possível agarrá-la com uma pinça e puxar toda a farpa, independentemente do tamanho.

2. Aplicar folhas frescas de azeda trituradas e prender sem apertar muito. Mudar duas vezes por dia. Não só a farpa, como até uma bala de chumbo que esteja pouco profunda sai para fora.

OBSTIPAÇÃO

1. Tomar uma a duas vezes por dia, por via oral, uma colher de sopa de compota cozida de bagas de sabugueiro-preto sem açúcar (substituir o açúcar por mel).

2. Neste caso Vanga tratava os doentes com cataplasmas ou farelo aquecido que aplicava no ânus, na zona perineal e no púbis; também fazia o doente sentar-se num saquinho de millet aquecido com sal. Recomendava banhos de vapor quentes.

3. Pode relaxar-se o ânus com pomada de cera preparada com óleo de endro, camomila e cera ou com azeite quente no qual se mergulha uma esponja e se aplica no ânus.

4. Vanga utilizava frequentemente feltro embebido em água de mirto e de rosas com pequena quantidade de água. No início da doença fazia clisteres de água de cevada, sumo de beladona, água de rosas, óleo de rosas e clara de ovo.

5. Um bom remédio para a dor e quando o doente tem tumefação é também a ligadura com feno-grego e malva, com meliloto e ligadura com couve cozida.

6. Vanga considerava que o melhor alimento para este doente é leite fresco fervido.

7. Podem aplicar-se clisteres com sumo de azeitonas salgadas, na quantidade de 500 g. Os curandeiros búlgaros por vezes fazem clister com sumo espremido de folhas de beterraba com violeta.

8. Em obstipação grave Vanga prescrevia cataplasmas de lã embebida em algum óleo aquecedor com pequena quantidade de vinho. Com o mesmo deve regar-se o ânus, o púbis e os testículos. Ajuda muito um clister de óleo de sésamo morno que se retém várias horas.

9. Para ligaduras medicinais pode usar-se gema de ovo, miolo de pão branco com camomila ou o seu sumo, assim como endro seco e mucilagem de semente de linhaça em partes iguais.

10. Os curandeiros búlgaros aplicam também no ânus uma ligadura com alho-francês cozido com manteiga de vaca derretida, óleo de rosas e pequena quantidade de cera depurada.

11. Para acalmar a dor Vanga fazia frequentemente o doente sentar-se numa banheira com água onde se tivessem fervido malva-silvestre, endro, camomila, aloé e meliloto.

12. Aos que sofrem de obstipação Vanga aconselhava beber água onde se tivessem fervido durante muito tempo ameixas e aveia. Sumo de rábano, salmoura de chucrute morna, iogurte natural, chá de cerejas secas e maçãs secas devem ser bebidos 4 a 5 vezes por dia por quem tem obstipação.

13. Deitar água a ferver sobre sementes de tanchagem esmagadas (10 g de sementes em meio copo de água a ferver), deixar em infusão e coar. Beber de uma vez em caso de obstipação.

14. Decocto de folhas jovens de sabugueiro-preto com mel – bom laxante. 20 g de folhas num copo de água a ferver, juntar uma colher de sopa de mel. Tomar 1/4 de copo após as refeições.

15. Mistura de flores e folhas de abrunheiro – diurético e laxante. Deitar um copo de água a ferver sobre duas colheres de sopa. Beber como chá com mel.

16. Vanga recomendava as flores de abrunheiro em infusão fria: deitar um copo de água sobre duas colheres de chá de flores e deixar em local frio durante 8 horas. Tomar 1/4 de copo após as refeições.

17. 0,2 g de múmia três vezes por dia, bebendo água fria crua ou infusão de cominho.

18. De manhã em jejum comer 1-2 pêssegos frescos ou secos. Se se comer assim dia após dia durante 1-2 meses pode até livrar-se de obstipação crónica.

SUJIDADE NOS OLHOS

1. Se entrar um corpo estranho no olho não se deve esfregar o olho em direção à têmpora; o movimento deve ser feito em sentido contrário – para o nariz. Assim o corpo estranho sai mais facilmente com a ajuda de lágrimas ou água.

2. Se entrar cal no olho deve preparar-se rapidamente uma solução saturada de açúcar e molhar bem o olho com ela.

3. Se entrar carvão no olho deve tentar-se rodar três vezes esse olho na sua órbita e depois lavar com água. Ou extrair o carvão com um pedaço de algodão molhado ou papel enrolado em forma de tubo.

4. Lamber o corpo estranho do olho com a língua – método seguro e rápido.

5. Limalha de ferro sai facilmente do olho com um íman.

SUJIDADE NO OUVIDO

1. Encher o ouvido com óleo vegetal. Depois esguichar o ouvido com um jato relativamente fraco de água morna de uma seringa até o objeto sair.

2. Para extrair um inseto deve encher-se o ouvido, gota a gota, com óleo vegetal; o inseto (vivo ou morto) virá à superfície. Claro que o doente deve estar deitado com o ouvido doente virado para cima durante o tratamento. Ao virar a cabeça o óleo escorrerá do ouvido.

3. Demolhar uma folha de tabaco em água, espremer o sumo do tabaco para uma chávena e, com uma pipeta oftálmica, encher o ouvido gota a gota. O inseto aparecerá à superfície do sumo de tabaco.

BÓCIO

1. Beber decocto de aveia não limpa. Quando a água ferver, juntar um punhado de aveia por litro de água. Ferver um minuto e embrulhar a panela. Deixar em infusão bem e beber quando tiver vontade. Pode também fazer chá com palha de aveia.

2. Beber sem limite chá de erva de potentilha-prateada.

3. À noite colocar num termo três colheres de sopa de esparto e deitar três copos de leite fervido. Beber dois copos ao longo do dia e o terceiro copo com a erva usar à noite como compressa.

4. Colocar num frasco 50 g de raiz de tormentila, 5 g de raiz de íris e 25 g de absinto-amargo e cobrir com 600 g de banha de porco interior (sem sal). Colocar em banho-maria e deixar ferver 2 horas. Retirar do lume e deixar arrefecer. À noite aplicar a pomada no local doente. Guardar no frigorífico.

PRURIDO (de todo o corpo)

1. Ferver em grande quantidade de água 1 kg de grãos de cevada e banhar o doente nessa água.

2. Neste caso é preciso dilatar os poros com banhos e diversas fricções.

3. Tem efeito benéfico o sumo de aloé e mirra, especialmente misturados com mel. Beber como chá com mel.

4. Sumo de aloé com farinha de lentilha e pequena quantidade de vinagre – também bom remédio. Usa-se frequentemente também sumo de aipo. Tomar 1/4 de copo após as refeições.

5. Tomar 50-100 g de rizomas de trigo-rasteiro por balde de água e ferver em recipiente tapado. Quando a água arrefecer até 38 °C fazer banhos de 20 minutos. Tomar banhos diariamente.

6. Encher a banheira de água, dissolver nela 50 ml de extrato de coníferas e 0,5 kg de fécula de batata ou, em vez dela, 1 l de decocto espesso de flocos de aveia. Tomar o banho a 35-37 °C durante 10 minutos.

IMPOTÊNCIA

1. À noite encher a banheira até 3/4 com água à temperatura do corpo. Deixar aberta a torneira da água quente o suficiente para a água na banheira manter a mesma temperatura. Ficar nessa banheira neutra toda a noite. Fazer assim durante 30 dias.

2. Vanga recomendava o seguinte método de tratamento: antes de deitar encher com água duas bacias – uma de água quente e outra de água fria. Nessas bacias sentar-se alternadamente, ora numa ora noutra, exatamente um minuto de cada vez, medido pelo relógio. Mudar de bacia 10 a 12 vezes por noite.

3. Picar finamente cerca de 700 g de gelo e embrulhar em gaze dobrada em oito camadas; manter esse «pacote» de gelo primeiro na base do cérebro durante um minuto, depois aplicá-lo às costelas na zona do coração durante um minuto e, por fim, aplicá-lo ao escroto durante 1 minuto. Se esta operação se repetir várias vezes por dia, de 9 a 15 minutos cada vez, restaura a capacidade sexual melhor do que qualquer medicamento.

4. Alternar trabalho e descanso e dormir 9-10 horas por dia. Banhos de vapor são obrigatórios. São úteis banhos de sol e quanto mais longos melhor.

5. São necessários dois jejuns curtos (3-6 dias) e um longo (25-30 dias).

6. Deixar de consumir bebidas alcoólicas, café e chá. Comer saladas de legumes crus duas vezes por dia, acrescentando obrigatoriamente raízes: cenoura, nabo e beterraba.

7. Os curandeiros búlgaros experientes aconselham comprar na farmácia um conjunto de dilatadores anais. Dos quatro dilatadores deve inserir-se primeiro o menor e depois progressivamente os maiores. Todos os homens que sofrem de impotência devem usar esses dilatadores.

8. Receita tonificante para impotência: 2 g de múmia em 10 colheres de água. Tomar uma colher de sopa por dia em jejum. Após 10 dias de toma fazer 5 dias de pausa; na segunda dezena de dias – 2 g de múmia em 10 colheres de água e 2 g de múmia em 10 colheres de sopa de mel. Beber a solução aquosa de manhã em jejum e a solução com mel à noite, também uma colher, pausa de 10 dias. A terceira dezena de dias igual à segunda. A quarta – 4 g de múmia em 10 colheres de sopa de mel, tomar durante 10 dias.

9. Tomar 0,2 g de múmia duas vezes por dia durante 10 dias, pausa de 5 dias. No total 3-4 ciclos com pausa de 10 dias.

10. Triturar 75 g de erva-pervinca e deitar 0,5 l de vodca. Deixar em infusão ao sol 10 dias. Coar e tomar por via oral meia colher de sopa três vezes por dia, uma hora antes das refeições.

11. Descascar um dente de alho e esmagá-lo ligeiramente. Em seguida, pressionando fortemente com os dedos, esfregar com movimentos circulares na base da coluna vertebral durante 10 minutos. Esta fricção deve ser feita todos os dias.

AZIA

1. Sumo de batata: beber 3-4 vezes por dia, durante um mês, 1/4 de copo de sumo de batata fresco, 15-20 minutos antes das refeições. Este método ajuda a livrar-se da azia.

2. Decocto de raiz de alcaçuz: ferver 10 g de raiz de alcaçuz e 6 g de cascas de laranja em 2 copos de água. Evaporar até metade. Juntar 60 g de mel. Tomar por via oral durante um mês, 3 vezes por dia, 10-15 minutos antes das refeições.

3. Decocto de várias ervas: para a mistura juntar em quantidades iguais folha de tanchagem, raiz de alteia triturada, erva de orégão, hipericão e frutos de cominho. Deitar um copo de água sobre uma colher de sopa da mistura, levar lentamente a ebulição e ferver 15 minutos. Tomar por via oral 2 colheres de sopa 4 vezes por dia, 15-20 minutos antes das refeições.

4. Infusão de semente de linhaça: deitar meio copo de água a ferver sobre 2 colheres de sopa de semente de linhaça. Deixar em

infusão 2-3 horas e coar. Beber meio copo da infusão aquecida antes de deitar, se a azia aparecer principalmente à noite.

5. Infusão de várias ervas: misturar em partes iguais erva de celidónia-maior, milefólio, flores de camomila, hipericão e raiz de alcaçuz. Deitar um copo de água a ferver sobre 10 g da mistura (uma colher de sopa). Deixar em infusão 2-3 horas e coar. Tomar morno, um copo 2-3 vezes por dia, meia hora antes das refeições, durante um mês.

6. Infusão de várias ervas: para a mistura juntar 1 parte de hipericão, 4 partes de erva-cidreira, 3 partes de folhas de tanchagem, 2 partes de urtiga fresca e 2 partes de orégão. Deitar 2/3 de copo de água sobre uma colher de sopa da mistura. Levar a ebulição, deixar em infusão 2-3 horas e coar. Tomar 2 colheres de sopa 4 vezes por dia, 15-20 minutos antes das refeições.

7. Bebida de raiz de cálamo: misturar uma colher de chá de raiz de cálamo triturada (ou cominho, ou gengibre) com 4 colheres de chá de giz em pó (na falta de giz pode substituir-se por carvão fresco nas mesmas proporções). Diluir uma colher de chá desta mistura em 1/3 de copo de água morna. Beber 3 vezes por dia, 15-20 minutos antes das refeições.

8. Ajuda contra a azia: bicarbonato de sódio (1/4 de colher de chá dissolvido em água), giz, magnésia, gotas de menta com água, ou ainda 3-4 grãos de ervilha fresca ou demolhada em água (mas nunca cozida).

9. Às pessoas que sofrem frequentemente de azia deve comer-se todas as manhãs em jejum papa de trigo-sarraceno, beber muita água pura, consumir o mínimo possível de gorduras, incluindo óleos vegetais como azeite, óleo de cânhamo ou óleo de salada.

10. Hipericão – 75 g, menta – 75 g, zópnique – 100 g. À noite deitar 3 copos de água a ferver sobre 3 colheres de sopa da mistura de ervas. De manhã coar, dividir em 4 tomas e tomar uma hora antes das refeições.

SOLUÇO

1. Beber vários goles de água fria com os ouvidos bem tapados.

2. Morder rapidamente e engolir um torrão de açúcar molhado em vinagre.

3. Comprimir fortemente com as mãos a zona do diafragma (acima da cintura).

4. Inspirar várias vezes rápida e profundamente e expirar muito lentamente; ajuda especialmente no soluço nervoso.

5. Em soluço persistente ajudam sinapismos abaixo do esterno.

6. Apontar a ponta de uma faca para a raiz do nariz da pessoa que soluça e fazê-la olhar fixamente para a ponta sem pestanejar. Passados 30 segundos o soluço para.

7. Reter a respiração e juntar em ambas as mãos o dedo mindinho com o polegar, formando como que dois pequenos anéis. Manter os dedos assim até o soluço passar.

8. Muitas vezes ajuda reter a respiração tapando a boca e as narinas com a mão. É necessário fazer isto até 10 vezes.

9. Colocar na boca um torrão de açúcar e ir engolindo aos poucos com a saliva.

10. Deitar uma colher de chá de vinagre num copo de água fria e beber.

11. Tomar por via oral 10-15 gotas de mistura de louro-cereja com água morna.

12. Beber tintura alcoólica de veratro-branco. Tomar no máximo 2 gotas diluídas numa colher de chá de água.

13. Para parar o soluço deve beber-se um copo de água, mas não como se bebe habitualmente: beber pelo lado oposto do copo, esticando muito o pescoço para a frente e inclinando a cabeça de modo que a borda mais próxima do copo apoie na parte inferior do

queixo e o queixo «entre» no copo. Este remédio é simples, mas comprovado.

14. Colocar numa colher de chá um pouco de mostarda e vinagre de mesa. Misturar até fazer uma pasta e com ela untar cerca de 1/3 da superfície da língua. A sensação será desagradável, mas é preciso aguentar 2-4 minutos e depois enxaguar a boca com água morna. O soluço passa quase instantaneamente, por vezes até antes do enxaguamento.

DEFESA IMUNITÁRIA

1. Pode reforçar-se a imunidade se, uma vez por mês, se derramar sobre o corpo decocto de erva-de-Nossa-Senhora ou tomilho-rasteiro (Thymus serpyllum L.).

2. Deitar água fria sobre um copo de aveia e 1/4 de copo de passas, aquecer até ferver. Deixar em infusão 3 horas. Depois colocar em lume forte, levar a ebulição, juntar arandos vermelhos esmagados (meio copo), deixar ferver novamente e repousar uma hora. Coar o decocto, juntar 2-3 colheres de chá de mel e beber morno. Pode substituir-se os arandos por espinheiro-cerval. Beber 3-4 vezes por dia, meio copo.

3. Ao decocto de rosa-brava feito com 1,5 copo de bagas juntar sumo de groselha-preta (2,5 copos) e sumo de um limão, acrescentar 2-3 colheres de chá de mel e mexer. Beber frio 3-4 vezes por dia, meio copo.

4. Lavar um copo de figos com água morna, passar pela máquina de moer carne e cobrir com água a ferver. Levar a ebulição e deixar em infusão 2 horas. Coar a infusão, juntar 3 colheres de chá de mel e arrefecer. Depois juntar um copo de sumo de cenoura. Beber 3-4 vezes por dia, meio copo.

SUSTO

1. Em caso de susto a pessoa deve imediatamente beber um copo de água com uma pequena quantidade de açúcar dissolvido.

2. Rolar um ovo cru pelo ventre, cabeça e peito e depois deitá-lo num copo. Se a pessoa estiver assustada aparecerá no ovo uma espécie de coágulo branco que lembra névoa.

3. O susto «deita-se fora» na água com cera derretida e reza. Em vez de cera podem usar-se velas de igreja derretidas até obter 150-200 g. É necessária uma vasilha onde se deitam 2-3 l de água. O melhor é uma tigela grande esmaltada ou de alumínio com cerca de 300 mm de diâmetro. A água deve ser fria e não bebida anteriormente. Pode ser água de ribeiro limpo, poço ou torneira, mas nunca de um balde onde se tenha bebido pouco antes. Assim, aquece-se a cera numa caneca e prepara-se a água. Senta-se o doente à soleira da porta virado para a saída (se for adulto senta-se num banquito baixo para se poder segurar comodamente a tigela acima da cabeça) e reza-se o «Pai Nosso».

HISTERIA

1. À noite deixar num balde de água um raminho de espiréia (Spiraea ulmaria L.). No dia seguinte ferver a água sem tirar o raminho, esperar que arrefeça e derramar essa água sobre o doente.

2. Vanga aconselhava o doente a respirar profundamente.

3. Misturar em partes iguais erva de coração-de-leão e folhas de uva-ursina; deitar 3 copos de água sobre 2 colheres de sopa da mistura e ferver até evaporar 1/3. Coar o líquido restante e dar ao doente para beber em 3 tomas ao longo do dia.

4. Pode beber-se 1/4 de copo de sumo de batata 3 vezes por dia.

5. Ajuda aplicar na cabeça folhas frescas de couve-branca, lilás ou gerânio (pelargónio).

6. Os curandeiros populares escaldavam o doente na sauna com vassoura de zimbro ou de urtiga.

CATARATA

1. Lavar bem minhocas vivas (10-15) da terra em água corrente fria e depois em água fervida; espalhar sobre papel de filtro e as que ficarem vivas colocar numa garrafa, cobrir com açúcar e sal, fechar bem e deixar uma noite num local fresco e escuro. Depois filtrar; o líquido obtido deve ser transparente. Guardar no frio e pingar durante uma semana 1 gota no olho doente. É um remédio

muito forte e deve usar-se com cautela. Ao mesmo tempo recomenda-se tomar alho e outros tónicos gerais.

2. Também é bom lavar os olhos com água melíflua (uma colher de chá de mel ferve-se numa caneca de água durante 3-5 minutos). Lavar 3-5 vezes por dia.

3. Vanga aconselhava nestes casos comer espinheiro-cerval e rosa-brava em qualquer forma. Chá: uma colher de sopa de frutos secos triturados de rosa-brava em 2 copos de água a ferver, ferver em lume brando 10 minutos e deixar em infusão 2-3 horas. Tomar 1/4-1/2 copo 3-4 vezes por dia. Groselha-preta, frutos (frescos e secos) em qualquer forma. Podem usar-se também as folhas curativas desta planta: 3-4 g de folhas secas de groselheira em um copo de água a ferver, deixar 10-20 minutos e coar. Beber como chá normal, 1/2-1 copo 2-3 vezes por dia.

4. É útil a erva fresca de prímula em saladas, sopas ou okroshka. Recomenda-se morangueiro – frutos e folhas – em infusão de água a ferver durante cerca de 2 horas (tomar por via oral uma colher de sopa 3 vezes por dia). A comida deve preparar-se preferencialmente com óleo vegetal e comer-se o menos possível frito.

TOSSE (antiga, de fumadores)

1. Ferver durante 10-15 minutos várias raízes de malva-silvestre (Malva sylvestris L.) em 0,5 l de leite fresco. Tomar por via oral várias vezes por dia, uma chávena de café.

2. No tratamento da tosse de fumadores às vezes basta reter periodicamente a respiração, o que aquece os pulmões. Se não ajudar, Vanga aconselhava manter debaixo da língua uma bolinha de mirra ou resina de estoraque com mel.

3. Pode também tomar-se uma colher de resina de madeira ou resina de terebintina com mel ou usar-se enxofre com ovos mexidos.

4. Na medicina popular búlgara usava-se com sucesso ervilhaca-lentilhada com mel ou sumo espesso de romã doce também com mel.

5. Para fricções no peito Vanga usava óleo de íris ou óleo de narciso com cera vermelha, raiz de alcaçuz, cabelo-de-vénus e óleo de amêndoa.

6. A estes doentes dá-se como alimento figos, tâmaras, pinhões, massa, alperces, manteiga de vaca, legumes com miolo como abóbora, pepino com óleo de amêndoa, favas bem cozidas também com óleo de amêndoa e óleo de abóbora, água de cevada e sopas de cevada, favas e farelo. Figos secos com nozes e amêndoas ajudam muito na tosse crónica.

7. Também aliviam água de cevada, doce de violeta e sumo de romã com açúcar.

8. Outro medicamento para lamber pode preparar-se com mucilagem de sementes de tanchagem-das-pulgas, sementes de marmelo, amido e goma de ameixeira.

9. Tomar uma parte de argila e goma-arábica, meia parte de menta, hissopo, tomilho, canela-da-china e cabelo-de-vénus. Misturar tudo em papa e dar ao doente 3 vezes por dia, uma colher de chá.

10. Pode tomar-se 7 cabeças de alho-francês e ferver em cerca de 1 l de água até restar 1/3 da quantidade inicial. Depois coar o decocto, misturar com a casca do alho-francês e mel e ferver novamente. Depois disto o medicamento está pronto para uso.

11. Considera-se bom remédio para tosse o seguinte: tomar 150 g de menta-ribeirinha, 30 g de pinhões e sementes de urtiga, 100 g de semente de linhaça e pimenta. Misturar tudo com mel e dar ao doente.

12. Ou pode tomar-se 5 partes de tâmaras, 8 partes de alcaçuz, 2 partes de açafrão e pimenta, 20 partes de ervilhaca-lentilhada. Misturar tudo com mel e tomar por via oral em caso de tosse.

13. Pode dar-se ao doente semente de linhaça torrada com mel, à qual também se pode juntar pimenta ou menta.

TOSSE (persistente, em adultos)

1. Ferver em 1 l de água um pedacinho de resina (cola) de cerejeira-branca. Depois de arrefecer, coar e juntar 200 g de mel, 3 cravinhos e uma pequena quantidade (na ponta da faca) de gengibre. Mexer bem. Tomar em jejum e à noite, uma colher de sopa.

2. Cortar um rábano-preto em fatias finas, dividindo-o em 8 partes, e polvilhar com açúcar. Passadas 6-8 horas aparecerá sumo, que deve tomar-se uma colher de chá de hora a hora. A tosse mais forte passa em 3-5 dias.

3. Esfregar o peito com um pano de lã seco e depois massajar banha de porco interior (a pele deve estar seca), juntando previamente uma pequena quantidade de óleo de abeto.

4. Colher botões de bétula com as folhinhas já a brotar, encher com eles uma garrafa, cobrir com vodca e deixar em infusão 7-10 dias. Tomar por via oral 5-10 gotas diluídas em água, 3 vezes por dia.

5. Deitar um copo de água a ferver sobre uma colher de sopa de tanchagem, deixar em infusão 15 minutos. Tomar por via oral uma colher de sopa 3 vezes por dia, 15 minutos antes das refeições.

6. Deitar um copo de água a ferver sobre 2 colheres de sopa de flores de calêndula, manter em banho-maria 15 minutos. Tomar por via oral 1-2 colheres de sopa 3 vezes por dia, 15 minutos antes das refeições.

7. Bebida medicinal: ferver em lume brando durante 3 horas, em 1 l de água, 500 g de cebola descascada e triturada, 50 g de mel e 400 g de açúcar. Guardar o líquido em garrafa bem tapada. Tomar por via oral uma colher de sopa 3-4 vezes por dia.

8. Colher violetas e snowdrops de manhã cedo, antes do sol nascer. Guardar num local escuro e secar à sombra. Deitar um copo de água a ferver sobre uma colher de sopa de flores secas, manter 15 minutos em banho-maria. Depois de arrefecer, coar. Beber 3 vezes por dia, meio copo.

9. O sumo de nabo cozido com mel é útil para a tosse. Tomar por via oral 2 colheres de sopa 3-4 vezes por dia (meio copo de sumo + 2 colheres de mel).

10. Ferver um copo de leite fresco, juntar 2 figos durante 2 minutos. Tomar por via oral 3 vezes por dia após as refeições, um copo, quente.

11. Misturar sumo de rábano-preto ou cenoura com leite ou bebida de mel (metade-metade) e beber uma colher de sopa 6 vezes por dia.

12. Na primavera é útil beber seiva de bétula ou de ácer com leite contra a tosse.

13. Para facilitar a expectoração é útil tomar xarope de sumo de arando com açúcar ou mel. Beber o xarope com bastante frequência, uma colher de sopa.

14. Ralar 2 cabeças de alho e 5 limões, cobrir com 1 l de água fervida, deixar em infusão 5 dias, coar e espremer. Tomar por via oral uma colher de sopa 2 vezes por dia, 20 minutos antes das refeições.

15. Decocto de framboesa: deitar 2 copos de água sobre 5 g de raízes de framboeseira cortadas e preparar o decocto. Tomar por via oral ao longo do dia, quente.

16. Decocto de erva-de-passarinho, frutos de anis, endro, gomos de pinheiro, erva de tomilho e raiz de alcaçuz: misturar em partes iguais erva-de-passarinho, frutos de anis, endro, gomos de pinheiro, erva de tomilho e raiz de alcaçuz triturada. Deitar 300 ml de água fria fervida sobre 15 g desta mistura, deixar em infusão 2 horas, levar a ebulição na placa, ferver 3 minutos, arrefecer e coar. Tomar por via oral meio copo 3 vezes por dia, meia hora antes das refeições.

MENOPÁUSA

1. Chá de frutos de rosa-brava: deitar 0,5 l de água sobre 50 g de frutos secos triturados de rosa-brava, ferver em recipiente tapado em lume brando 5-7 minutos, deixar em infusão embrulhado 6-8 horas, coar, espremer o resto e juntar 100 g de xarope de rosa-

brava. Bater uma clara de ovo até fazer espuma consistente e juntar ao decocto. Guardar no frigorífico 2-3 dias. Esta bebida alivia tonturas, fraqueza e melhora o estado geral.

2. Chá de sálvia: deitar 2 copos de água a ferver sobre uma colher de sopa cheia de erva seca triturada de sálvia. Ferver 1-2 minutos e beber como chá normal durante as refeições – de manhã, ao meio-dia e à noite. Curso de tratamento 12-15 dias. Pausa de 1-2 semanas. Depois continuar o tratamento. Tomar contra afrontamentos na menopausa.

3. Durante hemorragia forte Vanga aconselhava deitar-se, elevar a bacia, colocar um saco de gelo no ventre e garrafas quentes nos pés. Para repor o volume de sangue dar de 2 em 2 horas 2 colheres de sopa de leite.

4. Beber regularmente ao longo do dia um copo de infusão de betónica-medicinal.

5. Beber de uma vez um copo de infusão quente de bolsa-de-pastor (erva-pastor). Deitar um copo de água a ferver sobre uma colher de sopa de erva finamente cortada. É um ótimo remédio contra todo o tipo de hemorragias uterinas.

COLITE

1. Beber duas vezes por dia soro de leite obtido ao espremer queijo fresco. Evitar comida gordurosa.

2. Deitar um copo de água a ferver sobre centáurea-menor e camomila (uma colher de chá de cada). Beber uma colher de sopa de 2 em 2 horas, cerca de 7-8 vezes por dia. Passado algum tempo (normalmente 1-3 meses) reduzir a dose e aumentar os intervalos entre as tomas. Este medicamento é considerado inofensivo e pode usar-se durante muito tempo.

3. Durante 3-4 meses, entre as refeições, comer aos poucos 70 g de miolo de noz por dia. Em vez de água é desejável beber decocto de raiz de consólida, tormentila e semente de linhaça. A melhoria surge ao fim de um mês e ao fim de 4 meses dá-se a cura.

4. Em colites agudas recomendam-se microclisteres de amido: diluir 5 g de amido (de batata, milho ou arroz) em 100 ml de

água fria e, mexendo, juntar gradualmente 100 ml de água a ferver. Depois arrefecer até 40 °C e introduzir no reto.

5. Têm bom efeito em colites os microclisteres de camomila-das-boticas com mel. Deitar um copo de água a ferver sobre uma colher de sopa de flores de camomila, depois de arrefecer juntar uma colher de chá de mel. Usar 30-50 ml da solução. Curso de 8 procedimentos.

6. Beber sumo de cebola uma colher de chá 3-4 vezes por dia antes das refeições.

7. Decocto de raízes e rizomas de bergénia: deitar um copo de água a ferver sobre uma colher de sopa de raízes e rizomas triturados de bergénia, ferver meia hora em banho-maria e coar. Beber 2 colheres de sopa 3-4 vezes por dia.

8. Decocto de centáurea-menor, sálvia e camomila-das-boticas: misturar uma colher de chá de centáurea-menor, sálvia e camomila-das-boticas, deitar um copo de água sobre esta mistura. Tapar, deixar arrefecer e coar. Tomar por via oral em caso de agravamento da colite, uma colher de sopa 5-7 vezes por dia.

9. Infusão de anis, funcho, alcaçuz e espinheiro-cerval: misturar 10 g de frutos de anis, 10 g de frutos de funcho, 20 g de raiz de alcaçuz e 60 g de casca de espinheiro-cerval. Deitar um copo de água a ferver sobre uma colher de sopa desta mistura. Deixar em infusão meia hora e coar. Beber de manhã e à noite um copo cheio.

10. Infusão de várias ervas: misturar em quantidades iguais flores de camomila-das-boticas, frutos de funcho, frutos de cominho, cones de amieiro-cinzento, erva de hortelã-pimenta, raiz de alteia-medicinal, erva de hipericão-perfurado, folha de tanchagem-maior, flores de perpétua-das-areias e folhas e frutos de cássia. Deitar um copo de água sobre uma colher de chá desta mistura, levar a ebulição e deixar em infusão 2 horas. Tomar meio copo 3 vezes por dia antes das refeições. Usar por via oral para tratar colite crónica espástica.

11. Chá de bagas de viburno: deitar um copo de água a ferver sobre uma colher de sopa de bagas de viburno, deixar em

infusão e coar. Tomar por via oral 1/4 de copo 4 vezes por dia, meia hora antes das refeições, em colites e enterocolites.

CONJUNTIVITE

1. Em conjuntivite crónica e para melhorar a visão deve comer-se diariamente uma colher de sopa de bagas frescas ou secas de mirtilo.

2. Compressas de infusão de raiz de alteia-medicinal: deitar um copo de água fria fervida sobre 3-4 colheres de sopa de raiz triturada de alteia e deixar em infusão 8 minutos.

3. Compressas de infusão de folhas e flores de alteia-medicinal: deitar um copo de água a ferver sobre 2 colheres de sopa de folhas e flores de alteia-medicinal. Deixar em infusão meia hora.

4. Compressas de infusão de bagas de rosa-brava: deitar um copo de água de água a ferver sobre 2 colheres de chá de bagas, aquecer em lume brando 5 minutos e deixar em infusão meia hora.

5. Colocar sobre as pálpebras fechadas fatias de pepino fresco e ficar assim deitado 5 minutos. Lavar os olhos com decocto de folhas de bétula arrefecido até à temperatura ambiente.

6. Tomar clara de 2 ovos, meio copo de água fria fervida, misturar e deixar em infusão 30-40 minutos num local quente. Com esta massa esfregar os olhos à noite, 10-15 minutos antes de deitar.

7. Deitar um copo de água a ferver sobre uma colher de sopa de folhas de eucalipto, ferver 7-10 minutos e deixar arrefecer; com o decocto esfregar os olhos até cura completa da conjuntivite.

URTICÁRIA (em crianças)

1. Tomar em partes iguais urtiga e sabugueiro, preparar um decocto e banhar a criança nele.

2. Tomar uma colher de chá de lentilha-d’água fresca bem lavada em 5 ml de aguardente (vodca). Deixar em infusão 7 dias, coar e espremer. Fazer compressas em caso de urticária.

3. Papa de um dente de alho alivia a comichão da urticária e as vesículas começam a cicatrizar rapidamente.

4. Para tratar urticária servem compressa fria de alho, gargarejos com decocto, cataplasmas e pomada. Para preparar a pomada descascar e cortar finamente uma cabeça de alho. Colocar o alho numa panela esmaltada, cobrir com 2 copos de água quente, levar a ebulição e ferver em lume brando até o volume de água reduzir para metade. Filtrar a mistura e juntar um copo de azeite quente ou outro óleo vegetal qualquer. Juntar lentamente um pouco de cera de abelha até obter a consistência de natas.

HEMORRAGIA (prolongada e abundante em mulheres)

1. Misturar bem 6 claras de ovos frescos com 0,5 colher de chá de ácido cítrico e beber esta mistura. Repetir se necessário.

2. Quando a hemorragia ultrapassa a duração normal para-se aplicando ventosas na zona entre as coxas.

3. A mulher que sofre de hemorragias deve alimentar-se de gemas de ovos cozidos mexidos e de outra comida fortificante, por exemplo caldo de carne azedo. Deve evitar-se picante e gordura.

4. Contra hemorragia intensa e quente ajuda muito a tanchagem-maior. Introduz-se na matriz ou bebe-se a infusão com vinagre.

5. Traz benefício a cânfora em forma de supositórios ou como bebida.

6. Recomenda-se também leite fervido com escória de ferro e sumo espesso de limão.

7. É útil a estas doentes sentar-se numa banheira com decocto de menta, das suas folhas, frutos e raízes, assim como de mirto, rosas e cascas de romã.

8. Considera-se eficaz a pomada de gesso aplicada no umbigo.

9. Sumo de castanheiro-das-índias: tomar por via oral sumo de flores frescas de castanheiro-das-índias, 30 gotas numa colher de sopa de água, de manhã e à noite.

10. Sumo de bolsa-de-pastor: tomar por via oral sumo fresco da erva de bolsa-de-pastor, 50 gotas 4-6 vezes por dia.

11. Decocto de viburno: deitar um copo de água sobre 20 g de viburno, ferver em lume brando 15 minutos e coar. Tomar por via oral uma colher de sopa 3 vezes por dia.

12. Infusão de folhas de urtiga: deitar um copo de água a ferver sobre 5 g de folhas secas de urtiga. Deixar em infusão meia hora e coar. Tomar por via oral ao longo do dia.

13. Infusão de raízes de sanguinária: deitar um copo de água sobre 5 g de raízes trituradas de sanguinária, ferver meia hora em lume brando. Deixar em infusão 2 horas e coar. Tomar por via oral uma colher de sopa 5 vezes por dia antes das refeições.

HEMORRAGIA GÁSTRICA

1. Sumo de urtiga-ardente: tomar sumo de folhas de urtiga-ardente 4-6 vezes por dia, 20-30 gotas numa colher de sopa de água.

2. Decocto de casca de viburno: deitar um copo de água sobre 20 g de casca triturada de viburno, ferver meia hora e coar quente. Tomar por via oral uma colher de sopa de hora a hora.

3. Infusão de amora-silvestre: deitar 2 copos de água a ferver sobre 3 g de folhas de amora-silvestre, ferver 15 minutos em lume brando. Deixar em infusão meia hora e coar. Tomar por via oral meio copo 2 vezes por dia.

4. Infusão de bistorta e linhaça: misturar 5 g de rizomas de bistorta e 3 g de sementes de linhaça, deitar um copo de água, levar a ebulição e ferver em banho-maria 15 minutos. Deixar em infusão meia hora e coar. Beber uma colher de sopa de 2 em 2 horas.

5. Infusão de folhas de urtiga, tanchagem, sementes de linhaça e erva de milefólio: misturar em quantidades iguais folhas de urtiga, tanchagem, sementes de linhaça e erva de milefólio. Deitar um copo de água a ferver sobre 10 g desta mistura. Deixar em infusão meia hora e coar. Tomar por via oral uma colher de sopa de meia em meia hora, frio.

6. Vanga recomendava folhas de amora-silvestre por via oral como adstringente em diarreias, catarro gastrointestinal e hemorragias gástricas. Usar as folhas em infusão aquosa: deitar 2

copos de água a ferver sobre 4 colheres de chá (cerca de 5 g) de folhas trituradas (dose para um dia).

HEMORRAGIA EXTERNA

1. Aplicar compressas de sumo fresco de erva-de-passarinho (Polygonum aviculare).

2. Deitar um copo de água sobre 10 g de bistorta e manter em banho-maria meia hora. Coar passados 15 minutos. Usar em compressas de meia em meia hora.

3. Deitar um copo de água a ferver sobre 10 g de bistorta. Deixar em infusão uma hora e coar. Tomar por via oral uma colher de sopa 3-5 vezes por dia.

4. Cobrir flores e folhas trituradas de árnica com álcool a 40° na proporção 1:20. Deixar em infusão 7 dias e coar. Tomar por via oral 20 gotas 3 vezes por dia e em compressas.

5. Deitar um copo de água a ferver sobre 10 g de casca triturada de viburno. Deixar em infusão meia hora sem arrefecer e coar. Tomar por via oral uma colher de sopa 3 vezes por dia antes das refeições em hemorragias externas.

6. Deitar um copo de aguardente de uva sobre 20 g de frutos triturados de sofóra. Deixar em infusão 7 dias. Tomar por via oral 30 gotas 3 vezes por dia e em compressas 4-6 vezes por dia.

7. Tomar 4 raízes frescas de gerânio, lavá-las e, depois de ferver um quarto de água numa panela, juntar as raízes e ferver 20 minutos. Em hemorragia externa lavar com este decocto morno e enfaixar a ferida com um pano abundantemente embebido no decocto, lavando a ferida 3 vezes por dia e mudando a ligadura.

8. Uma hemorragia ligeira pode parar-se com cauterização ou desviando o sangue para o lado oposto, o que se consegue esfregando ou ligando o órgão oposto. Também se deve dar ao doente infusões que provoquem entorpecimento e submeter o corpo a arrefecimento.

HEMORRAGIA NASAL

1. Introduzir na narina algodão embebido em sumo fresco de urtiga ou leite de mulher. O leite deve ser no mínimo 2 semanas após o parto; mais cedo não para o sangue.

2. Cortar uma cebola crua ao meio e aplicar fortemente a parte cortada na nuca.

3. Em hemorragia nasal muito forte derramar meio balde de água fria (convenientemente de um regador) sobre a cabeça do doente e o outro meio balde sobre a parte superior das costas.

4. Contra hemorragias fortes de qualquer tipo ajuda a infusão: 2-3 pitadas de erva seca de betónica-medicinal num copo de água a ferver. Beber esta infusão em 2-3 tomas.

5. Pendurar numa linha de lã uma pequena chave de ferro entre as omoplatas nas costas. O sangue para imediatamente. Se a hemorragia for frequente, várias vezes por dia, usar a chave 10-20 dias. Enquanto a chave estiver pendurada o sangue não corre; se se tirar e o sangue voltar, pôr novamente e usar até deixar de aparecer mesmo sem a chave.

6. Os alúmens podem usar-se como hemostático.

7. Colocar uma pequena lasca debaixo para pingar sangue e enterrá-la na terra.

8. Dobrar quatro vezes um pedacinho de papel de jornal e colocar debaixo da língua. Levantar o braço esquerdo para cima.

9. À noite deitar 3 copos de água a ferver sobre 3 colheres de sopa de milefólio. De manhã coar e tomar um copo 3 vezes por dia, uma hora antes das refeições.

CEGUEIRA NOTURNA

1. Beber 3 vezes por dia óleo de fígado de bacalhau, comer fígado de todas as formas – cozido, frito, até cru – e consumir intensamente os alimentos ricos em vitamina A, nomeadamente: tomates frescos, natas, ovos, espinafres, millet e alface.

2. Vanga aconselhava cozer grande quantidade de fígado (de vaca ou de carneiro). Quando a panela com o fígado acabado de cozer for retirada do lume, o doente deve inclinar-se muito perto da panela. A cabeça deve estar coberta, por exemplo com um pano grosso grande, de modo que as pontas, pendendo da cabeça do doente, cubram completamente a panela com o fígado. Isto é necessário para que todo o vapor da panela vá para o rosto e olhos do doente e não se dissipe pelos lados. Muitas vezes basta um aquecimento, por vezes são necessários dois e, muito raramente, três. O doente recupera a visão. Além do aquecimento, o doente deve comer o fígado cozido durante 2 semanas.

LEUCEMIA (em crianças)

1. Recomenda-se beber sumo dos frutos de malva-silvestre (Malva).

2. Misturar pó de frutos secos de malva-silvestre com pó de coalho seco de borrego pequeno. Tomar por via oral duas vezes por dia, uma colher de chá, bebendo pouca água.

LÍQUENES

1. Vanga propunha o seguinte tratamento: aplicar vinagre de maçã não diluído diretamente das garrafas nas zonas afetadas, 4 vezes por dia e 3 vezes à noite (se acordar). Passados alguns minutos após a aplicação do vinagre de maçã desaparecem a comichão e a sensação de queimadura na pele. Com este tratamento os líquenes cicatrizam rapidamente.

2. Recomenda-se tratar o líquen escamoso com óleo de espinheiro-cerval por via oral, 2 ml por dia, e externamente em forma de pomada de óleo de espinheiro-cerval.

3. Para líquenes contraídos de animais esfregar na zona doente farinha de centeio muito bem peneirada.

4. Untar as zonas doentes com decocto forte de betónica.

5. Esfregar a zona doente com alho e depois massajar durante 20-30 minutos carvão de bétula misturado com sumo de raízes frescas de bardana.

6. Esmagar passas sem grainhas e esfregar cuidadosamente o líquen com elas. Pode usar-se também passas previamente demolhadas.

7. Untar as zonas doentes com o «leite» de qualquer espécie de leiteira. O sumo desta planta usa-se também para tratar e remover verrugas, sinais, úlceras que não cicatrizam e líquenes fúngicos das unhas.

8. Untar a zona doente com mistura de leite acabado de ordenhar e cinza de casca de carvalho.

9. Queimar um ramo jovem fresco de nogueira até cair a resina e untar o líquen com a substância assim obtida.

10. Em caso de contágio de líquen de gatos ou cães untar a zona doente com mistura espessa de enxofre quente e azeite. As zonas untadas não devem lavar-se. Continuar o tratamento até o líquen desaparecer.

11. Untar o rosto com sumo de bagas de viburno em caso de líquenes.

12. Aplicar compressas de sumo de arando em caso de líquenes.

13. Pomada de lúpulo, bardana e calêndula: preparar um decocto com 20 g de cones de lúpulo, raízes de bardana e 10 g de flores de calêndula. Misturar 1 parte do decocto com 2 partes de vaselina. Aplicar esta pomada em camada fina várias vezes nas zonas afetadas.

MASTITE

1. Fazer uma massa com farinha de centeio, manteiga fresca derretida macia e leite fresco, preparar uma torta e aplicá-la toda a noite na zona doente. Repetir várias vezes até cura completa.

2. Em caso de estase de leite em mulheres a amamentar e ameaça de mastite Vanga usava emplastro de cera branca. Para o preparar derreter em lume brando 30 g de cera, 60 g de azeite e 120 g de espermacete, mexendo com colher de pau. Quando tudo derreter e misturar bem retirar do lume e continuar a mexer até arrefecer.

Aplicar a mistura numa tela de linho sobre as glândulas mamárias, mudar uma vez por dia. Combinar este emplastro com extração de leite, que fica muito facilitada.

3. Cobrir frutos frescos (vagens) de sofóra com álcool a 70 % na proporção 1:1 em peso. Deixar em infusão 21 dias num local escuro, coar e espremer. Os frutos secos infundir em vodca na proporção 1:2. Preparar e usar como os frutos frescos. Guardar a tintura num local seco, escuro e fresco. Tomar por via oral de 10 gotas 4-5 vezes por dia até uma colher de chá 2-3 vezes por dia.

4. Usar solução aquosa de sofóra em compressas e tampões em mastites.

5. Misturar meio copo de sumo de beterraba-vermelha com igual quantidade de cenoura ralada fina, juntar uma colher de sopa de pó de raiz de rodiola-rosa (raiz-dourada) e 4 colheres de sopa de óleo de espinheiro-cerval ou hipericão (se não houver óleo de hipericão pode substituir-se por óleo de girassol). Aplicar compressas na mama doente e mudar de 4 em 4-5 horas. Curso de tratamento – 14 dias.

6. Recomenda-se também compressa de polpa de abóbora.

7. Decocto de flores de castanheiro-das-índias: deitar numa panela de 1 litro 6-8 colheres de sopa cheias de flores secas de castanheiro-das-índias, cobrir com água, levar a ebulição e deixar em infusão toda a noite num local quente. Tomar por via oral aos goles ao longo do dia. Este mesmo decocto restaura simultaneamente o sistema vascular e a fórmula sanguínea.

8. Infusão de sabugueiro-preto: lavar os frutos de sabugueiro-preto, secar ligeiramente e colocar em camadas alternadas com açúcar (camada de 1-2 cm) num frasco de vidro de 3 litros. Tapar e deixar 24 horas ao ar livre (mas não ao sol), depois guardar no frigorífico 8 dias. Espremer, coar e voltar a colocar no frigorífico. Tomar de manhã e à noite uma colher de sobremesa com água – de manhã em jejum, uma hora antes da refeição, e à noite também uma hora antes da refeição (intervalo de 12 horas entre as tomas). Usar até cura completa.

MENINGITE

1. Os curandeiros búlgaros tratam meningite com sanguessugas: aplicam muitas sanguessugas no nariz e no ânus do doente. Em muito pouco tempo o doente sente alívio.

2. Beber durante 2 semanas, de manhã e à noite, meio copo de infusão aquosa de raiz de valeriana.

3. Preparar extrato de raiz de sanguinária. Triturar as raízes, cobrir com álcool ou vodca e deixar repousar 21 dias até formarem papa. Massajar externamente no couro cabeludo 2-3 vezes por dia. Depois espremer as raízes e coar a tintura. Alternar este tratamento com toma oral de tintura de peónia. Preparar previamente a tintura: deitar 100 ml de aguardente de uva sobre uma colher de sopa de raiz triturada e deixar em infusão 9 dias. Beber durante um mês 40 gotas 3 vezes por dia. Fazer pausa de 2 semanas e repetir o tratamento juntando infusão de erva seca de quimafila. Deitar meia chávena de água a ferver sobre uma colher de chá de erva, embrulhar e deixar em infusão 2 horas. Tomar por via oral 3-4 vezes por dia, um gole.

4. Na primavera é eficaz tomar sumo de dente-de-leão (uma colher de sopa 30 minutos antes das refeições) em meningite.

AMÍGDALAS (inflamação)

1. Tomar beladona doce-amarga que cresce em locais húmidos e é especialmente útil em março, socar bem e misturar com banha de porco; aplicar esta mistura numa tela de algodão limpa e enrolar à volta do pescoço como compressa.

2. Infusão de frutos de anis-comum: deitar um copo de água a ferver sobre uma colher de chá de frutos de anis-comum. Deixar em infusão 20 minutos e coar. Beber 1/4 de copo 3-4 vezes por dia, meia hora antes das refeições.

3. Se as amígdalas e a úvula estiverem visivelmente aumentadas pode untar-se com uma pena embebida em pomadas e infusões medicinais. Para isso servem infusões de rosa e sementes de beladona.

4. Vanga preparava pomada medicinal útil de açafrão e cânfora, assim como de sumo espremido de romã doce triturada com a casca em mel. São pomadas excelentes.

MIOMA UTERINO

1. Durante 15 dias a doente deve beber 3 vezes por dia uma chávena de café de decocto de semente de linhaça.

2. Tomar 50 g de folhas e caules da planta em 0,5 l de vodca. Deixar em infusão 2 semanas num local escuro, filtrar e guardar em frasco escuro. Tomar 30-40 gotas 3 vezes por dia em obstrução das trompas, doenças inflamatórias do útero e anexos.

3. Molhar um tampão com sumo de urtiga ou papa das suas folhas e introduzi-lo diariamente na vagina durante uma semana.

4. Usar óleo de espinheiro-cerval em tampões vaginais durante uma semana.

5. Misturar manteiga de cacau com pó de raiz de consólida na proporção 4:1. Introduzir na vagina de manhã e à noite durante 3-4 semanas.

6. Infusão de erva de celidónia: deitar um copo de água a ferver sobre uma colher de chá de erva seca triturada, embrulhar e deixar em infusão meia hora, coar. Tomar meio copo de manhã em jejum e 20 minutos antes do almoço. Não tomar à noite. Fazer irrigações durante o dia com a infusão acabada de preparar. Preparar infusões todos os dias.

7. Após irrigação (por exemplo com decocto de flores de camomila-das-boticas) introduzir diariamente um tampão abundantemente untado com óleo de espinheiro-cerval ou hipericão. Fazer o procedimento 2 vezes por dia durante 2 semanas.

8. Introduzir na vagina tampão de algodão embebido em sumo de folhas frescas de urtiga ou papa de folhas em inflamações do útero.

LITÍASE URINÁRIA

1. A formação de pedras e as dores durante a crise impedem-se com o seguinte medicamento: ferver folhas de malva-silvestre, juntar ao decocto manteiga derretida com mel e dar a beber ao doente. São também úteis a estes doentes banhos em águas sulfurosas quentes.

2. Para expulsar a pedra podem usar-se ventosas aplicadas abaixo do local onde se sente dor. Por vezes basta fazer exercícios físicos ou andar a cavalo para a pedra descer. Também ajudam bem lavagens com camomila, alteia e meliloto.

3. O sumo de uva atua como águas alcalinas e recomenda-se para eliminar ácido úrico do organismo e dissolver pedras na bexiga. Além disso, tratamento prolongado com sumo de uva regula a tensão arterial.

4. A erva verde de aveia não fica atrás dos grãos em poder curativo. A sua tintura tem ação diaforética, diurética e antipirética. Preparação da tintura: encher completamente uma garrafa com a planta verde triturada na máquina de moer carne, cobrir com aguardente (vodca) e deixar em infusão num local quente e escuro 2-3 semanas. Agitar periodicamente e depois coar. Tomar por via oral 20-30 gotas numa colher de sopa de água 3-4 vezes por dia antes das refeições.

5. Fazer compressas quentes na zona dos rins com decocto forte de palha de aveia (a palha aquece e dilata os ureteres, facilitando a saída das pedras).

6. Recomenda-se comer figos. Atua como diurético.

7. Favorecem a dissolução de areia e pedras nos órgãos urinários cebola e alho frescos, bagas de morangueiro, decocto de sementes de melão em leite, sumo de rábano-preto com mel ou açúcar, infusões e decoctos de vagens de feijão, ervilha, infusões de folhas de bolsa-de-pastor, groselheira-preta, frutos (frescos e secos) de rosa-brava, frutos de sorveira-brava, raízes de dente-de-leão-medicinal, rizoma de cálamo-comum, estigmas de milho, erva de cavalinha-dos-campos (contraindicada em nefrite). Recomendam-se

abóbora, salmoura e sumo de couve, bérberis, morangueiro e rosa-brava.

PERTURBAÇÃO DO METABOLISMO

1. Ferver uma colher de sopa de hipericão em um copo de água durante 1-2 minutos e beber o decocto de manhã em jejum; repetir todos os dias durante algum tempo.

2. Tomar por via oral meio copo de decocto de raízes de rosa-brava (uma colher de sopa num copo de água a ferver).

3. Tomar por via oral meia colher de chá de tintura de folhas frescas de agave 2 vezes por dia.

4. Tomar por via oral uma colher de sopa de infusão de folhas de arando (uma colher de sopa num copo de água a ferver) 3-4 vezes por dia.

5. Decocto de flores de centáurea-azul (uma colher de chá), flores de calêndula (uma colher de chá), flores de peónia (uma colher de chá), flores de sabugueiro-preto (uma colher de chá), folhas de urtiga (uma colher de chá), casca de salgueiro (2 colheres de chá), erva de cavalinha-dos-campos (uma colher de chá) e folhas de bétula (2 colheres de chá). Tomar por via oral de 2 em 2 horas um copo de decocto quente.

6. Cobrir folhas frescas trituradas de urze-comum com 0,5 l de água fervida morna, deixar em infusão 4 horas e coar. Beber meio copo 4 vezes por dia.

7. Deitar um copo de água a ferver sobre uma colher de chá de folhas de hera-terrestre, deixar em infusão 4-5 horas. Beber 1/4 de copo 2-3 vezes por dia, morno.

8. Deitar um copo de água a ferver sobre uma colher de sopa de folhas secas de bétula, embrulhar e deixar em infusão 6 horas, coar. Beber meio copo 2-3 vezes por dia.

9. Deitar 2 copos de água a ferver sobre uma colher de sopa de erva de betónica-medicinal, embrulhar e deixar em infusão 2 horas. Beber 1-2 colheres de sopa 3-4 vezes por dia.

10. Deitar 0,3 l de água a ferver sobre uma colher de chá de folhas de arando, embrulhar e deixar em infusão uma hora, coar. Beber meio copo 3-4 vezes por dia antes das refeições.

11. Erva de hipericão (uma colher de sopa), flores de camomila (uma colher de sopa), flores de tília (uma colher de sopa) e flores de sabugueiro-preto (uma colher de sopa). Tomar a infusão, 2 copos por dia.

12. Tomar banhos de 20 minutos com decocto de erva-das-contas (50-100 g por balde de água, ferver em recipiente tapado meia hora). Temperatura do banho 38 °C. É muito útil beber sem limite chá de erva-das-contas.

13. Consumir grandes quantidades de morangueiro como tónico geral.

NEVRITE

1. Amassar argila de oleiro com pequena quantidade de vinagre. Aplicar duas noites seguidas na zona doente.

2. Ajudam lavagens relaxantes dos músculos preparadas com papa de cevada, camomila, alteia e farinha de feno-grego.

3. Os espasmos podem tratar-se com banhos quentes (37-38 °C) de água onde se tenham fervido folhas de salgueiro, nenúfar, pepino ou abóbora. Podem usar-se também vários sumos, por exemplo sumo de melancia, abóbora ou salgueiro. Clisteres com todas as substâncias acima referidas também serão úteis neste caso.

4. As articulações e os locais onde os músculos se inserem devem untar-se constantemente com óleos que provoquem transpiração na pele.

5. Vanga dava ao doente grande quantidade de leite acabado de ordenhar. Pode dar-se-lhe sumo de melancia, abóbora e água de cevada. Este tratamento prolonga-se. À noite é bom dar ao doente tanchagem-das-pulgas e óleo de rosas.

6. Outro método de tratamento é aplicar ventosas nos tendões aos quais se ligam os músculos afetados. Os melhores locais para ventosas são a nuca, as costas de ambos os lados da coluna e os

músculos do peito. Não se devem aplicar muitas ventosas ao mesmo tempo.

7. Um método testado por Vanga é aplicar na zona afetada pelo espasmo gordura de rabo de ovelha.

8. Para ligadura medicinal pode usar-se sumo de leiteira. Também ajuda muito untar o órgão doente com óleo de sésamo espesso e óleo de semente de linhaça, assim como mucilagem de feno-grego.

9. Boa cataplasma para os doentes é sal aquecido aplicado nos locais de saída dos nervos.

10. Ao doente com nevrite Vanga aconselhava banhos de sol, untando previamente mãos e pés com gordura e óleo de arma e comer todos os dias salada de aipo.

«ESTÔMAGO NERVOSO»

1. De manhã em jejum é bom beber um copo de água com uma colher de sopa de aguardente de anis. Passados 10-15 minutos tomar por via oral uma colher de sopa de azeite.

2. Colher rizomas de valeriana no outono, quando a parte aérea murchar mas ficarem caules secos. Escavar as raízes em lua cheia. Usar tintura de raiz de valeriana em vodca ou decoctos aquosos como calmante em estômago nervoso.

ENURESE NOTURNA (em criança)

1. Ferver cerca de 2 kg de agrião-dos-ribeiros (Nasturtium officinale R. Br. L.) em 10 l de água. Sabe-se que esta erva é mais curativa em maio, quando se prepara para florir. Coar o decocto, esperar que arrefeça e durante 7 noites seguidas antes de deitar fazer banhos de assento até à cintura. Misturar a erva retirada da água com banha de porco e fazer compressas – no primeiro dia no ventre e no segundo dia nos rins. Manter a compressa toda a noite. Vanga recomendava este receita apenas a quem tenha a coluna vertebral em ordem. Se as vértebras estiverem muito separadas umas das outras deve, antes dos banhos, fazer-se no verão um curso de banhos de sol, untando previamente os rins da criança com óleo de arma.

2. Deitar um copo de água a ferver sobre uma colher de sopa de sementes de funcho ou endro-comum, tapar e deixar em infusão 4-6 horas, filtrar. Dar à criança para beber de uma só vez. Curso de tratamento – 7-10 dias.

3. Deitar água a ferver sobre uma colher de sopa de gomos de bétula e deixar em infusão uma hora, depois coar. Dar à criança para beber de uma só vez. Curso de tratamento – 2 semanas.

FALTA DE AR

1. Misturar 200 g de mel, 200 g de azeite e 200 g de aguardente de uva. Tomar por via oral 3 vezes por dia, um cálice.

2. Tomar 1 l de mel, espremer 10 limões. Descascar e moer 10 cabeças de alho. Misturar tudo e deixar numa jarra bem tapada durante uma semana. Tomar uma vez por dia antes de deitar: mexer uma colher de chá desta mistura em meio copo de água e beber. Esta quantidade deve durar 2 meses. Ao fim de 10-14 dias a pessoa sentirá um afluxo de forças e ausência de fadiga.

3. Tomar por via oral 2-3 colheres de sopa de infusão de 15 g de celidónia em um copo de água a ferver, ou 15-20 gotas 3 vezes por dia, ou tintura de 10-15 g de erva em 100 g de álcool ou um copo de vodca.

4. Recomenda-se ao doente beber cevada escaldada com água e depois arrefecida com açúcar, cerca de 30 g. Em vez de açúcar pode usar-se grainhas de romã.

5. Neste caso ajuda também uma ligadura: colocar no peito do doente um pano embebido em cânfora e ao mesmo tempo inalar uma mistura de vapores de vinagre com cânfora.

6. Por vezes, nestes casos, tem bom efeito o iogurte natural, que se pode dar ao doente até 1 l.

7. Contra falta de ar ajuda ruibarbo-chinês com água fria, que se deve dar vários dias seguidos, cerca de uma colher de chá.

QUEIMADURA

1. Em queimadura por gases de escape Vanga aconselhava o seguinte remédio: misturar e bater 6 gemas de ovos frescos com 6 colheres de chá de manteiga fresca derretida até a mistura ficar com a consistência de maionese. Enrolar várias vezes as pernas com gaze embebida na mistura.

2. No tratamento de queimaduras por fogo deve evitar-se a formação de bolhas e curar o local queimado. Para impedir a formação de bolhas usam-se meios refrescantes e ligeiramente secantes que não provoquem ardor. Impedem a formação de bolhas conchas de argila queimada e sumo de beladona com água de rosas.

3. Pode usar-se emplastro de gemas de ovo com óleo de rosas.

4. São também úteis chicória, farinha de cevada lavada, gemas de ovo e lentilha.

5. Têm ação favorável folhas de malva cozidas em água doce e depois esmagadas com adição de albayalde, óleo de rosas, sumo de beladona e sumo de coentro.

6. Quando já surgiu bolha considera-se bom remédio argila e lentilha cozida.

EDEMA DAS PERNAS

1. Dissolver num balde de água fria um pacote de sal-gema, depois molhar bem um toalhete felpudo nesta água, espremer ligeiramente e aplicar nas costas. Repetir a operação 10 vezes. Como resultado começa a eliminação de urina e o edema desaparece.

2. No tratamento de edemas a regra principal é secar e eliminar os excessos do organismo do doente. Vanga fazia estes doentes sentar-se ao sol ou junto ao fogo e não lhes dava água para beber. Deve reduzir-se a quantidade de comida consumida.

3. É também útil o vómito, especialmente antes das refeições. Traz benefício também o espirro.

4. Bom remédio é decocto de trevo, que os curandeiros búlgaros dão ao doente todos os dias, 60 g.

5. Pode também ferver num tacho de barro 340 g de cebola-marinha em 2 l de vinho até evaporar 1/3 do vinho. Dar este medicamento ao doente começando com uma colher de sopa e depois aumentar a quantidade até cinco colheres e voltar a reduzir até uma colher.

6. Pode usar-se também menta por via oral, cerca de 30 g por toma.

7. São úteis banhos em águas de nascentes quentes, em banhos de vapor e também em água onde se tenha fervido camomila-das-boticas e junco-aromático.

8. Cozer figos carnudos em água e juntar 1 parte de raiz de dafne triturada, 2 partes de bicarbonato de sódio e 1,5 partes de dubrovnik. Dar ao doente uma colher de sopa 3 vezes por dia.

9. Como pó usar bicarbonato de sódio e sal torrados. Depois de untar com óleo polvilhar o edema das pernas com eles.

10. É muito útil o sumo de leiteira, que se deve tomar na quantidade de 3 g com gema de ovo cozido mexido.

11. Além de tudo o acima indicado, Vanga aconselhava o doente a movimentar-se: primeiro deitado, depois sentado a cavalo e por fim andar pela terra. Após estes exercícios deve aquecer-se ao sol, especialmente deitado na areia. É muito útil a este doente decocto de bagas de zimbro.

OTITE

1. Em otite Vanga aconselhava durante 10 dias pingar no ouvido 3 gotas de sumo de cebola assada no forno com sementes de cominho. Tomar uma cebola grande, cortar a parte superior, fazer um buraco, deitar nesse buraco uma colher de chá de sementes de cominho, voltar a colocar a parte superior da cebola no lugar, amarrar com linha e levar ao forno 20-30 minutos. Depois espremer o sumo morno e pingar morno no ouvido à noite.

2. Alivia o estado doloroso também decocto de folha de loureiro: deitar num tacho esmaltado um copo de água, juntar 5 folhas de loureiro, levar a ebulição e, retirando o tacho do lume, embrulhar 2-3 horas. Pingar no ouvido doente 8-10 gotas do decocto

morno e beber 2-3 colheres de sopa (repetir o procedimento 2-3 vezes).

3. Tem ação anti-inflamatória solução alcoólica de múmia: molhar algodão na solução, espremer ligeiramente e introduzir no ouvido. Preparar solução de múmia: dissolver 3 g de múmia numa colher de sopa de água quente e completar o volume até 100 ml. Misturar em quantidades iguais (5 ml – uma colher de chá) solução de múmia, álcool bórico e albúcido. A mistura está pronta. Antes de usar aquecer uma parte da solução. Pingar no ouvido doente 7-10 gotas 3-4 vezes por dia.

4. Molhar algodão em solução forte de múmia e introduzir no ouvido. Como solvente pode usar-se sumo de uva verde.

5. Os curandeiros búlgaros usavam o seguinte remédio: tomar pétalas de 20 rosas (podem ser secas), cobrir com 100 g de água a ferver, passados 30 minutos espremer as pétalas. Dissolver na infusão 5-10 g de múmia e juntar 3-5 gotas de óleo de rosas. Colocar a solução obtida em banho-maria e evaporar até restar exatamente metade. Pingar morno no ouvido, 3 gotas à noite, durante 2-3 semanas.

6. Ajudam massagens na zona periauricular com menovazina e compressas à noite.

7. É útil também decocto de folha de arando: deitar um copo de água a ferver sobre um punhado de folha de arando, passados 30-60 minutos coar e tomar meio copo 2-3 vezes por dia antes e depois das refeições.

8. À noite escolher uma colher de sopa de arroz, cobrir com água fria da torneira de modo a cobrir o arroz até uma falange do indicador. De manhã colocar a panela ao lume. Após a água ferver retirar a panela do lume, deitar fora a água quente e deitar igual quantidade de água fria. Voltar a colocar ao lume, levar a ebulição e retirar do lume. Deitar fora a água, deitar pela terceira vez água fria e levar novamente a ebulição. Deitar fora a água. Comer o arroz. Depois disto não comer nem beber durante 4 horas. Fazer assim durante um mês.

9. Vanga tratava inflamação do ouvido do seguinte modo: embrulhar num pano um tijolo ou pedra grande bem aquecidos, aplicar no ouvido doente e manter durante 2 horas. Neste tratamento recomenda-se dar ao doente bebida quente para que possa transpirar ao mesmo tempo.

DEPÓSITO DE SAIS

1. Tomar uma cabeça de cebola e cortá-la ao meio. Pingar uma gota de alcatrão no meio de cada metade e aplicar no local doente.

2. Deixar em infusão durante um mês 50 g de frutos ou flores de sofóra em 0,5 l de aguardente (vodca). Beber uma colher de chá 3 vezes por dia. A quem não bebe vodca fazer chá de sofóra: uma colher de sopa num copo de água a ferver. Manter durante a noite num termo.

3. Preparar decocto forte com mistura de 1 kg de casca de bétula, 1 kg de casca de álamo e 100 g de casca de carvalho. Tomar meio copo 3 vezes por dia.

4. Deitar 2 ovos em 100 g de essência de vinagre. Quando a casca se dissolver retirar a película, esfregar os ovos com 30 g de manteiga e misturar com o líquido. Untar as articulações doentes com a emulsão obtida.

5. Cortar 3-4 cogumelos-vermelhos em pedaços, cobrir com 2-3 l de água a ferver. Quando arrefecer um pouco escaldar os locais doentes. Usar também em compressas.

6. Tomar um aipo grande com raiz, passar pela máquina de moer carne e espremer o sumo. Tomar o sumo por via oral 2 colheres de sopa 3 vezes por dia antes das refeições. Fazer compressas aquecedoras com o bagaço.

7. Encher 3/4 de um recipiente de vidro ou esmaltado com bagas de sabugueiro-preto e cobrir com aguardente (vodca). Passada uma semana untar à noite os locais doentes com este medicamento e fazer compressas.

8. Socar erva-de-azeda fresca e misturar com mel. Ajuda também mistura de cinza de bétula com urina e querosene.

9. Moer visco-branco até fazer farinha, deitar um copo de água a ferver sobre uma colher de chá (cheia) de farinha num termo. Tomar por via oral durante 3-4 meses, 2 colheres de sopa em pequenos goles 15-20 minutos antes das refeições.

10. Em depósito de sais nas articulações tomar por via oral 50 gotas 3 vezes por dia de tintura de lilás. Deitar num garrafão 100 g de folhas jovens frescas de lilás, cobrir com 1 l de aguardente (vodca). Deixar em infusão num local escuro 14 dias.

11. Em depósito de sais beber chá de folhas de arando.

12. Lavar bem rábano-preto e, sem descascar, mergulhar em solução desinfetante de permanganato de potássio 15-30 minutos. Enxaguar em água corrente. Ralar e espremer o sumo. Guardar o sumo em recipiente bem fechado num local fresco. Vanga aconselhava tomar sumo de rábano-preto 3 vezes por dia, 30 g (não mais!). Aumentar a dose pode provocar consequências perigosas no organismo. Deve beber-se sem interrupção o sumo obtido de 10 kg de rábano-preto. Neste período deve excluir-se da dieta doces, pratos gordos, carne, amido e ovos. A alimentação deve ser natural. No início desta limpeza podem surgir sensações dolorosas, por vezes bastante fortes. Depois dela desaparecem sem deixar rasto as doenças mais graves.

13. Vanga aconselhava excluir da alimentação comida cozida, que provoca depósito de sais. Se não puder passar a raw food, tomar infusão de folha de loureiro: deitar 300 ml de água a ferver sobre 5 g de folha de loureiro triturada, ferver 5 minutos em lume brando. Depois deitar a água com as folhas num termo (diretamente do lume) e deixar em infusão 4 horas. Coar a infusão e beber em pequenos goles, distribuindo toda a quantidade por 12 horas (não beber tudo de uma vez – pode provocar hemorragia). Repetir este procedimento 3 dias.

FADIGA EXCESSIVA

Vanga considerava que o estado de fadiga se trata com boa comida, fricções de óleo morno e massagem.

1. Se sofrer de humidade no local de trabalho e fadiga excessiva, Vanga aconselhava aplicar numa tela de algodão uma mistura de cera derretida, azeite e água e enrolar as pernas com ela. Manter toda a noite. Repetir o procedimento se necessário.

2. Infusão para banhos de folhas de groselheira-preta, morangueiro, amora-silvestre, tanchagem-maior, erva de tomilho e hortelã-pimenta: para a infusão tomar 1 parte de folhas de groselheira-preta, 3 partes de folhas de morangueiro, 3 partes de folhas de amora-silvestre, 1 parte de folhas de tanchagem-maior, 1 parte de erva de tomilho e 1 parte de erva de hortelã-pimenta. Deitar um copo de água a ferver sobre uma colher de sopa desta mistura. Deixar em infusão 10-15 minutos em recipiente de porcelana ou vidro.

3. Infusão para banhos de folhas de groselheira-preta, framboeseira, erva de tomilho e rebentos de erva-cheirosa: para a infusão tomar 2 partes de folhas de groselheira-preta, 6 partes de folhas de framboeseira, 1 parte de erva de tomilho e 1 parte de rebentos de erva-cheirosa. Deitar um copo de água a ferver sobre uma colher de sopa desta mistura. Deixar em infusão 10- livre minutos em recipiente de porcelana ou vidro.

FERIDAS QUE CICATRIZAM MAL

1. Ferver três raminhos de consólida-medicinal (Symphytum officinale L) em 1 l de água até a água reduzir para metade. Coar e lavar com este decocto.

2. Tomar uma romã doce, ferver com vinho adstringente e aplicar uma ligadura desta mistura na ferida.

3. Vanga considerava que os medicamentos cicatrizantes devem aplicar-se primeiro em forma líquida e depois, à medida que cicatriza, passar a meios secos e em pó. Entre os cicatrizantes contam-se casca interna de cipreste com pomada de cera e óleo de rosas, aristoloquia queimada, alúmens e folhas de figueira.

4. Para preparar emplastro cicatrizante de linhaça Vanga aconselhava tomar tecido de linhaça lavado, socá-lo até virar pó. Depois juntar óleo de azeitona ou de espinheiro-cerval fortemente adstringente e preparar o emplastro.

5. Para idosos serve bem este emplastro: queimar cevada e preparar com ela pomada de cera com óleo de rosas ou óleo de mirto e albayalde de chumbo.

6. Para preparar pó tomar em quantidades iguais flores de rosa, albayalde de chumbo e flores de romãzeira.

7. Favorecem o amadurecimento rápido de abcessos aplicar miolo de pão de trigo ou centeio molhado em leite quente, papa de folhas frescas de tanchagem-maior, cerejeira-brava ou folhas frescas de trigo-sarraceno sobrepostas.

8. Limpam bem as feridas do pus e cicatrizam-nas cebola ou cenoura raladas e aplicadas na ferida, vapores de cebola acabada de ralar (tratamento durante 8-10 minutos).

9. Vanga recomendava aplicar sumo fresco de aloé-arborescente, impregnando com ele ligadura de gaze e irrigando as feridas, assim como erva fresca de erva-de-passarinho em forma de papa ou sumo para compressas.

10. Cobrir 40 g de raiz seca de aipo com 120 ml de azeite. Aplicar na ferida.

PNEUMONIA

1. O doente deve despir-se completamente, enrolar-se num lençol e várias vezes por dia deitar-se 20 minutos em areia escaldante.

2. Para expectorar fleuma espessa pode usar-se sumo espremido de couve e igual quantidade de mel. Depois cozer esta mistura em lume brando até engrossar e tomar por via oral.

3. Considera-se medicamento forte neste caso o seguinte: tomar em quantidades iguais sementes de urtiga e mostarda, sumo espremido de pepino-louco e anis. Misturar tudo com mel e dar ao doente.

4. Tomar 60 g de feno-grego, 45 g de semente de linhaça, igual quantidade de ervilhaca-lentilhada e 60 g de sumo espesso de alcaçuz. Misturar tudo com óleo de amêndoa e mel e dar ao doente 3 vezes por dia.

5. Pode ainda tomar-se figos brancos, passas sem grainhas, raiz de alcaçuz e cabelo-de-vénus. Cozer toda esta composição até amolecer e dar a beber ao doente à noite.

6. Pode aplicar-se ventosas no peito do doente.

7. Alimento adequado durante a doença é água de cevada e de trigo, decocto de malva-silvestre, sumo de favas e também passas (quixmixe), especialmente no fim da doença. No auge da doença os doentes devem comer pão demolhado em água, ovos mexidos, pinhões e amêndoas doces.

8. Recomenda-se no tratamento da pneumonia usar todas as substâncias que purificam, eliminam rigidez e amolecem. Por exemplo, infusão de raiz de alcaçuz, infusão de violeta, miolo de pepino, sementes de chicória e mucilagem de sementes de marmelo.

9. De 2 em 2 dias recomenda-se dar ao doente medicamento da seguinte composição: tomar 50 g de cássia laxante e 50 g de passas sem grainhas, cobrir a mistura com cerca de 200 g de água e ferver até o volume reduzir para metade. Depois retirar do lume e juntar 100 g de sumo de beladona. Toda esta quantidade pode dar-se de uma vez a um doente cujas forças não estejam muito esgotadas e metade desta quantidade recomenda-se a um doente fraco e esgotado.

DIARREIA

1. Várias vezes por dia recomenda-se beber decocto de hortelã-pimenta.

2. Durante vários dias beber um copo de água com adição de 10 gotas de mosto com que se faz aguardente de anis.

3. Tomar farinha de trigo, misturar com pequena quantidade de ajowan e frutos de agrião, amolecer com azeite de azeitonas verdes, fazer massa com esta mistura e cozer no forno.

Tomar este medicamento por via oral com pequena quantidade de água fria.

4. Pode também usar-se para o tratamento medicamento preparado com bagas de mirto e junça em quantidades iguais. Diluir o medicamento em leite e dar a beber ao doente. Este remédio é especialmente bom para tratar crianças.

5. Uma das formas de parar a diarreia são ventosas no abdómen, que convém deixar 4 horas.

6. Por vezes, para tratar diarreia, aplicam-se em ligaduras medicamentos que provocam entorpecimento. Por exemplo, pode usar-se mistura de sementes de beladona, casca interna de bolotas e flores de romãzeira. Misturar tudo com sumo de beladona e aplicar no abdómen do doente.

7. Tem ação medicinal na diarreia o seguinte prato: tomar 2 punhados de cevada em pó, um punhado de papoila-sonífera e igual quantidade de casca de papoila-sonífera. Cozer tudo, juntando grainhas de romã, e comer. Dar aos doentes apenas bebidas frias.

8. São úteis gemas de ovos cozidos em vinagre com temperos ácidos, assim como frutos de amora-silvestre, rebentos jovens de videira, folhas de azeda, folhas de tanchagem-maior e couve cozida várias vezes.

PSORÍASE

1. Tratar bem as zonas doentes com algodão embebido em álcool e untar com sumo de erva-molar (Herniaria glabra L.).

2. Infusão de várias ervas: misturar 15 g de raiz de valeriana-medicinal e erva de erva-das-contas, 10 g de folhas de urtiga-dos-campos, erva de orégão-comum, erva de violeta-tricolor, flores de camomila-das-boticas, erva de tomilho-rasteiro, erva de cavalinha-dos-campos e raiz de alcaçuz-pelado. Deitar um copo de água a ferver sobre uma colher de sopa desta mistura. Deixar em infusão uma hora e coar. Tomar 3 vezes por dia antes das refeições, 1/3-1/2 copo.

3. Quando no outono ou na primavera muda o tempo aparece «suor» nos vidros das janelas. Recolher esse «suor» e molhar

as zonas da pele afetadas pela psoríase. Não enfaixar com nada, esperar que seque e voltar a molhar.

4. Clara de ovo fresca – 5-6 partes, mel de flores – 3-3,2 partes, creme infantil normal – 0,8-1 parte, solidol. Aplicar esta pomada na pele 2 vezes por dia e massajar bem. Passados 10 dias do início das massagens e durante os seguintes 30-40 dias tomar três vezes por dia, meia hora antes das refeições, 30-40 gotas de tintura de arália-da-manchúria. Passado algum tempo após o início do tratamento as escamas psoriáticas caem. Depois disto deve lavar-se a pele com água fervida e secar bem 5-10 minutos antes de cada nova aplicação da pomada. Quando a pele for gradualmente adquirindo aspeto normal começa a segunda fase do tratamento. Muda a composição da pomada. Agora deve incluir 5-5,5 partes de clara de ovo fresca, 2-2,5 partes de mel de flores, 1,5-2 partes de creme infantil, 1-1,3 partes de pó de celidónia e solidol. Com o início da terceira fase do tratamento cessa-se a toma de tintura de arália e, passadas 2 semanas, junta-se ao tratamento extrato de eleuterococo, que também se deve tomar 3 vezes por dia, meia hora antes das refeições. Durante o tratamento recomenda-se excluir da dieta ovos, carne gorda e comida picante.

5. Em maio-junho colher cardo, lavar, secar e passar pela máquina de moer carne – molhar as zonas doentes com o sumo espremido. O sumo de cardo é um remédio comprovado.

6. Tomar um copo de banha de porco interior sem sal derretida, banha de ganso interior derretida, manteiga sem sal, qualquer óleo vegetal, juntar uma colher de sopa de cânfora seca e um grão de sublimado do tamanho de um grão de trigo. Aquecer ligeiramente a mistura e mexer, untar as zonas doentes.

7. Vanga considerava que as pessoas contraem psoríase em resultado de forte stress, susto ou experiência muito desagradável. Aconselhava usar gordura de ovelha e de vaca para preparar cremes para psoríase.

8. Duas vezes por semana durante um mês aplicar externamente mistura de: um copo de argila líquida, uma colher de sopa de vinagre e 1/2 colher de chá de tintura de árnica.

CIÁTICA

1. Preparar mistura de telha triturada em pó, 2 claras, uma colher de chá de incenso branco triturado e um cálice de aguardente de uva. Antes de deitar aplicar a mistura num pano de lã e colocar nas costas. Este «emplastro» deve ficar nas costas até cair sozinho.

2. Untar a zona doente com uma camada fina de mel e cobrir com 1-2 camadas de gaze. Por cima colocar 2-3 sinapismos, sobre eles película de polietileno e enrolar tudo com lenço ou cobertor quente. Manter a compressa no máximo 1,5 horas. Em caso de sensações dolorosas retirar a compressa mais cedo.

3. Colocar rábano-preto ou rábano-silvestre ralado na zona doente. Para suavizar um pouco o efeito pode juntar-se natas à massa. A mistura diluída pode usar-se para tratar crianças.

4. Usar infusão de raízes de bardana em vodca para fricções e compressas.

5. Preparar infusão de tomilho, camomila-das-boticas, hipericão e flores de sabugueiro-preto. Fazer à noite compressas quentes com enrolamento.

6. Tomar um pedaço de tecido branco limpo de 1 m x 1 m e aplicar 100 g de óleo de arma. Aplicar três noites seguidas nas costas.

7. Untar as costas com mel. Massajar as costas com movimentos bruscos que lembrem arrancar a pele dos ossos. Repetir o procedimento no dia seguinte e assim até a dor desaparecer completamente.

8. Vanga aconselhava esfolar uma lebre (coelho), polvilhar a pele do lado interior com pimenta vermelha e regar com óleo de girassol e depois aplicar nas costas do doente.

9. Tomar 2 pacotes de incenso (cerca de 40-50 g) e dissolver em 50 g de vinagre de maçã. Aplicar a mistura num pano de lã e três noites seguidas colocar na zona doente.

10. Embeber um pano de lã em gasolina, aplicar na zona doente e por cima pressionar com uma travessa ou placa de cobre

aquecida (mas que se consiga suportar). Fazer assim três noites seguidas.

11. Embeber uma ligadura de algodão ou toalha felpuda em infusão fria de alho, espremer sumo de limão e aplicar nas zonas doentes. Manter a compressa até aquecer à temperatura do corpo (cerca de 20 minutos). Depois repetir o procedimento com nova porção de infusão fria até sentir alívio. Este remédio ajuda especialmente se se alternar compressa fria com quente.

12. Tomar 30 g de pimenta vermelha picante em 200 ml de aguardente de uva. Deixar em infusão 2 semanas, coar e espremer. Usar externamente como irritante para fricções.

13. Usar tintura de eucalipto para fricções externas em ciática.

14. Massajar pequena quantidade de óleo de abeto nas zonas de dores fortes. A eficácia do tratamento aumenta após tomar banho ou aquecer as zonas doentes. Curso de tratamento 10-15 procedimentos.

15. Moer frutos de castanheiro-das-índias até fazer pó, misturar com óleo de cânfora ou banha de porco interior. Depois barrar numa fatia de pão preto e aplicar na zona doente.

16. Fazer fricções com tintura alcoólica de cogumelo-vermelho.

17. Em ciática fazer fricções com tintura alcoólica de raiz-de-adão.

18. Aplicar nas zonas doentes durante muito tempo folhas de rábano-silvestre. Quando secarem mudar as folhas.

19. Aplicar folhas de bardana frescas lavadas ou secas escaldadas com água a ferver com a face inferior na zona doente. Manter a compressa pelo menos uma hora.

20. Esfregar uma colher de sopa de pó de mostarda em água a cerca de 40 °C até obter consistência de natas, barrar a papa obtida num pedaço de tecido, aplicar na zona doente e fazer compressa aquecedora. Manter alguns minutos.

21. Esfregar pó de esponja-de-água-doce com azeite (1:30), massajar as zonas doentes com a pomada obtida, fazer compressa aquecedora e manter 40-50 minutos.

VARIZES

1. A quem sofre de varizes Vanga recomendava calçar meias de algodão limpas e de manhã andar sobre o orvalho. Quando as meias ficarem bem molhadas não as tirar após o nascer do sol, deixar que sequem nos pés.

2. Cobrir nozes verdes com azeite. Colocar o recipiente onde estão num local solarengo durante 40 dias. Untar as zonas doentes com a pomada obtida.

3. Durante 10 dias fazer ligaduras com toucinho leve cortado em fatias. Uma ou várias fatias, precisamente as que se aplicam nas veias, podem polvilhar-se com enxofre. Manter a ligadura toda a noite.

4. Os doentes devem seguir determinado regime, evitando substâncias que engrossem o sangue e movimentos cansativos, beber regularmente cuscutas com soro de queijo e enfaixar constantemente as pernas a partir dos pés.

5. Para untar as veias serve bem cinza de couve, azeite, tremoço cozido, farinha de feno-grego e sementes de rábano.

6. Ajuda infusão de maçãs antonovka, que purifica o sangue, melhora o sono e o apetite. Lavar 3 maçãs de tamanho médio com água fria e colocar no fundo de uma panela esmaltada. Depois ferver 1 l de água e cobrir as maçãs com água a ferver, tapar a panela, embrulhar num cobertor e passadas 4 horas, sem tirar as maçãs da água já arrefecida, esmagá-las diretamente na panela; coar a infusão obtida e beber com mel. Beber uma colher de mel com 50 g de infusão. Tomar de manhã em jejum e imediatamente antes de deitar.

7. Em varizes derramar vinagre de maçã diretamente da garrafa sobre as veias varicosas e massajar de manhã e à noite. Cerca de um mês depois observar-se-á contração das veias varicosas.

Paralelamente às massagens beber duas vezes por dia 2 colheres de chá de vinagre de maçã num copo de água.

8. Aplicar nas zonas doentes decocto de cardo ou serralha-comum juntamente com a erva.

9. Tomar múmia, 0,2 g uma vez por dia. Beber 10 dias, pausa de 5 dias, 3-4 cursos.

REUMATISMO

1. Paralelamente ao tratamento recomenda-se aos doentes comer todos os dias salada de aipo.

2. (De origem nervosa). Untar as pernas com óleo de arma e tomar banhos de sol.

3. Deixar em infusão uma folha de mandrágora em 0,5 l de álcool e usar para fricções.

4. Fazer tintura alcoólica de raminhos de acácia-amarela com folhas e flores. Tomar algumas gotas.

5. Durante 10 dias tomar por via oral 0,2 g de múmia por dia, pode misturar-se com qualquer óleo e gemas de 3-4 ovos. Aplicar esta mesma mistura na zona afetada. Pausa de 10 dias.

DOENÇAS CARDÍACAS (prevenção)

1. Durante quatro dias seguidos beber 4 vezes por dia decocto de flores de espinheiro-azul (Crataegus pentagyna L.).

2. Tomar meio quilo de manteiga, meio quilo de banha de porco interior, meio quilo de mel, meio quilo de açúcar, 1/8 de quilo de cacau e 8 gemas, 3 copos de natas. Bater juntos as gemas, natas e cacau; aquecer a manteiga e a banha. Misturar tudo, ferver até obter massa como para panquecas. Após ferver 3 vezes arrefecer. Beber 3 vezes por dia, uma colher de sopa.

3. Valeriana-medicinal (raiz) – 30-35 g, coração-de-leão-comum (erva) – 30 g, milefólio-comum (frutos) – 25 g. Tomar em chá morno, 1/3 de copo 3 vezes por dia, 40 minutos antes das refeições, como tónico geral.

4. Lírio-do-vale (erva) – 10 g, funcho (sementes) – 15 g, hortelã-pimenta (folhas) – 15 g, valeriana (raiz) – 20 g. Cobrir com um copo de água a ferver e deixar em infusão 20 minutos. Beber uma colher de sopa 4 vezes por dia, uma hora antes das refeições, durante um mês, como tónico geral.

5. Em todos os casos de doenças cardíacas desempenha enorme papel a dieta purificadora, porque quanto mais puro for o sangue que passa pelo coração menos toxinas se depositarão nas suas estruturas e mais fácil será o seu trabalho. Para prevenir doenças cardíacas deve reduzir-se ao mínimo (ou excluir completamente) o consumo de carne, pão, açúcar, bolos, doces, comida frita, comida pesada etc. Deve excluir-se completamente da dieta amido e produtos lácteos. Independentemente do tipo de doença cardíaca é necessária alimentação racional. Chá, café e bebidas alcoólicas não se devem beber de todo. Renunciar a temperos, molhos, deixar de fumar e de consumir bebidas alcoólicas.

6. Não permitir indigestão e doenças associadas, pois tais doenças têm ação negativa no coração. Deve descansar-se o mais possível. Não permitir excitação excessiva, tensão física ou nervosa prolongada.

7. Periodicamente durante 2 semanas tomar 10-15 gotas de tintura de iodo num copo de leite 3 vezes por dia, 30 minutos antes das refeições.

8. Torrar numa frigideira uma colher de sopa de sementes de cânhamo, triturá-las e cobrir com um copo de leite quente, deixar em infusão durante um dia, coar e beber a solução em pequenas porções ao longo do dia (antes das refeições).

9. Às pessoas propensas a doenças cardíacas Vanga recomendava beber de manhã em jejum decocto de frutos de abrunheiro durante 4 dias.

10. Alperces frescos e secos são especialmente úteis para prevenir doenças do sistema cardiovascular. Como fonte de vitaminas e potássio os alperces secos (em forma de alperce seco e uvas-passas) tomar na quantidade de um copo por dia.

11. Melancia e figos são também úteis para prevenir e tratar várias doenças do sistema cardiovascular.

12. Serve bem tomar por via oral em doenças cardiovasculares sumo de abóbora misturado com mel. Beber à noite.

13. Deve beber-se chá de flores de violeta várias vezes por dia.

14. O consumo diário de nozes e passas tonifica o sistema nervoso, reduz a fadiga excessiva, fortalece o músculo cardíaco e o sistema nervoso.

15. Beber decocto aquoso de erva-de-Nossa-Senhora (tomilho-comum) ou raiz de valeriana para prevenir várias doenças cardíacas.

16. Em doenças cardíacas tomar por via oral 0,2 g de múmia durante 10 dias, pausa de 5 dias, no total 3-4 cursos.

17. Tomar sumo de erva de coração-de-leão, 30 gotas em água, meia hora antes das refeições.

18. Decocto de erva de algodão-dos-pântanos, flores de espinheiro e folhas de visco: misturar em quantidades iguais erva de algodão-dos-pântanos, flores de espinheiro e folhas de visco. Deitar 1 l de água quente sobre 25 g desta mistura e levar a ebulição. Passados 30 minutos coar. Tomar por via oral meio copo 3 vezes por dia.

19. Infusão de erva de adónis (goritcveta): deitar um copo de água a ferver sobre 5 g de erva de adónis. Deixar em infusão uma hora e coar. Tomar por via oral meio copo 2 vezes por dia.

20. Infusão de flores de espinheiro: deitar 3 copos de água a ferver sobre 20 g de flores de espinheiro. Deixar em infusão 20 minutos e coar. Tomar por via oral um copo 3 vezes por dia.

21. Infusão de erva-cidreira: deitar um copo de água a ferver sobre 3 g de erva-cidreira. Deixar em infusão 1,5 horas e coar. Tomar por via oral meio copo 2 vezes por dia.

22. Infusão de folhas de hortelã-pimenta: deitar 2 copos de água a ferver sobre 10 g de folhas de hortelã-pimenta. Deixar em

infusão 20 minutos e coar. Tomar por via oral meio copo 3 vezes por dia antes das refeições.

23. Infusão de raiz de brionia-branca: deitar 2 copos de água a ferver sobre 3 g de raiz de brionia-branca triturada, ferver em banho-maria meia hora. Deixar em infusão uma hora e coar. Tomar por via oral 1/4 de copo 3 vezes por dia antes das refeições.

24. Infusão de erva de galho-de-ouro: deitar 1 l de água a ferver sobre 40 g de erva de galho-de-ouro. Deixar em infusão uma hora e coar. Tomar por via oral uma colher de sopa 3-5 vezes por dia.

25. Para prevenir crises de angina de peito considera-se o melhor o seguinte remédio: deitar numa panela de cobre 2 chávenas de caldo de galinha ou de legumes, juntar dentes de alho descascados de uma cabeça grande. Levar a ebulição e ferver em lume brando 15 minutos. Juntar 2 molhos de salsa e triturar com varinha mágica até fazer puré. Temperar com cinza de algas marinhas e beber todos os dias.

26. Cobrir frutos frescos (vagens) de sofóra com aguardente de uva na proporção 1:1 em peso. Deixar em infusão 21 dias num local escuro, coar e espremer. Aplicar como no receita anterior.

27. Infundir frutos secos de sofóra em vodca na proporção 1:2. Preparar e usar como os frutos frescos. Guardar a tintura num local seco, escuro e fresco. Tomar por via oral de 10 gotas 4-5 vezes por dia até uma colher de chá 2-3 vezes por dia. Usar para prevenir hemorragias internas de várias origens, em particular no cérebro e coração, retina ocular; em angina de peito, hipertensão, diabetes mellitus e degenerescência esclerótica dos vasos sanguíneos.

28. Misturar 200 g de mel, 200 g de azeite e 200 g de aguardente de uva. Tomar por via oral 3 vezes por dia, um cálice.

29. Tomar 1 l de mel, espremer 10 limões, descascar e moer 10 cabeças de alho. Misturar tudo e deixar numa jarra bem tapada durante uma semana. Tomar por via oral 4 colheres de chá uma vez por dia. Mas não engolir tudo de uma vez: tomar devagar, uma

colher de cada vez. Não saltar dias. Esta quantidade deve durar dois meses.

30. Tomar por via oral 2-3 colheres de sopa de infusão de 15 g de celidónia num copo de água a ferver, ou 15-20 gotas 3 vezes por dia, ou tintura de 10-15 g de erva em 100 g de álcool ou um copo de vodca.

PALPITAÇÕES (arritmia)

1. Ralar 0,5 kg de limões, misturar com 0,5 kg de mel e juntar 20 grainhas de alperce trituradas. Tomar por via oral antes das refeições, de manhã e à noite, uma colher de sopa.

2. Como auxiliar curativo no tratamento de perturbação do ritmo cardíaco é o extrato líquido de espinheiro. Tomar por via oral 20-30 gotas 3 vezes por dia antes das refeições.

3. Vanga recomendava misturas: folhas de trevo-d'água (uma colher de sopa), folhas de hortelã-pimenta (uma colher de sopa) e raiz de valeriana (uma colher de sopa). Preparar a infusão com uma colher de sopa desta mistura num copo de água a ferver. Tomar por via oral uma colher de sopa 30 minutos antes das refeições.

4. Flores de camomila-das-boticas (uma colher de sopa), folhas de hortelã-pimenta (uma colher de sopa), frutos de funcho (uma colher de sopa), raiz de valeriana (uma colher de sopa) e frutos de cominho (uma colher de sopa) em 0,5 l de água. Tomar o decocto por via oral à noite, um copo.

5. Deitar 1/4 l de água numa panela e levar a ebulição. Quando ferver reduzir o lume. Juntar 4 g de erva de adónis. Ferver em lume brando no máximo 3 minutos. Depois tapar e colocar num local quente durante 20 minutos. Coar e deitar fora a erva. Beber 3 vezes por dia, uma colher de sopa. A melhoria surge após alguns dias de tratamento.

6. Em palpitações comer iogurte natural. Pode beber-se em qualquer época do ano.

7. Em qualquer perturbação cardíaca é útil ao doente esvaziar o estômago e purificar o organismo. Deve passar-se a comida mais leve. Por exemplo serve-lhe pão demolhado em vinho

de rosas, pão com vinho de maçã e sopa de maçã, abóbora e leite. Se o doente não conseguir passar sem carne deve preferir-se carne de frango com sumo espremido de frutos, sumo de uva ácida, vinagre diluído em água ou sumo de salgueiro.

8. A todos os doentes cujas perturbações cardíacas sejam provocadas por mau funcionamento do estômago deve vigiar-se que a comida seja completamente digerida no estômago sem provocar fermentação nem putrefação. Além disso é necessário fortalecer o coração. Neste caso tem bom efeito beber à noite agrião-dos-ribeiros, cerca de uma colher de chá.

9. Remédio comprovado – flor masculina de cravinho (cerca de 4 g) em 50 g de leite. Pode também beber-se vários dias seguidos bebida preparada infundindo cerca de 4 g de manjerona seca em água fria.

10. Se o doente tiver arritmia com náuseas recomenda-se-lhe beber cevada escaldada com água e depois arrefecida com açúcar, cerca de 30 g.

11. Em vez de açúcar pode por vezes usar-se grainhas de romã. Neste caso deve colocar-se no peito do doente um pano embebido em cânfora e ao mesmo tempo inalar mistura de vapores de vinagre com cânfora.

12. Se, apesar de todas as medidas tomadas, aumentar a arritmia e a sensação de calor no corpo deve dar-se-lhe a beber aos goles água muito fria (com gelo) e outros sumos e bebidas fortemente refrescantes, alternando-os.

13. Por vezes ajuda ruibarbo-chinês com água fria, que se dá vários dias seguidos, cerca de uma colher de chá.

14. O doente que sofre de arritmia deve estar sempre num local fresco e bem ventilado. Vanga recomendava a passagem do ar normal para ar frio como meio de tratamento. Nestes doentes recomenda-se aplicar na zona do coração ligaduras medicinais refrescantes preparadas com sândalo, água de rosas, cânfora e rosa.

15. Tomar 1 parte de doronicum-scorpioides, 1/4 parte de cânfora, 1/2 parte de aloé e rosa e 2 partes de agrião-dos-ribeiros.

Misturar esta composição em sumo de maçã e fazer pastilhas. Numa toma pode usar-se até 4 g deste medicamento.

16. Tomar em quantidades arbitrárias sementes de alface, sementes de chicória, rosa, sementes de beldroega, agrião-dos-ribeiros e coentro seco. Misturar tudo e tomar por via oral em pó, 6 g por toma.

17. Eficaz também o seguinte remédio: tomar 9 g de erva-cidreira-medicinal, 9 g de manjericão-peludo e 9 g de alúmens iemenitas calcinados, 15 g de argila arménia e coentro. Numa toma dar ao doente 4 g da mistura com sumo de erva-cidreira.

18. Tomar em quantidades iguais cascas secas de cidra e sementes de manjericão-peludo. Numa toma recomenda-se 1,5 g do medicamento com sumo espremido de agrião-dos-ribeiros.

ESCLEROSE

1. Untar todo o corpo com mel e massajar com movimentos bruscos como se arrancasse a pele do corpo.

2. Também se deve esfregar a zona da cabeça com tecido áspero e fazer movimentos ativos com braços e pernas. Os exercícios devem provocar apetite e cansaço no doente.

3. Consideram-se medicamentos curativos para estes doentes doces de cálamo e de pimenta-longa. Pode também tomar-se em partes iguais incenso, tubérculos de junça, pimenta-branca e açafrão. Misturar tudo em mel e tomar ao longo do dia. Aos que sofrem de esclerose recomenda-se incluir na dieta o máximo possível de maçãs, legumes crus e cozidos: beterraba, cenoura, rábano, nabo, couve, pepino, pimento doce, beringela e vários pratos de abóbora.

4. Flores de árnica (uma colher de chá) e erva de milefólio (uma colher de sopa). Beber um copo da infusão ao longo do dia, aos goles.

5. Frutos de cominho (uma colher de chá), folhas de pervinca-menor (uma colher de chá) e raiz de espinheiro (uma colher de sopa). Tomar a infusão por via oral, 2 copos por dia.

6. Flores de espinheiro (1,5 colher de chá), erva de visco-branco (1,5 colher de chá), folhas de pervinca-menor (1,5 colher de chá) e erva de milefólio (2 colheres de chá). Beber um copo da infusão ao longo do dia (tratamento durante um mês).

7. Misturar sumo de rábano-preto com mel (1:1) e tomar 1-2 colheres de sopa. A dose diária é meio copo da mistura no início do curso profilático e 2 copos no fim. Às crianças dar 1-2 colheres de chá 2-3 vezes por dia. O curso dura um mês e faz-se 1-2 vezes por ano.

8. Passar duas vezes pela máquina de moer carne 350 g de alho, cobrir com 200 g de álcool; deixar em infusão num local escuro 10 dias e filtrar. Beber 20 gotas 2-3 vezes por dia, 30 minutos antes das refeições, com leite. Curso de tratamento – uma vez de 5 em 5 anos.

9. Ferver em lume brando durante 2 horas 200 g de casca de sorveira-brava em 0,5 l de água. Tomar por via oral meia hora antes das refeições, uma colher de sopa 3 vezes por dia.

10. É muito útil tomar por via oral 1/4 de copo de sumo de groselha-vermelha meia hora antes das refeições.

11. Infundir frutos maduros e secos de schisandra-chinensis em aguardente (vodca) na proporção 1:5 durante 10 dias. Tomar por via oral 20-30 gotas 2 vezes por dia, de manhã e ao meio-dia, antes das refeições. Curso de tratamento 20-25 dias.

CONVULSÕES

1. Entre os anticonvulsivos contam-se decoctos das seguintes plantas: lírio-do-vale, visco-branco, nogueira, espinheiro, bérberis, amora-silvestre, lúpulo, meliloto, urze-comum, valeriana, funcho, tomilho, camomila-inodora, sabugueiro-preto e orégão-comum.

2. Se uma mulher (rapariga ou casada) tiver convulsões deve dar-se-lhe na mão um pedaço de ferro (mas não aço nem ferro fundido).

3. Contra convulsões e cãibras nas barrigas das pernas ajudam maravilhosamente rolhas de garrafas de vinho, que se

enfiam numa linha e se enrolam à volta da barriga da perna afetada abaixo do joelho. As mais dolorosas e atormentadoras desaparecem quase instantaneamente. Por vezes basta esfregar a barriga da perna dolorida com uma rolha de cortiça.

4. Infundir em vinho branco grainhas de peónia-macho (de cor preta). Enfiar número ímpar numa linha de linho ou cânhamo em forma de colar. Usar ao pescoço.

CONVULSÕES (em crianças – «rodimets»)

1. Aos pais da criança que não conseguia dormir calmamente e batia com a cabeça na parede Vanga recomendava banhá-la no orvalho da manhã. Por banho entendia o seguinte: estender um pano limpo numa clareira após cair o orvalho da manhã e depois recolher dele as ervas e outras plantas que aderiram. Envolver a criança neste pano impregnado de humidade. (Vanga dava grande importância ao orvalho da manhã, considerando que cedo de manhã as plantas libertam muitas substâncias curativas.)

2. Atar no pulso da criança doente uma linha de seda crua, mudar quando se sujar mas não tirar até terminar o aparecimento dos dentes.

3. Quando a criança se acalmar, para que o ataque não se repita deve fazer-se-lhe um clister com água à temperatura ambiente com pequena quantidade de vinagre, colocar na cabeça um saco de gelo e manter silêncio absoluto. Se as convulsões se repetirem deve chamar-se imediatamente o médico.

4. Às crianças fracas que se assustam a dormir é útil dar-lhes todos os dias, para fortalecer e prevenir doenças cerebrais, uma colher de chá de óleo de fígado de bacalhau com fósforo.

5. Dar por via oral aos poucos infusão de cardo. Também é útil banhar as crianças em decocto de cardo.

6. Tomar por via oral infusão quente de 3 colheres de chá de erva de absinto triturada em 1,5 copo de água a ferver (dose para um dia).

ERUPÇÃO CUTÂNEA

1. Usar pó de madeira comida por caruncho. Se a erupção aparecer numa criança deve ferver-se o pó, coar e derramar essa água sobre a criança.

2. Após o banho o doente deve untar o corpo com creme preparado com banha de porco e o pó acima referido. Repetir o procedimento até cura completa.

3. Recomenda-se ao doente banhar-se em água com adição de decocto de casca de carvalho.

4. Cortar finamente 1-2 cabeças de alho de modo a encher 3/4 de um copo. Transferir o alho cortado para uma tigela grande, juntar lentamente em fio fino 3/4 de copo de azeite refinado mexendo constantemente. Tapar a mistura com tampa de vidro e colocar ao sol durante 10 dias. Durante estes 10 dias mexer cuidadosamente a mistura 2-3 vezes por dia. No 11.º dia filtrar a mistura, juntar 2-3 gotas de óleo de eucalipto ou glicerina, deitar numa garrafa de vidro escuro com boa rolha e guardar no frigorífico.

5. Ferver em grande quantidade de água 1 kg de grãos de cevada e banhar o doente nessa água. A comichão desaparece.

6. É útil aos doentes, após transpirarem bem, esfregar-se na sauna com polpa de melão com farinha de lentilha e de feijão.

7. Por vezes em erupções ajuda bem água onde se tenham fervido substâncias adstringentes. Tem boa ação medicinal a manteiga, especialmente misturada com goma.

8. São úteis fricções com cinza de folhas de mirto, folhas frescas de loureiro e arruda.

9. Por vezes em erupções ajuda cola de peixe dissolvida em água.

10. Se a erupção se ulcerar Vanga propõe tratá-la com celidónia, argila arménia e albayalde de chumbo com vinagre.

FEBRE (alta, em crianças)

1. Derramar sobre a criança doente água onde se tenha fervido uva ácida.

2. Numa clareira de montanha recolher feno, fazer decocto e banhar nele a criança doente.

3. Untar bem o peito, costas, pescoço, mãos e pés da criança doente com mistura preparada com aguardente, mel e adição de uma tablete de quinina e uma tablete de aspirina. Deixar a criança transpirar, mudar para roupa seca e deitar a dormir.

4. Examinar a criança; se a febre surgiu após traumatismo prestar atenção principal à lesão. Criar à criança doente ambiente calmo e proteger o seu sono.

5. Dar à criança chá quente de framboesa. Pode aplicar-se compressa fria ou saco de gelo na testa e têmporas. Fazer fricções frias ou mornas.

6. Pode baixar-se ligeiramente a febre com toalha molhada. Por vezes molha-se a toalha em aguardente (vodca) ou álcool. Primeiro deve despir-se a criança e cobrir com lençol fino ou cobertor leve. Molhar a palma da mão com água morna, depois tirar debaixo do cobertor o bracinho do bebé e esfregar durante alguns minutos. Molhar novamente à medida que seca e depois voltar a cobrir. Fazer o mesmo com o outro braço da criança, pernas, costas e peito; medir a temperatura passados 30 minutos. Se não baixar dos 40 °C e a criança estiver a ferver cobri-la com algo leve, até com um lençol se o quarto estiver quente. Assim a criança sentir-se-á muito melhor e possivelmente a temperatura baixará.

PICADA DE INSETOS

1. Esfregar o local picado com folha de sabugueiro-preto.

2. Em qualquer picada venenosa deve usar-se todos os meios para extrair o veneno. Para isso aplicam-se pomadas externas e vários medicamentos por via oral. São vários diuréticos, diaforéticos, laxantes e eméticos.

3. Se o veneno já penetrou nos tecidos Vanga aconselhava fazer uma incisão no local da picada e aplicar ventosas ou sanguessugas ao doente.

4. Atuam bem os meios que fazem o veneno coagular, como por exemplo raiz de mandrágora. Vanga aconselhava usar raiz de mandrágora com mel, chicória-silvestre e cabelo-de-vénus em ligadura.

5. A cauterização pode fazer-se com fogo, azeite a ferver ou resina de pinheiro.

6. Em picadas deve usar-se obrigatoriamente medicamentos que estanquem o sangue e acalmem a dor. Se houver ferida no local da picada não se deve de modo algum cicatrizá-la até o doente estar completamente curado.

7. Em picadas dá-se a beber sementes de trevo em água ou vinho de uva e decocto de todos os tipos de camomila.

8. São também úteis raiz de asaro, agrião, cominho, alho, casca de folhas de zimbro com pimenta e a própria pimenta.

9. Contra qualquer veneno ajuda muito a semente de cidra, que se deve tomar por via oral na quantidade de cerca de 9 g.

10. Tomar cerca de 9 g de caroços de loureiro e igual quantidade de argila de impressão. Usar este remédio com azeite, dissolvendo 4 g em 100 g de água adoçada com mel.

11. Contra qualquer picada atua também o seguinte remédio: tomar 8,5 g de nigela, sementes de erva-molar e cominho; tomar metade de pimenta-branca. Misturar tudo em mel. Numa toma tomar cerca de 2 g, diluir em vinho de uva e beber ao longo do dia, uma colher de sopa.

12. Pode tomar-se cerca de 6 g de genciana, pimenta e arruda e misturar tudo em mel. Depois dissolver a mistura em vinho e beber de uma vez.

13. Além disso deve untar-se o local picado com alho fresco com manteiga derretida ou azeite e também com sumo espremido de alho-francês.

14. Extrai maravilhosamente o veneno a menta-ribeirinha, assim como enxofre com urina e carne de galinha.

15. Pode aplicar-se em picadas ligaduras com sal, vinagre, bílis de boi, tomilho, cinza com vinagre, cinza de madeira de figueira ou videira e também resina de pinheiro cozida com sal.

16. Tem ação muito forte ligadura de cal com mel e azeite.

17. Pode usar-se também o seguinte remédio: misturar mostarda, vinagre e cal. Untar a zona da picada com esta mistura com água e sabão ou resina de madeira.

18. No local da picada pode aplicar-se como emplastro cebola com cevada em pó; o emplastro também pode preparar-se com bicarbonato de sódio ou sal.

19. Para expulsar pulgas da casa borrifar com decocto de amora-silvestre. As pulgas ou morrem ou fogem. As pulgas afastam-se dos locais onde cheira a enxofre e também não gostam do cheiro de oleandro.

20. Para expulsar mosquitos fumigar a casa com nigela, mirto seco e erva-molar, que também se pode colocar na cama, assim como folhas e cones de cipreste.

21. Ajudam bem contra mosquitos borrifadelas na casa com decocto de raiz de tremoço, decocto de nigela, erva-molar, absinto-amargo e arruda.

22. As vespas não picam a pessoa que se untou com alteia ou sumo espremido de malva com azeite.

23. Como bebidas curativas após picada de insetos Vanga propunha usar decocto de salsa-silvestre, raiz de cálamo, sumo espremido de couve com pimenta, sementes de erva-molar com sumo espremido de alho-francês ou sumo espremido de alcachofra. Dos sumos espremidos são além disso muito úteis sumo de arruda, folhas de macieira e manjerona.

24. Todas as ligaduras extratoras no local da picada é desejável aplicar antes de inchar. Prepará-las com bagas de zimbro, caroços de loureiro, camomila, cebola-marinha assada e farinha de ervilhaca-lentilhada. Tudo isto pode usar-se separadamente ou misturado com vinho de uva.

25. Atua excelentemente também ligadura com queijo velho. Dos óleos o mais útil é óleo de loureiro ou qualquer outro óleo onde se tenham fervido folhas de loureiro.

26. Infundir meio copo de flores e folhas frescas trituradas de hipericão em um copo de óleo de amêndoa, girassol, azeite ou linhaça durante 3 semanas. Espremer e coar. Guardar num local fresco. Untar com este óleo as feridas de picadas de insetos.

27. Aplicar decocto de erva de verónica-em-espiga no local picado ou fazer banhos locais.

28. Aplicar nos locais de picada levedura fresca e mudar de hora a hora. Pode alternar-se levedura com alho esmagado.

29. Em picada de abelha aplicar na ferida terra ou esterco de vaca. E para as abelhas não picarem tomar na boca várias folhas de tanchagem.

30. Se no local da picada se vir o ferrão do inseto deve extrair-se e aplicar compressa de chumbo ou ligadura com amoníaco.

31. Uma ferida venenosa pode curar-se aplicando-lhe sumo de marmelo: extrai o veneno.

HEMATOMA

1. Aplicar no local doente rodelas de batata crua.

2. (Antigo). Aplicar no local doente pele acabada de esfolar de lebre (coelho).

3. Útil compressa de papa de cebola ralada ou sumo.

4. Compressa de folhas de absinto-amargo. Triturar as folhas, esmagar e aplicar nos hematomas. Esta compressa deve mudar-se frequentemente ou molhar-se com água para não secar.

5. Aplicar folha de tanchagem finamente cortada (ou em vez dela usar o sumo) nos locais contundidos.

PINÇAMENTO DE NERVO (em resultado de queda)

1. Tomar tecido de algodão e aplicar mistura de azeite, cera acabada de derreter e favos de mel. Fixar a ligadura ao longo de toda a coluna, desde a nuca até ao cóccix. Se necessário pode repetir-se 3 vezes.

2. Tintura de flores de verbasco: infundir 50 g de flores de verbasco (orelhas-de-urso) em 0,5 l de vodca ou álcool a 70° durante 2 semanas. Usar a tintura para massagens como analgésico.

3. Infusão de absinto-citrino: deitar 1,5 copo de água a ferver num termo sobre uma colher de sopa de cestos florais de absinto-citrino. Deixar em infusão 2 horas e coar. Aplicar em massagens como analgésico externo.

4. Tintura de lilás: infundir um copo de flores de lilás em 0,5 l de vodca vários dias. Massajar os locais doentes.

5. Vanga recomendava pomada de folha de loureiro e agulhas de zimbro: misturar e triturar em pó 6 partes de folha de loureiro e 1 parte de agulhas de zimbro. Esfregar este pó com 12 partes de manteiga fresca. Usar a pomada em massagens como analgésico e calmante em pinçamento de nervo.

FURUNCULOSE

1. Cataplasmas de semente de linhaça: socar a semente no almofariz e deitar em 2 saquinhos de pano; mergulhar alternadamente em água quente e aplicar no local doente. Usar no tratamento de furúnculos.

2. Cataplasmas de cebola assada: esmagar ou amassar cebola assada e aplicar morna no local doente. É um remédio bastante difundido para tratar abcessos e furúnculos, favorecendo a sua rápida cicatrização.

3. Pomada de margaridas, raiz de consólida, erva de erva-cidreira e banha: misturar 20 g de margaridas trituradas em pó, 30 g de raiz de consólida triturada, 20 g de erva de erva-cidreira triturada e 200 g de banha quente. Deixar em infusão um dia e coar. Aplicar externamente em forma de pomada.

4. Usar pó de flores secas de tanásia em forma de pomada e pó.

5. Usar pó de raiz seca de helénio em pó e também em pomada na proporção 1:3.

6. Em furunculose tomar meio tubérculo de corydalis cava 2 vezes por dia por via oral durante uma semana e, para acelerar o amadurecimento dos furúnculos, aplicar tortas de farinha de feijão com mel.

7. Infusão de xanthium: usa-se toda a planta para a infusão. Dose arbitrária. Tomar meio copo 2 vezes por dia.

8. Infusão de bagas de viburno: esfregar 1-2 colheres de sopa de bagas de viburno no almofariz, juntar gradualmente um copo de água a ferver. Deixar em infusão 4 horas e coar. Tomar por via oral 3-4 copos por dia em furunculose.

9. Infusão de erva de galho-de-ouro-verdadeiro: deitar um copo de água a ferver sobre 15 g de erva de galho-de-ouro-verdadeiro. Deixar em infusão meia hora. Tomar meio copo 2 vezes por dia.

10. Infusão de erva de milefólio: deitar um copo de água a ferver sobre 5 g de erva de milefólio. Deixar em infusão 2 horas e coar. Tomar 1/4 de copo 3 vezes por dia. Simultaneamente untar o foco de lesão com sumo de milefólio.

11. No tratamento de furúnculos e carbúnculos Vanga usava farinha de ervilha (em cataplasmas).

CRIANÇAS MAGRAS (até aos três anos de idade)

1. Às crianças magras é útil dar geleia real.

2. Diariamente, mesmo que sejam algumas colheres, a criança deve comer papa de sêmola. Atua bem nos ossos, músculos e trato gastrointestinal.

3. Usar nogueira para banhar crianças magras e debilitadas. Para o banho fazer chá de folhas de nogueira.

4. Banhar as crianças em decocto de leiteira. Dá-lhes força.

5. Caldo de peixe é útil a todos os fracos, especialmente após doença. Caldo de lúcio contém muito sódio e fósforo.

6. Dar às crianças pequenas leite morno misturado com ovos crus frescos. Por 2 copos de leite tomar 1 ovo e bater bem a mistura. Deve habituar-se a criança a beber leite 3 vezes por dia. Os resultados serão excelentes.

CIRROSE

1. Misturar farinha branca em leite materno e tomar de manhã e à noite antes das refeições, uma colher de sopa.

2. Casca de espinheiro-cerval, frutos de cominho, erva de cardo-cacheiro, erva de hipericão e erva de milefólio – 10 g de cada. Preparar infusão com uma colher de sopa da mistura num copo de água a ferver e beber ao longo do dia em 2-3 tomas.

3. Raiz de chicória, erva de cavalinha-dos-campos, erva de milefólio e erva de hipericão – 20 g de cada. Preparar e tomar como o n.º 2. Beber em cirrose hepática.

4. Frutos de rosa-brava e rizoma de trigo-rasteiro – 40 g de cada, folhas de urtiga-dos-campos – 20 g. Preparar e tomar como o n.º 2, em cirrose hepática. Se não for possível colher todas as plantas pode usar-se uma ou duas delas.

5. Em cirrose hepática ajuda muito o sumo de chucrute de couve-branca preparada do modo habitual, mas sem sal. (Tomar por via oral um copo, alternando com sumo de beterraba.)

6. Infundir 5-6 folhas de rábano-silvestre trituradas com raiz numa garrafa de vodca durante uma semana e depois tomar uma colher de sopa 3 vezes por dia antes das refeições.

7. Tomar por via oral 0,35 g de múmia de manhã em jejum e 0,2 g à noite. Beber 10 dias, pausa de 5 dias, repetir até 10 cursos.

8. Erva de potentilha-dos-gansos (uma colher de sopa), erva de celidónia (uma colher de sopa) e folhas de hortelã-pimenta (uma colher de sopa) num copo de água. Tomar a infusão por via oral, meio copo por dia.

9. Perpétua-das-areias (uma colher de sopa num copo de água). Tomar por via oral 30 minutos antes das refeições segundo o seguinte esquema: 1.º dia – 1/3 de copo, 2.º – 1/3 de copo 2 vezes, 3.º – 1/3 de copo 3 vezes, 4.º – meio copo 3 vezes, 5.º – meio copo 3 vezes e 6.º dia – meio copo uma vez.

10. Erva de hipericão (2 colheres de sopa), raiz de dente-de-leão (2 colheres de sopa), flores de perpétua-das-areias (uma colher de sopa) e folhas de trevo-d'água (uma colher de sopa) em 0,5 l de água. Tomar por via oral de manhã e à noite, um copo.

11. 2 colheres de sopa de erva de orégão, hipericão e flores de perpétua-das-areias e uma colher de sopa de erva de milefólio, erva-cidreira, folhas de hortelã, erva-de-são-joão (ivan-chai), cones de lúpulo e flores de tanásia em 0,5 l de água. Tomar a infusão por via oral de manhã e à noite, meio copo.

12. A medicina popular búlgara aconselha usar no tratamento do fígado espigas de milho torradas.

13. Tomar 20 g de folhas de bérberis numa taça de aguardente (vodca). Deixar em infusão 2 semanas, espremer e filtrar. Tomar 25-30 gotas 3 vezes por dia durante 2-3 semanas. Guardar num local escuro e fresco em frasco escuro.

14. Óleo de hipericão-perfurado: cobrir 20 g de flores (frescas) com 200 ml de azeite e deixar em infusão 40 dias. Tomar 1-2 colheres de chá 30 minutos antes das refeições 2-3 vezes por dia.

15. Considera-se muito prejudicial para o fígado tomar um tipo de comida imediatamente após outro. É prejudicial beber água fria em jejum e de um trago, assim como após banho.

16. Pelo contrário, são úteis para o fígado todas as substâncias que contêm amargo, assim como várias substâncias aromáticas, por exemplo canela-da-china, inflorescências de junco-aromático, açafrão, passas, dente-de-leão e chicória-de-jardim. Chicória e dente-de-leão secos com mel ajudam muito em cirrose hepática.

17. Em cirrose hepática os curandeiros búlgaros recomendam ao doente beber água de cevada com chicória. Em geral

pode juntar-se chicória a todos os medicamentos neste distúrbio. Por vezes come-se chicória cozida com coentro fresco ou simplesmente com vinagre.

18. Tem excelentes propriedades curativas neste caso também o bérberis, que Vanga recomendava misturar em quantidade igual com aipo.

19. Tomar 30 g de sumo espremido de chicória, sumo espremido de cereja-vesícula e sumo espremido de beladona, 75 g de sumo espremido de coentro fresco e sumo espremido de funcho. Juntar a esta mistura 1,5 g de açafrão e dar a beber ao doente.

20. Tem bom efeito sumo espremido de abóbora assada com sumo de romã, soro de leite de vaca, sumo de maçã, pera, beldroega e sumo espremido de rosa fresca.

21. Ajuda soro de queijo, que se bebe todos os dias com aipo.

22. Por vezes traz alívio ao doente ligadura medicinal preparada com beldroega previamente socada com óleo de rosas. Podem fazer-se ligaduras também com sumo espremido de legumes frios, por exemplo sumo de abóbora, ao qual se junta cevada em pó, lentilha e óleo de rosas.

CISTITE

1. Tomar por via oral decocto aquoso de casca de carvalho com vinho tinto em cistite (inflamação da bexiga). Por 2 copos de água fria tomar uma colher de chá de casca de carvalho triturada e deixar em infusão 8 horas. É a dose diária para adultos.

2. Na medicina popular búlgara usam-se amplamente flores e folhas de malva-silvestre em inflamação da bexiga e vias urinárias. Preparar infusão de folhas de malva-silvestre com 2 colheres de chá de folhas trituradas num copo de água fria; passadas 3-5 horas tomar por via oral. A infusão de flores obtém-se do seguinte modo: cobrir uma pitada de flores com um copo de água quente; passados 10 minutos beber em várias tomas. Para gargarejos e cataplasmas tomar dose dupla da erva e preparar infusão quente.

3. Ferver uma colher de sopa de flores de abrunheiro num copo de água e tomar em inflamação da bexiga.

4. Remédio popular eficaz contra irritação da bexiga é chá de caules (frescos e secos) de cerejeira e ginjeira, pode juntar-se mel. O chá bebe-se melhor em jejum.

5. Deitar 0,5 l de água sobre 2 colheres de sopa de mistura de ervas (2 partes de milefólio-comum e uva-ursina, 1 parte de rizoma de cálamo-comum e gomos de bétula), ferver 5-10 minutos, deixar em infusão 30 minutos e coar. Beber esta dose de decocto em 4 tomas ao longo do dia.

6. Infusão de várias ervas: misturar em quantidades iguais raiz de alcaçuz, rizoma de trigo-rasteiro, estigmas de milho, folhas de bétula e folhas de uva-ursina. Deitar um copo de água fria sobre uma colher de sopa desta mistura. Deixar em infusão 6 horas, depois ferver em lume brando 15 minutos e coar. Beber ao longo do dia em várias tomas. Aplicar em cistites.

7. A medicina popular búlgara aconselha também em cistite comer melancias. Trazem grande benefício pratos de cevada: papas, sopas e beijinhos.

8. Numa panela esmaltada deitar uma colher de sopa de folhas de uva-ursina, uma colher de sobremesa de rizoma de bergénia e frutos de mirtilo, 2 colheres de sopa de gomos de bétula, cobrir com 2,2 l de água fria fervida e ferver 15 minutos a partir do momento da ebulição. Depois juntar coleção medicinal composta por: uma colher de chá de erva de bolsa-de-pastor, uma colher de sobremesa de folhas de hortelã, morangueiro-dos-bosques e erva de erva-molar e uma colher de sopa de erva de orégão, hipericão, erva-das-contas, folhas de erva-de-são-joão, flores de camomila e cones de lúpulo.

Misturar a coleção, ferver 15 minutos, deixar em infusão 45 minutos e filtrar. Tomar morno, 2 colheres de sopa 4 vezes por dia, 30 minutos antes das refeições. O curso de tratamento dura 7-10 dias. Como regra, a cura completa ocorre ao 4.º-5.º dia de tratamento da doença.

9. Para preparar infusão curativa triturar sementes de funcho numa mó de café; deitar 200 g de água a ferver sobre uma colher de chá de farinha de funcho, deixar em infusão 1-1,5 hora e depois beber juntamente com o sedimento. Fazer isto uma vez por dia de manhã em jejum, durante uma semana.

10. Vanga aconselhava encher até metade qualquer recipiente com aveia com casca e cobrir até cima com água. Levar a ebulição, ferver 30 minutos em lume médio, escorrer rapidamente, juntar flores de calêndula, deixar em infusão durante a noite bem embrulhado. Coar e beber morno, 1-1,5 l por dia, durante 2 semanas.

SARNAS

1. Misturar 1 parte de enxofre em pó com 2 partes de banha de porco interior e untar as zonas doentes.

2. Tomar meia colher de sopa de banha de porco interior e misturar com meia colher de sopa de sabão verde e tudo isto com meia colher de sopa de enxofre em pó e uma colher de chá de alcatrão depurado. Misturar muito bem e massajar na pele 2 vezes por dia, de manhã e à noite antes de deitar.

3. Tomar uma colher de enxofre em pó e igual quantidade de alcatrão depurado, meia colher de giz em pó, uma colher de sopa de sabão verde e igual quantidade de banha de porco interior. Misturar bem e massajar esta mistura 2 vezes por dia e não lavar. Passados 4 ou 5 dias ir à sauna ou tomar banho muito quente.

4. Tomar 200 g de alcatrão de bétula líquido depurado e deitar num grande recipiente cheio de água. Mexer esta mistura até o líquido adquirir a cor do alcatrão. Depois escorrer a água e deitar água fresca. Repetir isto 7-8 vezes (até a composição ficar esbranquiçada e espessa como mel). Massajar esta composição nas zonas doentes.

5. Tomar uma colher de chá de terebintina e misturar com 1-2 colheres de sopa de banha de porco interior ou igual quantidade de óleo de linhaça cozido. As zonas livres de borbulhas de sarna podem untar-se apenas com terebintina.

6. Queimar a roupa interior do doente em lume seco e, melhor ainda, sobre fumo de enxofre.

7. No tratamento de sarna e tinha lavar a pele com vinagre e enfaixar o local doente com tecido áspero para facilitar a penetração do vinagre na pele. Para o mesmo efeito pode juntar-se ao vinagre de alho 2 gotas de óleo de cânfora.

8. Tomar 1 l de amoníaco a 20 %, 27 g de pó de cantárida, 50 g de raiz de helénio-alto, 50 g de raiz de cálamo, 50 g de nozes verdes e 50 g de raiz de quermes. Deixar tudo em infusão no amoníaco durante 2 semanas. Depois tomar por 1 l de água 50 g de erva de hipericão, orégão, milefólio, celidónia e folhas de tanchagem-maior. Ferver esta mistura 20 minutos em recipiente tapado, coar e misturar com a tintura de amoníaco. Com esta infusão fazer massagens e compressas e, diluindo em água fervida, irrigações e compressas.

SARNAS (em crianças)

1. Vanga aconselhava diluir em recipiente com água morna sabão de modo a obter grande camada de espuma de sabão. Tomar uma esponja e esfregar o corpo da criança de modo a deixar camada de sabão na superfície da pele. Passados 30 minutos lavar em banho morno todos os restos de sabão no corpo da criança e untar com a pomada descrita abaixo. Tomar 1 parte de carbonato de potássio (potassa), 2 partes de enxofre em pó e 1/8 parte de banha de porco interior. Se passadas algumas horas o corpo da criança começar a coçar muito lavar a pomada em banho morno e vestir roupa interior limpa.

2. Se no corpo da criança aparecerem grandes borbulhas e feridas de coçar Vanga recomendava usar pomada de enxofre, que consiste em 1 parte de enxofre em pó para 4 partes de banha de porco interior. Massajar e untar parcialmente esta pomada 2 vezes por dia e obrigatoriamente após banho ou sauna.

ECZEMA

1. Muitas variedades desta doença podem curar-se untando regularmente as zonas doentes com o líquido que em maio se forma nas protuberâncias do olmo.

2. Ferver um ramo de flores silvestres e derramar este decocto sobre o doente.

3. Após o banho untar as zonas doentes com mistura de óleo de girassol e vinagre em partes iguais.

4. Untar as zonas afetadas com mistura de gordura animal ou óleo de máquina e gasolina em partes iguais.

5. O eczema que se forma em resultado do trabalho com detergentes em pó pode tratar-se do seguinte modo. Todos os dias fazer banhos de mãos dissolvendo na água uma colher de chá de bicarbonato de sódio. O banho deve durar 15-20 minutos, depois dos quais deve mergulhar-se as mãos 10 minutos em azeite ligeiramente aquecido.

6. Decocto de raminhos de bétula: cobrir raminhos jovens de bétula com folhas com água e levar a ebulição. Depois de o decocto arrefecer um pouco mergulhar nele as mãos ou pés doentes e manter enquanto se aguentar. Repetir o procedimento 2-3 vezes por dia. Pode usar-se o mesmo decocto.

7. Decocto de gomos de bétula: deitar um copo de água a ferver sobre um copo de gomos de bétula e ferver ainda 15-20 minutos. Após arrefecer coar. Esfregar diariamente as zonas doentes. Aplicar em doenças inflamatórias da pele, eczema, irritação e comichão.

8. Lavar as zonas afetadas com decocto forte de casca seca de salgueiro jovem. Fazer 3-4 procedimentos.

9. Decocto de bardana-maior (rebenta-cavalos): deitar 2 copos de água a ferver sobre uma colher de sopa de raiz de bardana-maior triturada, ferver meia hora, arrefecer e coar. Tomar por via oral meio copo 3-4 vezes por dia.

10. Infusão de bagas de viburno-comum: esfregar 1-2 colheres de sopa de bagas de viburno no almofariz, juntar gradualmente um copo de água a ferver. Deixar em infusão 4 horas e coar. Tomar por via oral meio copo 3-4 vezes por dia.

11. Infusão de raiz de bardana e dente-de-leão: deitar 3 copos de água sobre uma colher de sopa de raiz de bardana e igual quantidade de raiz de dente-de-leão e deixar em infusão durante a noite. De manhã ferver a infusão 10 minutos. Tomar por via oral meio copo 3-4 vezes por dia.

12. Infusão de raízes e folhas de dente-de-leão-medicinal: deitar um copo de água (para uma toma) sobre uma colher de sopa de matéria-prima seca, ferver 5 minutos e depois deixar em infusão 8 horas. Tomar quente por via oral meio copo 3-4 vezes por dia antes das refeições.

13. Infusão de milefólio-comum: deitar um copo de água a ferver sobre 50 g de erva de milefólio-comum com flores, pode juntar-se 50 g de calêndula. Deixar em infusão 2 horas e coar. Com a infusão escaldar as zonas doentes e tomar por via oral meio copo 3-4 vezes por dia.

14. Infusão de erva de cavalinha-dos-campos: deixar em infusão 20 g de erva num copo de água a ferver durante uma hora e coar. Lavar com a infusão as zonas da pele danificadas pelo eczema.

15. Infusão de várias ervas: misturar 15 g de raiz de valeriana-medicinal e erva de erva-das-contas, 10 g de folhas de urtiga-dos-campos, erva de orégão-comum, erva de violeta-tricolor, flores de camomila-das-boticas, erva de tomilho-rasteiro, erva de cavalinha-dos-campos e raiz de alcaçuz-pelado. Deitar um copo de água a ferver sobre uma colher de sopa desta mistura. Deixar em infusão uma hora e coar. Tomar 3 vezes por dia antes das refeições, 1/3-1/2 copo. Esta mesma infusão pode usar-se também na psoríase.

16. Em eczema seco é útil aplicar compressas de sumo de arando-comum.

17. Usar sumo fresco de erva-de-passarinho no tratamento de eczema. Molhar um guardanapo com o sumo e, após previamente

lavar as zonas doentes com o mesmo sumo, colocar sobre os tecidos danificados.

18. Decocto de bardana-maior (rebenta-cavalos): deitar 2 copos de água a ferver sobre uma colher de sopa de raiz de bardana-maior triturada, ferver meia hora, arrefecer e coar. Aplicar em dermatites e eczema por via oral meio copo 3-4 vezes por dia.

19. Infusão de casca de viburno: deitar um copo de água a ferver sobre 10 g de casca de viburno triturada. Deixar em infusão meia hora sem arrefecer e coar. Usar esta infusão em banhos diluindo em água.

ECZEMA HÚMIDO (em crianças)

1. Assar no forno 3 nozes com casca até ficarem castanho-escuras. Quando as nozes arrefecerem socá-las e juntar uma colher de sopa de óleo de fígado de bacalhau. Limpar bem o local doente e untar várias vezes com o líquido preparado.

EPILEPSIA

1. Tomar infusão de violeta-dúbia 3 vezes por dia, 150 g antes das refeições. O tratamento é prolongado – até 2 anos.

2. Ferver 20-30 g de dafne em 50-100 g de água e beber 5 g em epilepsia. Pode beber-se como sonífero.

ÚLCERA (duodenal, hemorrágica)

1. Bater uma clara de ovo fresco com uma colher de chá de açúcar em pó e uma colher de sopa de azeite. Todas as manhãs em jejum durante 10 dias seguidos tomar uma colher de sopa desta mistura.

2. Tomar sumo de couve-branca 1/3 de copo 3 vezes por dia antes das refeições para prevenir gastrite e úlcera péptica. Curso de tratamento – 2-3 semanas.

3. Infusão de bagas de viburno: esfregar 1-2 colheres de sopa de bagas de viburno no almofariz, juntar gradualmente um copo de água a ferver. Deixar em infusão 4 horas e coar. Tomar por via oral 3-4 copos por dia em úlcera péptica.

4. Infusão de várias ervas: misturar 30 g de frutos de rosa-brava triturados e sementes de funcho, 10 g de flores de calêndula-medicinal, rebentos de cavalinha-dos-campos, erva de algodão-dos-pântanos, flores de camomila-das-boticas e pétalas de rosa-branca, 20 g de erva de agrimónia-comum e erva de absinto-dos-campos, 40 g de erva de hipericão-perfurado e folhas de tanchagem-maior e 70 g de extremidades floridas de milefólio-comum. Deitar 0,5 l de água a ferver sobre uma colher de sopa desta mistura, deixar em lume brando meia hora e coar. Tomar a infusão ligeiramente amarga meio copo 4 vezes por dia, 15-20 minutos antes das refeições, em gastrite prolongada e úlcera péptica do estômago e duodeno.

5. Infusão de várias ervas: misturar e triturar bem raiz de alteia, flores de camomila, flores de calêndula, raiz de alcaçuz, erva de hipericão, flores de perpétua-das-areias, erva de milefólio, casca de carvalho, erva de coração-de-leão e erva de algodão-dos-pântanos em partes iguais. Deitar um copo de água sobre uma colher de sopa desta mistura e manter em banho-maria 15 minutos. Deixar em infusão 45 minutos, coar e completar o volume da infusão com água fervida até um copo. Beber meio copo meia hora antes das refeições 3 vezes por dia em úlcera péptica do estômago e duodeno com hipersecreção.

6. Infusão de várias ervas: misturar e triturar bem folhas de tanchagem, erva de absinto, hortelã-pimenta, flores de camomila, flores de calêndula, erva de hipericão, raiz de cálamo, erva de sálvia, raiz de dente-de-leão e raiz de arália em partes iguais. Deitar um copo de água sobre uma colher de sopa desta mistura e manter em banho-maria 15 minutos. Deixar em infusão 45 minutos, coar e completar o volume da infusão com água fervida até um copo. Tomar meio copo meia hora antes das refeições em úlcera péptica do estômago e duodeno com secreção reduzida.

7. Infusão de várias ervas: misturar 10 g de erva de centáurea-menor, 10 g de frutos de funcho e 30 g de folhas de hortelã. Deitar um copo de água a ferver sobre uma colher de sopa desta mistura. Deixar em infusão 20 minutos. Tomar meio copo 2-3 vezes por dia antes das refeições em úlcera péptica do estômago e duodeno.

8. Durante 2-3 semanas beber de manhã em jejum 2 ovos crus e antes do almoço 100 g de infusão de celidónia. Tomar a erva até metade do recipiente finamente cortada (juntamente com a raiz) e encher o recipiente com água a ferver. Não tomar à noite. Se a erva for seca encher o recipiente até 1/3.

9. Cobrir 40 g de própolis seco com 100 g de álcool a 70 % e deixar esta mistura em infusão, depois filtrar. Juntar ao solução álcool suficiente para obter solução de própolis a 4 % e beber 20 gotas com leite 1,5 hora antes das refeições 3 vezes por dia.

10. Deitar 1,5 colher de sopa de camomila seca numa chávena de porcelana, tapar com pires, embrulhar e deixar em infusão 20 minutos. Nesse tempo fazer clister de limpeza com água morna. Aspirar num irrigador o decocto de camomila coado (temperatura 37 °C) e introduzir no ânus. Depois disto deitar-se de lado e esperar que seja absorvido. Se não resultar à primeira tentar novamente. O decocto de camomila deve ser completamente absorvido. As dores exaustivas recuam imediatamente. Fazer este procedimento todas as noites e, se possível, várias vezes por dia. Deste modo pode curar-se também hemorroidas.

11. Lavar bem a erva de celidónia juntamente com a raiz, cortar finamente, colocar num recipiente até metade, encher o recipiente com água a ferver, deixar em infusão uma hora e coar. Beber 2-3 semanas, meio copo de manhã em jejum e ao meio-dia.

12. Usam-se também sumo fresco de tomate, espinheiro-cerval e sofórina. Curam lesões ulcerosas do trato gastrointestinal limão com mel e hortelã-pimenta.

13. No tratamento de úlcera péptica do estômago e duodeno durante 2-3 semanas (em azia) tomar na ponta da faca 3-4 vezes por dia pó de rizoma de cálamo-dos-charcos.

14. Os curandeiros populares búlgaros aconselham tomar preparados de aloé por via oral como tónico geral, laxante e que melhora o apetite e a digestão.

15. Em dores de estômago, arrotos e língua muito revestida de saburra branca recomenda-se tratar-se com infusão de folhas de

hera-terrestre (deitar num termo um copo de água a ferver sobre uma colher de sopa de erva – dose diária).

16. Bom analgésico e envolvente é a semente de linhaça-comum: deitar 0,5 l de água a ferver num termo sobre 2 colheres de sopa. Tomar a infusão por via oral meio copo 3-4 vezes por dia antes das refeições.

17. Infusão de folhas e gomos de bétula-pendente: deitar um copo de água sobre uma colher de sopa de folhas ou 0,5 colher de chá de gomos, ferver 1 minuto, deixar em infusão 2 horas e coar. Tomar por via oral meio copo 3 vezes por dia antes das refeições.

18. Decocto de rizomas ou erva de cálamo-dos-charcos: deitar um copo de água sobre uma colher de chá de matéria-prima, ferver 1 minuto, deixar em infusão 1 hora e coar. Tomar por via oral uma colher de sopa 3 vezes por dia.

19. Decocto de rizomas de alteia-medicinal: deitar um copo de água sobre uma colher de sopa de matéria-prima, ferver 1 minuto, deixar em infusão 30 minutos e coar. Tomar por via oral 1-2 colheres de sopa 3 vezes por dia antes das refeições.

20. Decocto de rizomas de helénio-alto: deitar um copo de água sobre uma colher de chá de matéria-prima, ferver 1 minuto, deixar em infusão 30 minutos e coar. Tomar por via oral morno, uma colher de sopa 3 vezes por dia antes das refeições.

OVÁRIOS (inflamação)

1. Ferver feno silvestre e deixar a doente sentar-se sobre o vapor. Repetir o procedimento todos os dias até desaparecer a inflamação.

2. Ficar sobre o vapor que sobe de lã de ovelha não lavada coberta com água a ferver.

3. Ferver uma couve, cobrir com leite fresco e sentar-se sobre o vapor.

4. Sentar-se sobre o vapor que sai de rábano-preto cozido regado com azeite.

5. Durante cerca de 20 minutos manter as mãos e plantas dos pés num recipiente cheio de solução muito líquida de argila. Esta solução pode usar-se 2 ou 3 vezes.

6. Em relação a banhos completos Vanga dá as seguintes recomendações: «Fazer na terra um buraco redondo bastante grande. Encher com água e boa argila. Misturar bem a argila com a água para obter massa líquida clara; colocar aí o doente de modo a ficar livre apenas a cabeça.» Evidentemente, ao ar livre este banho só pode fazer-se em tempo quente. Em tempo fresco fazer os banhos em água morna, sem renovar a argila, 6-7 vezes (duas vezes por semana). Após o banho deitar o doente na cama, cobrir bem e dar-lhe a beber infusão quente de ervas. Estes banhos são úteis sobretudo para tratar a parte inferior do ventre, rins, ancas e pernas. A duração do banho varia de 30 minutos a uma hora consoante o caso concreto e a tolerância do procedimento pelo doente.

7. Decocto de rizomas de bergénia: deitar um copo de água a ferver sobre 10 g de rizomas de bergénia triturados, ferver meia hora em banho-maria, coar quente e arrefecer. Usar para irrigações diárias.

8. Decocto de camomila, casca de carvalho, potentilha, malva e erva-de-passarinho: misturar 20 g de flores de camomila, 10 g de casca de carvalho, 10 g de raiz de potentilha, 30 g de folha de malva e 50 g de erva-de-passarinho. Deitar 1 l de água sobre 2 colheres de sopa desta mistura e ferver 15 minutos. Aplicar em irrigações e tamponamentos quando aparecem corrimentos.

9. Decocto de milefólio, sálvia, alecrim e casca de carvalho: misturar 20 g de erva de milefólio, 20 g de folhas de sálvia, 20 g de folhas de alecrim e 40 g de casca de carvalho. Cobrir esta mistura com 3 l de água, ferver meia hora em banho-maria e coar. Fazer diariamente 2 irrigações vaginais.

10. Infusão de flores de calêndula: deitar um copo de água a ferver sobre 3 g de flores de calêndula. Deixar em infusão uma hora e coar. Usar para irrigações diárias.

11. Infusão de urtiga, hipericão, visco, carvalho, camomila, rosa e pulmonária: misturar 10 g de urtiga, 10 g de erva de hipericão,

5 g de visco, 5 g de casca de carvalho, 5 g de flores de camomila, 5 g de pétalas de rosa e 5 g de raiz de pulmonária. Cobrir esta mistura com 1,5 l de água a ferver e ferver em banho-maria 20 minutos. Deixar em infusão meia hora. Fazer irrigações quentes 2 vezes por dia.

12. Infusão de várias ervas: misturar 20 g de casca de carvalho, 20 g de folhas de margaridas, 20 g de erva de visco, 20 g de urtiga, 10 g de bolsa-de-pastor e 10 g de pimenta-d'água. Deitar 1 l de água a ferver sobre 2 colheres de sopa desta mistura. Deixar em infusão 2-3 horas. Usar quente para irrigações. Fazer irrigações 3-4 vezes por dia.

13. Sumo de urtiga: dissolver uma colher de chá de sumo de folhas frescas de urtiga em 1/4 de copo de água. Beber esta dose 3 vezes por dia, 20 minutos antes das refeições.

14. Decocto de erva de hipericão: deitar um copo de água a ferver sobre uma colher de sopa de erva de hipericão e ferver 15 minutos em lume brando, coar. Beber durante uma semana, 1/4 de copo 3 vezes por dia.

15. Decocto de flores de viburno: deitar um copo de água a ferver sobre uma colher de sopa de flores de viburno e ferver 10 minutos. Beber durante 2 semanas, uma colher de sopa 3 vezes por dia.

16. Infusão de erva-de-passarinho, cavalinha-dos-campos, centáurea-menor e potentilha-dos-gansos: misturar 10 g de erva-de-passarinho, 10 g de erva de cavalinha-dos-campos, 30 g de erva de centáurea-menor e 50 g de erva de potentilha-dos-gansos. Deitar um copo de água a ferver sobre uma colher de sopa desta mistura. Deixar em infusão uma hora e coar. Beber aos goles ao longo do dia.

17. Tintura de raiz de alcaçuz: cobrir 100 g de raízes secas trituradas de alcaçuz com 0,5 l de vodca. Deixar em infusão um mês, agitando periodicamente o conteúdo, coar e espremer o resto. Tomar por via oral 30 gotas 2 vezes por dia – ao meio-dia e à noite – em inflamação dos ovários.

18. Chá de bagas de viburno: deitar um copo de água a ferver sobre uma colher de sopa de bagas de viburno, deixar em infusão e coar. Tomar por via oral 1/4 de copo 4 vezes por dia, meia hora antes das refeições, em inflamações dos órgãos genitais femininos.

19. Antes do tratamento deve limpar-se primeiro o intestino, mas não com óleo de rícino, e permanecer o mais possível na cama, especialmente se houver febre. Colocar saco de gelo no ventre.

20. De inflamação aguda não é tão difícil livrar-se, basta tratar-se cuidadosamente, mas a crónica apenas se pode atenuar, pois em caso favorável, por exemplo constipação, volta a manifestar-se. Em inflamação crónica o melhor são banhos de lama. Às mulheres são úteis irrigações quentes e abstinência completa de relações sexuais até desaparecerem as dores.

TERÇOL

1. Na medicina popular búlgara para tratar terçol usam-se desde há muito cataplasmas contínuas de gordura derretida ou farinha de cevada com resina de férula ou pão quente.

2. Útil também cataplasma de azeite ou água onde se tenha fervido cevada.

3. Como o terçol surge geralmente em resultado de enfraquecimento das defesas do organismo, comer mais legumes e frutas (especialmente úteis neste caso groselha, morangueiro, rosa-brava e cenoura) e beber sumos.

4. Fazer compressas com infusão de tanchagem no olho doente 4-6 vezes por dia: deitar um copo de água a ferver sobre 3 colheres de sopa de erva seca de tanchagem. Deixar em infusão embrulhado e coar.

5. Compressas com infusão de aloé: triturar uma folha média de aloé (5 g) e cobrir com um copo de água fria. Deixar em infusão 6 horas e depois coar. Fazer compressas no olho doente.

6. Compressas e lavagens com infusão de bétula: deitar um copo de água a ferver sobre uma colher de chá de gomos de bétula

(ou 2 colheres de sopa de folhas). Deixar em lume brando meia hora. Fazer compressas e lavagens 4-6 vezes por dia.

7. Compressas e lavagens com infusão de cerejeira-brava: deitar um copo de água a ferver sobre uma colher de sopa de flores secas de cerejeira-brava. Deixar em infusão e coar. Fazer compressas e lavagens no olho doente. (Em vez de flores de cerejeira-brava podem usar-se folhas ou rebentos de alecrim-dos-pântanos ou flores de calêndula – modo de preparação e aplicação o mesmo.)

8. A medicina popular recomenda também o seguinte remédio. Para livrar-se de terçol na pálpebra aquecer numa frigideira semente de linhaça, deitar num lenço e fazer nó; com este nó aquecer o local doente. Em terçol pode também aplicar-se na pálpebra lenço molhado em iogurte natural.

9. Assim que sentir desconforto no olho que indique o aparecimento de terçol deve começar imediatamente a aplicar algodão quente no olho ou compressa aquecedora com solução fraca de camomila. Isto ajuda o terçol a resolver-se ou acelera a saída do pus.

10. Untar a pálpebra com dente de alho cru descascado, fazer isto durante 2-3 dias.

11. Quando o vidro da janela do quarto ficar muito embaciado tirar esse «suor» com dedo limpo e untar com ele a pálpebra doente. Fazer isto 2-3 vezes.

12. Atar com linha de lã vermelha o pulso do braço do lado oposto ao onde está o terçol.

13. Atar um pedacinho de enxofre combustível num pano de lã e pendurar ao pescoço de modo a ficar no peito onde normalmente se usa a cruz; passadas 24 horas não ficará rasto do terçol.

PRÁTICAS ESPIRITUAIS DE VANGA

Vanga afirmava: em qualquer idade o uso que o ser humano faz do seu corpo e mente constitui apenas uma parte muito pequena das possibilidades existentes. Estas potencialidades estão fechadas para as pessoas que mal conseguem sobreviver até aos sessenta e cinco anos. Por isso é extremamente importante começar conscientemente a desenvolver as

suas capacidades, libertando-se das expectativas geralmente aceites na sociedade e perseguindo o objetivo de se tornar criador.

Sentem-se mais frequentemente diminuídos, afastados do fluxo principal de atividade e dos valores sociais aqueles que não têm um ideal concreto positivo da fase da vida em que se encontram. Para ajudar estas pessoas a criar a sua própria vida ideal Vanga propunha dez chaves de criatividade ativa, que podem tornar-se ideais práticos a seguir todos os dias.

1. Escute a sabedoria do seu corpo, que se exprime em sinais de conforto e desconforto. Ao escolher o seu comportamento pergunte ao seu organismo: «Gostas disto?» Se ele enviar sinais de mal-estar físico ou emocional, pare. Se o sinal for de conforto – aja.

2. Viva no presente, pois é o único momento que tem. Aceite o que lhe chega, total e completamente. O presente é como deve ser. Reflete as grandes leis da Natureza. Não lute contra a ordem infinita das coisas, antes esteja de acordo com ela.

3. Encontre tempo para o silêncio, para a meditação, para o apaziguamento, para o diálogo interior. No momento de silêncio tome consciência de que está a restaurar a sua fonte de consciência pura. Preste atenção à sua vida interior para que nas questões – o que é bom e o que é mau – o guie a intuição e não as representações impostas de fora.

4. Livre-se da sua necessidade de aprovação externa. Você é o único juiz de si mesmo e o seu objetivo é manifestar a dignidade infinita independentemente do que alguém pense de si. Nesta compreensão reside a grande liberdade.

5. Quando vir que reage com raiva ou protesto a uma pessoa ou circunstância, tome consciência de que está apenas a lutar consigo mesmo. A resistência é um modo de defesa criado por ofensas passadas. Quando se livrar de tal raiva curar-se-á a si mesmo e fundir-se-á no fluxo do Universo.

6. Saiba que a palavra «lá» reflete a sua realidade «aqui». As pessoas a quem reagiu especialmente forte, com amor ou com raiva, são reflexo do seu mundo interior. O que mais odeia é o que

mais nega em si mesmo. E o que mais ama é o que mais deseja em si. Use o «espelho das relações» para direcionar a sua evolução. O objetivo é o autoconhecimento completo. Quando o alcançar totalmente, o que mais deseja aparecerá automaticamente e o que menos gosta desaparecerá.

7. Abandone o fardo de julgar – imediatamente sentir-se-á muito mais leve. Julgar impõe a decisão do que é certo e errado em relação a situações que já existem. Tudo pode compreender-se e perdoar-se, mas quando julga corta a compreensão e fecha o processo de aprendizagem do amor. Julgando os outros reflete a ausência de autoaprovação própria. Lembre-se de que cada pessoa que perdoa acrescenta amor a si mesmo.

8. Não contamine o seu organismo com venenos, seja através da comida, da água ou de emoções tóxicas. O seu organismo é mais do que um simples sistema de manutenção da vida. É a carruagem que o conduz pelo caminho da sua evolução. A saúde de cada célula contribui diretamente para a sua saúde geral, pois cada célula é um ponto de criação nesse campo de criação que é você.

9. Substitua o comportamento motivado pelo medo por comportamento baseado no amor. O medo é produto da memória do passado. Recordando o que lhe causou dor anteriormente, dirigimos a nossa energia para que não se repita. Mas as tentativas de impor o presente ao passado nunca eliminarão a ameaça de nova dor. Isto só acontecerá quando encontrar a segurança do seu próprio ser, que é o amor. Guiado pela verdade dentro de si, pode enfrentar qualquer ameaça, pois então a sua força interior não está sujeita ao medo.

10. Compreenda que o mundo físico é apenas um espelho que reflete a mente profunda. A mente é a força organizadora invisível de toda a matéria e energia, e como uma partícula desta mente está dentro de si, participa na força organizadora do cosmos. Como está inseparavelmente ligado a tudo, não pode permitir-se contaminar o ar do planeta. Mas a um nível mais profundo, também não pode permitir-se viver com um intelecto tóxico, pois cada pensamento reflete-se no campo da mente. O bem supremo para si e para a Terra é viver em equilíbrio e pureza.

A vida é criatividade. Existem muitos níveis de criação e, por isso, muitos níveis de possibilidades criativas. Ser completamente amoroso, não julgador e autoaprovador é um objetivo elevado.

Vanga considerava que, além da saúde física, é sobretudo importante preservar a saúde da alma. Nisto ajudava as pessoas...

CAPÍTULO 6.

INVESTIGAÇÕES DO «FENÓMENO VANGA»

Os cientistas investigaram cuidadosamente o «fenómeno Vanga» durante quase três décadas, até à morte da vidente, penetrando cada vez mais profundamente no mundo do verdadeiro conhecimento. Além disso, os familiares da profetisa observaram-na ainda mais tempo – quase cinquenta anos. Todas as suas palavras, conselhos e recomendações eram registados e depois verificados. Graças aos esforços conjuntos de cientistas e familiares acumulou-se riquíssimo material que exige reflexão, não só científica mas também moral.

Deve dizer-se que até meados dos anos 60 do século XX Vanga tinha ainda uma notoriedade bastante local. Vinham pedir-lhe ajuda principalmente os habitantes da cidade de Petrich e da vizinha Jugoslávia.

Contudo, já no início dos anos 70 surgiu uma espécie de boom. Nesses anos Vanga ajudava milhares de pessoas que vinham ter com ela de muitos países do mundo. Entre elas havia políticos importantes, escritores e cientistas.

Mas não eram eles, mas pessoas simples, provincianas, que durante meses faziam fila para serem recebidas pela vidente. Nesses anos, num dia normal de consultas, trabalhavam duas equipas de guarda-costas – tal era a carga que ela suportava. (Em alguns dias especialmente «frutíferos» recebia então até 180 pessoas.) Segundo dados publicados, só em 1976 visitaram Vanga 102 mil pessoas.

Parte da direção búlgara e a comunidade científica (sobretudo psiquiatras e psicólogos) reconheceram finalmente que as capacidades excecionais da vidente mereciam atenção.

Mas já muito antes deste reconhecimento, desde o final dos anos 60, alguns cientistas búlgaros começaram a estudá-la atentamente (e nisto reside o seu grande mérito). Chegaram mesmo a contratá-la como investigadora no Instituto de Sugestologia. (Verdade que mais tarde alguns colaboradores do instituto negaram este facto. Contudo, que Vanga tenha sido investigadora não oferece dúvidas, muitos factos o confirmam. E ela própria dizia que «entrou ao serviço do Estado» e até indicava a data exata do «contrato» – 3 de outubro de 1967.)

Entretanto, as investigações do «fenómeno Vanga» continuaram. O professor Georgi Lozanov, sob cuja direção se encontrava então o Instituto de Sugestologia, realizou um inquérito sociológico em grande escala a sete mil dos seus visitantes, provando que em setenta por cento dos casos as previsões de Vanga se cumpriam. (Pensa-se que esta percentagem era ainda mais alta, pois muitas vezes ela não explicava as suas palavras. Por vezes nem ela própria compreendia o seu significado – a Verdade chegava a Vanga por caminhos que só ela conhecia. Além disso a vida continua e o que ainda não se cumpriu pode realizar-se no futuro.)

Sobre Vanga foi publicado um livro nos EUA (verdade que, dizem, pouco conseguido).

A realizadora da produtora «Ekran» Nevena Tosheva fez sobre ela uma longa-metragem documental que se chama precisamente «O Fenómeno Vanga».

E ao mesmo tempo começaram a aparecer na imprensa artigos, para dizer o mínimo, críticos. Os fiéis seguidores da visão materialista do mundo, que inscreveram nas suas bandeiras desgastadas em batalhas ideológicas o lema do imortal herói de Chekhov: «Isto não pode ser, porque nunca pode ser», tentavam simplesmente afastar a vidente cega.

O porta-voz da atitude cética ao «fenómeno Vanga» tornou-se o professor de medicina legal Ivan Popvasilev (membro do Comité Central, a quem inculcavam a ideia de diversão ideológica). Chamava a Vanga «uma velha comum a quem os jornalistas deram o estatuto de adivinha». Dizia que «a vidente fala de forma vaga e por isso há «acertos». E alguns especialistas búlgaros em psiquiatria começaram mesmo a afirmar que «a adivinha cega dispõe de toda uma rede de informadores destinada a obter a informação de que necessita».

A única discussão aberta entre cientistas sobre Vanga realizou-se no final dos anos 70. Eis apenas algumas das declarações então feitas. «Ou Vanga usa a confiança das pessoas para os seus fins, ou é realmente vidente». «Vanga aprendeu excelentemente a usar a sua memória e perspicácia. E isto é estimulado pela enorme fé das pessoas». «Num país tão desenvolvido como a Bulgária chegamos ao ponto de organizar uma discussão sobre Vanga. Isto é uma espécie de psicose nacional e não tem nada a ver com a filosofia marxista-leninista». «Se ela afirma que fala com mortos e animais – está doente». «O fenómeno Vanga não existe». «A propaganda de Vanga é prejudicial». «Ela desempenha um importante papel social: faz bem às pessoas, tenta ajudá-las». Resumindo a discussão, o parapsicólogo búlgaro professor Nikola Shipkovensky expressou a opinião que ainda hoje predomina na Bulgária: «Não podemos provar este fenómeno, mas também não podemos negá-lo».

Um dos primeiros cientistas que procurou abordar de forma imparcial a avaliação do dom de vidência de Vanga foi o professor Velichko Dobriyanov. Realizou investigações do «fenómeno Vanga» pelo método quantitativo. Durante as suas investigações o cientista registava em protocolo todas as conversas com Vanga e fazia numerosas gravações em cassete. (Foi precisamente durante estas conversas que Vanga permitiu pela primeira vez ligar o gravador.) Alguns anos após as investigações realizadas Velichko Dobriyanov publicou um livro em que analisa os protocolos e as suas numerosas gravações. O livro chama-se «Investigação quantitativa do “fenómeno Vanga”».

Eis alguns dados deste livro relativos à metodologia da investigação e aos modos de avaliação dos materiais experimentais.

No total, em 18 sessões (conversas de Vanga com 18 visitantes) foram registadas 823 mensagens, das quais 445 verdadeiras (segundo a avaliação de Dobriyanov), 288 alternativas e 90 erradas. Com base nestes dados calculou-se o coeficiente generalizado de comunicação telepática – CTC. Em média é de 0,716 com oscilações de 0,646 a 0,843. Se todas as mensagens fossem verdadeiras o CTC = 1,0 e se todas fossem falsas CTC = 0.

Para avaliar o significado do valor do CTC note-se os resultados de dois experimentos especiais. Neles, em vez de Vanga, conversaram com os

visitantes duas mulheres, com visão e com «experiência de adivinhas», mas sem as capacidades de Vanga. Nelas o CTC foi de 0,260 e 0,230.

O CTC mais elevado em Vanga ocorre em conversas sobre temas familiares e médicos, especialmente quando se fala da morte de pessoas próximas do interlocutor.

Deve acrescentar-se também que os protocolos das conversas de Vanga constituem documentos humanos interessantíssimos!

Sempre que possível V. Dobriyanov procura confirmações documentais das mensagens de Vanga. Assim, por exemplo, Vanga afirmava que o marido de uma visitante morrera após o terceiro enfarte. Três anos depois o professor Dobriyanov consultou o protocolo da autópsia, que confirmou esta mensagem.

Muito interessantes são as conversas com «mentirosos» – pessoas que o professor preparou conscientemente para enganar Vanga. Nos três casos Vanga desmascarou-os com segurança e surpreendente rapidez. Assim, por exemplo, uma importante figura política desde as primeiras réplicas faz-se passar por vendedor de vinho. Vanga diz-lhe imediatamente: «Tu não serves para o comércio!» e ao longo da conversa sublinha várias vezes que «não gosta do seu trabalho» e que ele «tem de falar com as pessoas» (o que, na verdade, ele faz profissionalmente!).

O professor Dobriyanov analisa aprofundadamente os protocolos e gravações. Chega à conclusão de que Vanga «pode realizar comunicação telepática mesmo sem perguntas indutoras, as suas mensagens telepáticas corretas não são simplesmente produto de combinação de perguntas».

«Quem sabe – escreve V. Dobriyanov – talvez a telepatia seja uma espécie de atavismo que a evolução da história pré-humana nos deixou em herança! Afinal, nos seres vivos observa-se hoje uma multitude de formas diversas de comunicação, a maioria das quais não estudadas e as estudadas revelam uma «sabedoria» (finalidade) espantosa da evolução da matéria!»

Não nos damos conta de que basta ao homem elevar-se um pouco para ver a habitual futilidade da vida. Este estado corresponde à segunda fase da consciência – RAZÃO ILUMINADA.

À RAZÃO ILUMINADA chegam as pessoas de arte e simplesmente as pessoas inclinadas para a criatividade, dotadas de sentido subtil de

perceção do belo. Um exemplo brilhante disto é a imagem da cega Vanga, na vida da qual não havia «nada de especial» (segundo testemunho da sua sobrinha), mas – é uma verdadeira mulher-milagre, aureolada por algo que parece extraterreno e cósmico, mas que existe realmente ao nosso lado.

«… Ela vivia em plena harmonia e consonância com a natureza – escreve K. Stoyanova – era verdadeiramente parte dela. Por isso a natureza soava tão claramente para ela e falava com ela. Com os seus órgãos dos sentidos perfeitos podia receber mensagens de tudo o que a rodeava: das ervas e árvores, pedras e aves, do Cosmos, do passado e do futuro…»

Vanga tinha perceção aguçada de tudo o que é belo. Possuía ouvido musical perfeito e aprendeu bastante depressa a tocar piano (na Casa dos Cegos).

…A música como que a transportava para os seus lugares nativos, onde verdejavam os campos e o sol brilhava intensamente, para o pátio junto à casa, onde era tão divertido quando as crianças se reuniam e jogavam às apanhadas ou ela lhes contava as suas histórias. E esta melodia alegre lembrava o gorgolejar do rio Trakayda, que corria não longe da sua pequena cidade…

A iluminação da mente surge muitas vezes quando a pessoa se encontra numa sala de filarmónica num concerto de música sinfónica, ouve o som de um coro antigo ou verdadeira poesia ou se encontra sob a abóbada sonora de uma igreja: nessa pessoa a comunicação com a natureza está cheia de profundo sentido.

Esta iluminação está ligada à abertura parcial do canal interior – o «terceiro olho», que nas pessoas está normalmente fechado por uma cortina densa da razão.

Isto é também próprio das pessoas que encontraram em si forças e desejo de não se afundarem no quotidiano e no materialismo, mas de se elevarem acima deles, como acima de qualquer situação da vida, o que a sábia pitonisa Vanga sabia fazer. Não gostava da vida urbana, que gera vícios, amava a aldeia, as montanhas, a vida natural, o patriarcalismo e a simplicidade, de que ainda Rousseau tinha inveja.

Não a comoviam os valores materiais, apreciava os objetos pela beleza e o trabalho neles investido. Nas pessoas Vanga valorizava acima de

tudo a bondade, sinceridade, desinteresse e laboriosidade. Às pessoas que vinham ter com ela dizia muitas vezes:

«… Não procureis enriquecer com as minhas coisas, o meu nome, a minha autoridade e o meu dom, porque eles vieram até mim por causa das desgraças humanas e quem vier ter comigo com coração impuro, com pensamentos e objetivos interesseiros, as desgraças humanas persegui-lo-ão e castigá-lo-ão duramente. Vinde ter comigo como verdadeiros amigos, por mim mesma, e eu responder-vos-ei com a minha amizade…»

Se as pessoas soubessem aceitar as provações da vida como uma dada, soubessem elevar-se acima da futilidade da vida – veriam imediatamente as causas que levaram à situação dada: então desapareceriam os stresses e a falta de saída.

A razão iluminada proporciona ao homem já uma experiência maravilhosa. Nos momentos em que o canal intuitivo está aberto e o divagar da razão está suspenso, a pessoa experimenta sensações espantosas de união com a natureza – nela desenvolvem-se sentimentos de compaixão pela natureza, pelos amigos e até pelos inimigos. E então notará a consequência espantosa do crescimento da sua espiritualidade – proteção contra doenças e infortúnios.

O nível da RAZÃO INTUITIVA é atingido por muito poucas pessoas: só é possível com renúncia completa ao materialismo, aos anseios egoístas, com visão do mundo apaziguada e alegre e repouso perfeito da razão. Na consciência intuitiva a nossa razão lógica de cético, de niilista – de obstáculo – transforma-se num assistente espantoso na realização dos algoritmos sugeridos pela intuição. Num determinado momento da vida da pessoa espera-a o encontro com o Guia, após o qual a vida se transforma num processo criativo contínuo.

A estas «muito poucas pessoas» pode incluir-se em pleno direito Vanga. Basta recordar o seu «encontro» com o cavaleiro, que deu início à sua comunicação com as Forças Superiores:

«… Estarei ao teu lado, dir-te-ei o que prever às pessoas!..»

Evidentemente, o cavaleiro era o seu Guia, que ao longo da vida posterior da vidente Vanga aparecia a ela em diferentes imagens.

Em primeiro lugar, o pensamento intuitivo permite-nos comunicar diretamente com a Razão universal ou campo informacional e obter daí informação em função do contorno de sintonia formado pela nossa consciência.

Em segundo lugar, a voz da intuição que subtil e corretamente nos sugere a solução de problemas ou simplesmente aconselha em situações da vida – é a voz do Guia, o que significa que ele existe em cada um, pois a intuição é dada a todos.

E finalmente, terceiro e último: a intuição – voz e mão do Guia – orienta-nos sempre para o caminho verdadeiro. Cada pessoa tem a sua linha de vida mundial. Recordemos o modelo vertical proposto acima: na fase da razão intuitiva você encontra-se continuamente no seu caminho e, naturalmente, percebe a vida como sorte contínua.

Pode um mortal comum atingir a fase superior da consciência – SUPERCONSCIÊNCIA? Respondendo a esta pergunta, o grande filósofo indiano desenvolveu uma teoria bastante extensa e complexa, na qual não é possível aprofundar, pois é tema de conversa à parte.

Basta dizer que para Sri Aurobindo a superconsciência é a fusão da consciência com algo absoluto, que permite entrar em contacto com a Razão Cósmica Superior.

O filósofo considerava que tais capacidades e possibilidades excecionais possuíam apenas os grandes Iniciados: Rama, Krishna, Moisés, Platão, Pitágoras, Jesus e todos os budas, Helena e Nikolai Roerich e outros.

A esta lista deve acrescentar-se com plena segurança mais um nome – A GRANDE VANGA.

CAPÍTULO 7

CONVERSAS COM VANGA

«Mesmo que ela nada te sugira, basta simplesmente ir ter com ela pedir conselho, porque ela lê o livro da vida» – assim disse sobre Vanga um dos seus visitantes. A cega Vanga é fonte inesgotável de sabedoria, preceitos de vida e regras, que ela própria seguia de forma inabalável e rigorosa. Sabia expressar os seus pensamentos de forma clara e límpida, quase poeticamente.

Imaginemos por um instante o que ela nos poderia contar se fosse uma pessoa altamente culta e erudita…

Mas, evidentemente, ELA foi-nos enviada de CIMA e é necessária tal como é…

Vanga sublinhava muitas vezes que ninguém tem o direito de viver na Terra uma vida sem sentido, vazia. Queimar, desperdiçar a vida em pequenos afazeres e disputas fúteis é um dos crimes mais terríveis perante a Razão Cósmica, «culpada» do nascimento da nossa civilização, que observa incessantemente o seu desenvolvimento…

Ela dizia:

«… Se olharmos para o homem de cima como parte do enorme Universo – o homem não é nada. É um grão de areia insignificante perdido na infinitude, mas carregado de centelha divina. Por isso muitas vezes supera as suas possibilidades: procura continuamente, arrisca, investiga, desvenda os mistérios do ser, faz descobertas incríveis. Já dirigiu decididamente o olhar para o céu e não tem medo de lhe lançar o desafio…»

Com estas palavras Vanga como que reconhece que a RAZÃO humana se aperfeiçoa e, saindo do «berço da infância», aspira ao conhecimento do absoluto espiritual – das Forças Cósmicas Superiores. Aspirando a isto, a RAZÃO humana aproximar-se-á gradualmente da fase superior de desenvolvimento da consciência – SUPERRAZÃO e, portanto, adquirirá capacidade de perceção suprasensorial.

A sábia Vanga considerava que para isto é sobretudo IMPORTANTE PRESERVAR A SAÚDE ESPIRITUAL.

… Qualquer ser vivo, toda a Terra e todo o Universo obedecem à harmonia, a um ritmo e ordem cósmicos rigorosamente determinados e a sua violação mesmo no grau mais insignificante leva a erros grandes, quase fatais, pelos quais se tem de pagar muito caro…

Vanga sublinhava sempre que SER BOM é necessário para não violar a harmonia do Universo, para viver em consonância com esta harmonia.

Tomemos como exemplo uma árvore. Chega a primavera e cobre-se de flores, mas nem todas dão fruto, muitas flores são estéreis. O bom dono corta esta árvore e diz: «Dela não há proveito!» Mas as pessoas não têm o direito de serem inúteis e não trazerem benefício, porque qualquer pessoa – por mais que seja – veio à Terra com determinada missão: preservar a Vida em todas as suas manifestações para poder desenvolver-se em nome de fins superiores que as pessoas ainda desconhecem. Têm elas o direito de negligenciar esta enorme responsabilidade quando dão rédea solta a propriedades negativas e por este motivo atrasam o desenvolvimento do progresso.

Uma vez K. Stoyanova perguntou a Vanga:

«– O que é afinal o homem?

Vanga riu-se:

– Nesta pergunta está contida também a resposta! O homem é um ser vaidoso que tudo investiga, observa tudo, procura continuamente algo e nunca encontra…»

Vanga refletia muitas vezes com a sobrinha sobre a vida: «Vivemos tempos difíceis. As pessoas não têm nada em comum entre si. As mães dão à luz filhos mas não têm leite para os alimentar. Dizem que é por causa dos nervos. Mas não é assim. Simplesmente os filhos não têm nada em comum com as mães, nada além de terem sido gerados por elas. Os filhos não recebem das mães nem leite nem calor. Muito pequenos entregam-nos às creches, à noite deitam-nos separados delas, as crianças raramente veem um sorriso no rosto da mãe. As mães estão descontentes porque os maridos não as respeitam o suficiente. E os maridos consideram que casaram apenas por necessidade, porque assim é costume. Os idosos estão descontentes porque os jovens não os respeitam. Ninguém é próximo de ninguém. As pessoas interessam-se agora apenas por dinheiro. Pensam que se tiverem

dinheiro tudo estará bem. Não sabem que num belo dia esse dinheiro deixará de lhes fazer falta…

– Não te aborreces com todas estas pessoas que vêm todos os dias?

– Não – responde ela – aborrecem-me apenas as velhinhas que ouvem mal. Repetes-lhes, repetes e elas voltam outra vez e pedem: «Diz outra vez!» – E o que mais me irrita são as mulheres que procuram homens:

– Diz-me, encontrarei um amigo?

– Não – digo – fica em casa e aguenta o marido.

– Não consigo aguentá-lo e tenho direito à felicidade!

Que sentido põem elas na palavra «felicidade»?

…Provavelmente, sob «felicidade» as pessoas entendem que tudo esteja em perfeita ordem e não haja problemas. Mas assim não acontece. Não há pessoa nascida apenas para a felicidade. Um é excelente trabalhador mas não tem sorte na família, outro tem tudo em ordem mas não tem saúde, um terceiro é saudável mas os filhos adoecem etc. Em toda a pessoa há bem e mal. Assim está construído o mundo. Possivelmente, A RAIZ DA FELICIDADE ESTÁ NA PACIÊNCIA DO HOMEM…»

Vanga diagnosticava com muita precisão médica e dava conselhos. E por vezes determinava as causas das doenças no plano moral e ético. São reveladoras as seguintes histórias.

Uma vez Lyubka pediu à irmã que recebesse uma amiga sua que, segundo ela, estava gravemente doente. Mas Vanga cortou:

– Não, ela não está nada doente, mas a sua paixão por carros, apartamentos e dachas é desmedida e a avareza destruí-la-á. Esta é a sua doença, da qual não conheço remédio!

Uma vez vieram ter com Vanga dois esposos idosos de uma pequena aldeia de Pleven para consultar as suas tristezas e doenças.

E de repente Vanga, dirigindo-se ao velho, perguntou:

– Não te esqueceste da corda?

O velho não percebeu do que se tratava, mas a mulher lembrou-se imediatamente da infeliz corda e contou o seguinte…

Quando os esposos eram jovens e saudáveis, cultivavam uma grande horta onde plantavam melancias. Vendendo-as, ganhavam muito dinheiro. Uma vez, com esse fim, foram ao mercado numa carroça carregada de melancias. Um rapazinho aproximou-se por trás e roubou uma melancia. O marido enfureceu-se e, agarrando uma corda que lhe veio à mão, bateu cruelmente no rapaz. A mulher mal conseguiu arrancar o menino das mãos do marido enfurecido.

— Pela tua crueldade estás agora a pagar — disse Vanga. — Quanto terias ganhado com aquela melancia?...

Uma vez veio ter com Vanga um camponês que se queixava de que os filhos não viviam. Teve treze e todos morreram pequenos (o último morreu aos doze anos). Tanto o camponês como a mulher tinham consultado várias vezes médicos. Estes consideravam que a culpa era da mãe, que contagiara os filhos com tuberculose ainda no útero. Vanga deu outra explicação. Lembrou ao visitante que, quando ainda era jovem, ofendera cruelmente a mãe. Esta já era idosa e engravidou de repente. O filho envergonhava-se disso, era jovem e estúpido. Uma vez enfureceu-se tanto que bateu cruelmente na mãe. Tanto a mãe como a criança morreram. O jovem sofreu um pouco — e esqueceu. Mas ALGUÉM não esqueceu. Vanga disse ao camponês que a natureza era tão impiedosa com a sua descendência porque ele ofendera a própria Vida. Lembrou-lhe uma série de pormenores que ninguém conhecia além dele.

Uma das videntes mais conhecidas da história do século XX, Vanga Dimitrova, teve a sorte de nascer na Bulgária — país que teve a sabedoria de reconhecer e apoiar o seu dom único.

Na aldeia de Petrich, situada nas encostas das colinas, não longe da fronteira com a Macedónia, foi até construído um hotel para receber milhares de pessoas que vinham de todo o mundo ouvir a sua verdade sobre o passado e o futuro, sobre si próprios ou os seus entes queridos. Investigadores observaram durante anos as suas reações e contactos com as pessoas. Tiraram centenas de fotografias e registaram milhares de previsões, histórias e factos verídicos, mas não conseguiram ir mais longe. Vanga trouxe ao mundo conhecimento secreto sobre o tempo e sobre coisas que para nós estão fechadas e levou esse segredo consigo, deixando-nos o sentimento de admiração mística; a triste consciência da limitação da nossa

existência entre o passado, que escorre da memória como areia, e o futuro, para o qual a maioria de nós prefere não olhar.

O nosso livro baseia-se em factos recolhidos e estudados por laboratórios científicos canadenses e búlgaros; em conversas com alguns daqueles que vinham ter com ela, como os antigos gregos vinham ao Oráculo de Delfos ou os romanos à Sibila de Cumas.

Incluindo — nos relatos da parapsicóloga russa B. Zolotova, cujo filho Vanga foi madrinha. Eis algumas dessas histórias.

«… Vivíamos em Sófia e o meu pai era médico e materialista convicto. Decidiu encontrar-se com Vanga para mais uma vez convencer-se de que todas as histórias ligadas a ela eram contos e invenções. Assim, veio a Petrich e entrou no pátio cheio de pessoas que esperavam há muito na fila. Pouco depois apareceu à porta uma mulher estranha e feia que o chamou pelo diminutivo com que os pais o tratavam. Foi tão inesperado que ele a princípio não acreditou que fosse para ele e ela chamou-o outra vez.

Contou-lhe em pormenor a sua vida passada e presente, sobre as suas duas mulheres anteriores, mencionando detalhes que ninguém podia saber. Depois Vanga ensombrou-se e passou ao futuro. Disse que o pai morreria daqui a 14 anos de cancro, que o meu irmão morreria aos 20 anos num acidente; que os meus dois casamentos se desfariam e eu ficaria com uma criança pequena nos braços.

Todas as previsões mais tristes cumpriram-se ano a ano: a morte do pai de cancro, a morte do irmão debaixo de um elétrico e o meu destino de mãe solteira…»

Parece que «espreitar» o passado e o futuro das outras pessoas trazia à própria Vanga mais tristeza do que satisfação. Durante toda a sua longa vida uma força desconhecida como que a empurrava e guiava, obrigando-a a ler em voz alta os destinos alheios. Não podia deixar de dizer à pessoa que vinha ter com ela aquilo que via, por mais cruel que fosse essa verdade. Mas também trazia boas notícias e isso fazia-a feliz. Os conterrâneos recordam que nos anos da Segunda Guerra Mundial Vanga apoiou muitas pessoas que vinham saber dos destinos dos seus entes queridos desaparecidos sem rasto. Um camponês da aldeia vizinha pediu-lhe que dissesse algo sobre o destino do irmão de 15 anos que saíra de casa para

sempre há 20 anos. «Ele está vivo e todos estes anos viveu na Rússia, lutou no Exército Vermelho — disse Vanga. Agora está num campo de concentração, prisioneiro dos alemães. A guerra acabará e ele voltará para casa; trará roupa cinzenta de campo e nas mãos — duas malas.» Assim ela viu o destino de uma pessoa distante e desconhecida, através do tempo e do espaço — com precisão «até às duas malas» — assim ele voltou para casa.

Mas também acontecia de outra forma. Uma família camponesa desesperada veio pedir ajuda para encontrar a filha desaparecida. «Ela está no fundo do lago, suicidou-se» — disse Vanga baixinho.

«… Vivíamos na mesma aldeia que Vanga — recorda o búlgaro S. Vasilev. — No inverno de 44, quando eu e o meu irmão decidimos juntar-nos aos partisans, fomos despedir-nos dela. Ao ouvir-nos, chorou e disse ao meu irmão: «Tu morrerás aos 23 anos». O irmão enfureceu-se e gritou: «Não acredito numa única palavra tua». Meio ano depois participou na destruição de uma ponte perto da aldeia de Foksa, foi ferido e caiu prisioneiro dos SS com três camaradas. Fuzilaram-nos publicamente junto à igreja, na praça. Foi a 8 de agosto de 1944. Nesse dia ele fez 23 anos…»

O conhecimento não apenas do futuro mas da data exata — do dia da morte do interlocutor — é um dos enigmas mais assustadores de Vanga. Dificilmente alguém quer ouvir tal coisa, mas, vendo algo, ela não pode deixar de o dizer, por mais que se aflija; como se sobre ela pesasse alguma lei de «conservação e transmissão de informação».

O conhecido escritor búlgaro D. Dimov recorda como veio ter com Vanga para perguntar sobre ela, mas em vez de responder às suas perguntas ela contou-lhe em pormenor o conteúdo do seu último manuscrito que ainda ninguém vira. «A heroína de quem escreveste a novela é uma pessoa real — disse Vanga — e está viva, embora no fim da tua novela morra. Deixa tudo como foi na vida e o teu livro ganhará com isso. E mais. Vais fazer uma longa viagem pela Rússia. Tem cuidado — podes sofrer lá dois acidentes onde morrerão pessoas.»

Tudo o que ela previu confirmou-se depois, como se confirmaram e revelaram proféticos quase 80 % dos seus prognósticos para o futuro. Esta estatística é o resultado de investigações de muitos anos do Instituto de Sugestologia, que durante muitos anos foi dirigido pelo Dr. G. Lozanov.

«Ouvi falar de Vanga aos 12 anos — recorda Lozanov — e sonhava vê-la, como se sonha com um milagre. Mais tarde, enquanto estudava no instituto médico, o meu cepticismo, alimentado pelo materialismo dialético, crescia e eis que eu e o meu amigo, dois jovens médicos praticantes e arrogantes com as nossas grandes ideias decidimos ir «examinar» Vanga. De pé na multidão no pátio da casa dela esperámos três horas inteiras. O meu amigo entrou primeiro e ela contou-lhe em pormenor, como se lesse um questionário, sobre ele, o seu apartamento, os pais, as suas doenças, as causas da morte do pai.

«Tu e a tua mulher não conseguem ter um filho — acrescentou ela — mas este ano tudo correrá bem; daqui a um ano serás pai.»

Quando entrei na sala Vanga disse rapidamente: «Ah, és tu, sei porque vieste. És um jovem médico que tenta tratar com hipnose e vieste testar-me. Mas ainda é cedo para estares aqui. Voltarás daqui a alguns anos.» E contudo consegui convencê-la a falar de mim. E aí fiz o meu primeiro experimento sobre Vanga. Comecei a imaginar-me uma personalidade completamente diferente — com outro passado e presente, tentando colocar no seu caminho um bloco «eletromagnético» cerebral. E aparentemente consegui, porque depois de pensar Vanga disse: «Vai-te embora, não tenho nada para te dizer.»

E eu saí, não tanto triunfante quanto pensativo. Admitamos, dizia eu a mim mesmo, que o meu passado e presente Vanga «lê» no meu cérebro. Mas de onde e como lhe chega a imagem do futuro? E mesmo considerando que cada pessoa tem um destino e ele está sempre com ela, como um nimbo ou rasto energético, como consegue Vanga ver não só o destino da pessoa que está à sua frente mas também o destino dos seus filhos que estão muito longe dela?»

Uma mulher de uma aldeia macedónia cujo filho adolescente desaparecera há 22 anos e que já o considerava morto há muito veio a Vanga saber se estava mortalmente doente. Vanga tranquilizou-a e, dizendo que ficaria curada, acrescentou inesperadamente: «E o teu filho voltará em breve para ti. Anda pelas estradas com ciganos. Se chegares à aldeia até amanhã de manhã — e deu-lhe o nome — encontrá-lo-ás lá.»

E já no dia seguinte a mulher encontrou o filho que, claro, não a reconheceu, mas ela reconheceu-o.

Estas e histórias semelhantes estão documentadas em grande número por Lozanov e os seus colaboradores.

Vanga nunca se sentiu atraída pelo papel de telepata-detetive. Verdade que várias vezes, a pedido da polícia búlgara, participou na resolução de crimes, em particular indicou o paradeiro de um criminoso que tinha na consciência 7 vidas destruídas. Além disso recusava categoricamente fazer prognósticos políticos e prever destinos de líderes.

Nos anos 60 Vanga torna-se mundialmente famosa e na Bulgária vêm já não só da Europa Ocidental e Oriental mas também da Austrália, EUA e Canadá e a carga psíquica sobre Vanga aumenta bruscamente; num dia tem de receber até 50 pessoas.

Em 1966, indo contra a ideologia comunista, o governo búlgaro decide colocar o trabalho de Vanga numa base comercial. A partir de então cada estrangeiro que a visita paga 30 dólares pela consulta e cada búlgaro — 5 levs. À própria Vanga foi atribuído o estatuto de telepata e um salário de funcionário altamente pago, segundo os padrões búlgaros — 200 dólares por mês. Além disso deram-lhe duas secretárias que analisavam os «pedidos de consulta»; tudo adquiriu um tom comercial-capitalista. Quanto a Vanga, não via toda esta agitação nem em sentido direto nem figurado. Trabalhava como sempre: tratava as pessoas, via os seus destinos abertos como um leque em todas as dimensões temporais e, segundo a sua própria confissão, não lhe cabia decidir qual tempo da tríade passado-presente-futuro emergiria e se lhe abriria nesse momento; isto acontecia independentemente da sua vontade.

Chegou o tempo e cumpriu-se mais uma previsão de Vanga. O Dr. Lozanov voltou como diretor do Instituto de Sugestologia de Sófia, que se ocupava da investigação de fenómenos paranormais. Tornaram-se amigos e ele foi praticamente o único cientista-materialista com quem Vanga aceitou colaborar. Durante muitos anos contou aos investigadores sobre si e permitiu fazer experiências consigo, tentando sinceramente ajudar tanto as pessoas como a ciência. Às perguntas como recebia a informação respondia sempre simplesmente: «Vejo imagens e oiço vozes.»

Assim viveu a «baba Vanga», nascida em 1911 e tendo vivido até aos 85 anos, viajando através do tempo e dos destinos humanos.

O DISCÍPULO DE VANGA

O discípulo da vidente Vassili Varlamov de Nizhny Novgorod durante vários anos registou as profecias da sua mentora e após longo silêncio aceitou falar delas.

Em Nizhny Novgorod parece que todos sabem que aí vive um discípulo de Vanga. Mas ninguém viu as suas atuações nem nos jornais nem na televisão. Vassili trabalha num hospital militar como psicólogo — ocupa-se da reabilitação de rapazes que voltaram da Chechénia. Duas vezes por mês recebe em casa aqueles que dele precisam. Entre os seus clientes há políticos e artistas conhecidos.

«Foi em 1990 — conta Vassili Varlamov. — A Associação de curandeiros populares enviou-me estudar tratamento com ervas com curandeiros búlgaros. E no fim do curso decidi chegar até Vanga e oferecer-lhe um presente — um ícone e uma taça. Cheguei à casa e havia uma enorme fila… Nem ver Vanga a deitar num balde pedaços de açúcar que os visitantes lhe traziam (segundo a vidente, o açúcar cristalizava a energia da pessoa e, pegando nele, penetrava no mundo interior do «paciente») era realista. Mas de repente apareceu ao lado um homem que gritava: «Há aqui algum russo-extrassensorial?» Eu, por via das dúvidas, disse: «Há!» Levaram-me a Vanga. Ela pergunta em russo: «Como honrais o pacificador?» «Que pacificador?» E então percebi que se referia a Andrei Sakharov, que estava exilado em Gorky (hoje Nizhny Novgorod). Vanga apreciou que eu tivesse percebido. Falámos de Sakharov. E então ela propôs: «Queres ficar comigo?» As pernas até me fraquejaram! Nem sonhar podia com tal sorte.

Assim Vassili Varlamov tornou-se um dos ajudantes da vidente e viveu na Bulgária de 1990 a 1995.

«Não vivia em casa de Vanga — recorda Vassili Mikhailovich. — Alugava um apartamento em Rupite. Vanga enviava-me pacientes cujos problemas podia resolver um extrassensorial menos forte. Além de mim ajudavam-na mais dois extrassensoriais, um deles de Riga. Todos os dias telefonava a Vanga e, se ela tinha tempo livre, ia visitá-la.»

Segundo Varlamov, o horário diário de Vanga não mudava. A vidente levantava-se por volta das nove. Lavava-se com água do poço, tomava o pequeno-almoço com legumes ou papa de aveia e bebia sumo de bétula.

Depois recebia pacientes. Após as seis da tarde jantava — peixe cozido, ovos cozidos e legumes. Depois conversava com os próximos ou manuseava os souvenirs que lhe traziam de todos os cantos do mundo.

Vanga gostava mais de tudo de brinquedos. Toda a casa estava cheia de bonecas. Vanga acariciava-as e chorava baixinho. Muitas vezes Vanga ia fazer abluções à cascata: para restaurar as forças precisava de água «viva» e não da torneira.

«Quando Vanga entrava em êxtase profético até o ar à volta estava cheio de descargas elétricas — continua Vassili Mikhailovich. — Fui testemunha de uma das suas últimas previsões. Referia-se à própria Vanga. Já após a morte de Vanga começaram a dizer que ela supostamente previra que na Bulgária devia nascer uma menina com a sua alma. Mas não é bem assim.

Na minha presença Vanga dizia que comunicara com a alma da sua mãe falecida. E essa alma habita na catedral de Notre-Dame em Paris. A mãe disse-lhe que Vanga nasceria uma segunda vez em França. E que essa menina também terá uma deficiência física. E a data aproximada de nascimento — 2005.»

«Ela não me ensinou vidência. Como se pode aprender as coisas de que ela era capaz? Na minha presença contou a uma mulher onde morrera o sobrinho e onde estava o corpo — errou apenas numa letra de um riacho desconhecido noutro país! Há a opinião de que o fenómeno Vanga era na verdade trabalho dos serviços secretos búlgaros. Que a informação sobre os pacientes lhe era recolhida pelas empregadas de hotel etc. Mas eu não vi nem ouvi nada que pudesse confirmar tal opinião. E se assim fosse, então na consciência dos serviços secretos búlgaros estaria a perda do «Kursk». Lembram-se da sua previsão: “Kursk irá para o fundo do mar e o mundo inteiro o chorará”?»

Dois anos antes de morrer Vanga disse a Varlamov que ele já cumprira a sua missão junto dela.

«Ela disse que na minha terra precisam de mim e que junto dela «o fluxo em breve secará». Na altura não ousei perguntar o que queria dizer, mas agora compreendo que Vanga pressentia a sua morte.»

Após a morte de Vanga, jornalistas de televisão búlgaros fizeram um filme sobre ela e viajaram especialmente a Níjni Novgorod para entrevistar o seu discípulo mais próximo, Vassíli. Essas imagens entraram no filme, que agora está guardado com Varlamov.

«AGENTE DOS SERVIÇOS SECRETOS»?

Quando a notícia das capacidades únicas da «baba Vanga» ultrapassou as fronteiras da Bulgária, pessoas de diferentes países começaram a viajar até ela em busca de ajuda e conselho. A umas indicava tratamentos e explicava a causa das doenças, a outras advertia contra passos errados, a terceiras ajudava a encontrar pessoas desaparecidas. Cega, via muitas coisas – tanto no passado como no futuro. A casa da profetisa em Rupite – uma pequena localidade na junção das fronteiras búlgara, macedónia e grega – é hoje considerada por muitos uma fonte de incrível energia cósmica.

Evidentemente, as capacidades invulgares da «baba Vanga» eram constantemente postas em dúvida, desmascaradas e ridicularizadas. Um dos seus mais ferozes detractores foi Iúri Gorni, conhecido ilusionista e psicólogo russo. Ele tem a certeza de que Vanga era «um soldado normal dos serviços secretos búlgaros». Que a informação lhe era recolhida pelas empregadas de limpeza dos hotéis e pelos taxistas locais, ajudados pelos ideólogos e agentes da polícia secreta da Bulgária.

Para Gorni, baba Vanga conseguiu pôr o seu «negócio» a um nível estatal de forma brilhante. «Era prestigioso para o país ter uma vidente à qual acorriam multidões de turistas e celebridades de todo o mundo. Incluindo políticos.» Este homem continua a afirmar até hoje que, para «trabalhar» as pessoas, escolhiam deliberadamente indivíduos famosos: os escritores L. Leonov e S. Mikhalkov, o ator de cinema V. Tikhonov, a académica N. Bekhtereva, os presidentes Todor Jivkov e Kirsan Iliumjínov. Todos eles, via de regra, ficavam impressionados com a perspicácia de Vanga.

Quanto às profecias, insiste Gorni, toda a gente se lembra apenas daquelas que se cumpriram. Mas houve muitas mais que não se cumpriram! Por exemplo, em 1973, a Alexandra Bovin, então comentador político, ela garantiu que a União Soviética invadiria o Chile no prazo de um mês.

«Evidentemente, aí os serviços secretos búlgaros falharam redondamente nas suas previsões internacionais...», não desiste Gorni.

Então, afinal, a «baba Vanga» era mesmo uma agente da polícia secreta? Não, não cola. Afinal, ela começou a fazer profecias e a dar receitas de curandeira muito antes de alguém fora de Petrich ter ouvido falar dela. Portanto, o «capital inicial» de Vanga não veio, de maneira nenhuma, dos serviços secretos. Claro, o boca a boca popular é uma força enorme, mas a intelectualidade búlgara manteve-se durante muito tempo extremamente cética em relação a Vanga. Não há profeta na sua própria pátria! Zombavam especialmente do seu método de ler a informação a partir de um torrão de açúcar que cada visitante tinha de trazer consigo. Antes disso, o açúcar passava toda a noite debaixo da almofada da pessoa.

Há inúmeros exemplos em que Vanga revelava aos seus visitantes coisas que nenhum agente secreto poderia saber. Para que diabo precisariam os serviços secretos búlgaros da informação de que Sergei Mikhalkov tivera uma irmã que morrera aos cinco anos? O próprio Mikhalkov já se tinha esquecido disso, mas Vanga lembrou-lho. Porque, segundo as suas explicações, eram os mortos que lhe transmitiam toda a informação. «Eles vêm ter comigo porque eu sou, para eles, a porta de entrada neste mundo... Quando uma pessoa vem ter comigo, os parentes falecidos dela reúnem-se, fazem-me perguntas e respondem-nas eles próprios, e eu apenas transmito aos vivos aquilo que ouvi.»

Também os visitantes ouviam vozes do Além. Depois falavam de um misterioso sussurro, muito fininho... Ou surdo, como numa chamada telefónica.

A atriz Alla Demidova, que na altura se interessava profundamente por conhecimentos esotéricos, ficou surpreendida com o «passeio» que lhe foi proporcionado pelo reino dos mortos. «Vanga pegou no meu açúcar e perguntou se eu tinha pai. Não tive tempo de responder e ela já repetia: “Morreu, está aqui ao pé de mim. E o pai tinha um irmão chamado Ivan? Ah, também morreu, está aqui.” Tudo aquilo não era bem o que eu esperava...

De repente perguntou-me porque me via de uniforme militar e descreveu o fato da Angelika do filme “O Escudo e a Espada”. Eu disse-lhe que era um dos meus papéis. “Ah, então és atriz?”» E Vanga informou

imediatamente a estrela do teatro russo que atuar não era a sua profissão, que faria melhor em dedicar-se à investigação científica. Desde então, Demidova repete em todas as entrevistas que não está a fazer o que devia. No fim «...abraçou-me, disse umas coisas aparentemente sem importância, passou a mão pelas minhas costas e mandou-me não andar de saltos altos». Alla Sergueievna regressou a Moscovo completamente diferente: «Ninguém me reconhecia. Durante dois anos fui uma pessoa absolutamente saudável, tanto física como interiormente. Já não tinha a pergunta do padre Sérgio: o que há para além da linha? Tinha a resposta de Hamlet: sim, há!»

Muitos poderosos deste mundo visitavam baba Vanga incógnito. Alguns eram levados de propósito à capital para a encontrar. Foi precisamente em Sófia que Vanga, sete meses antes das eleições, profetizou a Indira Gandhi que voltaria a ser primeira-ministra. Mas previsões trágicas só as fez mais tarde. E cumpriram-se – tanto o assassinato da ilustre filha da Índia como a morte do filho numa catastrophe aérea.

Vanga foi a primeira vidente que apoiou o governo. E o governo apoiou-a a ela. Na Bulgária foi criado o Instituto de Sugestologia e Parapsicologia com 30 funcionários. Foram eles que confirmaram as suas capacidades de previsão. Especialmente as que diziam respeito à localização de familiares desaparecidos – acertavam em 80%.

Um dia apareceram-lhe duas mães. Uma tinha enterrado o filho há pouco tempo. Vanga disse-lhe que chorava sobre restos que não eram do filho. «Eu vejo: ele está vivo, numa casinha branca com cerca verde, daqui a três meses receberás uma carta.» E, de facto, pouco depois a mãe recebeu um convite e foi ter com o filho – ao Canadá. À outra chegou a notícia de que o filho, soldado, se tinha enforcado. Mas Vanga contou outra história: na verdade, tinham-no torturado durante muito tempo e depois enforcaram-no. Chegou a repetir as últimas palavras do filho. E, o mais importante, indicou como encontrar o assassino. Encontraram-no e julgaram-no.

Em Petrich foi construído um hotel especial para quem vinha consultar Vanga. Nos anos 70 recebia cerca de 100 mil pessoas por ano. Calcula-se que, ao longo de 55 anos de atividade, mais de um milhão de pessoas tenham passado pela famosa búlgara. E não iam lá para uma conversa de circunstância à mesa. Vanga vivia em tensão extrema,

absorvendo as dores e doenças alheias. O caminho para Petrich tornou-se internacional e nunca mais se fechou até ao último ano da sua vida.

Em contrapartida, a própria Vanga era «não exportável». As autoridades búlgaras nunca deixaram o «património nacional» viajar nem a Paris, onde queria visitar a catedral de Notre-Dame, nem sequer a Moscovo. Vanga sonhava pisar a Praça Vermelha, visitar o Kremlin e falar com Gorbatchov, cuja chegada ao poder tinha previsto seis anos antes.

A PROFECIA SOBRE O «KURSK»

Vinte anos antes da tragédia do «Kursk», em 1980, a profetisa Vanga previu: «No fim do século, em agosto de 1999 ou 2000, Kursk ficará debaixo de água e o mundo inteiro o chorará.» No início de 1999, a televisão central russa emitiu um programa sobre as previsões da vidente búlgara. Esta profecia também foi mencionada. Como absurda. Os habitantes de Kursk receberam a notícia a rir: como poderia uma cidade da estepe florestal ficar submersa, se dali se cavalgava um ano inteiro sem chegar a águas grandes?

Quem havia de imaginar que o mundo choraria um homónimo marítimo de Kursk? E que haveria tanta água à volta dele que toda a frota russa não conseguiria bebê-la...

Krassimira Stoianova, sobrinha da famosa profetisa, que escreveu o livro «A Verdade sobre Vanga», cita o seguinte diálogo:

«– Se vês uma desgraça ou a morte próxima de alguém, podes fazer alguma coisa para a evitar?

– Não – respondeu Vanga –, nem eu nem ninguém pode fazer nada.

– E se forem problemas ou até uma catastrophe que ameacem uma cidade inteira, um país, pode preparar-se alguma coisa com antecedência?

– É inútil.

– A sorte de uma pessoa depende da sua força moral interior, das suas capacidades físicas? Pode influenciar-se o destino?

– Não. Cada um seguirá o seu caminho, e só o seu.»

Então, de que servem todas estas previsões se nada pode ser mudado? No entanto, há uma razão. Leonid Leonov, que se encontrava regularmente

com Vanga, escreveu: «A previsão de grandes acontecimentos fatais facilitaria a transição das pessoas para um estádio de existência mais consciente.»

E uma previsão como esta de Vanga: «Não há força capaz de quebrar a Rússia. Ela desenvolver-se-á, crescerá e fortalecer-se-á» – não nos enche de esperança? Embora muitas outras nos possam facilmente mergulhar numa tristeza cósmica...

As profecias de Vanga... São muitas. Na sua maioria, nada alegres: à humanidade não se perspetiva nada de bom. Muito antes do Apocalipse, nós e os nossos descendentes ainda vamos sofrer de doenças piores do que a SIDA, de fome e de sede. Não haverá dilúvio, mas pequenas desgraças e catástrofes haverá muitas. Por exemplo, «um dos Estados árabes desaparecerá da face da terra». Verdade que «isso não acontecerá tão cedo».

Daqui a 200 anos o homem estabelecerá contacto com irmãos de razão de outros mundos. Mas alguns extraterrestres já vivem na Terra há muito tempo... De onde vêm eles? De um planeta que, na língua dos seus habitantes, se chama Vamfim. O terceiro a partir da Terra. Não será Saturno?

Algumas previsões de Vanga já se cumpriram, outras parecem bastante prováveis. «Haverá comprimidos feitos de algas e serão vendidos por todo o mundo», proclamava ela nos anos 60. O Spirulina apareceu nos anos 90. E os médicos dizem que as algas são a farmacopeia do futuro.

«Haverá um dia – dizia Vanga – em que desaparecerão da face da terra diferentes plantas, legumes, animais... Primeiro o alho, a cebola e a pimenta. Depois será a vez das abelhas.»

No Canadá os apicultores já não conseguem mel de trigo-sarraceno. Porque os geneticistas criaram um trigo-sarraceno do qual as abelhas não conseguem tirar nada. A engenharia genética está a matar a apicultura. A lista de plantas melíferas encurta cada vez mais. Deixaremos de as ter e ficaremos sem mel. E sem abelhas – esses insetos extraordinários que apareceram no planeta muito antes do homem.

Já no próprio nome de Vanga está contido aquilo a que ela tanto queria servir. Se o tempo não fosse tão cruel. Em grego, Vangelia significa

«portadora da boa nova». Infelizmente, as novas ou são boas ou são verdadeiras. Quando falava da Rússia, Vanga procurava ser verdadeira. Mas talvez, ainda assim, se tenha deixado levar um pouco pelo desejo de trazer uma boa nova?

Vanga gostava de falar sobre a Igreja Ortodoxa Russa, sobre a proximidade da Rússia à energia cósmica. Sentia especial carinho por Boris Iéltsin. E queria muito ficar com o relógio dele, pedindo várias vezes a políticos russos que lho trouxessem. Nunca explicou porquê, mas era evidente que algo na sorte do primeiro presidente russo a preocupava.

Sobre o presidente seguinte da Rússia disse o seguinte: «Será uma figura totalmente inesperada. Decididamente não será Ziuganov nem Lebed.»

A última profecia de Vanga relativa à Rússia: desenhou com as mãos um grande círculo e disse: «A Rússia voltará a ser um grande império, acima de tudo um império do espírito.» Já antes tinha previsto a futura grandeza da Rússia. Afirmava até que, no futuro, a Bulgária entraria na composição da União renascida. E a previsão mais conhecida foi registada pelo escritor soviético Valentin Sidorov em 1979: «Tudo se derreterá como gelo, só uma coisa ficará intocada – a glória de Vladimir, a glória da Rússia. Demasiado foi sacrificado. Ninguém conseguirá deter a Rússia. Ela varrerá tudo do seu caminho e não só se conservará como se tornará senhora do mundo.»

A glória de Vladimir, a glória da Rússia... De que Vladimir se trata? Do príncipe, batizador da Rus? Mas houve outros... Houve, por exemplo, Vladimir Ilitch. E agora apareceu Vladimir Vladimirovitch...

E há ainda uma profecia de Vanga bastante enigmática (datada de 1988): «Virá o Oitavo e assinará a paz definitiva...»

Será o ano 2008? Ou o último membro da «grande sete» que agora se transformou em «oito». Ou seja, novamente Vladimir Vladimirovitch! Ou teremos mesmo de esperar ainda por esse Oitavo que assinará a paz definitiva e levará a Rússia a senhora do mundo?

As pessoas próximas da profetisa afirmam que baba Vanga continua a aparecer-lhes em sonhos. Porque se está a preparar para reencarnar. Pouco antes de morrer, disse que transmitia todo o seu dom a uma menina

francesa de dez anos. Ao recebê-lo, essa menina também ficará cega. E quando chegar a hora, ganhará «outra visão». Para nos guiar, a nós, irracionais, pelo caminho de Deus e nos ensinar a compreender e a aceitar com gratidão o Destino que Ele nos prescreveu.

Aqui ficam alguns conselhos deixados por Vanga no último ano da sua vida:

O homem é aquilo por que ele próprio se toma.

Se conseguir mudar os seus pensamentos para o bem, tudo na sua vida mudará.

O homem deve amar-se a si próprio e a tudo o que o rodeia. Nos nossos tempos difíceis, isso é mais necessário do que nunca. E deve ainda ser grato a Deus pela ajuda na hora difícil, pela sabedoria graças à qual deve os seus sucessos.

Não lutem contra os parvos – não são assim tão perigosos, não tentem corrigi-los ou mudá-los. Muito piores são os idiotas. Eles são capazes de apresentar algo que pode pôr todo um povo em polvorosa.

Não coloqueis tarefas impossíveis, sabei quais vos são acessíveis e quais não, senão depois tereis de vos culpar a vós próprios.

Não prometais se não tiverdes a certeza de que cumprireis a promessa, porque a dor que causardes ao outro, cedo ou tarde, voltar-vos-á a vós.

Rezai a Deus e não peça mais do que vos é necessário.

Quanto ao passado e ao presente, há a tentação de explicar as capacidades de Vanga pelo talento de «fazer falar» o cliente, extrair habilmente todos os pormenores e depois atordoar a pessoa com dados que ela própria lhe forneceu.

No entanto, o sociólogo Velitchko Dobrianov reconhece que «Vanga era capaz de estabelecer comunicação telepática sem perguntas indutoras, que as informações corretas não eram simplesmente o resultado de uma combinação de perguntas».

Ainda mais complicado é o caso da previsão do futuro, porque aí Vanga trabalhava realmente «às cegas». E a percentagem de acertos, embora menor do que quando falava do presente, continua a ser suficientemente alta para não ser mera casualidade.

«Nos meus registos houve um caso – conta Dobrianov, que gravava os diálogos de Vanga em ditafone. – Depois de sairmos de casa de Vanga, uma mulher, atordoada com a experiência, disse admirada: "Como foi que ela logo me perguntou porque é que eu era viúva?" Aproveitei para a repreender por se ter traído logo à primeira pergunta de Vanga, mas para a convencer tive de voltar a ligar a gravação. Nos encontros há muitos casos em que Vanga pergunta sobre coisas que já tinham sido esclarecidas na conversa anterior.

Naturalmente, surgem pelo menos duas perguntas: qual o papel e o significado desse método de adivinhação, primeiro, para o agente da telepatia e, segundo, para a própria Vanga. Milhares de pessoas que vão ter com ela não levam aparelhos de gravação para depois poderem analisar calmamente a conversa. Em condições de grande tensão psíquica, é perfeitamente explicável que uma pessoa não repare naquilo que disse no início da conversa e depois fique admirada com o "descobrimento" de Vanga.»

Importa ainda notar que todas as previsões históricas precisas e claras foram documentadas não antes, mas depois de se terem cumprido. Assim, toda a gente se lembrou da previsão de Vanga de que em 2000 «Kursk ficaria debaixo de água», mas ninguém, como objeto de análise, a levou a sério. E Vanga não previu uma coisa dessas apenas uma vez. Por exemplo, que «da face da terra desapareceria um dos Estados árabes e uma grande cidade ficaria submersa». Vanga recusava-se a esclarecer seja o que for sobre essa previsão, dizendo apenas que o que vira «não aconteceria tão cedo». E eis que praticamente toda a Nova Orleães ficou debaixo de água.

As suas previsões tinham um caráter extremamente vago nos pontos mais importantes, ao passo que os pormenores insignificantes eram dados com grande detalhe.

E eis ainda uma estranha profecia: «Todas as religiões cairão. Só ficará uma: o Ensino da Grande Irmandade (o Ensino da "Ética Viva"). Como uma flor branca, cobrirá a Terra e, graças a isso, as pessoas salvar-se-ão».

Mas isso não acontecerá imediatamente. Segundo Vanga, daqui a sessenta anos (anos 2040).

Antes disso, sempre segundo as palavras de Vanga, haverá uma aproximação de três países. Num único ponto, disse ela, convergirão a China, a Índia e Moscovo. No entanto, para o período que estamos agora a viver, a previsão de baba Vanga é bastante desoladora. De acordo com ela, «as cidades e as aldeias desabarão com terramotos e inundações, cataclismos naturais abalarão a terra, os maus vencerão, e haverá ladrões, delatores e prostitutas que não se poderão contar». É preciso dizer que terramotos e inundações sempre houve, há e continuarão a haver.

O parapsicólogo Mikhail Tchulaki comentou o seguinte sobre isto: «Note-se, aliás, que mesmo acreditando nas profecias ao nível puramente quotidiano, sem pensar no problema do livre-arbítrio, é preciso reconhecer que todos os videntes populares, como a famosa Vanga e os seus inúmeros imitadores caseiros, são seres exclusivamente malévolos. Porque, exibindo pequenos milagres a espectadores impressionáveis, nem Vanga, nem um único astrólogo, nem um único louco em Cristo avisaram as vítimas dos terramotos futuros, das catástrofes futuras, que são tantas no nosso tempo.

O futuro acaba sempre por ser inesperado, as catástrofes – súbitas. Não poderia ser de outra forma. Uma profecia cumprida criaria o mesmo paradoxo que uma máquina do tempo: se fosse possível voltar ao passado e corrigir algo nele, também o presente de onde partimos mudaria; se fosse possível prever o perigo e evitá-lo, o futuro previsto mudaria – e deixaria de coincidir com a previsão. Por isso Vanga não é uma vilã, é apenas uma velhinha simpática que não sabe mais sobre o futuro do que nós.» Mas dificilmente conseguiremos concordar com esta opinião...

A ÚLTIMA ENTREVISTA DE VANGA

Durante muito tempo ninguém soube desta entrevista. Estas profecias a vidente fez-as na véspera da morte. E ordenou que só fossem divulgadas no novo século. O empresário e viajante ucraniano Anatoli Lubtchenko entregou ao correspondente do «Zerkalo Nedeli» uma simples cassete áudio.

Conta Anatoli: «Estive com ela no verão de noventa e quatro, quando fui eleito pela primeira vez para a Rada. Estava simplesmente de férias na Bulgária e, não sei porquê, senti vontade de ir ver a casa dela. Sabia que estava doente e nem esperava vê-la, mas quando cheguei a Petrich, da multidão à porta saiu um homem que me convidou a entrar. Olharam para

mim como se eu fosse um leproso e eu próprio fiquei assustado – quem poderia estar à minha espera?...

Ela estava deitada numa cama grande, magrinha como um palhinha, tudo muito silencioso, moscas a voar por baixo do teto branco. Vi que lhe restava pouco tempo, lá fora a fila esperava ansiosa, cada um queria perguntar o que lhe doía na alma, e de repente apareço eu, sem mais nem menos, sem saber o que perguntar. E então ela virou-se: "Onde está o teu pai?" Respondi que estava na Alemanha. Ficou muito tempo em silêncio e percebi que ela sabia do cancro dele. "Em breve – disse – vencerão essa doença, pô-la-ão em ferros. Mas ao teu pai já não ajudará". Depois calou-se outra vez e acrescentou: "Quanto a ti, tudo correrá bem, Kiev é uma boa cidade, eu vejo..."

Foi então que me lembrei que trazia um gravador com uma cassete de lições de inglês. "Posso – perguntei – gravar a nossa conversa?" O homem que estava no banco olhou para mim como se eu fosse um inimigo, mas ela riu-se muito jovem e disse: "Podes. Só não dês a ninguém até ao novo século"».

A entrevista acabou por ser curtíssima – menos de metade de uma cassete de 90 minutos. O próprio Anatoli ajudou em parte a traduzir as respostas do búlgaro. Algumas perguntas de carácter autobiográfico poderiam ter sido dispensadas, mas como quem perguntava era um amador, publicamos o texto INTEGRALMENTE:

«— ...Como se tornou vidente?

— Eu via muitas vezes pessoas que já tinham morrido há muito e elas diziam-me o que ia acontecer a cada um. Depois apareceu um homem grande e desconhecido. Disse-me que no dia seguinte começaria a guerra e que eu tinha de dizer às pessoas quem ficaria vivo, quem morreria e como evitar a morte.

— Era uma pessoa viva?

— Não, morta, como as outras.

— Como era ele?

— Uma sombra grande, que balançava como um reflexo. Todos eles são assim, às vezes só se ouve a voz.

— E como fala com eles?

— Sinto quando aparecem. Primeiro na língua, depois no cérebro, depois caio num vazio e oiço tudo. A voz vem de longe, como no rádio, ora clara, ora mal...

— O que sente quando entram pessoas normais?

— Vejo-as de longe, cada uma, e conheço toda a vida delas, como se tivesse visto um filme. São bons, maus, de todos os tipos... Todos querem um milagre e depois choram. Mas quando é muito mau, eu fico calada, não digo nada. Só posso dar um conselho.

— Que conselho?

— Que não vivam no mal, que não se vinguem de ninguém, que não guardem rancores, que façam boas ações. Que oiçam o coração. Sempre só o coração, a cabeça engana-se mais vezes. O coração está ligado ao cosmos. Mas nem todos distinguem a voz do coração da voz da cabeça.

— Essas pessoas mortas falam-lhe só do futuro ou também do passado?

— De tudo.

— E se se trata de pessoas e acontecimentos distantes, noutros países?

— A distância e as línguas não importam, tudo vem pelo cosmos.

— E pode dizer o que nos espera?

— À Rússia espera-a o bem, à Bulgária e à Macedónia nem tanto. As mulheres na Rússia darão à luz muitos filhos bons que mudarão o mundo. Depois virá um milagre, tempos maravilhosos. A ciência dirá o que nas velhas escrituras é verdade e o que não é, encontrarão vida no cosmos e saberão de onde ela veio para a Terra. Desenterrarão uma grande cidade antiga. Do céu virão pessoas novas e haverá grandes milagres. Mas é preciso esperar, não se pode apressar os acontecimentos, não será tão cedo...(continua)

— E o que acontecerá em breve?

— Daqui a nove anos será o fim do mundo, a Terra virar-se-á contra o Sol, onde estava calor haverá gelo, muitos animais extinguir-se-ão. As

pessoas lutarão pela energia, mas terão alma suficiente para parar. Depois o tempo voltará atrás.

— Dizem que o fim do mundo é o dilúvio universal...

— Também haverá dilúvio, daqui a trinta ou quarenta anos. Um grande corpo virá do céu, baterá na água. As ondas arrasarão muitos países e o sol apagar-se-á durante três anos.

— Mas as pessoas sobreviverão?

— Os bons sobreviverão, os maus, que se julgam inteligentes, morrerão. Morrerão muitos. Depois haverá uma vida muito boa e chegará a imortalidade.

— Virá à Terra a idade de ouro?

— Já está a chegar, mas nem todos a conseguem ver. Daqui a sete anos as pessoas já não semearão nem ceifarão, só farão crescer tudo. Os animais reproduzir-se-ão como plantas e as plantas como animais. Daqui a vinte e um anos ninguém andará pela terra. Os comboios voarão em fios do sol, proibirão o petróleo, a terra só dará frutos e descansará. Daqui a quarenta anos não haverá as doenças de agora, mas aparecerão novas. Estarão ligadas ao cérebro, porque todos beberão do mar e no mar não haverá ilhas. Depois encontrarão água no cosmos e será boa. Haverá muitíssimas pessoas. A Índia mais do que a China. Mas as pessoas começarão a livrar-se dos corpos.

— O que significa livrar-se dos corpos?

— Poderá viver-se sem corpo, só personalidade, só energia, como os mortos. Mas isso será muito mais tarde.

— E na política, nos próximos cinco anos, pode prever alguma coisa?

— A Rússia emagrecerá e voltará a ocupar o seu lugar, o bem estará dentro, a experiência fora. A Europa não conseguirá rejuvenescer. A América aceitará o barbudo e compreenderá que o medo é pior do que o amor. A Síria cairá aos pés do vencedor, mas o vencedor não será aquele. Os extraterrestres não quererão partilhar conhecimento com os fortes. Os países de mulheres recuarão perante os de homens, mas conservarão os seus planos. O homem pequeno governar-vos-á toda a vida...

— Existe Deus no mundo?

— Deus não pode estar no mundo, Deus é a própria luz. Não há Deus no homem, mas o homem está em Deus.

— Existe paraíso e inferno?

— Paraíso e inferno são lados diferentes da vida sem corpo. Se o morto é necessário aos vivos – é o paraíso.

— E ajudará os vivos depois de morta?»

A esta pergunta baba Vanga não respondeu. Na gravação, após uma breve pausa, ouve-se um estalo, como se alguém tivesse desligado o gravador, embora Anatoli Lubtchenko jure que não foi ele. Segundo ele, Vanga, cansada, simplesmente adormeceu...

Será possível imaginar o que é existir num mundo multidimensional? Provavelmente só teoricamente. A maior parte de nós, mesmo aqueles que acreditam em todo o tipo de realidades além-túmulo, não consegue responder onde e como se passa a transição de uma dimensão para outra, quantas são e quais são. No entanto, muitos mistérios e enigmas podem estar ligados ao fenómeno da multidimensionalidade.

«NÃO VÁS ATRÁS DO MARIDO ALHEIO»

A música moscovita Larissa visitou Vanga no final dos anos 80. Estando de férias – mais exatamente em lua de mel – nos Areais Dourados, a jovem não pôde deixar de se interessar pela «atração turística» búlgara de que todos falavam. Juntamente com o marido, Larissa fez a viagem até Vanga.

Mas primeiro um pouco de história.

...Larissa cresceu como filha única, adorada e mimada, a quem nunca se negava nada. O pai – coronel e depois general – passava todo o tempo livre com a filha: levava-a ao cinema e ao jardim zoológico, comprava-lhe brinquedos e guloseimas, seguia com atenção a saúde e o humor de Larotchka. Se, Deus não o permitisse, ela tinha os olhos vermelhos ou uma febrezinha, toda a gente levava: a ama, a empregada e, claro, a mulher – Alevtina Andreievna. Principalmente ela. Não trabalhava, não tratava da casa, a única coisa que tinha de fazer era tomar conta da criança. Não era assim tão difícil?

Estranhamente, para Alevtina Andreievna era mesmo difícil. Casara muito cedo – mal fizera dezassete anos. Alexandre Ivanovitch, o marido, era vinte e dois anos mais velho e em muitos aspetos o seu comportamento para com a mulher parecia mais paternal do que conjugal. Durante dez anos Aletchka, Alevtina, viveu à vontade, liberta de todas as tarefas domésticas por uma empregada idosa. Alexandre Ivanovitch queria apenas uma coisa da jovem esposa: um filho. Claro que um rapaz. E mimava a mulher sem medida, esperando todos os meses a boa notícia. Esperou-a nada mais nada menos do que dez anos.

Quando já todas as esperanças se tinham esgotado, descobriu-se que Alevtina estava grávida. Suportou a gravidez com dificuldade, esteve várias vezes internada para preservação, quase morreu num parto muito complicado...

O diagnóstico dos médicos foi taxativo: Alevtina Andreievna nunca mais teria filhos. Temiam contar a Alexandre Ivanovitch, mas, como se viu, foi em vão. Quando o general pegou pela primeira vez ao colo a filha recém-nascida, todos os seus afetos passaram para ela. O pai de cinquenta anos perdeu a cabeça de felicidade, a ponto de a adorada jovem esposa passar imediatamente não para segundo, mas para décimo plano. Dela só se exigia uma coisa: garantir que Larotchka estivesse bem. Mais exatamente, garantir que a ama garantisse isso.

Alevtina Andreievna esforçava-se ao máximo, mas não conseguia agradar ao marido. Sobretudo porque não conseguia lidar consigo própria: com a filha que lhe causara tantos sofrimentos físicos, a jovem mãe sentia quase indiferença; e o facto de já não ser a criança mimada do marido também não melhorava o seu estado de espírito.

Durante dez anos Alevtina Andreievna tentou reacender no marido os antigos sentimentos, mas para ele – ai! – só existia a filha. Não tinha outras mulheres. Em vão Alevtina Andreievna gastava tempo e nervos à procura de uma rival. O general vivia exclusivamente para a filha, tal como antes do nascimento dela vivera para a jovem esposa. A ela só restava remexer nas recordações – e chorar.

Estranhamente, o amor desmedido do pai não estragou Larissa. Era uma criança muito meiga e muito caseira. Aos seis anos revelou dotes musicais e em casa apareceu imediatamente um magnífico piano de sala.

Alevtina Andreievna tentou opor-se: as escalas e exercícios davam-lhe sempre terríveis enxaquecas. Mas Alexandre Ivanovitch foi inflexível: os interesses da filha estavam acima de tudo. E teve razão: seis anos depois Larissa foi laureada de um concurso internacional infantil. Depois concluiu com sucesso a escola Gnessin e entrou no conservatório. Aos vinte anos já era uma pianista bastante conhecida, viajava muito em tournées. Mas então o pai morreu subitamente. E a vida em casa mudou radicalmente.

A pensão de general que Alevtina Andreievna, que nunca trabalhara um único dia, passou a receber chegava para viver – mas não mais do que isso. Com a empregada, evidentemente, tiveram de se separar. A datcha bem cuidada e acolhedora caía em ruína: sempre fora Alexandre Ivanovitch quem tratava dela, e a viúva não fazia ideia de que o telhado podia ter infiltrações ou de que era preciso comprar lenha com antecedência e aquecer regularmente todas as lareiras.

Enfim, já estavam quase a desfazer-se da datcha quando apareceu em casa Serguei e começou a cortejar Larissa a sério. Ela, na verdade, correspondeu com bastante indiferença ao novo pretendente, mas Alevtina Andreievna ficou em êxtase. Independente, bem pago engenheiro-chefe numa grande fábrica, bonito, educado e ainda por cima com mãos de ouro... Larissa, pela juventude e parvoíce, simplesmente não era capaz de avaliar a sorte que lhe calhara. Mas ela, a mãe, tinha o dever de indicar à filha a decisão certa. Quanto ao carácter – mole e complacente – Larissa claramente não saíra ao pai.

Meio ano de cortejo intenso de Serguei e ataques psicológicos ainda mais intensos da mãe – com lágrimas, chamadas de ambulância e todo o respetivo arsenal – deram resultado. Larissa aceitou o pedido de um pretendente que estava incondicionalmente apaixonado por ela e, além do mais, manifestamente desinteressado (tinha apartamento próprio, carro novo).

Para celebrar condignamente o casamento, Alevtina Andreievna vendeu os brincos de brilhantes – a primeira prenda de noivado do falecido marido. «Eu, pelo felicidade da Larotchka, venderia a última camisa – repetia sem parar a familiares e conhecidos –, quanto mais estas... bugigangas. Se o Alexandre fosse vivo... Agora eu para a Larotchka sou mãe e pai.»

De facto, Alevtina Andreievna, que após a morte do marido parecia completamente abatida, com a chegada do futuro genro transformou-se por completo. Rejuvenesceu, ficou mais bonita, deixou de correr médicos e de tomar calmantes, cardiotónicos, soníferos e tónicos às mancheias. Em vez disso, dedicou-se com entusiasmo ao guarda-roupa da filha (sem esquecer de renovar o seu), à remodelação e mobília do apartamento de Serguei, onde os jovens iriam viver, à preparação da lua de mel deles – na Bulgária, nos Areais Dourados. Para a Larotchka tudo tinha de ser do melhor!

E eis a viagem à Bulgária. A enorme fila à porta da casinha de Vanga, de gente que queria perguntar à grande profetisa sobre o seu futuro ou pedir conselho, assustou-a. Mas irritou-a ainda mais ter de esperar tanto tempo por Serguei. E, logo desde o início, Serguei fora categoricamente contra aquilo que, com desdém, chamou de «atração turística». Larissa não ligou importância, afinal, há algumas décadas surpreender alguém com um materialismo militante era quase impossível. Mas Larissa insistiu – como assim, estar na Bulgária e não visitar Vanga?

Os recém-casados finalmente entraram na sala onde a profetisa recebia. Incrivelmente, Vanga franziu imediatamente o sobrolho e pediu a Serguei, quase com grosseria, que saísse. Depois apontou o dedo a Larissa e disse com tristeza: «O teu pai chora, chora amargamente por ti e não te pode ajudar. Pecou muito, não o deixam proteger-te.»

Em seguida, Vanga informou Larissa que o seu casamento seria cheio de trevas futuras, porque ela casara com o marido de outra. A profetisa disse que o marido de Larissa tinha outra mulher. A Larissa pareceu que ela se enganava, pois era fato conhecido que Serguei nunca antes casara e que não podia haver qualquer concorrência. No entanto, Vanga insistiu que Larissa rompesse imediatamente a relação com o marido alheio. O dia ia já avançado, a profetisa evidentemente estava cansada e repetiu que nas relações familiares de Larissa havia algo que a impedia de ver claramente o quadro dos acontecimentos.

Antes de se despedir, Vanga disse: se me desobedece, na velhice ninguém te dará um copo de água. As pessoas que estavam na sala olhavam para Larissa com pena evidente. Era fácil adivinhar que previsões trágicas daquelas não eram a primeira vez que ouviam. E pelos rostos dessas pessoas lia-se que gostariam muito de poder acrescentar algo ao que ouviram, ajudar Larissa a «decifrar» a mensagem de Vanga, mas...

«Vai mais vezes ao túmulo do teu pai, reza por ele, faltam-lhe orações», foi o último que Larissa ouviu de Vanga. Infelizmente, foi voz que clama no deserto – Larissa nem sequer sabia rezar...

Os primeiros anos após o casamento passaram sem grandes abalos. Claro que a Larissa nem lhe passou pela cabeça que as palavras de Vanga, a sua ordem de «fugir do marido alheio», fossem motivo e razão mais do que suficientes para repensar tudo o que lhe acontecera, para refletir sobre a necessidade daquele casamento. Mas Larissa ocupava-se apenas da sua música – o resto ficou a cargo de Alevtina Andreievna, que vinha quase todos os dias ter com os jovens.

Com Serguei, Larissa dava-se bem: ele não fazia exigências desmedidas à jovem esposa, muitas vezes ficava até tarde no trabalho. E não resmungava se Larissa se esquecia de comprar pão ou de passar a camisa a ferro. Aliás, isso acontecia raramente: Alevtina Andreievna vigiava atentamente o seu dia a dia e acudia imediatamente aos «falhanços» de Larissa. «O meu coração de mãe – gostava ela de dizer nessas ocasiões – avisou-me que seguramente te esquecias de fazer a sopa. E o teu marido gosta de comer bem, não te esqueças disso. Um bom almoço aos olhos de um homem vale mais do que qualquer outro talento.»

O quanto a mãe tinha razão, Larissa percebeu-o logo após o nascimento do filho. O menino nasceu fraquinho, doentio, exigia todas as forças e todo o tempo da mãe. Teve de acabar com os concertos – pelo menos por enquanto. Nem para os exercícios diários sobrava tempo e Larissa sentia com horror como as mãos perdiam a antiga flexibilidade e agilidade, como os dedos «endureciam»... E mais nada sabia fazer.

E para tratar do marido sobrava ainda menos tempo. Serguei franzina o sobrolho, resmungava, censurava a mulher por ser demasiado mimada e não ser capaz de fazer o que qualquer mulher normal faz como se fosse entre outras coisas. E citava sempre a sogra como exemplo, pela qual tinha evidente respeito: «Toma exemplo na tua mãe – terminava invariavelmente as suas «reuniões de crítica». – Parecem da mesma idade, e ela cozinha maravilhosamente, e em casa dela está sempre limpo, e tem tempo para conversar com as pessoas. E tu...» Larissa poderia replicar que crescera com ama e empregada, que o pai, quando não estava a trabalhar, estava em casa com ela... Mas Serguei, pelo visto, não se importava com isso.

Sonhava que a mulher se tornasse cópia da mãe dela e zangava-se porque não conseguia de maneira nenhuma.

Finalmente interveio a própria Alevtina Andreievna: «O meu coração de mãe sente que vais perder um marido extraordinário – disse um dia a Larissa. – Em quem foste tu tão parva – não percebo. Pronto, vendo mais algumas bugigangas, contratamos uma ama por uns meses e eu fico com ela na datcha. Aliás, o Serguei também lá pode ir – descansar e ver o filho. E tu ocupa-te da tua música, já que para ti é o mais importante. Não entendo, mas... o teu felicidade é o mais importante para mim.»

Larissa ganhou alguns meses de tréguas, mas já era tarde. O antigo brilho, a virtuosidade do seu toque não queriam regressar de forma alguma. E os exercícios diários de muitas horas acabaram por «sobrecarregar» a mão direita. Na carreira de pianista podia pôr-se uma cruz. Para Larissa foi um golpe tão grande que teve de ser internada numa clínica e tratada durante vários meses de esgotamento nervoso. Serguei visitou-a uma ou duas vezes. A mãe vinha todas as semanas e explicava a ausência do genro querido dizendo que ele trabalhava muito, passava o tempo todo com o filho e ainda ajudava na datcha – havia lá muito para reparar.

Talvez em estado normal Larissa se admirasse com tanto zelo pedagógico-doméstico de Serguei, que até então, pelo visto, conseguira esconder habilmente. Mas nessa altura não estava para analisar o comportamento do marido.

Mas quer os medicamentos tenham sido suficientemente eficazes, quer o tempo tenha feito o seu trabalho, o certo é que Larissa acabou por recuperar o suficiente para ter alta da clínica. Encontrou trabalho rapidamente – professora numa escola de música. O filho, é verdade, já se tinha desacostumado dela, mas isso também passou com o tempo. Tudo voltou ao normal, incluindo a vida conjugal. Ou melhor, não vida, mas uma convivência relativamente pacífica de duas pessoas que já há muito eram estranhas uma à outra.

Assim continuou até que na escola de música onde Larissa trabalhava apareceu um novo professor. Não era propriamente um belo homem, não brilhava por uma inteligência refinada, o fato e os sapatos falavam eloquentemente de rendimentos mais do que modestos. Mas tudo isso não teve a mínima importância já duas semanas depois.

Porque se tornou evidente aquilo a que pomposamente se chama «afinidade de almas». Tanto Larissa como Viktor compreenderam quase imediatamente que não podiam viver um sem o outro.

Serguei recebeu a notícia de Larissa – que se apaixonara por outro e queria divorciar-se – digamos que com frieza. Mais exatamente, não a levou a sério. A conversa começou ao pequeno-almoço, Serguei quase não ouviu o que Larissa, nervosa e atrapalhada, tentava dizer-lhe, bebeu o café, leu o jornal. E, acabando o pequeno-almoço, resmungou sem olhar para a mulher: «Não sejas parva! Oito anos juntos, que amor que é esse. Vais ver o que a tua mãe diz a isto...»

Larissa temia mais a reação da mãe do que as cenas com o marido. Mas o que aconteceu a seguir ela nem conseguia imaginar, quanto mais prever. Alevtina Andreievna primeiro manteve-se seca e fria, sublinhando com toda a sua atitude a loucura que a filha se preparava para cometer. Quando isso não resultou, fez uma histeria terrível, quase um ataque epilético.

E, no fim, já um pouco recuperada, proferiu a sentença definitiva: «Podes ir embora para o teu amante, mas fica sabendo: o filho não to dou, na tua companhia ele não aprenderá nada de bom. E se enlouqueceres de vez e te divorciares – amaldiçoo-te. Podes cuspir em mim, podes torturar o meu coração de mãe, mas se preferires ao Serguei um qualquer passageiro – já não tenho filha. Escolhe: o palerma pobre ou eu.»

Larissa escolheu. Pediu o divórcio, mudou-se com uma única mala para o apartamento partilhado de Viktor e durante um ano inteiro tentou ser feliz. Concretizou o divórcio com Serguei, apesar de mais umas cinquenta cenas terríveis que a mãe lhe fez pessoalmente e por telefone. Ignorou até o facto de Alevtina Andreievna se recusar terminantemente a registar de novo a «filha pródiga» – questões domésticas nunca a preocuparam muito. Ora, viveria sem registo na residência, grande coisa.

O importante era estar com Viktor. E depois, de repente, o filho telefonou-lhe a dizer que a avó fora levada para o hospital com um AVC, que o pai casara havia uma semana e que, portanto, a mamã tinha de se lembrar de algumas das suas obrigações. Pelo menos em relação a ele, filho único. Larissa correu para o hospital. A vida de Alevtina Andreievna já não corria perigo, mas as pernas estavam completamente paralisadas e a fala

não era totalmente coerente nem clara. Não tencionavam mantê-la no hospital, era preciso levá-la para casa, mas para onde? Ou seja, era claro para onde, mas quem cuidaria dela?

Larissa tentou falar com Viktor, mas não encontrou compreensão da parte dele: «A velha amaldiçoou-te, expulsou-te de casa, tirou-te o filho e tu queres ficar não se sabe quanto tempo a tomar conta dela? É contigo, mas eu pessoalmente não jogo esse jogo. Ou ela ou eu, escolhe. Eu tenho o meu quarto, e viver no mesmo apartamento com essa generala meio louca – muito obrigado. Só te quero a ti, não um monte de familiares teus.»

Larissa não podia deixar a mãe sem cuidados. Entregá-la a um lar de idosos, como sugeriu Viktor, ainda menos. Alevtina Andreievna fizera tanto por ela, cuidara tanto do seu felicidade (e em muitos pontos tinha razão) que agora Larissa praticamente não tinha escolha. E o filho... Embora Larissa suspeitasse que a mãe fizera tudo para o indispor contra a «ingrata leviana» (a própria filha), não se pode abandonar um adolescente à sua sorte, ainda por cima com uma avó paralisada ao colo. E o amor... O amor, infelizmente, não resistiu ao teste da vida.

Larissa voltou para a casa dos pais, registou-se lá e dedicou os três anos seguintes aos cuidados da mãe, que a cada dia se tornava mais insuportável e mais má. Por mais que a filha se esforçasse, tentando obter perdão – era inútil. Enquanto Alevtina Andreievna conseguia falar, lembrava sem parar o genro querido, insultava Larissa por parva e ingrata. Até pelo neto se interessava menos do que por Serguei.

O segundo AVC atingiu-a quando Larissa estava no trabalho e o neto na escola. Quando chegaram, encontraram-na já sem voz, quase sem respirar. Só os olhos viviam, fitando fixamente o telefone. Pareciam esperar algo.

«Mamã, queres que ligue ao Serguei? – perguntou Larissa em completo desespero. – Queres que lhe peça para vir?»

As pálpebras da velha tremeram e os olhos iluminaram-se com tal esperança que o coração de Larissa deu um salto. Como a mãe estava ligada ao ex-genro, se até antes de morrer pensava nele...

«Vir? Agora? – perguntou Serguei sarcasticamente à ex-mulher. – Vocês as duas aí andam a delirar, minha querida. Eu não sou médico nem

padre e, além do mais, não tenho o mínimo desejo de ver nem a ti nem à tua mamã...»

Larissa pousou o auscultador em silêncio, com medo de olhar a mãe nos olhos. Mas não foi preciso: Alevtina Andreievna deu um suspiro profundo – como se gemesse – e... descansou.

Após o funeral, Larissa quase se suicidou e demorou muito tempo a sair de mais uma depressão. Mas agora atormentavam-na outros sonhos e outros pensamentos. Amaldiçoava-se por ter sido uma filha ingrata, uma mãe inútil, por ter sacrificado tudo por um egoísta eloquente e, no fim, ter praticamente matado a própria mãe.

Não se sabe quanto tempo duraria esse estado, mas um belo dia Larissa recebeu uma convocatória do notário. E aí soube que tanto a datcha como o «Volga» que ficara do pai e algumas joias de família Alevtina Andreievna legara... a Serguei. O testamento, a julgar pela data, fora escrito no dia em que Larissa se fora embora para casa de Viktor.

«Pode contestar este testamento em tribunal – disse-lhe o notário com simpatia. – Afinal, vocês estão divorciados? E ele voltou a casar. Talvez a sua mãe depois tenha mudado de ideias e feito um novo testamento. Procure nos papéis dela, aconselho de coração. A herança é considerável...»

Para ser honesta, Larissa contava vender tanto a datcha como o carro – em casa praticamente não havia dinheiro, e o funeral da mãe e a sua própria doença longa tinham consumido quase todas as pequenas poupanças. Só por isso começou a mexer nos papéis da antiga secretária da mãe, ainda troféu de guerra. E não tardou a dar com cartas de um punho muito familiar. Não eram bem cartas – eram respostas a missivas que encontrou à parte. Um maço grosso, preso com elástico. E por cima uma nota. «Devolvo-te tudo.

Espero que tenhas o bom senso de destruir tanto estas como as minhas notas. As nossas relações não dizem respeito a ninguém.» Diante de Larissa estava a correspondência da mãe com o ex-marido, da qual resultava com clareza impiedosa uma coisa: Alevtina Andreievna e Serguei tinham sido amantes quase todos os anos do casamento. A ligação começara pouco antes de Serguei conhecer Larissa. Mais exatamente, antes de a mãe... ter combinado o casamento do seu amante com a própria filha...

Então voltou à memória de Larissa a viagem a Vanga. Era isso que a grande profetisa queria dizer quando falou que Larissa casara «com o marido de outra». Também se tornou claro para Larissa porque Vanga lhe parecera nada profetisa depois de dizer que nas relações entre os familiares de Larissa havia algo tão confuso que era impossível ver claramente o seu futuro.

Larissa não contestou o testamento. Simplesmente trocou o luxuoso apartamento de general por um mais modesto – com direito a doplat. Para viver chega-lhe, até porque o filho praticamente vive sempre com o pai: na nova família não tencionam ter filhos próprios e este já é um herdeiro pronto. Larissa continua a dar aulas de música, mas em regime particular e muito poucas.

Duas vezes por ano, cerrando os dentes, vai ao cemitério de Vagankovo, ao túmulo dos pais, e fica lá sentada muito tempo, imóvel, olhando fixamente para um ponto. Tem pena de si própria, pena da sua vida. Tarde demais lembrou-se da ordem de Vanga – rezar pelo pai – e agora, todas as semanas, entra numa igreja e pede que façam uma panikhida pelo repouso da alma do pai. E muitas vezes parece-lhe ouvir a voz de Vanga: «Se não renunciares ao marido alheio, na velhice ninguém te dará um copo de água...»

HISTÓRIA DE UMA SOGRA AMBICIOSA

As relações entre sogra e genro já há muito são tema de anedotas. Já nas relações entre nora e sogra o cómico parece ser bem menos: praticamente não há anedotas sobre isso. Em contrapartida, dramas e tragédias há quantas se quiserem, e é muito difícil determinar quem tem razão, quem tem culpa. Como no caso da nossa heroína que foi ter com Vanga em busca de conselho – como arranjar a vida do filho, perguntando se realmente não lhe estava destinado esperar por netos... Esta história foi registada por uma amiga da nossa heroína ainda em vida de Vanga.

...Taísia Nikolaievna pertence àquelas mulheres que parecem mais novas do que são. Elegante, bem cuidada, uma mulher de porte, com uma cabeleira grisalha de quadro e entoações imperativas. E se algo a preocupava, era apenas o destino do filho. Igor já passou dos trinta e o seu terceiro casamento acabou recentemente. Igor é culto, inteligente, bem-parecido, sem vícios, como se diz, filho único de pais bastante abastados e

que o adoram. E a própria vida familiar não se compõe de forma alguma, embora, aparentemente, já tenham sido experimentadas todas as variantes: a filha única de moscovitas abastados, uma estudante solitária de fora (leia-se – pobre) e uma senhora divorciada independente. Mas os três casamentos acabaram do mesmo modo – em divórcio. E as iniciativas foram sempre das esposas.

«Toda a gente escreve que os pais "devoram" a vida aos filhos, que quase os expulsam de casa se decidem formar família própria – contava Taísia Nikolaievna à amiga Iraída, com quem viajara até Vanga. – E na nossa família, sem me gabar, posso dizer que é ideal. Eu e o meu marido, pai do Igor, vivemos quase quarenta anos alma com alma, nunca discutimos uma única vez e ainda hoje somos as pessoas mais próximas uma da outra. Acham que o Igor poderia tornar-se mau marido tendo diante dos olhos, a vida toda, o exemplo do amor e do respeito mútuo dos pais? Claro que não.

A primeira vez que o Igor casou foi por conselho meu e do pai. Fui eu que o apresentei a uma rapariga encantadora, filha de uma colega minha. Eu sou médica, mas já há muito não exerço; trabalho no Ministério da Saúde como chefe de departamento. Assim é mais calmo e cómodo: sem turnos, sem chamadas, às sete da noite já estou em casa... Então, reparei na Lenotchka quando ela veio ter com a mãe ao trabalho por qualquer razão. Bonitinha, modesta, acabara de sair do instituto. E uma especialidade excelente – otorrinolaringologista.

Tinha sido colocada numa policlínica distrital, mas eu e a mãe dela rapidamente resolvemos tudo e arranjámos-lhe lugar num hospital do ministério. Das oito às quatro – e livre. Fizemos um casamento maravilhoso. Lá, o Igor e ela estavam lindos. Pensei: agora vou ter uma filha, ensino-lhe tudo o que sei. Tinham de viver connosco: o apartamento é grande, havia espaço para todos. E o meu marido acha que um homem deve viver em casa dele, não na da mulher.

Nos primeiros três meses após o casamento, tudo foi maravilhoso. A Lenotchka esforçava-se por ser uma verdadeira esposa: limpava o apartamento, lavava, cozinhava. Eu, claro, ajudava, mas no fundo pensava que agora podia descansar um pouco. Ou seja, dividir as tarefas a meio: eu fazia o pequeno-almoço, a Lenotchka o almoço. Eu lavava a roupa – ela limpava o apartamento. À noite reuníamo-nos todos, os quatro, víamos

televisão, conversávamos. Eu tricotava ou remendava, o Igor e o pai jogavam xadrez... Foi exatamente a partir desses serões em família que tudo começou. A Lena nunca aprendeu a tricotar nem a costurar. Estava sempre a querer sair de casa: para o teatro, para dançar, para casa de amigos. Tentou trazer os amigos dela para nossa casa, mas o meu marido cortou isso logo: depois do trabalho precisa de silêncio, e visitas só nos dias de festa – nos aniversários, no Primeiro de Maio. À Lena não gostou, mas teve de se conformar.

Um ano depois do casamento, à Lena deu-lhe para entrar na pós-graduação. Por correspondência, sem interromper o trabalho. Todas as noites ou desaparecia nas aulas (conheço eu essas aulas!), ou ficava em casa debruçada sobre os livros. Tornou-se antipática, calada, como se a torturassem do amanhecer ao anoitecer. Chegou a recusar-se a comer connosco: aquilo, vejam lá, era desconfortável para ela. Chegava do trabalho às cinco, comia qualquer coisa do frigorífico e não saía do quarto até à noite.

Claro que o Igor ficou descontente: a esposa deve receber o marido à porta, trazer-lhe as pantufas, depois a toalha para secar as mãos. Depois dar-lhe o jantar – e só então fazer o que a alma deseja. Mau? Pois a Lena achava que se o Igor, depois do trabalho, lia, via televisão ou jogava xadrez com o pai, bem podia servir-se sozinho. Claro que eu não permitia – era eu que lhe dava de comer. E mesmo nisso não acertei: diz ela que eu, de propósito, ponho o marido contra ela. Que sublinho que ninguém alimenta melhor do que a mãe.

Enfim, as coisas não correram bem entre eles. O Igor é paciente, complacente, só quer evitar escândalos. Mas a Lena foi de princípios: vamos separar-nos dos pais, ter a nossa própria casa, senão somos como crianças pequenas ao pé deles. Eu, claro, opus-me. Ela teimou, fugiu de volta para casa dos pais. Pensava que o Igor a iria suplicar que voltasse, que ela levaria a melhor. Enganou-se. Um marido como ele qualquer mulher quer, e mulheres sozinhas há aos montes. Agora deve estar a roer os cotovelos: doutorada em ciências e sozinha.

Divorciaram-se rapidamente – ainda bem que não tiveram filhos. O Igor, claro, sofreu algum tempo. Mas é um rapaz inteligente, percebeu perfeitamente que aquele casamento não ia acabar bem de maneira nenhuma. E passado um ano vejo que à noite começou a sair. Disse-lhe eu:

«Se decidiste casar – traz para casa, não andes a correr por entradas e casas alheias.» Uma semana depois apareceu com a Taniucha...

Claro que com a Lena não havia comparação. Pequena, apagadinha, assustada. Mas depois percebi: era de espanto. Estudante por correspondência do instituto de cultura – futura bibliotecária, a mãe trabalha numa fábrica em Kineshma ou em Soroki, não se lembra do pai. Claro que ficou assustada quando viu a nossa casa: da lama para príncipes. O meu marido duvidava se aquela nora nos servia. Mas eu convenci-o: jovem, inexperiente, provinciana, molda-se como se quiser. Fizemos um casamento muito modesto – e não por avareza, mas para não a mimar cedo demais. E, claro, a Taniucha mudou-se para nossa casa. Antes vivia no dormitório, um quarto para quatro.

No início, eu e ela dávamo-nos bem. Olhava-me literalmente para a boca, apanhava todas as instruções ao voo. Dizia: «Passa o pano no chão da cozinha» – lavava até brilhar. Dizia: «A camisa do Igortchik está um pouco suja» – lavava logo toda a roupa da casa. Passámos o curso dela de diurno para correspondência, para ter mais tempo livre, vestimo-la e calçámo-la dos pés à cabeça.

Tricotava melhor do que eu, então à noite sentávamo-nos em frente à televisão e tricotávamos que nem loucas. Em um ano tricotámos roupa para toda a casa e como a família ficou tranquila – até o meu marido às vezes sorria. Ele é avaro em sentimentos, guarda tudo dentro dele. Mas ali amoleceu, relaxou, começou a falar em netos. E o Igor também não era contra filhos. Dois anos depois do casamento, a Taniucha engravidou. E – ficou orgulhosa.

Até aí viviam no quarto de criança do Igor, dez metros quadrados. A sala tem vinte metros, e o nosso quarto uns dezassete. Viviam e viviam. E de repente, dois meses antes do parto, a Tania diz-me: «Mamã – chamava-me mamã, província, o que querem –, a nós os três vai-nos ficar apertado no quarto do Igor. Não poderiam fazer o vosso quarto no quarto pequeno e nós mudarmo-nos para lá?» Eu contive-me. Só disse: «Espera, morremos – tudo será teu. Não tenhas pressa.» À noite perguntei ao Igor o que aquilo significava, e ele só encolheu os ombros. Bem me parecia que ele não tinha nada a ver com isso.

A Tania teve um menino. Chamaram-lhe Oleg, em honra do meu marido. O Igor insistiu, ela queria batizá-lo de outra maneira. Não conseguiu. O menino era bom, mas muito irrequieto, gritava dias e noites a fio. Eu e o marido vínhamos do trabalho, o Igor também, precisávamos de descansar, e a Tania exigia que todos nós, por turnos, andássemos com o Olejtchik ao colo. Dizia que estava tão cansada durante o dia – que caía de cansaço. Mas de quê? De cozinhar eu a isentei, até o pequeno-almoço do Igor fazia eu, como antes de ele casar. A louça também lavava eu. Ora, lavar fraldas e passear com a criança – não é grande carga.

E ela queixava-se e queixava-se. Levou o Igor a tal ponto que ele só vinha a casa para dormir, o resto do tempo passava com amigos. E que alegria tinha de uma esposa que só tinha reclamações: compra leite, passeia o Olejtchik, ajuda a lavar as fraldas, fala com a tua mãe – comigo, ou seja. E sobre o quê falar comigo? Sobre como eu a ensinava a ser asseada? Pois tal como a minha falecida sogra fazia comigo. Lembro-me, se lavava mal alguma coisa, ficavam nódoas, ela atirava-me silenciosamente a peça para os pés. E então?

Ensinou-me a lavar melhor do que numa lavandaria, agradeço-lhe imenso. Mas a Tatiana quase fazia histerias quando encontrava as fraldas do Olejtchik à porta do quarto. Depois voltou à carga com o quarto ser pequeno. O Olejtchik, dizia, nem tem onde brincar. Em vez de agradecer a mim e ao marido por a termos acolhido num apartamento daqueles e ainda a sustentarmos, começou a fazer cenas. E tanto fez que levou uma bofetada do marido. Leve, só para aprender. E eu não o censuro – provocou-o, quer dizer.

O meu marido nunca me pôs a mão em cima, embora tenha um carácter severo. Lembro-me, logo após o casamento, levou-me para um quartel longínquo (o meu marido era engenheiro militar, reformou-se como general), deixou-me no apartamento e foi trabalhar. E o apartamento – um quarto com cozinha num barracão, um catre e um banco. Sentei-me no banco – e desatei a chorar. Era uma miúda, nem vinte anos tinha, sozinha num lugar estranho, sem uma única alma conhecida. E chorei até à noite.

O marido chegou: vamos jantar! E eu: de onde? com quê? em quê cozinhar? Foi a primeira e última vez que ele me explicou calmamente: o marido deve ser alimentado três vezes por dia. O trabalho dele é trazer dinheiro para casa, o resto não é da conta dele. Casou – cumpre as tuas

obrigações, então do lado do marido haverá amor, respeito e sustento. Se não, não há julgamento. E pronto, desde então – doente ou saudável, bem ou mal disposta – tudo sempre fiz impecavelmente.

E a Tatiana, por causa de uma bofetada, armou uma tragédia. Agarrou no Olejtchik, atirou as coisas dela para uma malinha e foi para casa da mãe. Só um mês depois mandou uma carta ao Igor: vive tu com a tua mamã, mulher nem precisas. E o Olejtchik eu crio-o sem ti, desde que nunca mais caia na vossa prisão.

Ora, vejam só! Até recusou a pensão de alimentos – olha ela! Depois escreveu que casara, que o novo marido adotara o Olejtchik e que já não tinha nada em comum connosco. Não tem – não faz falta. Arranjou algum rufia que se interesse por uma assim, ainda por cima com filho?

Depois disto, o Igor evitou mulheres durante muito tempo. Sofreu muito. E não é para menos: a segunda esposa abandona um marido assim. Claro, se bebesse, andasse com outras, não trouxesse dinheiro para casa. Mas assim, do nada... Eu e o marido também sofremos, tentávamos apoiar-nos e consolar-nos mutuamente. Comprámos um carro ao Igor, convencemo-lo a tirar a carta. Ele a princípio resistiu, depois foi. E foi lá que conheceu a terceira mulher. Chamava-se Valéria, Lera.

A primeira vez que o Igor a trouxe a casa foi tarde da noite, eu e o marido já dormíamos. De manhã ouvi um resmungo no quarto do Igor. Assustei-me: não estará doente, se fala sozinho? Ou delirando? Entrei – e eles... enfim, em toda a glória. Até me deu uma coisa no coração: «Fora daqui – digo –, sua desgraçada!» E o Igor, até com uma certa raiva: «Não é nenhuma desgraçada, é a minha mulher. E em quarto alheio bate-se à porta. Sai e fecha a porta do lado de fora.» Ao próprio mãe? E que mulher, se nem casados são? Cheguei a isto...

Enfim, essa Lera instalou-se em nossa casa, embora tivesse apartamento próprio – dizia que dali demorava mais para o trabalho, mas a quem queria enganar? A um parvo é óbvio que um apartamento de três assoalhadas num prédio de tijolo é melhor do que um de um quarto num painel. No que trabalhava, o que fazia do amanhecer ao anoitecer – não faço ideia. Mas dinheiro tinha, não vou mentir. Ora comprava ao Igor uma gravata de seda, ora comida exótica, ora água-de-colónia importada. Mas tudo – com malícia, com gozo, com provocação. Por exemplo, eu

preparava ao Igor ao pequeno-almoço ovos mexidos, cortava fiambre, pão, e ela aparecia logo com um iogurte: «Tu ontem queixavas-te que estavas a engordar. Conta as calorias.»

Ou à noite sentávamo-nos a ver televisão. Ela espreitava da porta e bufava: «Igortchik, ainda é cedo para veres a caixa à noite. Quando te reformares – aí sim.»

E num belo dia a Lera distinguiu-se: pôs uma fechadura na porta do quarto do Igor e declarou que estava farta das minhas entradas a horas inoportunas: queria sentir-se confortável, não como num banco de jardim. Ora, ela é que sabe, eu nesses sítios nunca estive nem me comportei assim. Eu calei-me, mas o meu marido enfureceu-se e expulsou a beldade. Disse que em casa dele nunca nada se fechava à chave e que, enquanto ele vivesse, não se fecharia.

Foi-se embora. Só que o Igor também foi atrás dela. Ora, aí não me preocupei: voltaria, bonitinho. Melhor do que a mãe ninguém cuidaria dele. E assim foi: dois meses depois voltou. Magro, nervoso, farto até ao pescoço da sua «vida familiar». A Lera, ao que parece, quis reeducá-lo. Para ele próprio lavar, passar a ferro, fazer compras... Ela todo o dia no trabalho, e ele só até às seis. Ah, esqueci-me de dizer: o Igor é médico, trabalha na inspeção sanitária...

Enfim, levou o homem ao limite: ele juntou as coisas e voltou para casa.

E assim, o Igor tem trinta e cinco anos e não tem uma família a sério. E eu já tenho medo de lhe arranjar alguém, e ele próprio foge das mulheres. E eu compreendo-o. As raparigas de hoje estão mimadas, as mulheres jovens ainda pior, encontrar uma esposa verdadeira é mais difícil do que voar para o cosmos. Vivem com alcoólicos, enlouquecem por bandidos, sustentam pobres, e tipos como o meu menino afinal ninguém quer? Será isso justo?»

... Provavelmente todo este monólogo excessivamente emocional, cheio de «justa indignação», Taísia Nikolaievna preparava-se para declamar a Vanga. Mas quando as mulheres chegaram a Rupite e se puseram na fila, desenrolando a «toalha mágica» improvisada e preparando-se para petiscar, da casa de Vanga saiu a correr um rapaz novo que se pôs a gritar, percorrendo a fila, se entre os visitantes estava a mulher

de um general da Rússia. Taísia Nikolaievna nem pensou de início que era dela que se tratava. Mas como o rapaz passou duas vezes pela fila, repetindo obstinadamente que procurava a mulher de um general da «Rússia», a amiga sacudiu Taísia Nikolaievna, convencendo-a de que era mesmo dela. Ao passo que ao próprio amiga de Taísia Nikolaievna o rapaz – um dos ajudantes de Vanga – nem ligou, pelo que o que se segue a nossa narradora só soube pelas palavras da própria Taísia Nikolaievna.

Taísia Nikolaievna saiu da casinha de Vanga literalmente dez minutos depois. Estava toda em lágrimas e com manchas vermelhas, os olhos brilhavam de raiva e ao mesmo tempo traíam uma enorme perplexidade. Sem dizer palavra, afastou-se decididamente da fila.

Taísia Nikolaievna só falou passado algum tempo. Acontece que Vanga, logo à entrada, repreendeu-a duramente por ter obrigado a esposa do filho a viver separada do marido. Às objeções de que o filho tivera três esposas, três noras, Vanga não ligou. «Ao teu filho estava destinada uma rapariga, tu obrigaste-a a ir-se embora. Pecado teu.» Vanga informou Taísia Nikolaievna que, para ver o filho casado e embalar netos, ela teria de ir pedir perdão à nora expulsa, e depressa se percebeu que falava de Lena, a primeira mulher do Igor. O que mais chocou Taísia Nikolaievna foi Vanga repetir sem parar – é preciso apressar-se, a nora está em grande aflição, a mãe dela está a morrer e Taísia Nikolaievna deve «pôr-se de joelhos» diante da nora e obrigar o filho a procurar caminhos de reconciliação.

O abalo de Taísia Nikolaievna com o encontro com a profetisa foi indescritível. Ao mesmo tempo fervia de justa indignação – como assim, ainda por cima ela é que tem culpa de alguma coisa? Ela, segundo Vanga, «segura o filho» e seca-lhe a vida, chamando sobre si toda a espécie de doenças?

Incrível também que, ao regressar a Moscovo e, por curiosidade, pedindo ao filho que telefonasse à Lena, Taísia Nikolaievna tenha realmente sabido que a Lena estava numa situação moral muito difícil – a mãe dela morria no hospital, pelo que ao telefonema do quase esquecido ex-marido ela praticamente não ligou. Imagina-se como o Igor se admirou quando a mãe, que outrora expulsara a Lena, lhe pediu que fosse ter com ela e a apoiasse. Resistiu muito tempo – já tinham passado anos, nesse tempo os jovens quase não se viam. Apesar disso, o Igor, habituado a obedecer sempre e em tudo à mãe, acabou por ceder às suas insistências.

De início a Lena recebeu o Igor com cautela e até hostilidade. Tanto mais que todos os seus pensamentos estavam na mãe, que se extinguia diante dos seus olhos. Mas inesperadamente descobriu-se que o Igor, que se cansara da solidão – após a rutura com a terceira esposa fechara-se em si mesmo, começara a beber às escondidas da mãe e aos poucos começara a pensar que a mãe não tivera razão ao não apoiar na altura o desejo da Lena de começar uma vida separada dos pais. Aos poucos fechara-se-lhe um véu de solidão, e ele alegrou-se com a possibilidade de voltar a falar com a Lena. Parece que motivos semelhantes a guiavam também a ela, pois cada vez mais favoravelmente reagia aos pedidos do Igor para a deixar visitá-la.

E a Taísia Nikolaievna, que ainda por cima encontrou feroz resistência do marido, teve de ultrapassar muito em si própria para se atrever a reconciliar-se com a Lena. E aconteceu, tal como Vanga previra, no funeral da mãe da Lena, quando a ex-sogra foi das primeiras a aparecer em casa dela e de boa vontade tomou a seu cargo uma série de tarefas.

Taísia Nikolaievna nunca contou nem provavelmente contará ao filho que a iniciativa de o aproximar de novo da Lena partiu exclusivamente da ordem de Vanga. Contudo, quando Igor mencionou que a Lena lhe propusera ir viver com ela, apoiou entusiasticamente a ideia...

VANGA PREVIU-LHES UM FIM DRAMÁTICO

Esta mulher tem hoje mais de 60 anos... Professora universitária, cientista, avó feliz e muito amada. Na vida dela houve muitas dificuldades. Mas quando fala das amigas de juventude que tinham tudo o que Svetlana Sergueievna não tinha – ligações, um nível de vida «acima da média», a possibilidade de olhar para o futuro com leveza –, suspira ao pensar como, afinal, lhe foi dado tanto e tão pouco às que começaram a vida convencidas de que ela seria sempre doce e sem nuvens...

E o mais importante: as duas amigas de Svetlana Sergueievna poderiam ter construído a vida de outra forma se tivessem escutado os avisos de Vanga. Aconteceu que, nos longínquos anos 60, três alunas do último ano do secundário de Moscovo se encontraram em casa de Vanga Dimitrova...

«Não sei como vivem hoje os generais. Provavelmente bem, a julgar pelas inúmeras publicações sobre aldeamentos de luxo e outras alegrias da vida. E como vivem os filhos dos generais de hoje também não sei, mas

creio que não passam dificuldades. Enfim, poderia invejá-los, mas... Mas não surge inveja porque sei como foi a vida dos filhos dos antigos generais. Aqueles que, ainda na União Soviética, partiram para o outro mundo, deixando aos filhos apartamentos luxuosos (para a época), datchas, carros e muito mais. Só que felicidade isso não lhes trouxe. Pelo menos a alguns.

Por obra do destino, desde os tempos de escola conheci duas filhas de generais que estudavam na nossa escola. Chamavam-se Lera e Lora, e uma delas nem era filha de general, mas de marechal. Ambas cresceram em famílias grandes e aparentemente unidas, ambas eram beldades e toda a parte feminina da escola as invejava terrivelmente, desde as fedelhas mais novas até, parece-me, a própria diretora. E essa inveja era perfeitamente compreensível.

Hoje em dia, brincos de ouro num bebé do sexo feminino são norma. Naquela altura, joias assim apareciam nas raparigas, no melhor dos casos, depois de terminarem a escola, ou mesmo só após o casamento. Lera e Lora usavam esses brincos desde a quinta classe e não viam nisso nada de extraordinário, apenas lamentavam não poder usar na escola o resto das joias: não compreenderiam. Talvez, claro, os pais não lhes permitissem, que ainda tinham noção do país onde viviam e da escola onde as filhas estudavam.

Não posso dizer que tive sorte (eu pessoalmente não acho), mas fui uma das pouquíssimas a quem era oficialmente permitido ser amiga delas e até ir a casa delas. Afinal, filha de professor, ou seja, de família decente, podia-se esperar que não roubasse nada nem trouxesse ladrões para casa. Por isso vi muita coisa com os meus próprios olhos, e essas coisas deixaram na alma jovem uma marca absolutamente indelével.

Esclareço: estávamos a meio dos anos sessenta, quando um apartamento individual ainda era considerado uma sorte inimaginável (a palavra «khrutchoba» ainda não pegara, a possibilidade de mudar-se para esses prédios e viver sem vizinhos já era a realização de um conto de fadas). A ninguém passava pela cabeça que existiam apartamentos completamente separados de quatro, cinco quartos, com quarto próprio para a empregada, despensa do tamanho de uma cozinha de «khrutchoba» e duas casas de banho. Mobiliário de bétula da Carélia e mogno, lustres de cristal e serviços de porcelana de Meissen só víamos em filmes sobre a «vida que não era a nossa». Por isso o choque que senti ao cruzar pela

primeira vez o limiar do apartamento da Lera (filha do marechal) é simplesmente indescritível. Mas o apartamento pode descrever-se.

De um hall quadrado e amplo, uma porta dava para o quarto da própria Lera (a mais velha da família), e a segunda – não era porta, mas um arco – para outro hall igual. Aí abriam-se as portas dos restantes quatro quartos: dos irmãos nascidos com um ano de diferença, da sala de estar, da sala de jantar e do quarto dos pais, que tinha casa de banho própria. Os outros membros da família usavam as instalações junto à cozinha e ao quarto da empregada. A decoração do apartamento era como a que hoje reproduzem as revistas caras de interiores: só mobiliário antigo, tapetes, cristal e cortinas de veludo nas janelas.

De passagem, o apartamento da Lora não era nada pior, só menor (o pai era general, não marechal), e ela era a mais nova da família, por isso o quarto individual pertencia ao irmão mais velho, e as duas filhas partilhavam um quarto grande. No resto – tudo igual, porque os chefes das duas famílias tinham terminado a guerra na Alemanha e trouxeram troféus mais ou menos idênticos.

Nunca contei a ninguém o esplendor dos palacetes marechal-generais, confirmando assim a alta confiança que me foi depositada e merecendo a possibilidade de lá ir com bastante regularidade. Também convidava as minhas amigas a minha casa, embora vivesse num apartamento partilhado, mas não tinha complexos por isso: toda a gente vivia assim. E as «generalas» (como o meu pai, que não era desprovido de sentido de humor, as baptizou) comportavam-se com suficiente tato, não empinavam o nariz nem faziam comparações. Pelo menos na minha presença.

Invejava outra coisa: a ausência nas minhas amigas do conceito de «escassez». Foram as primeiras na escola a usar meias de nylon sem costura e depois collants. E discutiam com conhecimento de causa as virtudes dos perfumes franceses e árabes quando toda a gente à volta cheirava, no melhor dos casos, a «Moscovo Vermelha», ou geralmente a «Lírio-do-Vale Prateado».

Na festa de finalistas apareceram com vestidos e penteados tais... Não era de admirar que os rapazes mais interessantes se aglomerassem à volta delas, e elas se sentissem nesse círculo perfeitamente naturais e à vontade. Muito mais tarde soube que uma corte de admiradores foi parte obrigatória

da vida das minhas «generalas» quase toda a vida. Tal como idas regulares a restaurantes, passeios de carro, piqueniques fora da cidade nas datchas dos pais em zonas fechadas aos mortais comuns, férias em Karlovy Vary ou nos Areais Dourados. Para elas era tão natural como para nós era alugar uma datcha sem aquecimento, com «comodidades» no quintal e total ausência de conforto.

Desnecessário dizer que nós as três éramos comsomolistas* ativas, ativistas sociais etc. E eis que chegou o Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes. A juventude de hoje provavelmente já nem imagina o que era – o «campo dos países socialistas» ficou no passado, e com ele o conceito de juventude socialista tal como era no nosso tempo. Na nossa escola chegou uma diretiva – escolher uma pessoa para ir ao festival. Mas pouco depois a Lera informou-me que da nossa escola iam três pessoas – a Lera, a Lora e eu. As raparigas convenceram os pais a fazer com que me incluíssem no grupo.

(NT: Membros do Komsomol, ou União Comunista da Juventude.)

Quando chegámos a Sófia, ficámos espantadas com a excitação em torno da vidente Vanga. Na Bulgária, apesar da ideologia comunista, não havia perseguições religiosas como no nosso país, nem rejeição militante de tudo o que fosse paranormal e inexplicável. E a Lera disse-me que muitas pessoas do círculo dos pais dela iam ter com Vanga – uma curandeira e adivinha extraordinária.

Mas o furor que havia então em torno de Vanga ainda não era comparável com o que começaria nos anos seguintes. E aconteceu que nós, três alunas do secundário de Moscovo, chegámos a Rupite já perto do entardecer, quando as árvores já avermelhavam com o sol poente. Vanga terminara as consultas do dia. Já nos preparávamos, desapontadas, para regressar – fora preciso muito esforço para convencer o líder do grupo a fazer vista grossa ao nosso desaparecimento quase de um dia inteiro. Mas então ouviu-se uma voz da sala. Em búlgaro, Vanga disse que as «meninas» entrassem. Ficámos pasmadas – ela não via quem chegara, e nós de modo nenhum tínhamos revelado que eram precisamente três raparigas...

Incrivelmente, tivemos sorte – Vanga e os ajudantes preparavam-se para tomar chá. Na mesa havia muitos doces caseiros. «Vocês são

prisioneiras», disse inesperadamente Vanga, apontando o dedo a Lora e Lera. «E tu – virou o rosto para mim – vencerás o teu caminho.»

«Casarás com um devasso – disse Vanga a Lora. – Ele sugar-te-á. Gostas de agitação, por isso escolherás esse homem. Mas não deves fazer isso, procura um marido modesto, então talvez tenhas bons filhos. Mas ficarás viúva cedo. Com bons filhos ficarás, terás muitos filhos, eles dar-te-ão muitos netos. Mas se casares com o devasso – ficarás com a gamela partida. E a filha tornar-se-á tua inimiga. Ele é endemoninhado. E a tua filha receberá os demónios dele.» Lora corou, mas com toda a atitude tentou não mostrar que a profecia da vidente a incomodara.

«E a ti – doenças – virou-se Vanga para Lera. – Doenças, miséria. Não tens culpa. Pagarás pelos pais. Adquiriram desonestamente o seu bem, tiraram-no a órfãos.» Depois falou de forma pouco clara sobre uma viúva que o pai da Lera alegadamente ofendera muito. E que era preciso expiar. Parece que disse que Lera não devia tocar na «riqueza amaldiçoada».

Naqueles anos éramos jovens e todos os dias nos aconteciam coisas maravilhosas. Na altura parecia que o encontro fatídico com Vanga era apenas um elo da cadeia ininterrupta de impressões da vida que o destino nos oferecia diariamente.

Após a festa de finalistas, os nossos caminhos naturalmente separaram-se: no MGIMO, para onde Lora e Lera foram, nem pensei em candidatar-me. Pessoas entendidas explicaram-me claramente que naquele instituto não havia exame nem concurso de notas, mas concurso de pais. Os meus não passavam de certeza. Por isso, sensatamente, entreguei os documentos numa instituição menos prestigiada e entrei sem problemas. Sobre as antigas amigas só soube de vez em quando e não em primeira mão.

Por isso a ideia da vida estudantil delas só a tive mais tarde, quando elas próprias, com enorme arrependimento e dor genuína nos olhos, recordavam aqueles dias dourados: cafés, bares, restaurantes, danças em hotéis ou no convés de barcos fluviais fretados, toilettes da moda, peles, brilhantes e todo o tipo de bijuteria. Tudo isso era então tão natural, tão óbvio, que nem Lera nem Lora davam especial valor a nada, pois julgavam: depois será ainda mais interessante, mais divertido, mais brilhante e mais

rico. Porque, em vez dos pais, a vida bonita seria garantida por maridos adequados.

Curiosamente, os pais das minhas duas amigas literalmente as arrancaram à força de pretendentes que não consideravam adequados (um tivera o azar de ser judeu, o outro arménio; o dinheiro enorme de que dispunham não salvou a situação). Casaram com homens dignos: Lera com um major, subordinado do pai, Lora com um já bastante conhecido jornalista internacional que a levou imediatamente consigo para uma missão na Polónia, onde a mulher jovem, bonita e muito inteligente se adaptou instantaneamente, conduzia com à-vontade o próprio carro, tornou-se uma das suas nos círculos literário-boémios e, em geral, vivia, nas suas próprias palavras, uma vida plena.

Essa vida foi interrompida por pouco tempo pelo nascimento da filha, mas já um ano depois, enviando a bebé em segurança para os avós em Moscovo, Lora voltou a ser uma das mulheres mais bonitas e alegres de Varsóvia, permanecendo ao mesmo tempo a mais leal das cidadãs soviéticas. Como o conseguia, provavelmente só sabiam aqueles a quem competia por dever de ofício. Em justiça, deve dizer-se que também o marido de Lora levava uma vida igualmente alegre e livre.

Na Lera, claro, tudo foi diferente. O major, que rapidamente se tornou tenente-coronel e com o tempo coronel, servia no Estado-Maior General. Tiveram dois filhos com exatamente dez meses de diferença. Mais filhos Lera não quis nem teve, embora depois, com lágrimas, dissesse que fora parva por não ter tido uma filha. As filhas ficam mais perto das mães do que os filhos, isso ela sabia pela própria família, onde os irmãos mais novos se dispersaram primeiro por escolas militares e depois por guarnições não muito distantes, com perspetivas de carreira bem definidas. Tal como, aliás, o marido de Lera. Ela, diplomada em Roma Antiga, trabalhava como investigadora num instituto correspondente e escrevia ativamente a tese de doutoramento.

Aliás, também Lora escrevia tese, diplomada em economia internacional. Mais ainda: defendeu-a brilhantemente na Universidade de Varsóvia – caso sem precedentes na cooperação científica entre dois países socialistas irmãos. Claro que não trabalhava – por enquanto. Mas tencionava encontrar um bom lugar em Moscovo se o marido deix Longest parasse de ser enviado em missões longas e distantes.

Mas tudo acabou de forma diferente do que pensava. Cansado de uma esposa demasiado alegre, o marido arranjou maneira de ela, sem o querer, o apanhar em infidelidade conjugal. Teve de fazer uma cena de ciúmes com louça partida e joias atiradas, foi pronunciada a palavra fatal «divórcio». O marido, porém, não se assustou com o divórcio, apanhou cuidadosamente as joias atiradas e guardou-as, apresentou do seu lado vários factos irrefutáveis de infidelidade conjugal de Lora... e ela nem teve tempo de se aperceber de que estava em Moscovo, divorciada e... órfã e espoliada.

O destino quis que os pais de Lora morressem quase ao mesmo tempo, sem tempo para fazer testamento. E na altura não era muito comum fazer testamentos. Como a própria Lora, ao casar, recebera como dote um apartamento de dois quartos bastante bom perto da estação de metro «Aeroport», o apartamento de três quartos foi dividido entre o irmão e a irmã mais velhos. Divisão primitiva: o apartamento à irmã, os objetos ao irmão. É verdade que um terço do mobiliário antigo, louça e bibelôs foi honestamente dado à irmã, mas o dinheiro da datcha vendida foi dividido a meio. E em silêncio.

Lora tinha um carácter bastante independente, recusou terminantemente processar os parentes mais próximos. Arranjou trabalho num ministério, recebia um bom ordenado, continuava a não ser privada de atenção masculina, embora os «quarenta anos da mulher» já tivessem passado, e no tempo livre educava a filha Nina. Sem outros exemplos diante dos olhos, educava-a à sua maneira: aos homens não se pode confiar, deles só se recebem presentes caros e convites para restaurantes, se aparecer um «promissor» – tentar levá-lo ao altar, mas com filhos não vale a pena apressar-se, é muito melhor e mais agradável viver algum tempo para si.

Nina também não tinha um carácter fácil, e certas estranhezas no comportamento faziam pensar num certo distúrbio psíquico, mas Lora preferia não reparar nisso, até porque aos dezanove anos Nina casou... com um tenente de mísseis estacionado em Noginsk e mudou-se para lá. Da residência em Moscovo, é verdade, não abdicou. Como se viu – foi bastante previdente.

Três anos depois, tendo-se desentendido completamente tanto com o jovem marido como com os sogros, Nina deixou-lhes o filho de um ano e foi viver com o pai biológico, que nessa altura vivia e trabalhava na

Checoslováquia e recentemente casara com uma mulher apenas alguns anos mais velha do que Nina. De início tudo correu bem: Nina trabalhava como secretária numa editora, dava-se bem com a madrasta e era amiga do pai. Mas depois tudo ruiu, e nem Nina nem o pai nunca contaram a ninguém o que acontecera. Simplesmente Nina voltou a Noginsk, foi buscar o filho já com seis anos aos avós e instalou-se em Moscovo com a mãe.

A esse virar de página Lora estava absolutamente despreparada. Além disso, começou a perestroika, o salário decente no ministério transformou-se em trocos e depois houve mesmo redução de pessoal... Sem chegar aos cinquenta anos, Lora ficou desempregada e completamente sem perspetivas: a sua especialização bastante estreita não era necessária nas instituições estatais, e as empresas privadas preferiam abertamente contratar funcionárias de idade pré-balzaquiana.

Foi então que Lora entrou em pânico pela primeira vez: nem trabalho, nem dinheiro, nem admiradores. Cuidados com o neto, buscas febris por qualquer fonte de rendimento, conflitos intermináveis com a filha e saúde que se deteriorava rapidamente. Esse processo era desagradável por si só, mas, para cúmulo, apagava inexoravelmente do rosto todos os traços da antiga beleza e deformava irremediavelmente a figura outrora irrepreensível.

Foi exatamente nessa altura, em completo desespero, que Lora me telefonou. Não porque esperasse ajuda concreta, mas assim – por via das dúvidas. De mim não sabia absolutamente nada, só de vez em quando via publicações em jornais e revistas assinadas com um apelido conhecido dos tempos de escola e, com toda a justiça, concluiu que eu certamente tinha alguns contactos.

Quando nos encontrámos, compreendi que a vida decidira sabiamente ao não me dar um pai-general e uma vida doce na juventude. Ao contrário de Lora, não me atormentava a nostalgia dos restaurantes e dos brilhantes, porque estes últimos nunca tive, e aos restaurantes ia quando trabalhava como guia na Intourist e, consequentemente, não podia tirar desse período recordações particularmente agradáveis. Além disso, nunca fui beldade, por isso a síndrome da ex-beldade também me passou ao lado: não se pode ter pena daquilo que nunca se teve. E os anos... Bom, todos envelhecemos.

Resultado: Lora... invejou-me. Salário pequeno mas estável, mais honorários, por isso não conto moedas. Vivo sozinha, o filho adulto com família, graças a Deus, vive separado. A figura em ordem, alguma vida pessoal também decorre, porque nunca fiz exigências exageradas aos homens, pelo menos desde que fiquei viúva e decidi não voltar a prender-me com laços matrimoniais.

«Sabes, quero tanto ir para o estrangeiro. Casar com um estrangeiro e ir-me embora. Ainda falo bem alemão, uma amiga minha trabalha numa agência matrimonial, prometeu arranjar-me algum velhote não muito antigo na Alemanha ou na Dinamarca. Aliás, a Suécia também serve. Já recebi algumas cartas com convites.»

«E então?» – interessei-me genuinamente.

«Compreendes, são todos, em geral, pouco abastados e procuram não tanto uma mulher como uma empregada doméstica gratuita. Um, é verdade, tem casa própria, outro apenas um apartamento em Copenhaga.»

«E tu aqui tens uma villa com criados? – não me contive de ironia. – Lora, toma conta de ti, já não tens vinte e cinco nem sequer trinta e oito. O príncipe Carlos dificilmente morderá o isco, e milionários comuns preferem companheiras mais novas, desculpa lá. Tanto mais – esposas.»

«Está bem, está bem, mas não posso abandonar o Vadik.» «Quem é esse?» – espantei-me ligeiramente. «O meu neto. Vive comigo.»

Lora desatou de repente a chorar. Depois recompôs-se como pôde e contou-me a história nada simples das suas relações familiares. A irmã de Lora, que após a morte dos pais se tornara uma verdadeira alcoólica, bebeu o apartamento e desapareceu nos vastos espaços da Pátria. O irmão casou e, de forma misteriosa, foi morto numa briga de rua qualquer, e tudo o que ainda restava de bens móveis e imóveis foi apropriado pela viúva dele.

Nina perdeu completamente a cabeça, deixou o filho com a mãe, trancou a sua própria divisão no apartamento de dois quartos e ora aluga casa, ora vive com o amante da vez. Num certo momento pareceu que tudo se compunha: entre os admiradores, quase noivos de Nina, apareceu um jovem mais do que abastado que a colocou a trabalhar na sua empresa e a sustentava muito bem. Mas o jovem foi assassinado, a empresa foi tomada por dívidas por umas figuras duvidosas, e Nina ficou mais uma vez com a

gamela partida. «Compreendes, quando ela viveu aqui depois da morte do amante, a princípio estava quase normal. Depois começaram cenas e histerias, depois começou a indispor o Vadik contra mim, depois tentou atirar-me da janela, empurrar-me da escada, envenenar-me com gases. Ou enlouqueceu de vez ou precisava do apartamento todo. Eu iria para a Dinamarca, para onde o homem tem casa própria, mas tenho pena do Vadik...»

«Daqui a três anos já não precisarás do Vadik – notei cautelosamente. – E três anos é muito tempo, pode não haver mais propostas do estrangeiro. Pelo menos ias lá dois meses à custa do noivo, tipo "conhecer-ver melhor". Sempre era um descanso da tua vida louca.»

«Não posso ir lá assim tão feia! E para me arranjar são precisos dinheiro, e muito. A Nina tem, eu sei, mas não dá.» «E se desse? Para ires para o estrangeiro e lhe deixares o apartamento sem crime nenhum.»

«E o Vadik?» Parecia a fábula do boi branco. Tanto mais que Lora a todo o momento voltava às recordações da antiga vida luxuosa na casa dos pais, da vida alegre antes e durante o casamento, insultava o ex-marido, falava da filha do mesmo modo – que não conseguira viver com o papá no estrangeiro e em vez disso caíra na cabeça sofredora dela... Depois voltava à ideia obsessiva de casar e ir para o estrangeiro, mas assim que eu timidamente tentava aconselhar alguma coisa, regressávamos à frase-chave: «E o Vadik?»

«A ti é fácil, tens trabalho, paz, estabilidade – mudou finalmente de disco. – Podes viver aqui e ainda te levam casada para o estrangeiro.» «Com quase cinquenta?» – duvidei. «A mim levam.» «Mas tu não vais.» «E o Vadik?»

Nessa vez não chegámos a conclusão nenhuma. Depois, durante três ou quatro meses, telefonávamo-nos com regularidade (ou seja, Lora ligava-me e contava a saga da sua vida difícil e da impossibilidade de vender por bom dinheiro nem o serviço de jantar da Saxónia nem a secretária antiga do Sul da Baviera). Vimo-nos um par de vezes – eu ia a casa dela, levava-lhe uns trabalhos de tradução ou datilografia. Pagavam pouco, mas pagavam, e eu tinha sincera pena da filha de general e uma das primeiras beldades da escola que caíra em tão dura situação.

«A Lera morreu – disse-me Lora num desses telefonemas. – Pensava que estava outra vez no hospital, ela passava meses sem sair de lá, mas afinal morreu. A Nina encontrou por acaso o filho mais velho dela, ele disse que a mãe já fora enterrada há dois meses.»

«Meu Deus! – exclamei sinceramente – era uma mulher jovem! E porque passava meses nos hospitais? Eu não sabia nada dela.» Acontece que Lora sabia tudo da amiga de muitos anos e descarregou tudo na minha cabeça. Descarregou mesmo, porque, pelo que eu podia julgar, a vida tratara Lera ainda mais duramente do que Lora.

... Quando o pai de Lera morreu, ela com o marido e os filhos voltou para o apartamento dos pais para a mãe não ficar sozinha. O irmão mais novo morrera de forma estúpida num acidente de viação, e o outro servia como conselheiro militar na Índia ou na Indonésia e estava lá praticamente sem sair – à espera das estrelas de general. O dinheiro acabou-se depressa, e a viúva do marechal, para manter o nível de vida anterior, vendeu a luxuosa datcha de dois andares em Arkhangelskoie, ficando com «apenas» uma casa de caça num terreno de meio hectare. A casa, é verdade, era de dois andares, com todas as comodidades, até telefone urbano. Mas isso era visto como necessidade de «viver numa khrutchoba».

E depois morreu a própria marechala. Literalmente no dia seguinte o marido de Lera, coronel, saiu de casa e pediu o divórcio. A própria Lera não lhe interessava nem um bocadinho, tanto mais que após uma pesada operação abdominal a antiga beldade emagrecera muito e ficara feia. Os filhos já eram praticamente adultos – dezanove e dezoito anos, por isso o divórcio foi relâmpago. O coronel não reclamou o apartamento – foi viver com a amante de longa data, viúva de um arquiteto famoso, que não passava dificuldades nem em metros quadrados nem em bens materiais, e além disso não tinha filhos e era pacífica.

Os dois filhos casaram quase ao mesmo tempo e de forma precipitada e surgiu a questão da troca do luxuoso apartamento de general por dois mais simples. Como Lera era, digamos assim, pouco prática, pelo palacete só conseguiram um apartamento de três quartos num prédio de cinco andares sem elevador e um de dois quartos – num prédio um pouco melhor, para onde se mudou o filho mais novo com a mulher. O mais velho ficou com a mãe, porque conhecia a mulher desde a infância e a nora tratava a sogra por tu e tia Lera.

«Sabes, ajudei-a na mudança. A Lera conservou a maior parte dos móveis, que de algum modo couberam no novo apartamento. Lá não são quartos, são celas, compreendes. E depois quis pendurar o lustre que tinha na sala de jantar. Austríaco, de cristal. Pois a parte de baixo ficou a dez centímetros do chão: os tetos são quase dois metros mais baixos do que no apartamento anterior. A Lera sentou-se no chão – e desatou a chorar. E eu chorei com ela.»

«Porquê?» – admirei-me sinceramente.

«Bom, não pelo lustre – respondeu Lora vagamente. – Pela vida... e em geral... Somos tão azaradas, tínhamos tudo e tudo se esvaiu como areia. E os filhos também não alegram muito. Naquela altura também havia complicações com os nossos filhinhos.»

Sobre as «complicações» com Nina eu já sabia. E os filhos de Lera pareciam rapazes completamente normais, pelo menos sem desvarios psíquicos. Em contrapartida, distinguiu-se a mulher do mais velho, aquela quase parente. Abandonando o filho recém-nascido ao marido e à avó, foi para o estrangeiro atrás do amante e lá ficou para sempre.

Pai solteiro ainda é, por enquanto, fenómeno raro entre nós. E candidatas a unir a vida a tal unicórnio não são assim tantas. Ou seja, casar – imediatamente. Mas uma criança pequena... Melhor ter uma nova, própria. E esta para onde? Ora, há a avó!

Assim Lera, com pouco mais de quarenta anos, tornou-se «avó-solteira». O filho casou felizmente pela segunda vez e mudou-se para casa da nova mulher. No segundo filho tudo corria bem e os assuntos da mãe e do irmão interessavam-no muito pouco. Por isso o Sashenka cresceu nos braços de Lera, que até ele terminar a escola o educou e mimou devidamente, após o que Sashenka declarou que a avó lhe era mais insuportável do que rábano amargo com o seu choradinho e sermões, que preferia viver com o pai e a madrasta, e que a avozinha se fosse embora para a datcha, de qualquer modo estava reformada – por invalidez.

A operação de Lera não passara em vão, nunca recuperara totalmente e vivia de comprimidos, felizmente mantivera acesso ao hospital especial e à policlínica especial, onde tanto o atendimento médico como os medicamentos eram praticamente grátis. E a invalidez era muito mais fácil de obter do que numa policlínica distrital. Saúde não acrescentou, mas

livrou-a do destino humilhante que atingiu a maioria das antigas colegas: ser atiradas do instituto de investigação para a rua por inutilidade do próprio instituto. Realmente: no país havia perestroika, relações de mercado eram introduzidas, tudo mudava, e estes originais ocupavam-se de problemas do mundo antigo. Para quê precisavam deles, desses problemas?

Resultado: Lera acabou a viver permanentemente na datcha, de facto abandonada pelos dois filhos e pelo neto adorado. Lora sabia tudo isso em princípio, mas para si não tirou absolutamente nenhuma conclusão, ou seja, não comparou de forma alguma a sua situação com a da antiga amiga. E num dia nada belo telefonou-lhe o filho mais velho de Lera a dizer que a mãe falecera. Só descobriram porque durante vários dias a cadela – a favorita de Lera – uivava terrivelmente, e os vizinhos deram o alarme. Como se apurou, uma mulher relativamente jovem morreu de um ataque cardíaco súbito, ou melhor, não exatamente dele, mas porque perdeu os sentidos e caiu de cabeça no canto aguçado da mesa de cabeceira. Estúpido, inacreditável, mas...

«Morreu praticamente na miséria – chorava Lora ao telefone. – Deu tudo aos filhos, ela própria andava com farrapos, há anos não punha o nariz em Moscovo: sempre tivera alergia a transportes públicos, e o carro próprio avariara há muito e irremediavelmente. E morreu sozinha, como uma mendiga qualquer. Dois filhos, três netos, e – sozinha... Que horror!»

E então falámos pela primeira vez daquela viagem à Bulgária, daquela nossa primavera. Lora chorava. Dizia que tudo acontecera exatamente como Vanga previra. A Lera a vida reservara sofrimento, miséria e doenças. Lora lembrava como Vanga nos chocara ao falar da riqueza amaldiçoada dos pais de Lera, de como o pai dela, Herói da União Soviética, ofendera uma viúva qualquer.

Falámos que, muito provavelmente, se tratava dos bens saqueados pelos nossos altos quadros militares em Berlim, quando a confusão dos primeiros dias após a Grande Vitória e o sentimento de ódio ao povo que criara o fascismo empurraram para segundo plano o elementar mandamento divino – «Não roubarás!» Naquela altura, nos apartamentos alemães que sobreviveram, saqueava-se tudo. Aos soldados rasos calhava encher as mochilas com trapos de mulher, roupa interior, louça. O alto generalato trazia troféus em vagões inteiros... Naquela altura a todos parecia que era direito dos vencedores.

Perguntei cautelosamente a Lora se se lembrava de como Vanga a avisara contra o casamento com o «devasso», dizendo que Lora podia ter outro noivo, com quem ficaria viúva cedo, mas teria vários filhos que no futuro só trariam alegria e netos amorosos e gratos? Lora não queria falar, mas depois contou... sim, existira um admirador de quem nunca se gabara perante nós, porque era apenas um tenente pobre, órfão, diplomado da escola Suvorov, ainda por cima ucraniano de nacionalidade, cujo sotaque «pequeno-russo» sempre divertira muito Lora.

Lora compreendia que esse rapaz não podia sequer ser inscrito na categoria de «noivos» – nem sequer se atrevia a convidá-lo a casa, tendo em conta a rigorosa seleção parental de conhecidos. Mas havia ainda outra razão – assustava-a a paixão louca dele por ela – e o total desprezo pelas ligações e riqueza dos pais dela. Insistia num casamento secreto – para não se dar ao trabalho de uma guerra inútil com os pais de Lora, que de qualquer modo não consentiriam num casamento tão desigual.

Estranhamente, só agora Lora confessou que passava muito tempo com esse admirador exatamente porque só ele correspondia às suas ideias de cavaleiro medieval que despejava sobre a sua dama um turbilhão de amor inaudito. Mas – amor é amor, e vida é vida – raciocinou Lora. E casou, pelo visto, exatamente com aquele «devasso» que Vanga previra no seu caminho. E só muito depois Lora soube que o seu antigo admirador morrera, cumprindo o dever internacional em Angola...

A FILHA ESPIRITUAL DE VANGA

Conta a conhecida curandeira georgiana Eva Djakhirašvili. «Muitos de vós já sabem de mim, mas mesmo assim contarei a pré-história da minha vinda à fé em Deus, as origens da minha fama e da vidência. Quando tudo começou? Não posso dizer que em 1984, quando, por vontade do céu, sofri morte clínica. Não, tudo começou muito antes, quando eu ainda era uma menina muito pequena.

Os meus antepassados pela linha materna eram nobres polacos que um dia viram uma terra linda – a Abcásia. Construíram lá uma casa e plantaram um pomar de macieiras. Nesse lugar maravilhoso floresceu o amor entre a estudante do último ano Elvira e o experiente na vida Pissarev Shalom Borissovitch, que lá abrira a sua empresa. E em 1962, quando

reinava na terra o mês de maio, num domingo, dia do Sol, ao amanhecer, eu nasci.

Desde pequena que me distinguia dos meus pares por ter o meu próprio mundo de conto de fadas: adorava as canções da chuva, as histórias dos ventos e das estações do ano. A minha infância foi difícil porque os meus pais separaram-se quando eu tinha apenas três anitos; eu amava muito o meu pai e não conseguia chamar «papá» a mais ninguém nem amar outro. Muito cedo comecei a escrever poemas e, quando estava muito triste, passava horas a cantar no pomar de macieiras. Na minha infância e no meu conto de fadas havia também uma fada boa – a minha extraordinária avó Nina, que a sua memória seja luminosa.

Depois de terminar a escola, fui para Moscovo. Estudei na MGU, na Faculdade de Jornalismo Internacional. Lá casei-me. Mais tarde concluí externamente duas faculdades da Universidade de Artes de Moscovo – a de pintura de cavalete e gráfica e a de realização. Eu e o meu marido viajámos muito. Estivemos nos Urais, no Daguestão e em muitos outros lugares. Tudo corria bem, mas a desgraça chegou sem pedir licença...

O diagnóstico de todos os professores foi inabalável: nunca teria filhos... Foi um raio no coração, porque sempre amei muito as crianças. E, para cúmulo, nos Urais começou-me uma doença isquémica do coração. Depois de me examinar, o professor encolheu os ombros: «Ou faz uma operação ao coração ou regressa ao Cáucaso. O melhor é à Geórgia...» Foi assim que o caminho da vida me levou a Tbilissi, para onde eu e o meu marido nos mudámos.

Passados alguns meses, a caminho do trabalho, tropecei literalmente numa imagem... A imagem da Virgem de Iveron estava caída no passeio, toda molhada – chovera de noite. Levantei-a com cuidado e limpei-a com a palma da mão. À noite, depois do trabalho, trouxe-a para casa e acendi-lhe uma vela. Ao lado vivia uma velhinha muito crente que me aconselhou: «Reza, minha filha! Reza de todo o coração e pede à Mãe de Deus um filho, esta imagem é um sinal para ti.»

Passados alguns dias, no trabalho disseram-me que ia à Bulgária numa delegação cultural. O primeiro pensamento foi Vanga. Desnecessário dizer que, mal cheguei a Sófia, separei-me do grupo e fui direta a Rupite. Levava a Vanga de presente a imagem que encontrara.

Cheguei, vi a fila. Mas nela estive muito pouco tempo. Chamaram-me para dentro da casa e, sem me chamarem pelo nome, saiu um homem de meia-idade que percorreu a fila a olhar para as caras. Parou diante de mim e perguntou: «Foi você que trouxe a imagem?» Fiquei tão confusa que mal se pode descrever. Assenti e segui-o em silêncio até à casa.

Quando entrei, senti um choque elétrico. Vanga, por um instante, pareceu olhar-me fixamente, embora tivesse os olhos fechados. Pediu que me dessem uma cadeira e me sentassem longe da corrente de ar – as palavras dela sobre eu em breve dar à luz e ter de me cuidar deixaram-me de rastos...

Senti vontade de me ajoelhar diante de Vanga. Foi um impulso natural. De repente fez-me sinal com a mão para me aproximar. Aproximei-me até ela, ajoelhei-me diante da cadeira e ela pôs-me as mãos na cabeça. Como rezei naquele momento é difícil descrever por palavras – de joelhos, banhada em lágrimas, suplicava ao Senhor e à Virgem Maria que me dessem a alegria da maternidade. Um mês e meio depois do encontro com Vanga percebi que estava grávida. Os médicos encolhiam os ombros...

E em 1984, na véspera do dia da Mãe de Deus (devia dar à luz a 28 de agosto, mas os médicos tinham medo por mim e fizeram cesariana), dei à luz, na sagrada terra de Iveron, uma filha a quem dei o nome da santa vidente – Vanga. No parto sofri morte clínica.

Primeiro foi uma dor aguda insuportável. Depois vi o meu corpo ensanguentado na mesa de operações, vi a minha filhinha, o professor Maissaia que chorava e muitos médicos que tentavam salvar o meu corpo. Ouvi tudo o que diziam, estava horrorizada, falava-lhes, mas ninguém me via nem ouvia... Então supliquei a Deus que me ajudasse. Vi uma luz muito intensa e voei para ela. Voei a uma velocidade que não consigo descrever por palavras. Encontrei-me num deserto e depois caminhei na direção do sol e das montanhas.

Via que ao meu lado caminhavam outros que tinham partido da vida. Acompanhava-nos um Ancião de túnica branca. Tinha barba longa, cabelos brancos e cajado. Quando chegámos a meio do caminho, o Ancião parou-me. E então vi Vanga. Ela disse: «Sobre ti pesa uma terrível maldição, minha filha, é preciso remover essa energia. É cedo para ti fazeres a Grande

Passagem. És necessária às pessoas da Terra. Vou pôr a mão no lado do teu coração. Suporta a dor.»

Com estas palavras Vanga tocou-me o coração com a palma ardente e o seu calor encheu-me de graça e tremor. Senti-me muito bem. E Vanga virou-me para trás e disse: «Vai ter com as pessoas da Terra.»

Acordei na mesa de operações. Os médicos, que já tinham perdido toda a esperança e dito ao meu marido que a mulher morrera, andavam contentes à minha volta... Levaram-me para os cuidados intensivos. Fechei os olhos e o meu espanto não teve limites. Através das pálpebras via a sala, a enfermeira toda iluminada por uma luz, as minhas palmas ardiam insuportavelmente... Chamaram o professor. Ele acalmou-me, pediu-me que olhasse atentamente para ele através das pálpebras, olhei e descrevi onde o brilho no organismo dele era mau. E ele explicou que realmente ali lhe doía e que Deus me dera o dom da vidência.

A partir desse dia, 28 de agosto de 1984 (na manhã seguinte), toda a minha vida mudou. Já não podia trabalhar apenas como jornalista – transbordava de energia. Um dia salvei o coronel Lénia Pozdneiev, que caiu mesmo na redação e começou a esfriar. Sobre mim como vidente escreveu o primeiro artigo «Fenómeno» o coronel Aleksandr Agafonov (cuja mãe eu salvara). O redator deu-me um gabinete só para mim e as pessoas começaram a vir ter comigo...

Chegava a casa e caía uma ou duas horas sem forças, sentindo dores agudas nos órgãos. Mas logo o corpo se enchia de energia, sentia um afluxo de forças e ocupava-me da casa, da família.

Também após a morte clínica comecei a pintar a óleo. Para mim era simplesmente necessário – as telas e ícones enchia-os de energia da Luz.

Passado algum tempo enviei uma carta e um jornal a Vanga Dimitrova na Bulgária. A resposta que me trouxeram deixou-me abalada!.. Vanga ordenava-me que tivesse um segundo filho – um menino. Disse que ele seria marcado por Deus e devia estudar num seminário e depois tornar-se padre. Ordenou-me também que no templo a nomeassem madrinha dele, para que a sua alma sempre o protegesse após a morte. E que não abandonasse a Geórgia, pois «aqui é o lugar das lágrimas da Mãe de Deus e a terra de Iveron é sagrada».

Em 1995, a 31 de janeiro (dia do nascimento de Vanga Dimitrova), após uma segunda morte clínica, dei à luz o menino predito por Vanga – Sviatoslav. A madrinha dele foi nomeada e inscrita no certificado de batismo Vanga Dimitrova.

Até hoje rezo e rezarei a Deus por esta mulher extraordinária – Vanga Dimitrova. A todos os que vêm ter comigo pedir ajuda peço que acendam velas pelo seu repouso nos templos da Geórgia.

Depois foi assinado um contrato com o fundo de ajuda às crianças da Geórgia para abrir a minha escola de parapsicologia, mas a renda do aluguer era demasiado alta e as aulas nunca começaram. A muitos e muitos gostaria hoje de dizer obrigado e fazer uma vénia profunda. E todos os que acreditam que Deus é um só sobre todos nós, todos os que no coração têm Misericórdia, Amor e a Luz da Mãe do Mundo – telefonem, venham.

Sonho em organizar na Geórgia uma escola de parapsicologia digna desse nome. Comecei a publicar um jornal muito interessante «A Estrela da Mãe do Mundo», mas por dificuldades materiais tive de parar temporariamente...

CAPÍTULO 8

COMO USAR A IMAGEM CURADORA DE VANGA

Ninguém conseguiu desvendar os segredos da profetisa búlgara Vanga em vida. O jornal russo «Jizn» noticiou que, nove anos após a sua morte, o conhecido académico russo Iúri Negribetski encontrou a chave do fenómeno da famosa curandeira de Petrich. O cientista, membro da Academia Internacional de Ciências Energoinformacionais, afirma que ele próprio é capaz não só de prever acontecimentos desfavoráveis como até de os prevenir.

Por formação é terapeuta. O dom da profecia surgiu-lhe aos 19 anos, quando servia no exército na região de Kostroma. Um dia, durante uma marcha, cegou-o uma luz muito intensa, como um relâmpago. A princípio pensou que fora uma explosão, mas quando se refez percebeu que já não era como os outros – algo mudara. «Vanga começou a prever aos 12 anos, quando perdeu a vista. Recebeu um dom que lhe permitia “ler” a informação que nos rodeia», declarou em entrevista ao jornal búlgaro

«Trud» o académico Negribetski. Ele acredita que tais capacidades existem em cada pessoa, mas poucos as reconhecem. Há 23 anos que o académico trabalha em diversos métodos não tradicionais de previsão.

«O mundo está feito de forma que nele não há nada de casual», afirma o cientista. Não se considera profeta nem vidente. «Eu apenas indico como escolher corretamente. Explico-lhes as variantes possíveis. Depois, como agir – é escolha deles. Por exemplo, uso a Internet. É uma rede global que contém uma quantidade enorme de informação. O mais interessante é que este sistema existe ao nível do Universo. Tudo neste mundo contém a sua componente informacional, ou seja, cada pessoa ou objeto tem o seu campo informacional próprio.»

Uma vez Negribetski encontrou-se com Vanga. Em 1996 foi convidado para um programa de televisão. O apresentador, que o académico nem conhecia, disse em direto que Vanga sabia da existência de um cientista russo. A profetisa até perguntara ao apresentador: «Para que vieram ter comigo? Vocês têm um assim em Moscovo.»

Negribetski patenteou um programa de estabilização de campos eletromagnéticos de pessoas e objetos. Na memória do computador introduzia-se uma combinação especial de números juntamente com os nomes dos pacientes. O programa exercia uma influência favorável sobre as pessoas mencionadas, na sua vida pessoal, carreira profissional etc.

Afirma também o académico que com este programa se podem prevenir perigos de incêndios, catástrofes e desastres naturais. Negribetski trabalhou com o Ministério de Situações de Emergência. «Consegui determinar a aproximação do terramoto de Sacalina e até intensificar o trabalho para o prevenir.» O seu método foi testado no estado americano do Texas. «De setembro de 1998 durante um ano inteiro livrei-os de desastres naturais.»

A pedido da direção da «Rosaviakosmos», Negribetski participou no lançamento de 13 objetos espaciais, entre os quais os complexos «Mir», «Progress M», três foguetes «Soyuz» com satélites «Global Star» e outros. «Durante todo esse período nem um foguete caiu», gabou-se o cientista.

É exatamente a este cientista que pertence a incrível descoberta – afinal, a imagem de Vanga tem força curadora. Como usá-la, contamos-vos com as palavras do próprio cientista.

É preciso aplicar a imagem de Vanga no local doente e manter de meia hora a duas horas, dependendo da dor. Alguns fixam a imagem no local doente e durante o sono.

Mas aqui o cientista pede para não cair em exageros óbvios para um cristão e não tratar a imagem da profetisa Vanga como se fosse um emplastro para calos. É melhor, depois de a manter algum tempo no local doente, colocá-la ou pendurá-la à noite junto à cama, sem esquecer, claro, de rezar ao Senhor, pois decidiram recorrer à ajuda divina.

É preciso acreditar obrigatoriamente que Vanga correrá em ajuda. E não se trata de superstição quotidiana, mas de verdadeira fé em Deus e na força e poder curador dos seus santos.

Os doentes russos a quem Vanga já ajudou aconselham, durante estes peculiares sessões de cura, pedir mentalmente ajuda ao Senhor através de Vanga e, ao obter alívio, agradecer obrigatoriamente ao Senhor.

Se a pessoa aplica a imagem no local doente com ironia, com desprezo, dificilmente obterá cura, pois só a fé profunda no livramento dos males trará benefício.

Segundo as observações dos doentes a quem a profetisa Vanga ajudou, não se deve logo pedir ajuda para curar todas as doenças de uma vez, mas primeiro livrar-se de uma doença, depois, passados alguns dias, pedir cura para outra e assim, gradualmente, passar ao livramento de todas as maleitas do organismo.

Aqui está um conselho verdadeiramente pecaminoso – trocar regularmente a imagem de Vanga. Imaginem agora que vos propusessem fazer o mesmo, por exemplo, com uma imagem da Mãe de Deus à qual rezaram muitos meses na dor e que agora, passada a dor, decidiram deitar fora para tirar da casa a aura de sofrimento e comprar uma nova – para rezar na alegria.

Não vale a pena pensar que em qualquer doença, por mais grave, a cura virá imediatamente; por vezes as pessoas sentem alívio ao fim de 20-30 minutos, outras vezes é preciso esperar ajuda horas e dias. Fé, paciência e esperança na força curadora de Vanga fazem milagres.

EPÍLOGO

Muitas tragédias humanas poderiam ser evitadas se as pessoas escutassem mais vezes as sábias palavras de Vanga:

«...NINGUÉM É CULPADO DO SOFRIMENTO HUMANO, EXCETO OS PRÓPRIOS HUMANOS. Movem-se pouco, comem e bebem muito, brigam e fazem escândalos até com os mais próximos e depois espantam-se com as suas desgraças e infortúnios. NÃO BASTA NÃO FAZER O MAL – É MAL, NEM PODEM PENSAR, POIS O PENSAMENTO É MATERIAL...

...A harmonia com a Natureza que nos rodeia, com as pessoas, só a alcança o homem bom. A BONDADE – EIS A PRINCIPAL QUALIDADE DO HOMEM... É PRECISO SER SEMPRE BOM PARA NÃO SOFRER TODA A VIDA...»

Era exatamente para alcançar a HARMONIA universal que se dirigiam todos os esforços da sacerdotisa cega, cuja vida foi exemplo de serviço ao bem, ao amor e à beleza.

«...Chegará o tempo de separar o joio do trigo, porque o tempo futuro pertencerá aos homens bons, e eles viverão num mundo tão belo que hoje nem conseguimos imaginar. CHEGARÁ O TEMPO DO TRABALHO INSPIRADO, DO AMOR E DA FRATERNIDADE ENTRE TODOS OS HOMENS NA TERRA...»

Ao contrário dos profetas universais, Vanga toda a vida se encontrou cara a cara não com problemas globais, mas com as desgraças de pessoas concretas, e a maioria das suas previsões dizia respeito à vida privada delas. Dos acontecimentos mundiais falava raramente, não se considerando no direito de traumatizar a psique das pessoas. «Se eu disser às pessoas tudo o que sei, elas não quererão viver», dizia a profetisa. Vanga era uma fatalista convicta, pois considerava que tudo o que está destinado se cumprirá e da sorte não se foge. «Nas suas ações ninguém é livre, e tudo está predeterminado», dizia ela.

Várias vezes tentou salvar os seus clientes da morte, convidando-os a passar o dia fatal em sua casa, sem revelar a verdadeira razão do convite. Ninguém se salvou, a morte apanhava-os na estrada ou ainda antes.

As profecias de Vanga sobre o mundo são nebulosas, mas delas se depreende claramente que o fim do mundo ainda não se espera. À humanidade cabe ainda suportar muitas provas, mas no seu fogo purificar-se-ão as almas, e para as pessoas chegará finalmente a «idade de ouro» na Terra.

Vanga assegurava que o tempo novo exige gente nova, pensamento novo, outra consciência. Muitos tentarão adaptar-se, mas isso não os ajudará a entrar no futuro. A sua missão na Terra já a cumpriram: «Vejo um anel que se aperta gradualmente à volta da Terra, sinto as torturas das pessoas e não posso, nem ouso explicar isto: uma voz diz que as pessoas merecem a vida que levam. Como ajudá-las? Estas pessoas não respeitam ninguém, correm atrás de dinheiro e coisas: como se o homem não tivesse outro objetivo senão espezinhar tudo o que é luminoso e santo, que alcançou ao preço de sacrifícios tão caros.

«Não pensaram porque ultimamente nascem tantos gémeos? – perguntava Vangelia. – São almas do "exército celestial" que chegam em massa à Terra, porque se avizinha uma grande batalha espiritual. Eles são os arautos do tempo novo, que exige gente nova.»

Os principais receios de Vanga estavam ligados à crise ecológica mundial: «A Natureza já sufoca! Chegará o dia em que da face da terra desaparecerão diversas plantas silvestres e cultivadas e animais. Os primeiros a desaparecer para sempre das hortas serão a cebola e o alho. Os apiários ficarão sem abelhas, o leite tornar-se-á amargo. Em breve aparecerão doenças desconhecidas das pessoas. As pessoas cairão nas ruas, adoecerão sem causa aparente. Adoecerão gravemente até os que nunca tiveram maleita. Mas a desgraça geral pode ser evitada, tudo está nas vossas mãos. A ganância deve desaparecer o mais rápido possível, é uma qualidade terrível que pode destruir o futuro luminoso. O futuro pertence aos homens bons, que viverão num mundo tão belo que agora nos é difícil sequer imaginar.»

Como se diz: prevenido está armado. Reflitamos sobre as previsões, não é um horário exato, mas uma das variantes do nosso futuro e do futuro dos nossos filhos. Tudo está nas nossas mãos!